

2020

RITA  
MAFALDA SANTOS GOMES

A INFLUÊNCIA DA ARTE URBANA NA MARCA DAS  
CIDADES: O CASO DA COVILHÃ



2020

RITA  
MAFALDA SANTOS GOMES

## A INFLUÊNCIA DA ARTE URBANA NA MARCA DAS CIDADES: O CASO DA COVILHÃ

Dissertação apresentada ao IADE-UE – Faculdade de Design, Tecnologia e Comunicação da Universidade Europeia, para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Design & Publicidade realizada sob a orientação científica da Doutora Marina Alexandra Couto Carvalho Peres, Professora Auxiliar do IADE-UE – Faculdade de Design, Tecnologia e Comunicação da Universidade Europeia.



Para os meus pais, por toda a dedicação e amor de uma vida.

*"O mal do amor dos filhos é que, quando corre mal, passa-nos como uma lâmina pelo coração e fá-lo em bifeinhos. Quando corre bem faz-nos o coração em bifeinhos também. A diferença está apenas no tempero."*

Miguel Esteves Cardoso



## agradecimentos

Não existem palavras de agradecimento suficientes para todas as pessoas que estiveram ao meu lado ao longo de todos estes meses de trabalho. Todas elas foram essenciais, quer nos momentos de maior dificuldade, dúvidas e medos assaltantes, quer nos momentos de maior felicidade, motivação e pequenas conquistas. Foi um ano de dedicação que resultou neste modesto aglomerado de conhecimentos e vivências que ficam para uma vida inteira.

Um especial agradecimento à minha Professora Orientadora Marina Peres por, em primeiro lugar, ter aceite este desafio às claras, sem hesitar, logo após um primeiro contacto. Em segundo lugar, pela sua mestria excepcional, pelos estímulos dados e por nutrir constantemente a minha motivação. Em terceiro e último lugar, por nunca me deixar perder o norte e a cada reunião saber exatamente aquilo que eu necessitava para continuar e finalizar esta caminhada.

Aos meus pais agradeço o alento, o colo, o suporte. São o meu pilar, são a verdadeira razão da realização e conclusão desta dissertação. A eles dedico cada página deste trabalho. Obrigada por nunca desistirem de mim, amo-vos muito! Ao meu irmão Rui e às minhas eternas amigas Natacha Martins, Sofia Beja e Tatiana Costa por estarem sempre ao meu lado mesmo com todos os quilómetros que nos separam. Por último, mas não menos importante, ao meu amor de todos os dias, Ruben. Não há palavras suficientes que agradeçam a coragem e a garra que me transmites todos os dias, a atenção que me deste enquanto ouvias cada palavra dos capítulos aqui expostos e claro, o amor e o apoio em todas as fases deste trajeto.

Não podia deixar de agradecer à Lara Seixo Rodrigues, ao Pedro Seixo Rodrigues e à Elisabet Carceller pela pronta disponibilidade e acompanhamento ao longo de todos os meses de trabalho. Ao WOOL, aos artistas intervenientes na sexta edição do festival, à população da Covilhã, à Câmara Municipal da Covilhã e ao Arquivo Municipal da Covilhã. Agradeço à Professora Ana Rainha pela amizade e ainda à minha querida Catarina pelos conselhos excepcionais e por ser o meu braço direito desde o primeiro ano de Mestrado. À Joana Nunes, pelos dotes de design. Ao Gustavo Serra pela sua agilidade na edição das fotografias recolhidas durante a sexta edição do WOOL.

A parte boa é poder olhar para trás e ver tudo o que alcancei com uma enorme sensação de felicidade e gratidão. Enquanto a vida acontece, há pessoas que nos marcam e que ficam para sempre na nossa história. Sem vocês, nunca me sentiria tão feliz e tão agradecida.

Por toda a força, carinho e ensinamentos diários – o meu eterno obrigado!



## palavras-chave

Covilhã; Arte Urbana; Marca-cidade; WOOL.

## resumo

O tema do presente trabalho de investigação realiza-se no âmbito do Mestrado de Design & Publicidade e retrata a influência da arte urbana na marca das cidades. A área de intervenção é a cidade da Covilhã, sendo que a arte urbana aqui existente é desenvolvida através do WOOL – Festival de Arte Urbana da Covilhã. Os objetivos são: compreender o impacto do WOOL sobre a cidade da Covilhã, perceber se a Covilhã é uma marca-cidade e de que tipo e, por último, saber se a arte urbana desenvolvida pelo festival WOOL é um dos principais motivos que impulsiona a cidade como uma marca. Para dar resposta aos objetivos, contextualiza-se historicamente a arte urbana e a cidade da Covilhã, expõem-se as características e o percurso inerente ao festival WOOL, assim como a teoria subjacente ao conceito de marca-cidade. Assim, esta investigação desenvolve-se segundo o método qualitativo para permitir um estudo mais abrangente da temática em questão, através da apresentação de um case-study relativo à cidade da Covilhã e de um conjunto de entrevistas não-estruturadas focalizadas efetuadas à população da mesma cidade, aos artistas e à organização do festival covilhanense, na pesquisa de campo realizada durante a sexta edição do WOOL em junho de 2019. No final, conclui-se que a Covilhã é uma marca-cidade em desenvolvimento com grandes potencialidades para evoluir a sua marca através do WOOL – Festival de Arte Urbana da Covilhã.



**keywords**

Covilhã; Street art; City branding; WOOL.

**abstract**

The theme of this research work is carried out under the Master of Design & Advertising and portrays the influence of street art on the brand of cities. The area of intervention is the city of Covilhã where the street art existing is developed through WOOL - Urban Art Festival of Covilhã. The objectives are: to understand the impact of WOOL on the city of Covilhã, to understand if Covilhã is a city brand and what kind and, finally, to know if the street art developed by the WOOL festival is one of the main reasons that drives the city as a brand. In order to reply to the objectives, street art and the city of Covilhã are historically contextualized, the characteristics and the inherent trajectory of the WOOL festival are exposed, as well as the theory underlying the concept of city brand. Thus, this research is carried out according to the qualitative method to allow a broader study of the subject in question, through the presentation of a case study concerning the city of Covilhã and a set of focused unstructured interviews conducted with the population of the same city, with the artists and with the festival organization, in the field research carried out during the sixth edition of WOOL in June 2019. In the end, it is concluded that Covilhã is a developing city brand with a great potential to evolve its brand through the WOOL - Covilhã Urban Art Festival.



*A arte existe porque a vida não basta.*

Ferreira Gullar



## ÍNDICE

<b>INTRODUÇÃO</b>	1
<b>CAPÍTULO I</b>	9
1. Contextualização Histórica da Arte Urbana	9
1.1. Do Paleolítico a Nova Iorque	12
1.2. A chegada do <i>graffiti</i> à Europa e o emergir da arte urbana	18
1.3. O panorama português	22
1.4. Enquadramento atual da arte urbana	25
<b>CAPÍTULO II</b>	31
2. A cidade da Covilhã	31
2.1. Caracterização da região	31
2.2. Contextualização histórica	37
2.3. A marca institucional	42
2.4. O logótipo	45
<b>CAPÍTULO III</b>	51
3. A arte urbana da Covilhã	51
3.1. A Arte Nova	51
3.2. Projeto WOOL – Festival de Arte Urbana da Covilhã	52
3.2.1. De 2011 a 2019: as seis edições do WOOL	54
3.2.2. Reconhecimento público e mediático	58
3.3. LATA 65 – Workshop de Arte Urbana para Idosos	60
<b>CAPÍTULO IV</b>	69
4. Cidades como marcas	69
4.1. O que é uma marca-cidade?	70
4.2. Case-study: a cidade da Covilhã como uma marca	74
<b>CAPÍTULO V</b>	85
5. Metodologia	85
5.1. Plano de Investigação	86
5.2. Análise de Dados	87
5.2.1. Análise das respostas da pesquisa exploratória	87
5.2.2. Análise das entrevistas à população	91
<b>CONCLUSÃO</b>	101
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	105
<b>APÊNDICES</b>	115
Apêndice 1 – PIB e PIB <i>per capita</i> 2016 E 2017Po por NUTS III	115
Apêndice 2 – A Covilhã: Entre o Passado e o Presente	116
Apêndice 3 – Diário de Bordo (WOOL 2019 – de 1 a 10 de junho)	122
Apêndice 4 – Registos Fotográficos da Investigadora na 6ª Edição do Festival WOOL 2019	132

Apêndice 5 – Termo de Consentimento Informado para gravação de áudio	151
Apêndice 6 – Guião de Entrevista: População	152
Apêndice 7 – Guião de Entrevista: Artistas	153
Apêndice 8 – Guião de Entrevista: Organização	157
Apêndice 9 – Entrevistas aos Artistas	160
Apêndice 10 – Entrevistas à População Covilhanense	176
Apêndice 11 – Entrevista à Organização	267
Apêndice 12 – Quadro-Resumo das Intervenções do WOOL (2011-2019)	290
<b>ANEXOS</b>	297
Anexo A – Poster de Daniel Feral “Diagrama Feral 2.0 – Graffiti And Street Art” (2011)	297
Anexo B – Atribuição da “Marca Estrela” Nacional do Centro à Covilhã pelo PCBR© 2019	298
Anexo C – Manual de Normas Gráficas do Logótipo da Câmara Municipal da Covilhã	299
Anexo D – Dados da População e do Turismo da Covilhã	300
Anexo E – Prémios e Reconhecimentos WOOL – Festival De Arte Urbana Da Covilhã	303

## ÍNDICE DE FIGURAS

<b>Figura 1.</b> Armas primitivas da Covilhã	42
<b>Figura 2.</b> As armas da Covilhã	43
<b>Figura 3.</b> Brasão atual da cidade da Covilhã	44
<b>Figura 4.</b> Bandeira da Covilhã	44
<b>Figura 5.</b> Logótipo atual da cidade da Covilhã	46
<b>Figura 6.</b> Primeira versão do logótipo do festival WOOL	54
<b>Figura 7.</b> Versão atual do logótipo do festival WOOL	54
<b>Figura 8.</b> Logótipo do projeto LATA 65 criado pela artista urbana Luísa Cortesão conhecida como L* is not an artist	61
<b>Figura 9.</b> Logótipo representativo do município da Covilhã em 2008	77
<b>Figura 10.</b> Slogan que acompanha a imagem gráfica atual do município da Covilhã	77

## ÍNDICE DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1.</b> Número de pessoas que responderam a categoria “Arte Urbana” e “Serra da Estrela” de acordo com a respetiva ordem de enunciação.	90
---	----

## ÍNDICE DE TABELAS

<b>Tabela 1.</b> Impacto mediático do WOOL - Festival de Arte Urbana da Covilhã (2016, 2017 e 2018)	59
<b>Tabela 2.</b> Impacto mediático do LATA 65 – Workshop de Arte Urbana para Idosos (2016, 2017 e 2018)	62

## ÍNDICE DE QUADROS

<b>Quadro 1.</b> Síntese dos resultados da pesquisa exploratória inicial	89
<b>Quadro 2.</b> Síntese dos resultados das entrevistas efetuadas à população covilhanense durante a sexta edição do WOOL – Festival de Arte Urbana	93



## **SIGLAS E ACRÓNIMOS**

**AVE** – Advertising Value Equivalence

**DGARTES** – Direção Geral das Artes

**EDP** – Energias de Portugal

**EFA** – Associação Europeia de Festivais

**EFFE** – Europe for Festivals, Festivals for Europe

**EUA** – Estados Unidos da América

**INE, I.P.** – Instituto Nacional de Estatística, I. P.

**IPC** – Instituto Politécnico da Covilhã

**IPSS** – Instituições Particulares de Solidariedade Social

**IUBI** – Instituto Universitário da Beira Interior

**NEST** – Centro de Inovação do Turismo

**NUTS** – Nomenclatura das Unidades Territoriais para fins Estatísticos

**ONU** – Organização das Nações Unidas

**PALOP** – Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa

**PCBR** – Portugal City Brand Ranking©

**PIB** – Produto Interno Bruto

**PNSE** – Parque Natural da Serra da Estrela

**PORDATA** – Base de Dados Portugal Contemporâneo

**UBI** – Universidade da Beira Interior

**VHS** – Video Home System (em português, Sistema Doméstico de Vídeo)



## GLOSSÁRIO

**Bubble letter** – estilo de letra do graffiti mais arredondada, volumosa e brilhantes, com formato semelhante ao de um balão.

**Crew** – grupo de writers que pintam em conjunto baseado numa hierarquia; identificam-se através de uma sigla.

**DJ** – significa “Disc Jokey”, sendo a pessoa responsável por misturar música ao vivo para uma audiência através de discos de vinil.

**End-to-end** – pintura que ocupa a carruagem ou o comboio de uma ponta à outra, ou seja, preenche o comprimento total dos mesmos (Stahl, 2009).

**Hype** – promoção extrema de algo.

**King** – membro da *crew* que proporciona o esboço e os pormenores (Stahl, 2009).

**Masterpiece** – significa “obra prima” em português; distingue-se pela sua qualidade e rigor técnico, é rico em cor, com maior dimensão que os *throw-ups*, de elaboração mais demorada, podem combinar palavras com figuras.

**MC** – significa “Master of Ceremony”, ou seja, o “Mestre da Cerimónia”; na cultura *hip hop*, o MC é o *rapper* ou artista de música que cria e executa os vocais através de rimas.

**Piece** – diminutivo de *masterpiece*.

**Rap** – sigla para *rhythm and poetry*; expressão musical da cultura *hip hop*.

**Stencil** – técnica de criação de moldes de números, letras, símbolos ou qualquer outro tipo de figura através do recorte ou perfuração de papel, acetato ou cartão, para aplicação com *spray* numa superfície.

**Tag** – assinatura do *writer*.

**Throw-up** – melhoramento do *tag*, através do aumento do seu tamanho e adição de uma ou duas cores, com contornos simples e de fácil preenchimento (Stahl, 2009).

**Top-to-bottom** – pintura de uma carruagem de comboio ou de um vagão de cima a baixo (Stahl, 2009).

**Toy** – membro da *crew* responsável por preencher as superfícies e tem as latas de *spray* preparadas para serem usadas (Stahl, 2009).

**Whole car/Whole Train** – forma de *graffiti* também realizado numa carruagem de comboio ou num comboio que ocupa a sua superfície na totalidade (em largura e altura).

**Wild Style** – significa “estilo selvagem” em português; construção artística mais complexa, que reconhece determinados padrões de qualidade e criatividade “que permite, simultaneamente, fundar preceitos de seriação qualitativa e educar os iniciados nas regras do gosto” (Campos, 2010, p. 254).

**Writer** – Segundo Campos (2010), *writer* “é alguém que pinta a aerossol de acordo com uma série de regras e convenções do graffiti de tradição *hip hop*.” (p. 26).

**3D** – estilo tridimensional que transforma qualquer estrutura estática onde seja aplicado, conferindo o efeito de movimento.



## INTRODUÇÃO

O presente trabalho de investigação surge no âmbito do Curso de Mestrado em Design & Publicidade do IADE-UE – Faculdade de Design, Tecnologia e Comunicação da Universidade Europeia. O tema resulta do interesse gradual que a investigadora foi adquirindo relativamente às intervenções de arte urbana que foram sendo executadas na respetiva cidade natal – a Covilhã.

A vontade de trabalhar sobre este tema foi potenciada por trabalhos anteriores realizados durante a licenciatura em Ciências da Comunicação na Universidade da Beira Interior (UBI), em particular um projeto semestral enquadrado na disciplina de História da Arte. O objetivo era implementar um itinerário ou uma experiência na cidade que culminou numa reportagem expositiva (que incluía a entrevista a Pedro Seixo Rodrigues e Elisabet Carceller, dois dos três fundadores do WOOL – Festival de Arte Urbana da Covilhã) e numa exposição fotográfica sobre os murais de arte urbana que então existiam espalhados pela parte histórica da cidade. Esta exposição esteve em exibição durante uma semana para toda a comunidade estudantil e população em geral. Também o gosto natural pela cultura *hip hop* e o facto de não existir nenhuma investigação realizada até à data sobre a influência da arte urbana na Covilhã, também potenciou o interesse para iniciar a pesquisa nesta área para a dissertação de Mestrado.

Viver em Lisboa fez com que a investigadora adquirisse uma perspetiva visual diferente dos ambientes locais da Covilhã. A cada visita reparava num cenário diferente da visita anterior: novos murais de arte urbana, restaurantes acabados de inaugurar, novos estabelecimentos turísticos e toda uma panóplia de lojas com diferentes temáticas que nunca tinha visto. É, por exemplo, o caso do mural de DRAW, do restaurante e alojamento turístico “Casa das Muralhas” e ainda da loja “Cinco Atelier”, todos situados no centro histórico da cidade. Tal como indica Campos (2010), “(...) tenho vindo a olhar de forma diferente para a minha cidade, desvelando novas perspetivas e apreciando a capacidade comunicativa que brota dos mais inesperados locais.” (p. 14). Efetivamente, constatou-se uma enorme evolução e crescimento no seio da Covilhã, não só no que diz respeito ao comércio local e ofertas turísticas, como no número de intervenções artísticas – as peças de arte urbana estavam, de facto, a crescer. Tudo isto significava que a Covilhã não era mais uma cidade do interior que carecia de vida e energia; pelo contrário, estava a tornar-se num ponto de interesse eminente a nível nacional e internacional. Todas estas constatações proporcionaram uma reflexão sobre as implicações da arte urbana, o fenómeno artístico que estava a mexer com os transeuntes e com esta cidade beirã. Seria a arte urbana da Covilhã a razão principal para este crescimento urbano ou, por outro lado, apenas um fator acoplado ao progresso da cidade?

De facto, a arte urbana pode mesmo ser um dos principais motivos que está a elevar a Covilhã ao nível de uma marca-cidade. Foi assim que surgiu a questão de investigação que deu o mote a esta dissertação: "Poderá a arte urbana contribuir para a cidade da Covilhã ser vista como uma marca?". Desse modo, a presente investigação procurou dar respostas às seguintes questões: (1) É o WOOL um veículo de promoção da Covilhã como marca?; (2) A Covilhã, enquanto cidade, possui as características necessárias para ser uma marca-cidade?; (3) Pode a arte urbana ajudar uma cidade a tornar-se mais ativa e dinâmica?

Esta investigação permitiu compreender o impacto do WOOL sobre a cidade da Covilhã; perceber se a Covilhã é uma marca-cidade e de que tipo; e saber se a arte urbana da Covilhã, desenvolvida pelo festival WOOL, é um dos principais motivos que impulsiona a cidade como uma marca. Para a fundamentação teórica, foi imprescindível abordar as características da região, estudar a teoria que se refere à marca em si, assim como investigar acerca de toda a bagagem científica existente sobre a arte urbana e a cultura *hip hop* – dois mundos que se unem na sua história de vida. Evidentemente, existe um percurso inerente a esta investigação, que se traduz em cinco capítulos.

No primeiro capítulo, esclarece-se o porquê da adoção da designação portuguesa "arte urbana" ao longo desta investigação, em detrimento da expressão inglesa "street art", tal como se verifica noutros trabalhos científicos publicados sobre o presente tema. Após esta definição, apresenta-se a história da arte urbana, emoldurando o seu percurso dentro da História da Arte em si, mostrando onde e quando a arte urbana nasceu, sob que moldes e circunstâncias, que características contempla e esclarecendo o seu florescimento desde o *graffiti* até à prática desta expressão artística nos dias de hoje, tal e qual como se conhece. É revelado o papel predominante que a Era Digital teve na globalização e uniformização da arte urbana pelo mundo, incluindo a sua entrada em Portugal. O capítulo termina com o enquadramento atual da arte urbana a nível nacional e mundial.

No segundo capítulo apresenta-se a cidade em estudo – a Covilhã – caracterizando-a quanto à sua localização geográfica em Portugal Continental, ao clima, à estrutura urbana, ao tipo de infraestruturas comerciais e de lazer, à economia, à população, ao estilo de vida, à componente turística e ainda à enumeração e caracterização dos vários aspetos positivos respeitantes à vertente sociocultural e patrimonial. E porque o presente não se constrói nem faz sentido sem um passado, a história desta cidade não irá passar despercebida, sendo também abordada a vasta tradição da indústria dos lanifícios que a Cidade Neve ainda hoje transporta para os tempos modernos. Posteriormente, será notória a passagem histórica entre aquela que outrora foi apelidada de "Manchester Portuguesa" para a atual "Cidade Universitária", cujas estruturas reergueram a estrutura económica da Covilhã, proporcionando toda a sua

desenvoltura até à atualidade. Do mesmo modo, expõe-se a descrição do brasão da cidade e do seu respetivo logótipo.

No terceiro capítulo é apresentada e descrita a arte urbana que existe na cidade, iniciada por um projeto pioneiro em Portugal, o WOOL – Festival de Arte Urbana da Covilhã. Para isso, enquadra-se o momento exato em que a arte urbana nasceu, revelando quais as circunstâncias sociais e artísticas que se viviam naquele momento, tanto na Covilhã, como em Portugal. Assim, a Arte Nova será merecedora de destaque como uma referência histórica e decorativa que antecede a arte urbana, e que com ela se une na complementação e promoção cultural do próprio concelho. Citam-se as premissas inerentes a este projeto artístico, cujos objetivos honram a qualificação e dinamização da cidade. Relata-se o percurso histórico do WOOL desde o seu nascimento em 2011 até aos dias de hoje, mencionando o número de edições e murais realizados, parcerias, prémios conquistados e o impacto público e mediático. Uma secção deste capítulo é dedicada à exposição e caracterização do projeto LATA 65, um workshop de arte urbana inteiramente dedicado a idosos, pela forma como interfere positivamente na vida da camada mais velha da população, tanto em Portugal, como no estrangeiro.

No quarto capítulo abordam-se os conceitos de “cidade”, “marca” e “marca-cidade”. Também se descreve o conceito de “cidade inteligente”, com o objetivo de perceber a sua influência nos residentes, nos recursos financeiros e no ambiente de uma cidade, aspirando ao sucesso da mesma. Ainda são referidas características que contribuem positivamente para a existência de uma marca-cidade de sucesso. Após interligar todos estes conceitos, é realizado um case-study aplicado à Covilhã, para que se possa aferir se esta cidade detém as valências necessárias para ser considerada como marca-cidade.

O quinto e último capítulo retrata a metodologia adotada para a realização da presente dissertação – o estudo qualitativo – enumerando a principal bibliografia utilizada. São mencionados e caracterizados os instrumentos e técnicas utilizados na recolha de dados, como: entrevistas realizadas a residentes da Covilhã, imagens fotográficas, filmes, documentários, reportagens e vídeos relacionados com o tema e ainda a leitura de artigos e notícias online e impressas. Este capítulo termina com a análise dos dados provenientes da pesquisa exploratória inicial e das entrevistas em trabalho de campo durante a sexta edição do festival WOOL.

Por fim, procede-se a uma conclusão, respondendo de forma inequívoca à questão inicial de investigação e são referidos aspetos que se consideraram uma limitação à elaboração fluida e continuada da presente investigação. Em adição, procede-se ao levantamento de temas possíveis de investigar no

futuro, para que se alcancem novos desenvolvimentos, em forma de contributo para a crescente valorização da cidade da Covilhã como marca-cidade através da sua arte urbana.





Fotografia da autoria de Rita Gomes

# CAPÍTULO 1

## Contextualização Histórica da Arte Urbana





## CAPÍTULO I

*"Uma parede será sempre o melhor lugar para publicares o teu trabalho."*<sup>1</sup>

BANKSY

### 1. Contextualização Histórica da Arte Urbana

Enquadrar o fenómeno do *graffiti* e da arte urbana na História da Arte é uma tarefa frequentemente problemática. Prova disso são as variadas abordagens académicas que vários estudiosos, como sociólogos e historiadores realizam sobre o assunto. Por um lado, aponta-se regularmente o início efetivo da prática do *graffiti* tal como hoje o conhecemos entre as décadas de 60 e 80 (Campos, 2010; Sequeira, 2015; Waclawek, 2008; Stahl, 2009), mas, por outro lado, associa-se também a prática desta expressão artística aos primórdios da raça humana, mais precisamente ao período do *Homo Sapiens* no Paleolítico Superior (Sequeira, 2015), assim como na época majestosa do Império Romano no séc. XIX, onde, por exemplo, na cidade de Pompeia (Itália) foram encontradas inscrições rupestres<sup>2</sup> gravadas nos seus muros (Stahl, 2009). É por essa mesma razão que Stahl (2009) afirma que "enquanto a História da Arte é contada por épocas, a *Street Art* é um fenómeno presente há já algum tempo e que transcende esse conceito temporal" (p. 60), onde "a *Street Art* tem estado presente em quase todas as épocas e lugares, e é praticamente inextinguível" (p. 7). Portanto, é transversal a vários contextos históricos.

Além disso, neste debate, os defensores afincados da arte tradicional (como críticos e colecionadores) inevitavelmente levantam outras questões complexas que obrigam a um entendimento teórico mais profundo e que formam uma verdadeira barreira à aceitação da arte urbana pela História da Arte, como por exemplo: o que é a "arte" e como é que esta realmente se define; qual é a teoria (se é que existe) que está na base da arte urbana; se toda a arte é assinada por um artista, porque é que muitos trabalhos artísticos de rua não estão assinados, ou estando, estão assinados por um grupo; se a arte implica uma formação académica empírica, como é que é possível que a rua seja aceitável como a fonte de aprendizagem desta nova geração de artistas; como é que se podem definir trabalhos feitos por artistas de rua expostos em galeria; e, por último, a própria natureza efémera da arte urbana e muitas vezes ilícita também são fatores que se juntam à vasta lista de "problemas conceptuais" que rondam em volta deste

---

<sup>1</sup> Traduzido pela investigadora do inglês "A wall has always been the best place to publish your work." – BANKSY

<sup>2</sup> No site

<http://www.pompeiana.org/Resources/Epigraphy/Ancient%20History%20Sourcebook%20Inscriptions%20From%20Pompeii.htm> podemos encontrar uma lista de inscrições referentes aos muros de Pompeia. Veja-se, como exemplo, a inscrição número 27: "If you a man would be, /If you know what love can do, /Have pity and suffer me /With welcome to come to you".

assunto e que fazem com que a inserção histórica da arte urbana na História da Arte seja tão difícil (Stahl, 2009; Campos, 2017). Seja como for, e recorrendo às palavras de Sequeira (2015):

Estamos, portanto, perante um percurso social e cultural que em muitos aspetos é de certo modo paralelo ao da história da arte entendida como uma produção de interior, de salões e galerias, de mecenas e *marchands*. A arte de rua, independente das movimentações do «mundo da arte», está intimamente ligada à cultura popular e à história quotidiana da humanidade, e (...) é nos muros das cidades que encontramos o seu *habitat*. (p. 35)

Antes de avançar para uma contextualização histórica da arte urbana a nível global e nacional, que posteriormente ajudará a perceber em que momento surgiu o WOOL – Festival de Arte Urbana da Covilhã e os moldes em que este se apresentou nesta cidade, é pertinente apresentar e justificar a expressão que irei utilizar ao longo desta dissertação: se “arte urbana” ou se “street art”. Esta justificação é indispensável, pois ao longo da investigação percebeu-se que este tipo de expressão artística ainda é um fenómeno em constantes mutações, cujas “definições não são consensuais e muito menos absolutas” (Campos, 2010, p. 75), mostrando-se constantemente como “um *campo em constituição*” (Bourdieu, 1992; Martuccelli, 1999, citado por Sequeira, 2015, p. 26). Por esta razão, vários autores justificam a terminologia que utilizam nos seus projetos de investigação. É exemplo Sequeira (2015) que na sua tese de doutoramento explica que optou por usar o termo em inglês “street art”, porque na sua opinião o termo “arte urbana” não transporta “o mesmo carácter de especificidade em relação a um conjunto de práticas artísticas e expressivas que têm lugar no espaço público urbano que a expressão «*street art*», de facto, revela” (pp. 26-27). Por sua vez, Campos (2017) em “Arte urbana enquanto património das cidades” admite que “falar de graffiti, de murais, de street art ou arte urbana não é equivalente”, por existirem “patrimónios, memórias, tradições e práticas distintas em torno de cada um destes universos” (p. 1). Neste sentido, o autor ainda acrescenta que “a arte urbana corresponde a uma grande família (...) aberta, flexível e permeável, composta por diferentes expressões pictóricas e movimentos estéticos urbanos [como o] (Graffiti, Street art, Muralismo, Culture jamming, etc.)” (Campos, 2017, p. 2). Contrariamente a estas opiniões está Lara Seixo Rodrigues<sup>3</sup>, que em entrevista confessou que “arte urbana” e “street art” significam “exatamente a mesma coisa”:

Eu acho que é exatamente a mesma coisa. Por exemplo, no outro dia estive aqui o Ricardo Campos também a investigar, acho que foi também com a Ágata, com uma segunda parte de um artigo que eles estavam a fazer, em que na primeira parte do artigo eles comentavam a diferença de “street art” e de “arte urbana”. E basicamente o que eles chamam de “arte urbana” eu chamo de “muralismo”, que é aquilo que se fala hoje lá fora que aqui ainda não se fala, mas que agora percebi que lhe chamam “arte urbana”, que tem a ver com murais (...); que a “street art” é uma coisa de menor escala, que acontece espontaneamente na cidade e que depois tens a “arte urbana” que realmente tem outra escala e envolve outros meios e não sei quê. E eu muito sinceramente... Eu se for lá fora, isto ainda é mais engraçado.

---

<sup>3</sup> Lara Seixo Rodrigues é cofundadora do WOOL e ainda curadora e produtora de eventos e projetos relacionados com arte. A entrevista foi realizada nos escritórios da Mistaker Maker em Lisboa, no dia 27/06/2019.

Eu se for ao Brasil e disser "graffiti", "street art" ou "arte urbana" é exatamente a mesma coisa. Não há distinção. Se eu for a Espanha, "graffiti" e "arte urbana" é exatamente a mesma coisa, não há distinção. Em Portugal, nós como recebemos isto tudo muito tarde, é que temos esta coisa de andar a definir (...). Eu esta definição, por exemplo, a diferença de "street art" e de "arte urbana" que eles colocaram no artigo, eu disse "Ricardo, desculpa, mas eu não posso concordar, porque 'street art' é inglês, 'arte urbana' é português". Eu digo "arte urbana" e refiro-me a "street art". *Pra* mim é uma coisa que acontece, que também começou por ser absolutamente ilegal e foi-se transformando. *Pra* mim faz sentido falar em "muralismo" hoje em dia, que é uma coisa já à frente, agora definir "arte urbana" e "street art" ... Arte das ruas?! Arte urbana?! A "urbana" é a "rua"! (...) Esta distinção que agora fazem de "street art" e "arte urbana" eu não consigo perceber, muito sinceramente... (...) É estar a querer engavetar coisas que, na verdade, não têm gaveta. (Lara Seixo Rodrigues em entrevista, 27/06/2019, Apêndice 11, pp. 287-288)

A artista portuguesa KRUELLA D'ENFER apresenta-se com a mesma opinião ao dizer que "na verdade é uma seca ter que escolher um termo, porque 'street art' é simplesmente a tradução de português de 'arte urbana', é a mesma coisa", acrescentando ainda que não considera que algum dia vá existir uma verdadeira definição destes conceitos, pois hoje em dia os artistas de arte urbana são "polivalentes" e "multifacetados" e, por essa razão, definir conceitos seria limitar os artistas a um só tipo de trabalho (Ângela Ferreira conhecida como KRUELLA D'ENFER, em entrevista, 07/06/2019, Apêndice 9, p. 164). No entanto, o também artista urbano SEBAS VELASCO, natural de Espanha, cujo trabalho é reconhecido a nível internacional, tem uma opinião contrária à de KRUELLA D'ENFER e na sua perspetiva estes dois termos são diferentes e referem-se a práticas distintas:

É diferente, eu entendo-o como diferente. Repara, também não dou grande importância aos conceitos e terminologias, porque no final são coisas que vêm de fora, mas sempre relatei a *street art* com atuações normalmente não autorizadas, também nem é *graffiti*, são mais modelos, *stencils*, como de repente uns postes de luz terem um símbolo diferente ou os sinais de tráfego terem o símbolo trocado, como jogos urbanos, jogos com a rua, *stickers*, adesivos. *Street art* relaciono-o muito com isto. Arte urbana creio que é algo mais geral. (Sebastián Velasco conhecido como SEBAS VELASCO, em entrevista, 09/06/2019, Apêndice 9, p. 175).

Como se pode verificar, mesmo que já se consiga traçar um percurso temporal e histórico deste tipo de arte, ainda não existe uma teoria clara e consensual relativamente às definições e uso de conceitos referentes a este tema. Assim, apresenta-se a terminologia que, no entender da investigadora, faz mais sentido utilizar nesta dissertação: a de "arte urbana". Não só pelo facto de este ser um documento académico português a ser publicado em Portugal (e por isso faz todo o sentido utilizar o termo português "arte urbana" para fazer jus à língua portuguesa), como também pelo facto de no presente trabalho ser abordado e caracterizado o festival WOOL (o mote principal para a realização desta dissertação), que possui na sua própria denominação "Festival de *Arte Urbana* da Covilhã". Caso se assumissem diferentes definições destes dois conceitos, não só pareceria contraditório a referência ao festival em si como "festival de *street art*", quando na verdade ele próprio se apresenta como "festival de *arte urbana*", como também o seria relativamente ao tema do presente trabalho – não tem lógica justificar a cidade da Covilhã como

uma marca devido à "street art" que nela encontramos, quando a mesma diz respeito inteiramente a um festival de "arte urbana". Além disto, a investigadora não concorda com a diferenciação dos conceitos em si, mesmo depois de ter conhecido diferentes opiniões<sup>4</sup>. Assim apresentada a decisão relativamente à expressão que irá ser utilizada ao longo desta dissertação, segue-se a contextualização do percurso histórico da arte urbana.

### 1.1. Do Paleolítico a Nova Iorque

Uma primeira leitura sobre este tema permitiu compreender que a génese da arte urbana é completamente ilegal, ou seja, derivou do *graffiti*. Sobre a origem etimológica deste termo, Stahl (2009) esclarece-nos que este "é uma reminiscência do vocábulo italiano *sgraffire*" e que "o *sgraffiti* é uma técnica de decoração de fachadas, segundo a qual se sobrepõem várias camadas de estuque" (p. 6). O antropólogo Campos (2010), por sua vez, afirma que o mesmo termo "deriva do italiano *graffiare*, que significa algo como riscar" e que "corresponde ao plural de *graffito*<sup>5</sup> e designa 'marca ou inscrição feita num muro/parede'" (pp. 78-79). Tal como já foi referido, foram encontrados testemunhos artísticos nas grutas no sul de França e em Espanha que nos levam até ao período do *Homo Sapiens*, entre 10 000 e 45 000 anos a.C. (Sequeira, 2015), e ainda outros exemplos<sup>6</sup> de *graffiti* nos muros da cidade de Pompeia durante a romanização (Campos, 2010; Stahl, 2009), o que leva a crer que a origem empírica deste tipo de manifestação artística seja "tão antigo como a própria humanidade" (Sequeira, 2015, p. 33). Stahl (2009) e Sequeira (2015) recordam ainda nas suas obras outros momentos semelhantes que mais tarde verificaram a criatividade que se produzia nas ruas, tais como: a caricatura do rei Luís Filipe pintada nas paredes de Paris no séc. XIX; os protestos dos estudantes nas paredes de grandes cidades, como forma de reivindicação das suas ideologias (como foi exemplo o movimento de Maio de 1968 em França); os *graffiti* feitos pelos soldados da II Guerra Mundial e por judeus durante a perseguição nazi (como foi o caso de

---

<sup>4</sup> Durante as entrevistas realizadas pela investigadora aos artistas SEBAS VELASCO e Mário Belém (disponíveis no Apêndice 9, com início na página 160), e com a leitura de artigos correspondentes a investigadores como Campos (2010 e 2017) e Sequeira (2015), verificou-se a divergência de opiniões que assentam numa diferenciação dos conceitos de "arte urbana" e "street art". Repare-se: "street art" traduz-se à letra para "arte de rua". Por sua vez, confronta-se a palavra "rua" com "urbana", que se definem segundo o Dicionário Completo de Língua Portuguesa Tomo II da Texto Editores, como "s. f. caminho orlado de casas, muros ou árvores, numa povoação" e "adj. relativo a cidade; próprio da cidade", respetivamente. Neste sentido, pode-se questionar se numa cidade não existem "caminhos orlados de casas, muros ou árvores"? De uma forma generalizada, pode-se concordar que existem. Por isso, na perspetiva da investigadora, é uma questão de tradução, não considerando que exista uma diferença nas suas definições.

<sup>5</sup> O mesmo autor ainda esclarece na sua obra que o termo *graffiti* é usado tanto para o singular, como para o plural (exemplos: um *graffiti*, dois *graffiti*) (Campos, 2010, p. 79).

<sup>6</sup> Um dos exemplos mais famosos de Pompeia terá sido a assinatura "J. Kyselak" feita por alguém chamado Josef Kyselak nas margens do Danúbio, que se supõe ter sido reproduzida exponencialmente por imitadores da sua obra (Stahl, 2009, p. 30).

Gérard Zlotykamien que espalhou pequenas figuras humanas desconstruídas feitas com *spray*, intituladas pelo próprio de "Les Ephémères", pela cidade de Paris no ano de 1963); ou mesmo até a coletânea<sup>7</sup> de frases escritas em casas-de-banho públicas, publicada em 1731 por alguém que se dava a conhecer através do pseudónimo Hurlo-Thrumbo, pelo facto da publicação conter conteúdo controverso, entre tantos outros exemplos.

E assim, sem que a humanidade se apercebesse do que realmente todos estes atos em conjunto significavam, tinha acabado de nascer o *tag* e a respetiva prática do *tagging*, aquele que foi "o mote para o que mais tarde sucede à prática de *graffiti* quando inserida na cultura *hip hop*" (Sequeira, 2015, p. 43), oriundo de dinâmicas globais. A partir deste momento é possível perceber o indiscutível e rápido crescimento da prática do *graffiti* até aos dias de hoje (Campos, 2010). Waclawek (2008) afirma que o aparecimento do *graffiti* ligado à cultura *hip hop* que teve início nos anos 70 do séc. XX em Nova Iorque, deveu-se a contribuições prévias (e pioneiras) como a do *writer* Darryl McCray (conhecido como CORNBREAD), quando começou a espalhar a palavra "Cornbread" pelas paredes da cidade de Filadélfia nos Estados Unidos da América (EUA), na década de 60. Foi então que uns anos mais tarde o *graffiti* eclodiu em Nova Iorque "num clima de agitação social, turbulência social e crise económica" (Campos, 2010, p. 91) associado a "*gangues*, cujos membros escreviam *graffiti* para demarcar o seu território, mantendo assim os seus inimigos à distância"<sup>8</sup> (Waclawek, 2008, p. 73). A este respeito, é exemplo o caso do *tag* "JULIO 204" pertencente a um membro do gang "Savage Skulls", constituído pelo nome próprio do autor porto-riquenho ("Julio") e o número da rua onde vivia ("204" em Manhattan, Nova Iorque), que apareceu por volta de 1968 em Nova Iorque, nas paredes do seu bairro, com o intuito de marcar o território (Sequeira, 2015). Sob esta perspetiva, Ferro (2011) define dois tipos de *writers*: os que fazem *graffiti* em grupo (a chamada *crew*) muitas vezes em contexto ilegal (denominados por "marcadores territoriais", como é o caso de JULIO 204) e os que o fazem individualmente (denominados por "solitários") com o intuito de se afirmarem na sociedade e assinalarem apenas a sua presença na cidade. Seguindo esta lógica de conceitos, o *writer* Demetrius (cujo *tag* era TAKI 183<sup>9</sup>) insere-se na categoria de "solitário", contrariamente a JULIO 204, uma vez que o ato de escrever o seu nome por toda a cidade tinha apenas o objetivo de obter visibilidade e de se mostrar à sociedade. Com a disseminação desenfreada do seu *tag*,

<sup>7</sup> O título da coletânea é, segundo Stahl (2009), "Original Manuscripts written in Diamond by Persons of the first Rank and Figure in Great Britain".

<sup>8</sup> Traduzido pela investigadora do inglês "gangs whose members wrote graffiti in order to demarcate their territory, thus keeping their enemies at a distance".

<sup>9</sup> Conforme se pode ler no *website* do *writer*, o *tag* é composto pelo pseudónimo "TAKI", um diminutivo de vários nomes gregos e "183", o número da rua em que vivia, em Washington Heights (Manhattan, Nova Iorque).

Demetrius atraiu a atenção mediática, ao ponto de ter sido entrevistado pelo jornal americano "The New York Times" e, posteriormente, a mesma entrevista ter sido publicada a 21 de julho de 1971<sup>10</sup> (Sequeira, 2015; Ferro, 2011; Eugénio, 2013; Waclawek, 2008; Campos, 2010), marcando o início de um "efeito de contágio que marcou definitivamente o universo desta prática na cidade de Nova Iorque" (Ferro, 2011, p. 57), tornando-se uma prática constante levada a cabo por milhares de jovens (Waclawek, 2008).

Por esta altura surgiram novos *writers* e artistas que iriam ficar para sempre na história do *graffiti* como grandes referências, principalmente pela forma como foram transformando e evoluindo a sua técnica. É o caso de JOHN FEKNER (realizou 300 peças com *spray*, incluindo *stencils*), JEAN-MICHEL BASQUIAT (que em 1976, em conjunto com Al Diaz, formavam o coletivo SAMO©), o incontornável Keith Haring (começou por elaborar peças nos anos 80 em todo o mundo sobre a morte, o nascimento, a sexualidade e a guerra), BLEK LE RAT (batizado como "Pai do Graffiti Stencil", espalhou pequenos ratos com a técnica *stencil* por Paris inteira em 1981), SHEPARD FAIREY (conhecido por ter sido o primeiro a espalhar autocolantes com a palavra "Obey" em 1989, acompanhada por uma figura, com o objetivo de provocar reações, sendo ainda hoje mundialmente conhecido através da sua marca de roupa) e não podia deixar de referir o icónico BANKSY (o misterioso e polémico artista britânico que iniciou a sua atividade pelos anos 80/90, e talvez o mais mediático no mundo da arte urbana atualmente, pelas suas obras originais, criativas, sarcásticas, irreverentes e acima de tudo reativas, de cariz político e social, feitas em todo o mundo) – (Sequeira, 2015).

Contudo, é entre os finais dos anos 60 e inícios dos anos 70 que nasce a cultura do *hip hop* no seio da população rural nova-iorquina, formada por pessoas de diferentes culturas sobretudo de origem hispânica e africana (Eugénio, 2013):

Essas migrações provocaram choques culturais violentos, uma vez que para além da enorme afluência da população rural, Nova Iorque abrigou, desde o momento anterior à II Guerra Mundial, imigrantes africanos e afro-americanos. Estas populações migratórias fixaram-se em zonas antigas da cidade, o que originou os guetos, devido à discriminação e pobreza. Desses nichos surge a cultura *hip hop*, num momento de desintegração da cultura *soul* da população negra. (Jesús de Diego, 1997, s.p., citado por Eugénio, 2013, p. 12)

Como a maior parte destas etnias viviam em zonas desprivilegiadas, o *hip hop* era como uma "necessidade de mostrar à sociedade de Nova Iorque que eles existiam", tornando-se assim numa expressão simultaneamente "visual, (...) musical e (...) corporal, tendo sempre como fundo de inspiração o ambiente urbano." (Eugénio, 2013, pp. 11-12). O *hip hop* é, então, uma corrente cultural juvenil urbana que contempla o *graffiti*, o *rap* (discurso com rimas e poesias – *rhythm and poetry* – que também inclui o

---

<sup>10</sup> Esta publicação é sugerida por Campos (2010) como a inauguração oficial da vertente do *graffiti*.

MCing<sup>11</sup>), o Djing<sup>12</sup> e o *breakdance* (Campos, 2010; Eugénio, 2013; Sequeira, 2015), "cujos valores se baseiam na paz, na união e no amor entre as minorias étnicas, promovendo a criatividade" (Valdivieso, 2006, p. 28, citado por Eugénio, 2013, p. 12). Efetivamente, começou por se mostrar numa vertente mais musical com textos sobre "a violência, que de facto fazia parte do quotidiano nos bairros dos arredores de Nova lorque dessa época", e o amor, e só posteriormente passou para uma componente mais visual, com "as danças acrobáticas do *breakdance* (...), a roupa informal com claro carácter desportivo, (...) as tatuagens e os *piercings*" (Stahl, 2009, pp. 185-186) e, claro, com o *graffiti* como suporte imagético principal no âmbito musical do *hip hop* (Campos, 2010).

Assim, a cultura *hip hop* foi, sem dúvida alguma, o grande impulso para a rápida disseminação, consumo e comercialização do *graffiti*, principalmente através dos videoclips das estrelas do *rap*<sup>13</sup>, dos *media* e dos filmes (Stahl, 2009; Campos, 2010; Eugénio, 2013), movimento este que foi fortemente adotado por aqueles que se identificavam com esta cultura urbana (principalmente pelas camadas mais jovens):

E estes jovens orientam-se não só para a arte aceite e transmitida – e desta forma confrontam-se com ela –, mas também desenvolvem as suas próprias ideias e desenhos, por vezes inovadores e de qualidade. Temos, desde os anos 1970, um motivo especialmente bom para olhar para esses desenhos. A técnica cada vez mais elaborada da cultura dos *graffiti*, transformada há já algum tempo num movimento juvenil de massas, passou a colocar as suas *pieces* nas linhas do metro de Nova lorque e, com isso, a expô-las num âmbito mais próximo da cena artística. (Stahl, 2009, pp. 8-9)

Com o crescimento do número de *writers* por várias cidades do mundo, os mesmos tiveram de reinventar as suas habilidades de escrita urbana para se destacarem dos restantes, e após um "intenso trabalho de experimentação, inventaram estilos e fizeram história" (Campos, 2010, p. 95; Waclawek, 2008), de forma a corresponder ao ato de "to get up" (termo que para os *writers* significa obter visibilidade; Campos, 2010, p. 96). Assim, a partir da forma mais elementar do *graffiti* – o *tag* –, surgiu o *throw-up*, o *top-to-bottom*, o *end-to-end*, o *whole car/whole train* e a *masterpiece* (ou *piece*). Qualquer uma destas vertentes (Eugénio, 2013; Campos, 2010; Stahl, 2009) são intrínsecas ao *graffiti*, uma vez que, mais ou menos elaboradas, todas elas são constituídas pelo nome do *writer* (que na maioria das vezes é o seu pseudónimo) acompanhadas por imagens (Waclawek, 2008). Consequentemente, também o *lettering* do *graffiti* foi inovado com o nascer de vários estilos (normalmente proferido no inglês como *style*) também

---

<sup>11</sup> Este conceito é mais conhecido pela abreviatura "MC" que significa "Master of Ceremony", ou seja, o "Mestre da Cerimónia". Na cultura *hip hop*, o MC é o rapper ou artista de música que cria e executa os vocais através de rimas.

<sup>12</sup> Este conceito é mais conhecido pela abreviatura "DJ" que significa "Disc Jokey", a pessoa responsável por misturar música ao vivo para uma audiência através de discos de vinil.

<sup>13</sup> Saliento a famosa banda dos N.W.A *Straight Outta Compton* ("Niggaz Wit Attitudes"), formada pelos famosos *rappers* Eazy E, Dr. Dre, Ice Cube, DJ Yella, MC Ren e Arabian Prince.

na tentativa dos *writers* se distinguirem dos demais e ganharem estatuto (Campos, 2010), tais como a *bubble letter*, o *wild style* e o 3D.

Neste momento, faz todo o sentido esclarecer as características que estão na génese do *graffiti*, uma expressão artística criada por culturas juvenis urbanas ou subculturas juvenis, como Campos (2010) as denomina. Apesar de se verificarem vários ambientes criativos naquela que é o verdadeiro palco do *graffiti* – a cidade –, e admitindo a condição desta prática artística como “glocal” (isto é, com origens tanto globais como locais – Ferro, 2011; Campos, 2010), é certo e sabido que se podem identificar características reconhecidas em qualquer parte do mundo:

### **1. A rua é o seu *habitat***

Apesar de esta ideia estar cimentada desde o início, é talvez o aspeto mais relevante de todos, nem que seja pelo facto de a rua e o ambiente urbano ter sido sempre – e ainda o é – objeto de debate na história do *graffiti* e da arte urbana (Stahl, 2009), devido a todas as particularidades quer positivas, quer negativas, que se podem discutir neste tema de se fazer arte desenfreada pelas ruas. É importante sublinhar que “ao contrário da arte que se faz nas paredes de um *atelier* particular [ou numa tela], a *Street Art* está presente no âmbito público, ao qual toda a gente tem acesso” (Stahl, 2009, p. 17), sendo esta a melhor forma para obter visibilidade e reconhecimento (Campos, 2010). Portanto, a rua é o próprio *atelier* do artista urbano, porque foi aí que esta expressão artística nasceu. Assim, Campos (2017) afirma que a rua “não é apenas o espaço de criação, este é igualmente um espaço de exibição e, por isso mesmo, se diz que esta é uma galeria a céu aberto” (p. 2).

### **2. Universo marginal e ilegal**

O *graffiti* é indissociável da sua natureza ilegal, marginal e ousada. Na dissertação de Eugénio (2013) pode-se ler a opinião da artista portuguesa RAFI, natural do Porto, que indica que “não faz sentido nenhum legalizar o *graffiti*, acho que ninguém quer legalizar o *graffiti* porque a natureza do *graffiti* é ilegal” (RAFI citada por Eugénio, 2013, p. 92), cujas motivações para o fazer podem variar de pessoa para pessoa. Como já foi mencionado, esta prática artística ocorre primordialmente na rua e muitas vezes em propriedades privadas, locais não-autorizados e proibidos, razão pela qual é encarada como um ato de vandalismo e pela qual os seus praticantes incorrem em coimas ou penas (Campos, 2010). Este universo faz com que as opiniões entre os apoiantes e os que desprezam o *graffiti*, divirjam, porque o que para uns é de cariz ilegal, dispensável e desagradável à vista, para outros é agradável e uma forma de arte legítima,

que visa uma luta pela liberdade de expressão (Campos, 2010). Contudo, embora o vandalismo seja claramente evidente e levado a cabo de forma deliberada e consciente, existe um código de ética associado à prática do *graffiti* "que obedece a preceitos de actuação relativamente bem definidos" (Campos, 2010, p. 126), e embora seja aceite pela maioria, não é cumprido à regra por todos os *writers*.

### 3. Anonimato

Precisamente devido ao universo ilegal constantemente associado ao vandalismo anteriormente descrito, "o anonimato [ausência de uma identificação] é recorrente nestes casos e o universo do *graffiti* não é excepção" (Campos, 2010, p. 35). Com o objetivo de protegerem a sua identidade e por nem todos os artistas estarem dispostos a arriscar os perigos e exceder os limites legais inerentes à sua prática, recorrem efetivamente ao anonimato ou, em alternativa, assinam sob um pseudónimo<sup>14</sup> (Campos, 2010; Stahl, 2009), libertando-se automaticamente de qualquer tipo de ordem criminal.

### 4. Efemeridade

A dimensão efémera deste tipo de expressão artística também se assume como parte integrante de todo o processo. Uma vez que grande parte dos *graffiti* são realizados em contextos não-autorizados, informais e urbanos (ou seja, em espaço público), e também por retratarem assuntos polémicos (como a política) ou denunciarem problemas de ordem social, a frequência com que tendem a ser apagados ou mesmo até pintados por cima por outros intervenientes (devido à existência massiva de artistas), é bastante elevada. Stahl (2009) esclarece que "alguns representantes já não conhecem trabalhos que só têm cinco anos de vida" (p. 63). Como exemplo, conhece-se o Plano Integrado de Intervenção no Bairro Alto em Lisboa, lançado oficialmente a 13 de outubro de 2008 com o objetivo de erradicar o *graffiti* da cidade, e em Nova Iorque, as primeiras ações contra a poluição urbana datam 1972 (Campos, 2010). Além disto, como já referi, o principal lugar de atuação dos artistas urbanos é o espaço público, o que faz com que, de forma óbvia, não exista qualquer controlo sobre aquilo que acontece a uma parede de uma cidade. Tal como afirma Campos (2010): "o *graffiti* dificilmente pode ser protegido" (p. 266).

---

<sup>14</sup> Neste sentido, Campos (2010) esclarece que o existir de um pseudónimo remete-nos para um paradoxo, uma vez que o anonimato existe somente para o mundo exterior, uma vez que dentro da comunidade dos *writers* e do *graffiti*, esse pseudónimo, *alter-ego* ou personagem, é geralmente reconhecida.

Diversos autores reconhecem as características anteriormente expostas, mas a definição de *graffiti* continua sem ser consensual. Campos (2010) dirige-se ao *graffiti* como uma prática expressiva cultural, juvenil e urbana, enquadrada num "circuito fechado" que corresponde ao que o antropólogo chama de "público especializado" (ou seja, "os membros da comunidade (...) com competência para descodificar e avaliar o *graffiti* enquanto produto cultural" – Campos, 2010, p. 87) onde não existem regras, cuja ação é imprevisível, a intenção é a procura incessante de notoriedade e o objetivo é atingir um grande número de pessoas através dos muros. Relativamente ao facto de o *graffiti* ser entendido como uma cultura, Campos (2010) ainda apresenta a seguinte justificação:

O *graffiti* pode ser entendido enquanto cultura, na medida em que compreende um círculo de pessoas que partilham uma identidade e um sentimento de comunidade, que dispõem de um vocabulário e de uma forma de expressão, que conservam uma série de regras, valores e condutas que, no seu conjunto servem como atributos de distinção perante outras comunidades. (p. 106)

Ferro (2011), por sua vez, constitui o *graffiti* como "um acto performativo da escrita" (p. 20) assente entre a palavra e a imagem. Eugénio (2013) afirma que o *graffiti* é "uma expressão não-autorizada que é elaborada através de materiais como latas de *spray*, em meio urbano" (p. 8). Já a fundadora do WOOL, Lara Seixo Rodrigues, define o *graffiti* como uma prática:

Absolutamente ilegal, aprendida em grupo dentro da *crew*, de pessoa para pessoa; principalmente usam *spray* ou tinta plástica para fazer grandes rolas, preencher áreas grandes rapidamente; o objetivo da mensagem do *graffiti* é espalhar o meu nome por todo o lado, quanto mais alto melhor, "eu sou o *King*", começa por baixo "és o *Toy*" (...). Isto é o *graffiti*, é definires territórios, é marcares o teu território. É uma questão territorial. (Entrevista a Lara Seixo Rodrigues realizada no dia 27/06/2019, Apêndice 11, p. 288).

No fundo, é impossível fugir ao que é garantido: o *graffiti* é uma expressão artística de índole ilegal, praticada em ambiente público citadino pertencente a terceiros por meio de um ato de rebeldia, que supõe um código e padrão estético próprio, que transmite uma mensagem e uma história aos transeuntes (destinatários) com a utilização, sobretudo, do *spray*, de uma forma imediata, clara, direta e sem segundas intenções. Por isso, é também um instrumento de comunicação de grande amplitude.

No que diz respeito à arte urbana, as suas características não diferem completamente das do *graffiti*, havendo na sua essência algo que as separa.

## 1.2. A chegada do *graffiti* à Europa e o emergir da arte urbana

O *graffiti hip hop* chegou à Europa por intermédio dos *media*, dos videoclips de música *rap*, das cassetes VHS, das revistas e da "personalização" das carruagens dos comboios em todo o mundo (Campos, 2010; Sequeira, 2015; Eugénio, 2013) e nesta missão de espalhar a linguagem desta arte suburbana,

também foram importantes outros intermediários. São exemplos: Martha Cooper<sup>15</sup> (célebre fotógrafo norte-americana) e Henry Chalfant (fotógrafo e cineasta americano também conhecido pelo seu envolvimento no movimento do *graffiti* e da cultura *hip hop*), que desde os anos 70 registaram, em conjunto, centenas de obras de arte que pela sua efemeridade há muito que desapareceram fisicamente, mas que devido a publicações como o livro "Subway Art" (1984)<sup>16</sup>, lançado pelos mesmos fotógrafos, perduraram até aos dias de hoje; também o documentário "Style Wars" (1983), realizado por Tony Silver juntamente com Henry Chalfant que divulga o quotidiano dos primeiros *writers*, assim como os filmes "Wild Style" (1982) e "Beat Street" (1984); e ainda a italiana Francesca Alinovi, jornalista que documentava a informação que lhe era transmitida pelos criadores desta arte (Sequeira, 2015; Stahl, 2009; Campos, 2010; Eugénio, 2013).

O *graffiti* tinha então sofrido o que se chama de "globalização":

A "globalização" está na ordem do dia; uma palavra da moda que se transforma rapidamente em um lema, uma encantação mágica, uma senha capaz de abrir as portas de todos os mistérios presentes e futuros. Para alguns, "globalização" é o que devemos fazer se quisermos ser felizes; para outros, é a causa da nossa infelicidade. Para todos, porém, "globalização" é o destino irremediável do mundo, um processo irreversível; é também um processo que nos afeta a todos na mesma medida e da mesma maneira. Estamos todos sendo "globalizados" – e isso significa basicamente o mesmo para todos. (Bauman, 1999, p. 7)

Por sua vez, a mobilidade desta cultura pelo mundo foi inflacionada pelas várias redes de comunicação existentes que surgiram com o nascimento da Internet e das demais tecnologias (como a invenção da máquina fotográfica, instrumento essencial dos *writers* que permitiu a "reprodutibilidade técnica"<sup>17</sup>, ou seja, a possibilidade de reproduzir massivamente imagens que se acabam por tornar mais valiosas do que as originais). Esta mobilidade foi levada a cabo numa lógica de "economia da dádiva"<sup>18</sup>, isto é, a economia da partilha, que sugere um fluxo de troca de informações e ideias, através de laços sociais que se estabelecem numa comunidade em rede (ou seja, na *web*). Os blogs, redes sociais, revistas online (como a Instagram e a CtrlAltRua) e sites variados<sup>19</sup> sobre o tema são verdadeiros exemplos de canais de comunicação que servem de expositores dos trabalhos dos artistas. A este respeito, é exemplo o Google

---

<sup>15</sup> Martha Cooper é um dos nomes mais respeitados do fotojornalismo, tendo sido uma das primeiras fotógrafas a acompanhar a cena do *graffiti* em Nova Iorque, nos seus tempos primórdios, tendo estado presente em Portugal para conhecer exposições e projetos de arte urbana.

<sup>16</sup> Este livro foi um marco importante na história, pois estimulou a apreciação deste tipo de arte como, efetivamente, uma forma de arte legítima e conseqüente possibilitou a mudança de mentalidades por parte dos que a tomavam como um ato de vandalismo (Cooper e Chalfant, 2009, p.7, citado por Sequeira, 2015, p. 290).

<sup>17</sup> Este conceito foi introduzido por Walter Benjamin em 1955.

<sup>18</sup> Termo que remonta ao livro "Hyde the Gift" (1983) de Lewis Hyde.

<sup>19</sup> Exemplo sobre a arte urbana em Hong Kong disponível em <https://hkwalls.org/>

Street Art Project, uma plataforma online da Google que reúne milhares de peças de arte urbana pelo mundo inteiro, possíveis de "visitar" apenas com um clique.

Desta forma, facilmente o *graffiti* se tornou num "bem mercantilizado (...), reproduzível e vendável a nível planetário" (Campos, 2010, pp. 92-93) integrado não só na cultura *hip hop*, como também noutros circuitos comerciais, como agências de publicidade, moda e cinema (Campos, 2010). Ao mesmo tempo, emergia um novo tipo de artistas com formação académica universitária munidos de uma nova bagagem repleta de técnicas artísticas diferentes, o que fez com que esta cultura urbana se inserisse no mercado da arte, deixando de estar "exclusivamente confinada à esfera do vandalismo adolescente" (Campos, 2010, p. 99):

A partir dos anos 80, estamos a falar de pessoas que, de repente, não necessariamente do *graffiti* (...), a maior parte dos artistas que hoje tens no mundo não têm nada a ver com *graffiti*. (...) Há pessoas que fazem mesmo questão de dizer "eu não ouço *hip hop*, eu não quero saber nada de *graffiti*, eu simplesmente gosto de pintar nesta escala, na rua", só isto. Portanto, passaste de uma técnica para mil técnicas. (Lara Seixo Rodrigues em entrevista, 27/06/2019, Apêndice 11, p. 288)

Seguiram-se exposições em tela numa tentativa de se impor uma prática ilegal em contexto legal, o que originou um novo termo de época para tentar definir esta nova rota do *graffiti* num contexto mais formal e sério: o "post-graffiti", conceito este inserido por Sidney Janis em 1983 (Stahl, 2009; Sequeira, 2015; Campos, 2010; Eugénio, 2013). Acerca deste novo léxico, Waclawek (2008) argumenta que também era comumente a referência ao *post-graffiti* como "neo-graffiti", "urban painting" ou simplesmente "street art" (ou arte urbana). A mesma autora acrescenta que:

A adição do prefixo "post" sugere que, embora este movimento se distancie do vocabulário visual e princípios estabelecidos pelo estilo do *graffiti* de Nova Iorque, o *post-graffiti* também implica uma progressão cronológica. Enquanto o rótulo *post-graffiti* invoca uma referência histórica, indica simultaneamente um desenvolvimento formal, material e visual. O movimento *post-graffiti* é caracterizado por uma vasta série de inovações estilísticas, técnicas e materiais, que dão menos ênfase às letras com tinta *spraye* e mais peso à criação de intervenções variadas na paisagem cultural de uma cidade.<sup>20</sup> (Waclawek, 2008, p. 4)

Eugénio (2013) também nos diz que:

Existe uma maior preocupação com a qualidade artística das intervenções: recorrem a figuras, símbolos e abstração. Surge a denominação *de street artist*, que distingue um artista do *post-graffiti* de um *writer*. Alguns *street artists* começaram por ser *writers*, mas ao longo do tempo foram transformando as suas intervenções libertando-se da exclusiva representação dos seus nomes. Outros nunca estiveram ligados ao *graffiti*, resolveram simplesmente começar a intervir nas ruas. (p. 22)

---

<sup>20</sup> Traduzido pela investigadora do inglês "The addition of the prefix "post," however, suggests that while this movement distances itself from the established visual vocabulary and principles of New York Style graffiti, post-graffiti also implies a chronological progression. While the post-graffiti label invokes a historical reference, it concurrently indicates formal, material, and visual development. The post-graffiti movement is characterized by wide-ranging stylistic, technical, and material innovations, which place less emphasis on lettering with spray-paint and more weight on fashioning varied interventions into the cultural landscape of a city."

Assistia-se ao começo de um novo capítulo e, ao mesmo tempo, ao surgir de novos conceitos. Para além dos já apresentados indicados por Waclawek (2008), também Sequeira (2015), citando Stahl (2009), aborda outros, como *high urban folk art*, *subway art*, *spraycan art*, *urban contemporary art* e *street art* com o único propósito de tornar as peças de arte comerciais e de nomear as obras expostas em galerias. Algumas exposições que ficaram conhecidas foram, por exemplo, a exposição Times Square Show<sup>21</sup> realizada em 1980 (Stahl, 2009) com obras de *writers* americanos, a exposição do Museu Boijmans van Beuningen de Roterdão em 1983 e a do Museu Nacional dos Monumentos Franceses em 1991 (Campos, 2010). Porém, Stahl (2009) refere que o conceito *post-graffiti* não passou de um "hype efêmero e arrefeceu rapidamente", fator que não impediu de esta arte renascer e avançar no seu próprio desenvolvimento (p. 10).

Neste longo debate de conceitos que foram sendo introduzidos para enaltecer esta nova prática de expressão urbana que já ia muito além do simples ato de escrever o nome numa parede, aquele que, de facto, sobreviveu foi o de "street art" ou em bom português "arte urbana". Posteriormente, este termo não só apareceu num livro de Allan Schwartzman intitulado de "Street Art" (1985), como também se consagrou oficialmente, segundo Sequeira (2015), como "prática artística específica e distinta das outras" (p. 54) na exposição também ela intitulada de "Street Art" em 2008, que teve lugar no prestigiado museu londrino de arte moderna – Tate Modern.

Sequeira (2015) diz que a *street art* nasceu do *graffiti*, mas Lara Seixo Rodrigues não concorda, sendo apologista de que a *street art* é, antes, uma derivação do *graffiti*:

E isto eu consigo-te dizer quais é que são as diferenças, mas depois há coisas em que se unem. São os dois ilegais, deveriam ser... A génese da *street art* é completamente ilegal. Tu tens zonas, por exemplo Vitry-sur-Seine, que foi onde eu senti realmente "ok, isto é arte urbana, é *street art*" e eles vendem-se como um museu de *street art* a céu aberto e é o único sítio que eu conheço onde faz sentido. Não há autorizações. Tu vais *pra* rua, fazes o teu, se fizeres uma (...) de trabalho no dia a seguir podes ter a certeza que tens outra pessoa em cima de ti. Se fizeres uma coisa excelente, fica. Há uma valorização e análise da comunidade. Não há a Câmara a dizer-te "tu és bom *pra* pintar aqui, *pra* fazeres este mural, *pra* fazeres aquela coisa pequenina", não. Tudo isto é feito pela própria comunidade. Existe um artista a viver lá há muitos anos que tem muitos amigos e que começaram a pintar. E basicamente tu tens ali todos os grandes artistas do mundo que pintaram ali de forma absolutamente ilegal, mas as pessoas gostam, não se limpa. Isto acontece e isto é *street art*. A *street art* surgiu de forma absolutamente ilegal, não havia autorizações de murais, nada. Obviamente depois a coisa começou a crescer mais... (...) Eu não diria que nasceu do *graffiti*, mas sim que é uma derivação. (Lara Seixo Rodrigues em entrevista, 27/06/2019, Apêndice 11, p. 288)

Em 2012 volta-se a verificar uma aproximação da taxonomia "street art" ao mundo do mercado da arte. Na exposição londrina "Futurismo 2.0: Simetria através dos séculos" o designer, historiador e

---

<sup>21</sup> Esta exposição juntou mais de 100 artistas (onde esteve presente JEAN-MICHEL BASQUIAT) para pintarem várias salas de um antigo edifício de mensagens, como forma de reivindicação de melhores condições para os habitantes nova-iorquinos (Stahl, 2009, p. 140; Sequeira, 2015, pp. 44-45)

escritor Daniel Feral participou com um poster (chamado "Diagrama Feral 2.0 – Graffiti and Street Art") que resumia os movimentos do *graffiti* e da *street art* desde 1940 até 2012, inspirado no diagrama de Alfred Bau sobre Cubismo e Abstraccionismo (Anexo A), originalmente lançado em 2011 pelo autor.

Para além dos exemplos já referidos, existem eventos, acontecimentos e feiras que muito bem ocupam o seu lugar na história da arte urbana, como: a famosa East Side Gallery, uma galeria de arte no centro de Berlim (Alemanha) que desde a queda do Muro de Berlim contempla murais históricos (e alguns deles polémicos) elaborados por 118 artistas de diferentes nacionalidades, ao longo de cerca de 1,3km de parede remanescente; também em Berlim, destaca-se o Urban Nation Museum que desde 2013 transforma a "cara" da cidade; e ainda as feiras internacionais de arte contemporânea como a Art Basel e Affordable Art Fair que são bons exemplos de apoio a este tipo de arte e a artistas urbanos.

Hoje em dia, há quem diga efetivamente que a arte urbana faz belos museus ao ar livre pelo mundo inteiro, cujas "imagens (...) estão disponíveis através da internet em todos os contextos possíveis, num fenómeno verdadeiramente ubíquo" (Sequeira, 2015, p. 60), levados a cabo por milhares de artistas com diferentes preferências de técnicas artísticas (que incluem os posters, cartazes, autocolantes, azulejos, pintura, *stencil*, colagem, etc.) e diferentes raízes, com um único objetivo que os une a todos: pintar as paredes das cidades, conquistando diferentes consciências e territórios (Stahl, 2009).

### 1.3. O panorama português

Da mesma forma que o *graffiti* e a arte urbana chegaram à Europa, também chegaram igualmente a Portugal nos mesmos suportes tecnológicos (primeiro através de videoclips, revistas<sup>22</sup>, cassetes VHS e só posteriormente pela *web*), "embora seja difícil identificar com precisão os contornos deste processo" (Campos, 2010, p. 99), devido à origem dúbia deste fenómeno tal como foi referido no início deste capítulo.

Vários autores apontam os primeiros contributos artísticos portugueses efémeros para as comemorações pós-revolucionárias do 25 de abril de 1974 (Eugénio, 2013; Campos, 2010; Sequeira, 2015), motivados pela forte ansiedade de respirar, viver e experimentar o sabor da liberdade de expressão. Nesta altura, grupos de artistas como os ACRE e os PUZZLE receberam reconhecimento pelas suas ações artísticas um tanto inesperadas, ainda que enquadradas na política (Sequeira, 2015). Porém, Sequeira (2015) não aponta a afirmação do *graffiti* em Portugal para o período pós-revolução, mas sim para a

---

<sup>22</sup> Campos (2010) salienta revistas que tiveram importância na divulgação deste tipo de cultura, nomeadamente: *D'Outros Tipos*, *Hip Hop Nation*, *Filthy Magazine*, *Subworld* e *Skillz*.

década de 90, visibilidade impulsionada, como não podia deixar de ser, pelo *hip hop* português (também conhecido como *hip hop tuga*), que entretanto se tinha sedimentado entre as décadas de 80 e 90. Campos (2010) concorda, afirmando que “o aparecimento do álbum *Rapública* (1994, Sony Music) é um marco para o *rap* português” e que “o surgimento do *graffiti* dá-se, presumivelmente, neste período” (p. 100; Sequeira, 2015). Para além de “Rapública” (a primeira compilação de *rap tuga* constituída por nomes que hoje fazem parte da “velha escola”<sup>23</sup> como Boss AC, Black Company, Funky D, Zona Dread, entre outros), também nomes como o renomado Sam the Kid<sup>24</sup>, Da Weasel, General D e Dealema ficaram amplamente conhecidos a partir desta data (Fradique, 2003, p. 190 citado por Sequeira, 2015, p. 92).

Com a chegada deste género musical ao país, multiplicaram-se também os *graffiti* nas cidades portuguesas associados à cultura *hip hop* (Campos, 2010; Sequeira, 2015). As primeiras *crews* foram, segundo Ferro (2011), os Criminal Assassins Crew em Carcavelos, Paintin’ Rackin Mafia (PRM) em Oeiras e os Los Electro Gringos (LEG), também chamados L’Electro Graphique. Destaco esta última *crew*, os LEG, cujos intervenientes são artistas tanto da Margem Sul como da Linha de Sintra, nomeadamente VHLS, MAR, RAM, KLIT, HBSR81, HIUM e TIME, devido ao papel que desempenharam na disseminação do *graffiti* em Portugal, uma vez que também foram os responsáveis pela criação do coletivo VSP – *Visual Street Performance*, em 2005 (Ferro, 2011; Sequeira, 2015; Eugénio, 2013). Segundo Ferro (2011), é no ano de 2003 que a *crew* LEG inaugura uma bela jornada de exposições de cariz legal de arte urbana ligadas ao *graffiti*, com a primeira a ser organizada em 2003, “1/4 de Graff”, no Seixal, e a segunda em 2004, “Arte Urbana”, em Vila Franca de Xira, apoiadas pelas instituições municipais. Posteriormente, sucederam-se edições anuais de 2005 a 2009 de exposições com a assinatura “Visual Street Performance” (VSP), o que fez mudar todo o panorama nacional relativamente ao fenómeno do *graffiti* e à arte urbana (Campos, 2010; Ferro, 2011; Sequeira, 2015). Como referiu Eugénio (2013):

A existência do coletivo VSP – *Visual Street Performance*, com ligações assumidas à *crew* LEG, impulsionou a realização de diversos eventos de exposição de arte urbana, tinha como principal objectivo promover o trabalho dos *writers*. Em 2005, o coletivo VSP fez uma selecção dos *writers* que melhor conseguiriam explorar a criação de trabalhos para serem expostos em galeria, com o objectivo de dar a conhecer ao público um ponto de vista diferente em relação ao *graffiti*, mais artístico e estético, procurando um ponto de equilíbrio entre o *graffiti bombing* e o *graffiti* artístico. A referida exposição realizou-se em Março de 2005, no espaço da Interpress, tendo sido considerada a primeira grande exposição de *graffiti* feita em Portugal, devido à afluência de público que se registou durante o mês em que esteve aberta (Moore & Cruz, 2007: 74,80). (p. 29).

<sup>23</sup> Expressão traduzida do inglês *old school*, também conhecida como “velha guarda”, que é empregue em variados contextos para se referir a pessoas ou objetos antigos. No caso do *hip hop*, é frequentemente utilizada para fazer referência a *rappers* ou bandas deste género musical que faziam muito sucesso antigamente e que, na opinião de muitas pessoas, ainda continuam a fazer. São os veteranos desta cena musical portuguesa.

<sup>24</sup> A título de curiosidade, Sam The Kid, *rapper* pioneiro no *hip hop* português (e atualmente também produtor) considerado como o melhor do *rap tuga*, lançou o seu primeiro álbum em 1999, intitulado de “Entre(tanto)”.

Eugénio (2013) sublinha ainda que nesta grande exposição organizada pela VSP, referida na citação acima, esteve presente a famosa fotógrafa Martha Cooper, fator que terá sido um dos grandes momentos da referida exposição.

A fundação da GAU – Galeria de Arte Urbana em 2008, pelo Departamento de Património Cultural (DPC) da Câmara Municipal de Lisboa, foi outra grande vitória no traçar desta história, através da instalação de painéis geridos pela própria plataforma, na Calçada da Glória. Desta forma, a GAU assume que a sua missão é “a promoção do graffiti e da street art em Lisboa, dentro de um quadro autorizado e segundo uma ótica de respeito pelos valores patrimoniais e paisagísticos”, tal como se pode ler no *website* do projeto. Foi assim que se deu continuidade ao apoio camarário a outros projetos posteriores, como o Projeto CRONO, projeto Contentores, a iniciativa “Meeting of Styles” e a Go Arte Urbana (Ferro, 2011; Sequeira, 2015; Eugénio, 2013).

Em 2011 nascia aquele que hoje é dos festivais mais antigos e pioneiros em Portugal, o WOOL – Festival de Arte Urbana da Covilhã, longe das confusões das grandes metrópoles portuguesas e muito próximo da natureza e da serenidade que o interior do país pode oferecer. É possível que os leitores deste documento se estejam a perguntar se a cidade da Covilhã seria o local mais indicado para se produzir um festival de arte urbana, num período em que esta expressão artística estava apenas a começar e a ganhar relevo em Portugal. Mas tal como seria de esperar, no que diz respeito a este festival pioneiro atualmente com seis edições realizadas, está reservado um capítulo para o descrever com a atenção que lhe é merecedora, uma vez que é o tema principal da presente investigação, onde será esclarecido o porquê de ser um festival tão especial e que o levou a prosperar até à atualidade.

Em 2014 escreveu-se mais um pedaço de história com a celebração dos 40 anos da revolução do 25 de abril de 1974, com o projeto “40 anos, 40 murais”<sup>25</sup> organizado pela Associação Portuguesa de Street Art (APAURB), em Alcântara. Tal como o próprio nome indica foram elaborados 40 murais por 67 artistas, que contaram com a ajuda de voluntários, fator que revela o lado participativo e cívico que a arte urbana pode, efetivamente, empregar (Sequeira, 2015), aproximando a sociedade e agentes culturais a este território artístico, constantemente associado ao vandalismo (Campos, 2010). Também no mesmo ano acontecia o MURALIZA – Festival de Arte Mural, no município de Cascais.

---

<sup>25</sup> Página do projeto “40 anos, 40 murais” disponível em <https://40anos40murais.weebly.com/>

Um ano depois, estreava-se o projeto da Câmara Municipal da Amadora “Conversas na Rua” para promover a arte de rua através da participação de diferentes artistas portugueses. Hoje conta cinco edições consecutivas na cidade da Amadora.

Em 2016 foi a vez de Estarreja se tornar num museu ao ar livre com a primeira edição do “ESTAU Arte Urbana” e que contou com a presença de inúmeros artistas nacionais e internacionais. Além deste, existem mais dois festivais que ganharam vida neste ano: o Festival Iminente em Lisboa, com a curadoria honrosa de VHLS e da plataforma Underdogs, e o “Art in Town” no Barreiro. Apesar de o primeiro não ser um festival exclusivamente de arte urbana, a sua programação contempla intervenções ao vivo com artistas portugueses e estrangeiros, para além dos concertos de *hip hop tuga* e performances de DJs, *b-boys* e bailarinos. O segundo, já conta com quatro edições e tem tornado a cidade do Barreiro mais dinâmica e atraente.

Em 2019 inaugurou mais um festival, o “Fazunchar”<sup>26</sup> em Figueiró dos Vinhos, com curadoria da Mistaker Maker. Na primeira edição deste festival foi possível assistir não só à produção de arte urbana (que vai desde o *spray*, passando pela ilustração até ao ponto cruz), como também a sessões de filmes, concertos, visitas guiadas e workshops direcionados a todas as idades. A iniciativa conta uma programação diversificada e é merecedora de variados apoios, entre eles a Câmara Municipal de Figueiró dos Vinhos e o Turismo Centro de Portugal.

#### 1.4. Enquadramento atual da arte urbana

Com efeito, hoje em dia, quando distraídos nas tarefas e compromissos do quotidiano, é muito fácil identificar esta prática de escrever na parede em vários momentos do dia-a-dia. Esta forma de expressão tão antiga quanto existência humana, é visível nas casas de banho de restaurantes, nas cascas das árvores e nos campos de futebol (Stahl, 2009). Tal como afirma Stahl (2009), estes atos, entre outros, “são testemunho de uma necessidade básica do ser humano: comunicar através de palavras e desenhos” (p. 15).

Com o emergir da Internet, o avanço das demais tecnologias e a crescente mediatização da arte urbana, apareceram novas ferramentas de edição de imagem que, ao nível dos programas gráficos de edição, permitiram a experimentação de peças artísticas ao nível digital antes da verdadeira aplicação em ambiente citadino, alargando assim o campo das possibilidades ao nível artístico (Stahl, 2009). Por isso,

---

<sup>26</sup> O nome deriva de um dialeto próprio de Figueiró dos Vinhos exclusivo dos produtores de têxteis, o laínte, que significa “fazer”.

não admira que a máquina fotográfica seja, hoje em dia, um instrumento essencial no trabalho dos artistas urbanos. Hoje, a realidade já não se assemelha aos tempos primórdios do *graffiti*:

Quer ao nível do conteúdo, das técnicas, dos processos, das táticas e códigos de linguagem, quer ao nível do contexto sociocultural, o *graffiti* contemporâneo é muito diferente daquele que se fazia nos anos 70 em Nova Iorque. (...) A competição incentiva a inventividade pictórica, transformando os escritores de *graffiti* em autênticos pintores, munidos de latas de *spray* e de um vasto repertório de técnicas. Aspirar à criação de obras de qualidade torna-se admissível e louvável numa cultura que já não se limita a procurar a notoriedade da sinalização territorial. (Campos, 2010, pp. 109-116)

No seguimento das palavras do autor, destacam-se os *hall of fame*: murais de *graffiti* elaborados em paredes disponibilizadas legalmente para o efeito, como é o caso do muro das Amoreiras em Lisboa. Diferem dos demais tipos de *graffiti*, não só pela grande dimensão, mas também por contemplar obras mais trabalhadas com recursos técnicos e estilísticos mais aprofundados, ao mesmo tempo que é um espaço de partilha consagrado para aqueles que vivem esta subcultura (Campos, 2010).

Em Portugal, a existência de associações, plataformas e programas que apoiam a arte urbana já é muito comum. Para além da já referida GAU, fundada pela Câmara Municipal de Lisboa, e da APAURB, também são exemplos a galeria e agência Circus Network, plataforma Mistaker Maker<sup>27</sup>, o projeto Underdogs e o programa Arte Pública Fundação EDP. Além disso, são variadas as atividades relacionadas com a arte urbana que contam com o apoio do Turismo de Portugal, a autoridade turística nacional, sendo este tipo de arte uma sugestão da própria entidade para ser visitada nas cidades portuguesas. No *website* Visit Portugal existe uma secção dedicada apenas à arte urbana, onde se pode ler que a "arte urbana é já uma atração nas visitas de cidade com reconhecimento internacional, pela qualidade das obras que se podem encontrar."

Assim, pode-se aferir que, atualmente, a realidade que a arte urbana hoje vive é completamente diferente. O *graffiti* e a arte urbana estão presentes em todo o mundo em diversos formatos (Campos, 2010). As técnicas que hoje existem para dar vida à arte urbana não têm limite de criatividade, podendo ser exploradas com o propósito de dar a maior amplitude possível aos sentimentos de cada artista. Hoje em dia existem murais, instalações<sup>28</sup>, *LED art*, projeções de vídeo que se alinham com os formatos das fachadas de edifícios, peças artísticas que misturam pintura com mosaicos, colagens misturadas com a ilustração, escultura com *spray*, etc.

---

<sup>27</sup> A Mistaker Maker é uma plataforma de intervenção artística também fundada por Lara Seixo Rodrigues que fomenta a produção e promoção criativa de Arte Contemporânea.

<sup>28</sup> Veja-se o exemplo do artista português VHILS (Alexandre Farto) em Hong Kong: <https://hypebeast.com/2016/4/vhils-debris-hong-kong-recap>

VHILS, BORDALO II, ODEITH, MAR, RAM, KRUELLA D'ENFER, Mário Belém, SAMINA, DRAW, ADD FUEL, THIRD, TAMARA ALVES, NARK e Jorge Charrua são alguns dos nomes sonantes na cena da arte urbana em Portugal atualmente e, como se verificou, a arte urbana já faz parte das agendas culturais das autarquias de variadas cidades. Alguns artistas, inclusive, mostram os seus dotes artísticos no Youtube, em formato de *vlog*, como é o caso do eslovaco DOKE. É devido aos trabalhos de artistas como os mencionados que os olhares dogmáticos dos cidadãos comuns estão a ficar mais acolhedores e educados, ano após ano, conseguindo separar o vandalismo do que realmente é digno de ser chamado "arte". Ainda assim, "as *crews* continuam a existir, mantendo vivo o espírito original do *graffiti hip hop*" (Campos, 2010, p. 158).

Além disso, hoje a arte urbana está inserida num tipo de mercado que provavelmente não seria o mais esperado: o mercado de luxo. Segundo o filme de BANKSY "Exit Through The Gift Shop" (2010), a primeira exposição do misterioso artista britânico nos EUA, "Barely Legal"<sup>29</sup> (que significa, "quase legal" em português), foi a que mais visibilidade deu à arte urbana, atraindo olhares de colecionadores de todo o mundo. De repente, as obras de arte urbana valiam milhares de dólares e todas as galerias de arte estavam interessadas neste "novo mercado". No filme, a colecionadora de arte Wendy Asher refere que "pessoas que têm obras de Picasso, Mondrian, Paul Klee, que têm coleções muito boas a que eu falei de Banksy, compraram Banksy". Como é que isso é possível se as obras de BANKSY são feitas na rua? A resposta está no documentário de Colin M. Day intitulado "Saving Banksy" (2017) que mostra peças de BANKSY a serem retiradas literalmente das ruas (mesmo que isso signifique remover fragmentos de paredes de edifícios) para serem leiloados por milhões de dólares<sup>30</sup> em exposições de arte.

Campos (2010) refere que "A cidade comunica connosco. (...) A cidade é para ser lida" (pp. 22-23) e este tipo de arte está presente nas suas paredes, para de forma inesperada e por vezes indecifrável, transmitir-nos um sentimento e contar-nos uma história.

---

<sup>29</sup> Segundo o mesmo filme de BANKSY (2010), esta exposição contou com a presença de um elefante pintado com tintas para crianças, para além de milhares de visitantes – incluindo estrelas de Hollywood. Vídeo do Youtube disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=VKdI6SC9RT0>

<sup>30</sup> Este documentário apresenta de forma clara os contrastes existentes entre o mundo dos artistas urbanos que muitas vezes não recebem dinheiro pelos seus trabalhos artísticos e o mundo dos multimilionários das feiras de arte que recebem milhares por obras como a de BANKSY. Stephan Keszler é um dos maiores *art dealers* das obras de BANKSY no mundo, mesmo que o artista condene estas ações levadas a cabo pelo colecionador de arte e não autorize a venda das mesmas.



Fotografia da autoria de Rita Gomes

# CAPÍTULO 2

A Cidade da Covilhã





## CAPÍTULO II

*“És das beiras a rainha, o teu nome é nome de povo.  
És um beiral de andorinha, Covilhã tu és sangue novo”  
(in Covilhã, Cidade neve de Amália Rodrigues)*

### 2. A cidade da Covilhã

A Covilhã é uma cidade localizada no interior de Portugal com características muito especiais. Há quem diga, por um lado, que é um pedaço de terra esquecida, perdida no interior de Portugal e, por outro lado, que é uma cidade que desenha facilmente sorrisos nos rostos, onde relações se tornam mais humanas e espíritos aventureiros se entregam à natureza deslumbrante que se estende pelos vales da Serra da Estrela. Diz-se que os homens e mulheres que nascem e se desenvolvem nesta cidade são dotados de resiliência e tenacidade. E a literatura ainda mostra que é um dos lugares mais bonitos e pacíficos de Portugal.

#### 2.1. Caracterização da região

Começando por enquadrar a cidade a nível municipal, importa referir que a Covilhã, segundo a classificação NUTS<sup>31</sup>, é uma região estatística do Centro (NUTS II) e sub-região das Beiras e Serra da Estrela<sup>32</sup> (NUTS III), perfazendo o total de quinze municípios. Localiza-se a meia encosta da Serra da Estrela voltada para a nascente e segundo o Anuário Estatístico da Região Centro 2017 do Instituto Nacional de Estatística (INE), a Covilhã tem uma área de 555,60km<sup>2</sup> e estende-se até a uma altitude máxima de 1993m e mínima de 375m, sendo parte constituinte de “uma depressão assimétrica, contactando bruscamente com os relevos imponentes da Cordilheira Central, constituindo o seu sopé” (Direção Regional Agrária da Beira Interior, DRABI, 1990 citado por Barata, 2006, p. 21), afirmando-se como a região mais alta de Portugal Continental. Por isso, quanto maior a altitude, mais os horizontes se irão rasgar e mais ampla será

---

<sup>31</sup> No *website* da PORDATA pode-se ler que “NUTS é o acrónimo de “Nomenclatura das Unidades Territoriais para Fins Estatísticos”, sistema hierárquico de divisão do território em regiões. (...) A nomenclatura subdivide-se em 3 níveis (NUTS I, NUTS II, NUTS III), definidos de acordo com critérios populacionais, administrativos e geográficos. (...) actualmente, os 308 municípios de Portugal agrupam-se em 25 NUTS III, 7 NUTS II e 3 NUTS I.” A classificação utilizada na presente dissertação está em conformidade com a última e atual versão da Nomenclatura das Unidades Territoriais para Fins Estatísticos - NUTS 2013 (na sequência da aprovação da Lei nº75/2013 de 12 de setembro, instituída pelo Regulamento Europeu nº 868/2014 da Comissão Europeia de 8 de agosto de 2014). Entrou em vigor a 1 de janeiro de 2015 pelo Sistema Estatístico Nacional e Europeu.

<sup>32</sup> A sub-região estatística Beiras e Serra da Estrela (NUTS III) inclui os seguintes 15 concelhos: Almeida, Belmonte, Celorico da Beira, Covilhã, Figueira de Castelo Rodrigo, Fornos de Algodres, Fundão, Gouveia, Guarda, Manteigas, Mêda, Pinhel, Sabugal, Seia e Trancoso.

a vista que teremos sob a região da Cova da Beira<sup>33</sup>. No que diz respeito à sua delimitação geográfica, a Covilhã é definida a norte por Seia e Manteigas, a nordeste pela cidade da Guarda, a leste por Belmonte e pela Serra da Malcata, a sul pelo Fundão e Serra da Gardunha e a oeste pela Pampilhosa da Serra.

Atualmente, contam-se 21 freguesias pertencentes ao município da Covilhã após a reorganização administrativa do território das freguesias de 28 de janeiro de 2013, a saber: Vale Formoso e Aldeia do Souto, Orjais, Teixoso e Sarzedo, Peraboa, Verdelhos, Cantar-Galo e Vila do Carvalho, Boidobra, Ferro, Cortes do Meio, Tortosendo, Dominguito, Peso e Vales do Rio, Unhais da Serra, Paul, Barco e Coutada, Erada, Casegas e Ourondo, Sobral de São Miguel, São Jorge da Beira, Aldeia de São Francisco de Assis e Covilhã e Canhoso (que agregam as antigas freguesias urbanas de Conceição, São Martinho, São Pedro e Santa Maria).

Ao consultar os últimos dados disponíveis no *website* da PORDATA pode-se ler que a 31 de dezembro de 2018 estima-se que existiam 47 127 pessoas a residir na Covilhã, das quais 5 172 (11%) pertencem à faixa etária dos [0-14] anos, 28 916 (61,3%) pertencem à faixa etária dos [15-64] anos e 13 039 (27,7%) pertencem à faixa etária de 65 anos ou mais. Por sua vez, a densidade populacional correspondente ao mesmo ano é de, aproximadamente, 85hab./km<sup>2</sup>. Com efeito, enquanto que a percentagem da faixa etária dos [0-14] e dos [15-64] tem diminuído ao longo dos anos, a percentagem equivalente ao intervalo de idades correspondente aos 65 ou mais anos tem aumentado: de 2001 até 2018, houve um decréscimo de 2,8% e de 4,9%, relativo à população inserida dos [0-14] e dos [15-64], respetivamente; porém, houve um aumento paralelo de 7,8% referente à população inserida nos [65+]. Ainda segundo a PORDATA, o rácio correspondente com o índice de envelhecimento<sup>34</sup> em 2018 da cidade da Covilhã é de 246,7%, valor que se traduz numa população cada vez mais envelhecida. Se compararmos estes valores com os de Portugal Continental, cujo índice de envelhecimento é de 160,3%, verificamos que os da Covilhã são bastante elevados. Se tido em conta o Anuário Estatístico da Região Centro do INE de 1999, conclui-se que este valor não é inferior a 100 desde 1998.

Em termos de Produto Interno Bruto (PIB) *per capita*<sup>35</sup>, a sub-região estatística das Beiras e Serra da Estrela (NUTS III) registou 12 282 euros no ano de 2016 (Apêndice 1, p. 115), segundo o Anuário

---

<sup>33</sup> Apesar da composição municipal "Cova da Beira" presente na classificação NUTS 2002 ter passado para o domínio da sub-região estatística 'Beiras e Serra da Estrela' com a nova classificação NUTS 2013, ainda hoje é uma terminologia muito usada para fazer referência à mesma região.

<sup>34</sup> Segundo a PORDATA, "O índice de envelhecimento é o número de pessoas com 65 e mais anos por cada 100 pessoas menores de 15 anos [é o quociente entre o nº de pessoas com 65 ou mais anos e o nº de pessoas com idades compreendidas entre os 0 e os 14 anos – classificados de 'jovens']. Um valor inferior a 100 significa que há menos idosos do que jovens."

<sup>35</sup> De acordo com a PORDATA, "O produto interno bruto (PIB) é a medida habitualmente utilizada para avaliar o desempenho de uma economia e compará-la com outras. Pode dizer-se simplesmente que o PIB é a riqueza que um país consegue criar. Esta

Estatístico da Região Centro de 2017 do INE. Por conseguinte, o valor provisório respetivo ao ano de 2017 calculado pelo INE é de 12 740 milhares de euros, o que significa que se estima um aumento temporário nominal aproximadamente de 4% relativamente ao ano anterior. Apesar de se prever este aumento, a nível nacional o mesmo não se assemelha assim tão positivo. Se compararmos o PIB *per capita* provisório de 2017 das Beiras e Serra da Estrela com o da Área Metropolitana de Lisboa e de Portugal (24 749 e 18 894 euros, respetivamente), rapidamente verificamos que a região das Beiras e Serra da Estrela ocupa os últimos lugares do ranking de riqueza por habitante. Os Índices de Disparidade Regional do PIB *per capita*, por sua vez, dão-nos uma maior noção das grandes assimetrias de riqueza que existem, respetivamente ao mesmo ano (Apêndice 1, Figura 2, p. 115). Tal como é possível verificar no Apêndice 1 (p.115), a Área Metropolitana de Lisboa tem um índice de disparidade de 131%, significativamente superior à média nacional – Portugal = 100) e as Beiras e Serra da Estrela regista um índice de 67,4%, que apesar de ser inferior ao índice de disparidade registado em 2016 (68%), visível no Apêndice 1 (Figura 1), continua longe da mediana nacional. Por isso, esta sub-região continua a ser uma das mais empobrecidas do país, no total de 25 regiões.

No meio de todas estas características, há uma que torna a Covilhã uma cidade muito prestigiosa: “é a melhor porta de entrada para o Parque Natural da Serra da Estrela [PNSE], criado por decreto de Maio de 1976<sup>36</sup>, e que engloba seis municípios” (Silva, 1996, p. 171). Compreende uma área de 88,850ha (segundo o Decreto-Lei nº 83/2007) e integra os municípios da Covilhã, Manteigas, Guarda, Celorico da Beira, Gouveia e Seia. É com a Serra da Estrela, a maior área protegida de Portugal, que a Covilhã ganha um maior valor paisagístico e patrimonial (Silva, 1996), cujas paisagens verdes interpoladas com terrenos lapidosos ficam repletas de neve nos meses de inverno. À medida que se percorrem as estradas com declive acentuado, contam-se vários locais de paragem obrigatória que não só permitem obter perspetivas fantásticas desta cidade serrana, como também conhecer intimamente aquilo que esta região tem para oferecer a quem a visita. Em primeiro lugar, destaca-se oferta desportiva diversificada aqui existente, como o *ski* e *snowboard* na Estância de Ski da Serra da Estrela (a única no país), a escalada, as caminhadas que os mais aventureiros se propõem a realizar pelos inúmeros trilhos pedestres bem sinalizados em todo o Parque Natural (os trilhos do Major e do Alto dos Livros na Covilhã, e os trilhos do Viriato, do Glaciar, das

---

riqueza resulta das actividades quotidianas de todos – sejam pessoas, empresas ou outras entidades públicas e privadas – como: o que se produz, o que se compra, o que se investe ou o que se exporta.”. Por sua vez, pode-se ler no Destaque das Contas Regionais 2016 e 2017Po que “o PIB *per capita* relaciona o PIB gerado num dado país ou região, com a população residente”. Fonte: <https://bit.ly/2HX6xaW>

<sup>36</sup> Contrariamente ao dado apresentado pelo autor, é o Decreto-Lei nº 557/76 de 16 de julho que efetiva a criação do Parque Natural da Serra da Estrela (e não o mês de maio, conforme escreveu).

Lagoas da Torre e do Poço do Inferno – uma das cascatas mais bonitas do país – em Manteigas, são alguns exemplos) e as corridas de montanha no circuito de manutenção localizado ao pé do Parque de Merendas da Serra da Estrela. Em segundo lugar, os mergulhos frescos que o verão proporciona nas águas puras e cristalinas das suas lagoas, ribeiras e praias fluviais rodeadas de paz, silêncio e uma beleza inigualável (são exemplos a Lagoa das Salgadeiras, a Lagoa Comprida, a praia fluvial de Loriga – um dos principais afluentes do Rio Alva –, do Vale do Rossim e a praia fluvial da Relva da Reboleira na freguesia do Sameiro, junto do Skiparque), com fauna própria e muitas vezes acessíveis apenas a pé. Pelo caminho estão vários miradouros e varandins, o Parque de Campismo do Pião e unidades hoteleiras, como o Luna Hotel dos Carqueijais, o antigo Sanatório da Covilhã<sup>37</sup> que em 2014 foi transformado na luxuosa Pousada da Serra da Estrela e, já nas Penhas da Saúde, encontra-se o Luna Chalets da Montanha, adjacente ao Luna Hotel Serra da Estrela, e ainda a Pousada da Juventude da Serra da Estrela, para além de várias casas particulares e restaurantes recheados com pratos típicos da gastronomia da região. Assim, chega-se ao ponto mais elevado da Serra da Estrela, a Torre, marco geodésico mandado “construir pelo príncipe regente D. João, no ano de 1802” (Silva, 1996, p. 178), sendo também aqui que se encontram as cúpulas militares e o chamado Centro Comercial da Torre, repleto de lojas artesanais com produtos regionais, onde um dos principais ex-libris da região não podia faltar: o famoso queijo da Serra da Estrela. Outros pontos de paragem obrigatória para muitos que visitam o ponto mais alto de Portugal são, precisamente, a Pedra do Urso, a zona da Rosa Negra, a figura da Nossa Senhora da Boa Estrela no Covão do Boi (talhada em pedra de granito pelo artista e padre António Duarte para proteger os pastores e todos aqueles que se aventuravam pelos caminhos da sinuosa Estrela), a Cabeça do Velho e a Cabeça da Velha (duas rochas de granito que fazem lembrar uma cabeça de perfil), a lagoa do Covão dos Conchos (que se tornou famosa pelo seu túnel de betão e granito que escoia a água da Ribeira das Naves até à albufeira da Lagoa Comprida) e ainda o vaidoso Covão d’Ametade situado a caminho de Manteigas (uma depressão glacial envolvida pelo Cântaro Raso, Cântaro Magro e Cântaro Gordo, fragmentada em duas partes pelo Rio Zêzere, que ali se prepara para engrossar o caudal até chegar ao Rio Tejo). A Covilhã é serpenteada precisamente pelo Rio Zêzere e pelas suas ribeiras afluentes, em particular as ribeiras da Carpinteira, Degoldra e Corges, “que formam um triângulo de terras agriculturáveis de grande produtividade, na base da Montanha (...) [que] tiveram papel fundamental durante séculos, primeiro na agricultura e posteriormente, na indústria”

---

<sup>37</sup> O Sanatório da Covilhã, também conhecido como Sanatório das Penhas da Saúde e Sanatório dos Ferroviários, foi uma instituição de saúde destinada aos funcionários dos caminhos de ferro que padeciam de tuberculose, cujo tratamento era realizado através do ar puro da Serra da Estrela. Segundo Silva (1996), a obra pertence ao arquiteto português Cottinelli Telmo e foi inaugurada em novembro de 1944.

(Barata, 2006, p. 88). Assim sendo, o encanto da Serra da Estrela pode-se traduzir nas seguintes palavras de Silva (1996):

Demais, se a Serra da Estrela é bela no Inverno com as suas neves, não é menos formosa na Primavera, quando as giestas amarelecem a espalda dos montes. E no Verão o sol resplandece e bronzeia o rosto dos turistas, enlevados no ar puro e no silêncio das serras, apenas entrecortado pelo tilintar espaçado e distante dos rebanhos, pastoreados por homens pacíficos como as suas ovelhas, na companhia do seu cão Serra da Estrela, de orelha repuxada e focinho farrusco. (...) E podem os homens calar-se que aqui a Natureza e as próprias pedras hão-de cantar o grande hino ao Criador! (p. 179).

A nível distrital, a Covilhã pertence ao distrito de Castelo Branco e faz parte dos seus 11 concelhos (Covilhã, Belmonte, Fundão, Idanha-a-Nova, Oleiros, Penamacor, Proença-a-Nova, Sertã, Vila de Rei e Vila Velha de Ródão), sendo estes compostos, por sua vez, por um total de 159 freguesias.

No estudo da Bloom Consulting Portugal City Brand Ranking© 2018 (PCBR) da consultora com o mesmo nome, a Covilhã ocupou o 10º lugar no ranking regional da região do Centro de Portugal nas três dimensões analisadas: Turismo ("Visitar"), Investimento e Exportações ("Negócios") e Talento ("Viver"). Considere-se esta classificação num total de 100 regiões que se contam pertencentes ao Centro de Portugal, na classificação estatística da União Europeia (NUTS II). Posteriormente, no estudo da mesma consultora correspondente ao ano de 2019, a sexta edição do Portugal City Brand Ranking©, concluiu-se que o município da Covilhã subiu duas posições em relação ao ranking do ano anterior, ocupando agora o 8º lugar regional do Centro, das três dimensões já referidas (mais concretamente, a Covilhã subiu para a 7ª posição na dimensão Turismo e manteve a 11ª posição nos Negócios e a 14ª no Talento). Além disso, nesta edição, ainda obteve a menção honrosa de "Marca Estrela"<sup>38</sup> nacional do Centro (Anexo B), pelo excelente desempenho que teve nas respetivas dimensões. No panorama nacional, a Covilhã subiu duas posições face à edição passada (da 45ª para a 43ª posição, respetivamente), no total de 308 municípios analisados.

Desta forma, com a crescente modificação do paradigma municipal, a Covilhã é merecedora de um grande destaque pela sua taxa de crescimento positiva. Os esforços por parte não só dos líderes municipais, como dos empreendedores covilhanenses estão à vista e os investidores e turistas estão, efetivamente, de olhos postos nesta cidade do interior do país.

---

<sup>38</sup> "Marca Estrela" é a designação dada a municípios que - apresentando resultados de topo - conseguem destacar-se nas diversas Dimensões e regiões de Portugal. Para além das distinções atribuídas ao pódio de cada região, anualmente a Bloom Consulting destaca também a "Marca Estrela" nacional das 3 Dimensões e das 7 regiões de Portugal. Esta distinção não é atribuída necessariamente aos municípios que mais lugares subiram na tabela, mas sim àqueles que conseguiram - através de excelentes resultados - destacar-se e alcançar posições importantes nas respetivas regiões ou dimensões do PCBR©."

Viver na Covilhã é viver rodeado de natureza, com o “ar puro da serra, a tranquilidade e beleza do campo, a hospitalidade e bondade da gente beirã” (Silva, 1996, p. 161); é ter o privilégio de poder praticar livremente desportos de montanha e de inverno na única estância de *skie snowboard* do país; é ter acesso a várias instituições escolares com ofertas diversificadas desde o pré-escolar ao superior universitário, cuja Universidade da Beira Interior (UBI) ainda hoje possui um valor notável a nível económico e social para a região (Silva, 1996); é consolar o paladar com os melhores sabores da Cova da Beira, como o distinto queijo da Serra da Estrela (ainda hoje há quem o fabrique de forma artesanal), o chouriço, a farinheira e o presunto, o cabrito assado “com recheio de vitela, e travo de zimbro”, os pastéis de molho<sup>39</sup>, o pêssego, o azeite, a tão conhecida cereja do Fundão, a cherovia<sup>40</sup>, a maçã “Bravo Esmolfe”, o arroz de carqueja<sup>41</sup> e ainda os conhecidos “vinhos frutados de excelente qualidade” (Silva, 1996, p. 174); é ter acesso a uma boa rede de transportes com ligações, não só para as várias zonas da cidade, como também para os restantes distritos de Portugal; é poder disfrutar de vários espaços, quer comerciais, quer de lazer (diurnos e noturnos), quer turísticos, a preços bastante acessíveis; é fazer parte de uma cidade com uma cultura e história vastas de importância nacional; e ainda, viver na Covilhã, é viver numa cidade cujas temperaturas médias anuais rondam os 14,9º e onde só chove durante 24 dias por ano (Anuário Estatístico da Região Centro, INE, 2017).

Além disso, existem mais fatores que contribuem para a Covilhã ser uma referência nacional. A presença de um dos dez maiores *data centers* do mundo e o maior da Europa, o Data Center da Altice Portugal (um centro de processamento de dados com elevada eficiência energética e segurança) posiciona Portugal a nível mundial nas tecnologias de informação e *cloud computing* e coloca a Covilhã no mapa nacional e internacional. Também possui parques tecnológicos como o Parkurbis (que acolhe empresas nacionais e internacionais) e UBIMedical (espaço que estabelece a ligação entre a UBI e o mundo empresarial que se caracteriza pela investigação e desenvolvimento de novas tecnologias) e, mais recentemente, desde julho de 2019, esta cidade é a sede do novo Centro de Inovação do Turismo (NEST). No que diz respeito a eventos, foi também a cidade escolhida pela Google para ser anfitriã da segunda edição do jogo de realidade aumentada “Ingress First Saturday” a 7 de fevereiro de 2015 (a primeira edição aconteceu em Lisboa em novembro de 2014). Não menos importante, a Covilhã recebeu a Seleção

---

<sup>39</sup> O pastel de molho é uma iguaria tradicional da Covilhã, feito de massa folhada com recheio de carne, antigamente usado como substituto da sopa para os operários das fábricas e regado com caldo de açafraão e vinagre a ferver ou, em substituição, chá preto.

<sup>40</sup> A cherovia, cujo nome verdadeiro é *Pastinaca Sativa* é um tubérculo ou raiz com fisionomia idêntica à da cenoura, mas de cor branca. Adapta-se facilmente a qualquer tipo de cozinhado, seja ela assada, cozida, frita, para fazer puré, doces e até sopas.

<sup>41</sup> Carqueja é uma planta que também é utilizada para fazer chá, devido às suas capacidades terapêuticas.

Nacional de Futebol para o estágio de preparação para o Mundial de 2010, momento que proporcionou um grande destaque para a cidade, principalmente ao nível dos *media* nacionais.

Efetivamente, e nas palavras de Barata (2006), a Covilhã “não é a capital da Beira Baixa, mas é sem dúvida, a metrópole da Beira Interior, onde a Cova da Beira é o polo de maiores potencialidades no interior de Portugal” (p. 266). No entanto, uma cidade pode sempre crescer mais, ser melhor, aperfeiçoar-se naqueles que são os seus principais constituintes, por isso, “apesar destes resultados positivos evidenciados por Covilhã, existe ainda espaço para o município crescer e fortalecer a sua marca a nível regional e nacional” (Bloom Consulting, Portugal City Brand Ranking©, 2019, s.p.).

## 2.2. Contextualização histórica

A cidade da Covilhã é um dos cerne da presente investigação. Esta começou e irá terminar na Covilhã. Para além de conseguir renovar o olhar, conhecer o passado permite a compreensão do presente e providencia uma perspetiva e noção diferentes sobre o que existe nesta cidade, nomeadamente as autênticas obras de arte que se espelham atualmente nas paredes das suas ruas, fazendo com que os mais céticos consigam ver além das pinturas e que descubram novos caminhos e realidades. Além disso, e citando Ana Lourenço em Barata (2006), “A História Regional e Local é de extrema importância na construção do todo Nacional, e na divulgação, conservação do património histórico e cultural, nomeadamente por proporcionar a criação e consolidação de laços sócio-afectivos das populações com esse património.” (p.10). Portanto, com o fim de se conseguir transmitir a mensagem de que a arte urbana é também ela parte integrante da história deste município, é necessário perceber o que a Cidade Neve foi outrora, caso contrário estar-se-ia a negar o seu presente e tudo o que representa para o seu povo.

Em primeiro lugar, é importante apresentar a origem do nome desta prodigiosa cidade – Covilhã. Barata (2006) e Silva (1996) elucidam-nos nas suas obras acerca de todo o processo de batismo desta cidade da Cova da Beira até ao atual vocábulo atribuído. Segundo Barata (2006), o primeiro nome da região foi “Cova Plana” (expressão de origem latina) devido ao relevo da região:

- “Cova” porque está enclausurada entre serras altas, nas abas das Serra da Estrela, Serra da Gardunha, Serra da Malcata...

- “Plana” porque se trata de um espaço onde se erguem, aqui e além, pequenos montes ou mamelões (inselbergs ou ilhas) que, vistos do cimo de qualquer uma das serras que a envolvem, se diluem na paisagem, parecendo que se trata de uma planície entre montanhas onde brilham as águas. (pp. 18-19)

As seguintes denominações da região foram escolhidas “por razões estratégicas militares, como era usual” (Barata, 2006, p. 98). Assim, de “Cova Júlia” (nome atribuído por Júlio César no séc. I a.C.), passou a ser

denominada por "Sília Hermínia" (nome dado por *Silius* 41 anos d.C.), mas a expressão "Cova Plana" foi a que mais resistiu ao longo dos tempos. Dessa forma, Barata (2006) descreve a evolução do termo "Covilhã" baseada no uso da figura de estilo metonímia<sup>42</sup>. Por isso, de Cova Plana derivou "Cova Lhana", expressão que significa "plana" em castelhano (Silva, 1996). Daí surgiu "Covilhan" e, por último, "Covilhã" (Barata, 2006). Porém, a sabedoria popular defende uma outra possibilidade: pelo facto de existirem várias zonas de pastagem e gado na Serra da Estrela, a região tinha o nome de "Covil da Lã" que posteriormente evoluiu para "Covilhã". Outros referem ainda a "Lenda da Cava Juliana" como origem do vocábulo "Cava-Juliana" que com o passar do tempo, se traduziu em "Covalliana", depois em "Coveliana", passando a ser "Covilliana", para "Covillã", transformando-se em "Covilhan" e finalmente "Covilhã" (Quintella, 1899, p. 15).

No que concerne à génese da cidade da Covilhã em si, a história não é consistente e as opiniões dividem-se conforme os factos históricos hoje conhecidos, pelo que a mesma é ainda incerta (Barata, 2006; Silva, 1996; Carlos, 2008; Quintella, 1899). Isto deve-se à "falta de documentação e de dados arqueológicos esclarecedores" (Carlos, 2008, p. 13), quer lusitanos, quer romanos, devido às sucessivas guerras que se travaram nesta região no passado. Porém, Barata (2006) afirma que não existem dúvidas sobre a passagem de povos pré-históricos na "Cova Plana" devido à grande afluência de água e fertilidade das terras, para além da arte rupestre e dos variados instrumentos de caça e pesca encontrados na Expedição Científica à Serra da Estrela em 1881 e noutras localidades nas redondezas da Covilhã.

Os lusitanos (conhecidos como montanhesees por se refugiarem na Serra da Estrela durante as lutas contra os romanos) também tiveram a sua passagem pela região (Barata, 2006). Foram liderados por Viriato entre 148 a.C. e 139 a.C. (Barata, 2006) e são conhecidos como "o povo de mais forte etnia entre os povos peninsulares, tendo resistido às influências dos fenícios, dos cartagineses e dos gregos" (Silva, 1996, p. 6). Eram um povo muito organizado que para além de se dedicarem à pastorícia e à pecuária, já teciam a sua própria roupa "em teares simples, onde os fios de lã eram esticados por meio de pesos de pedra ou de barro (pondus); (...) o que, em parte, justifica a tradição têxtil da região, em especial, da Covilhã." (Barata, 2006, pp. 68-69).

Seguidamente, os romanos foram aqueles que, com a determinação e sentido de posse que os caracterizava, formaram todo um império ao qual a Península Ibérica não escapou. Apesar dos anos de resistência, "os lusitanos não podiam vencer a máquina militar romana" (Barata, 2006, p. 75) e hoje são

---

<sup>42</sup> Segundo Barata (2006) metonímia é a substituição de umas palavras por outras através de uma relação de lógica e contiguidade, de forma simples, lógica e natural.

várias as evidências que constataam a presença desta legião na Cova da Beira: as pontes romanas, o monumento Centum Cellas ou Centum Cellae<sup>43</sup>, os vestígios encontrados em escavações (como pedaços de colunas, joias, moedas, etc.), a origem da palavra "Zêzere" (com influência latina e, por isso, também romana) e ainda, como já referi, a atribuição da categoria de município romano por *Silius* (Barata, 2006).

Foram povos bárbaros como os alanos, godos, suevos e árabes que provocaram a queda do Império Romano, mais especificamente no ano 476 d.C., data que também marcou o início da Idade Média (Barata, 2006). É nesta altura que se estabelece a Lenda da Cava Juliana anteriormente mencionada, com a invasão dos mouros no município, provocando a destruição da Covilhã de forma irreversível apesar de não se terem instalado completamente na região.

Efetivamente, a Reconquista Cristã durou toda a Idade Média, tendo originado vários reinos aquando da recuperação de territórios muçulmanos, cujos limites mudavam constantemente (Barata, 2006). No Reino de Portucale, durante o reinado de D. Sancho I, segundo rei de Portugal, a Covilhã "estava abandonada e quasi arrasada; prevendo a breve e completa ruina e talvez o abandono pelos ultimos habitantes" (Quintella, 1899, p. 17). Para evitar que ficasse completamente desolada e assim perder o domínio completo de uma região com excelentes características naturais de habitação, alimentação e proteção (Barata, 2006), D. Sancho I conferiu um foral<sup>44</sup> à Covilhã em setembro de 1186:

O rei ao escolher este foral para atribuir à Vila da Covilhã, estava a confirmá-la como a mais importante no centro interior do País. (...) Este território corresponde à actual Beira Baixa. Na base desse interesse, sem dúvida, a existência de uma povoação estruturada – a Covilhã. (...) Nesta perspectiva, o município da Covilhã tinha como "missão oficial", após a concessão do foral, promover o povoamento da Beira Baixa. Criou por isso uma estratégia própria: 1º construção e reconstrução de fortalezas, tendo em vista a segurança e defesa dos lugares estratégicos; 2º consolidar e promover o povoamento desses mesmo locais, tendo em vista o seu desenvolvimento sócio-económico. (...) A partir de 1186, passou a ter o seu bilhete de identidade, por direito próprio e, simultaneamente, teve o reconhecimento real e público da sua importância. (Barata, 2006, pp. 169-171)

Ainda de acordo com Barata (2006), a vila da Covilhã foi uma das primeiras localidades a que foi concedida uma Carta de Foral, tendo sido posteriormente "confirmado por D. Afonso II [em Coimbra], por carta régia datada de Outubro de 1217" (Silva, 1996, p. 20). Seguidamente também por D. Afonso III, que a 2 de dezembro de 1253 declarou o município como principal povoação acastelada (Quintella, 1899), aproveitando para, paralelamente, mandar realizar uma feira<sup>45</sup> anual que "deveria realizar-se desde uma

---

<sup>43</sup> Silva (1996) indica que "as ruínas de Centum Cellae, perto de Belmonte, constituem, segundo uns, restos de um templo românico do século III, segundo outros, as ruínas de uma cidadela ou residência fortificada de algum cônsul romano, que ali teria acampado a sua legião, voltada à vertente Norte dos Hermínios, onde se refugiavam os Lusitanos." (p. 6).

<sup>44</sup> O foral é um diploma que contém regalias administradas a uma localidade por um rei, príncipe ou Senhor.

<sup>45</sup> Nesta feira vendiam-se panos de lã, panos de linho, panos de algodão, a própria lã, alguns animais e as suas peles, cera e mel. A 27 de maio de 1411 também D. João I criou uma feira pelo São Tiago e durante 20 dias, feira que ainda hoje é realizada

semana antes e até uma semana depois da festa de Santa Maria de Agosto (15 de Agosto)" (Carlos, 2008, p. 14). D. Diniz repetiu o processo e conforme refere Silva (1996), a 22 de abril de 1319, dia em que este se deslocou à Covilhã, concede os mesmos privilégios à cidade, incluindo o alargamento das muralhas (Carlos, 2008). Mais tarde, a 2 de dezembro de 1453, D. Afonso V assinala a Covilhã como sendo uma das principais povoações na Beira Baixa (Quintella, 1899; Silva, 1996). Foi desta forma que a Covilhã começou a reedificar-se (Quintella, 1899), que as casas foram sendo construídas no terreno acentuado e que foi ganhando a topografia ainda hoje visível (Barata, 2006). A evolução desta cidade beirã não abrandou e a 1 de junho de 1510 D. Manuel I ofertou a Covilhã com o chamado Foral Novo, em Santarém, reformulando assim o anterior dado por D. Sancho I (Silva, 1996).

É importante referir que por esta altura já se tinha iniciado a época dos Descobrimentos, que influenciou o comércio dos panos e das lãs e deu visibilidade à Covilhã por esta ter sido o berço de homens que aí tiveram uma intervenção ilustre (Barata, 2006):

Os irmãos Rui Faleiro e Francisco Faleiro, cosmógrafos e homens de ciência, foram covilhanenses. Rui Faleiro tornou-se notável na ciência náutica, dedicando-se ao estudo das longitudes (...), que permitiu as viagens de longo curso. (...) [D. João II] Incumbiu Pêro da Covilhã de saber dos portos de navegação daqueles mares da Índia, bem como do tráfego de especiarias. (...) [João Ramalho] Foi um aventureiro beirão, o mais certo covilhanense, que naufragou nas plagas de Vera Cruz. (...) [Frei Pedro da Covilhã] Foi um dos padres confessores de Vasco da Gama, na viagem do descobrimento do caminho marítimo para a Índia. (...) Depois da conquista de Ceuta, o Infante D. Henrique, entre outros galardões, recebeu de seu pai D. João I o senhorio da Covilhã. (Silva, 1996, pp. 32-49)

Diz-nos Barata (2006) que a ligação desta terra ao fabrico de panos, à tecelagem, à transumância e à lã é "uma tradição (...) de todos os tempos" e também "a necessidade de responder ao clima" (p. 212), afirmando não ter dúvidas sobre a existência de uma tradição de panos na Covilhã no século XV. Os bairros de judeus também deram o seu grande contributo ao desenvolvimento dos lanifícios, uma vez que dedicavam a maior parte do seu tempo à sua produção (Silva, 1996). De facto, a Covilhã estava numa onda de progresso tão evidente que a 6 de junho de 1570 o Rei D. Sebastião "honrou-a com o título de Notável, em vista da sua posição, riquezas e actividade dos habitantes, entre os quais viveram (e vivem) desde remotos tempos, numerosas famílias de judeus e cristãos-novos" (Raposo, s.d., citado por Carlos, 2008, p. 14).

Para evitar carências de vivência provocadas pela Inquisição, apostou-se no aproveitamento das potencialidades agropecuárias da Serra da Estrela e suas áreas envolventes para potenciar a Covilhã. Foi aqui que as ribeiras da Carpinteira e Degoldra desempenharam particular importância no âmbito

---

e muito conhecida na Covilhã (Barata, 2006). Ações como estas impulsionaram o fabrico efetivo de lanifícios na cidade (Carlos, 2008) e, conseqüentemente, o seu desenvolvimento económico (Barata, 2006; Silva, 1996).

industrial (Silva, 1996). Assim, no ano de 1573 criou-se a Fábrica D'El Rei D. Sebastião na margem da ribeira Carpinteira, a primeira fábrica na Covilhã e "considerada a melhor do país, e nela se fabricaram os primeiros padrões destinados às demais fábricas do reino, como as de Portalegre e Estremoz" (Silva, 1996, p. 59). Em 1671, D. Pedro II criou a que ficou conhecida como "Fábrica Velha" (Assunção, s.d., Volume I). D. José I definiu por carta régia que as pedras dos muros destruídos pelo terramoto de 1755 fossem utilizados na edificação da Real Fábrica dos Panos da Covilhã, Fundão e Portalegre (ou Real Fábrica dos Lanifícios), fundada posteriormente em 1763 pelo Conde de Oeiras, o Marquês de Pombal (Silva, 1996):

É desta época que datam as primeiras indicações sobre um sistema de aprendizagem estruturado nos lanifícios da Covilhã, respeitante à "Real Fábrica". (...) A "Real Fábrica" funcionava, por conseguinte, como uma verdadeira escola. Para o efeito, foram mandados vir do estrangeiro mestres de diversos ofícios, como cardadores, fiadeiros, tecelões, pisoeiros, entre outros. Aqui se formou a primeira geração de operários e futuros mestres que viriam a integrar a mão-de-obra das primeiras unidades manufactureiras pré-industriais. (Assunção, s.d., p. 70)

Barata (2006) refere-se ao séc. XVIII como o século em que a indústria têxtil atinge o seu auge, pois contavam-se mais de 100 empresas que garantiam trabalho a muitas pessoas, quer em fábricas privadas, quer na Real Fábrica dos Panos (Silva, 1996). Não obstante, entre 1808 e 1810 descobriram-se os "primeiros machinismos na Inglaterra, que sem demora vieram para a Covilhã." (Quintella, 1899, p. 108). A 20 de outubro de 1870, D. Luís eleva a Covilhã à categoria de cidade (Silva, 1996), pela excelência do seu crescimento. No início do século XX "a Covilhã contava 17.552 habitantes, mais que Coimbra, e que Portalegre, que contava 10.534 almas" (Silva, 1996, p. 94).

Eis que Portugal entra na 1ª Guerra Mundial e a instabilidade económica, social e política acentuou-se (Carlos, 2008), na Covilhã inclusive. No entanto, devido ao aumento do fabrico de panos (Silva, 1996) para o "esforço de guerra" (Carlos, 2008, p. 19) da 2ª Guerra Mundial, a indústria têxtil da Covilhã saiu da crise. Desta forma, no ano de 1935 inaugurou uma das fábricas que se tornou a maior empresa têxtil da Covilhã – a Nova Penteação e Fiação de Lãs, Lda. (Silva, 1996). Em 1940, a Covilhã tinha 132 fábricas (em 1950 já eram 200, segundo Silva, 1996) e era responsável por mais de 50% de produção têxtil em todo o país (Carlos, 2008; Silva, 1996). Também por esta data foi colocado em prática um plano urbanístico para toda a cidade, tendo sido construído o edifício Paços do Concelho, hoje Câmara Municipal da Covilhã, inaugurado a 11 de outubro de 1958, cujos elementos decorativos aludem à história da cidade (Carlos, 2008).

A partir de 1968, começou o declínio da Indústria Têxtil devido "principalmente à concorrência do chamado Terceiro Mundo, onde se praticavam salários ainda mais baixos do que na nossa indústria" (Silva, 1996, p. 121). O 25 de abril de 1974 estimulou a queda da indústria e no ano "de 1980 a 1990 perderam-

se no concelho da Covilhã 4000 postos de trabalho" (Silva, 1996, p. 122). Com efeito, a Covilhã é uma cidade com um povo perseverante e o passo seguinte com vista à recuperação do município assinalou-se com a criação do Instituto Politécnico da Covilhã (IPC) em 1973. Passou para Instituto Universitário da Beira Interior (IUBI) em 1979 e, por fim, para Universidade da Beira Interior (UBI) em 1986, designação que se mantém até aos dias de hoje<sup>46</sup>, contribuindo para o crescimento da cidade (Silva, 1996). A 20 de outubro de 1978 foi instaurado o feriado municipal, como forma de celebração ao dia em que a Covilhã foi elevada a cidade. Hoje, é também conhecida como "Cidade Universitária", para além do reconhecimento como "Cidade-Fábrica" que já comportava (Silva, 1996).

Difícilmente o povo covilhanense irá esquecer a sua constante evocação como a "Manchester Portuguesa" devido ao seu antigo triunfo industrial e por ainda hoje ser um dos maiores centros de produção de tecidos. E se em 2006, Barata (2006) já afirmava que a "Covilhã-cidade, [era] a maior de todo o interior de Portugal", também assegurava que essa não era "a altura de desvendar o [seu] futuro" (p. 266), pois esse ainda está a ser construído e irá sempre estar nessa condição – a história da Covilhã não irá ficar por aqui<sup>47</sup>. Como diria a nossa querida e amada fadista Amália Rodrigues, na música *Covilhã Cidade Neve*: "Covilhã tu és novo tempo".

### 2.3. A marca institucional

Tal como os registos históricos existentes sobre a edificação da cidade da Covilhã são escassos, também pouco se sabe relativamente à evolução da heráldica do município. Nas primeiras páginas da monografia da Covilhã de Quintella (1899) encontramos as "armas primitivas" da Covilhã (Figura 1).



Figura 1. Armas primitivas da Covilhã. Fonte: Quintella (1899).

<sup>46</sup> No ano corrente (2019), a Universidade da Beira Interior é uma das 100 melhores instituições da Europa no âmbito do ensino e aprendizagem, segundo o relatório do Europe Teaching Rankings.

<sup>47</sup> No Apêndice 3, apresento registos fotográficos da cidade da Covilhã desde o início do século XX, comparando-os com a atualidade.

Sobre este primeiro brasão, Quintella (1899) apenas supõe que a razão deste emblema ser “uma estrella de prata em escudo do campo azul” (p. 84) se deva ao facto de a Serra da Estrela ser o ponto de partida dos limites fronteiriços do município.

Segundo o mesmo autor, esta “antiga insignia covilhanense tão simples” converteu-se, mais tarde, “n’umas armas tão emburiladas e complexas” (p. 85) – as “armas da Covilhan” (Figura 2).

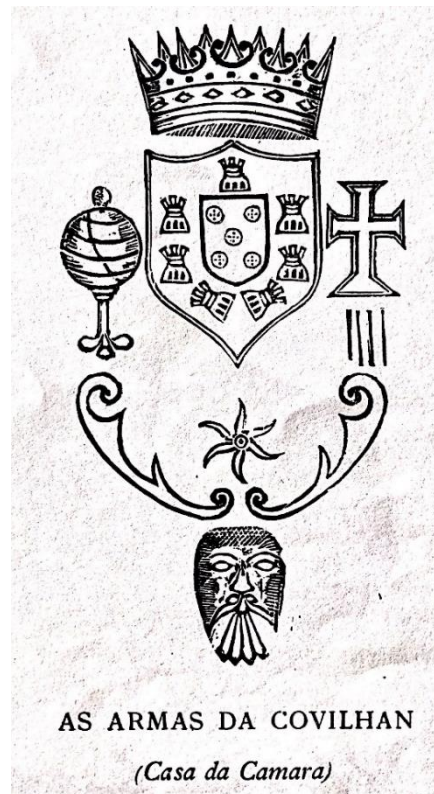


Figura 2. As armas da Covilhã. Fonte: Quintella (1899).

Quintella (1899) apresenta uma breve descrição das mesmas:

Compõem-se de um escudo encimado por uma côroa duçal, na parte superior e no centro o escudo das armas reaes de Portugal; á esquerdo (do espectador) a esfera armilhar; á direita a cruz da Ordem de Christo pendendo-lhe da aspa vertical quatro fitas; inferiormente ás armas reaes uma estrella; duas silvas que sahem da parte inferior do escudo envolvem de um e outro lado d'elle todos os emblemas, e pendente, afinal de tudo isto, um rosto humano de grande bigode e pera. (pp. 84-85).

O autor exprime que a cruz de Cristo seja uma forma de condecoração aos serviços prestados pelos cavaleiros da Ordem de Cristo; que a “esfera terrestre composta [por] meridianos paralelos e eclíptica” se deva às várias conquistas portuguesas um pouco por todo o mundo, especialmente desde o tempo dos cristãos; que “o rosto humano” seja efetivamente a cabeça de D. Julião; a coroa seja alusiva ao rei D. Sancho I ou de D. Manuel; e, finalmente, as duas ramificações acima da cabeça humana sejam a

representação da Serra da Estrela, cujos traços bicudos representam as irregularidades e os pontos altos da montanha.

Não se sabe se existiram outros formatos do brasão. Desta forma, de seguida apresentam-se o atual brasão da cidade da Covilhã (Figura 3) e a respetiva bandeira (Figura 4).



Figura 3. Brasão atual da cidade da Covilhã. Fonte: Câmara Municipal da Covilhã.



Figura 4. Bandeira da Covilhã. Fonte: Câmara Municipal da Covilhã.

No documento "História da Heráldica" apresentado por Dornellas (1934) à Comissão de Heráldica da Associação dos Arqueólogos Portugueses aprovado em Sintra, em setembro de 1934, o próprio explica que os emblemas previamente apresentados "não são privativos da Covilhã, nem de qualquer das muitas outras povoações que tiveram foral idêntico e que mandaram esculpir exactamente os mesmos emblemas aos edifícios municipais" e que apenas apresentam "referências à história e à vida locais, não podendo, por forma alguma, adoptar emblemas que não lhe pertencem" (Dornellas, 1934, s.p.). E explica:

Por exemplo: a coroa de conde não pode ser utilizada como emblema municipal, porque é um emblema pessoal. Não pode usar os ramos de louro e de carvalho ou quaisquer outros, acompanhando as armas, porque só as Armas Nacionais, quando utilizadas em selos ou quando assentes em bandeiras militares, podem usar esses ramos. Não pode usar as armas esquarteladas, porque essas divisões só podem indicar as diferentes gerações ascendentes de quem as usa. O esquartelado é portanto da heráldica de família e não da família de domínio. Não pode usar as Armas Nacionais, pois essas são do Estado e não de uma Câmara Municipal. (...) Não pode usar a Cruz de Christo nem a Esfera Armilar, por não haver razão para isso, visto que são emblemas oficiais. (...) Mas, afinal, estamos a prender-nos com casos problemáticos que não passam de insignificantes ninharias perante o grande valor da Covilhã, da sua alta importância industrial, a grande riqueza com que esta cidade entra nos verdadeiros valores nacionais. (s.p.)

Contudo, Dornellas (1934) admite que antigamente se pudessem ter aproveitado símbolos como "prova" do que aconteceu na Covilhã, "quando ainda não havia factos de valor para ordenar as armas

municipais". Porém, "a Covilhã desenvolveu-se extraordinariamente, evolucionou os seus valores com tanto patriotismo e com tal energia e actividade, que as suas armas deviam ter também evolucionado, acompanhando o seu brilhante progresso" (Dornellas, 1934, s.p.). Desta forma, nasceram as novas Armas da Cidade da Covilhã, com regras estabelecidas pelo Ministério do Interior:

**ARMAS** - De azul com uma estrela de seis raios de prata carregada por um rodízio de vermelho realçado de ouro posta em pala. Em chefe e contra chefe, uma faixa ondada de prata. Coroa mural de cinco torres de prata. Listel branco com os dizeres "Cidade da Covilhã" a negro. Envolvendo o pé e flancos das Armas, as insígnias das Ordens de Cristo e do Mérito Industrial, suspensas das fitas, tudo de suas cores.

**BANDEIRA** - Quarteada de quatro peças de branco e quatro peças de vermelho. Cordões e borlas de prata e de vermelho. Haste e lança douradas.

**SELO** - circular, tendo ao centro as peças das armas sem indicação dos esmaltes e em volta, dentro de círculos concêntricos, os dizeres "Câmara Municipal da Covilhã". Envolvendo o selo, as fitas das Ordens de Cristo e do Mérito Industrial suspendendo as respetivas insígnias.

Como as principais peças das Armas são a estrela e o rodízio, a bandeira é branca (que representa a prata) e vermelha. Para cortejos e outras cerimónias a bandeira é de seda, bordada e com a área de um metro quadrado. A coroa mural de cinco torres e a bandeira quartejada de oito peças, é o que está determinado para simbolizar as cidades.

O campo das Armas da Covilhã é de há muitos anos esmaltado de azul, cor que heraldicamente significa zelo, caridade e lealdade.

A estrela e os raios são de prata porque este metal na heráldica, denota humildade e riqueza.

O rodízio é de vermelho, porque este esmalte significa vitórias, força, energia, actividade e vida. O rodízio é realçado de ouro por ser este o metal mais rico na heráldica e que significa nobreza, fé, fidelidade, constância, poder e liberdade.

Com estas peças e com estes esmaltes ficam realçadas e dignificadas a história da Covilhã e a índole dos seus naturais. (Dornellas, 1934, s.p.)

Esta ordenação foi remetida à Direção Geral da Administração Política e Civil do Ministério do Interior e posteriormente publicada no Diário do Governo nº 201, I Série de 29/08/1941.

## 2.4. O logótipo

Na celebração do 144º Aniversário da elevação da Covilhã a cidade em Assembleia Municipal, o atual Presidente da Câmara Municipal da Covilhã, Dr. Vítor Pereira, apresentou a nova imagem gráfica da cidade (Figura 5). O ano de 2014 marca a implementação do novo símbolo da autarquia, desenhado por Ana Gonçalves, designer e ex-aluna da UBI na mesma área de estudos.



**Figura 5.** Logótipo atual da cidade da Covilhã. Fonte: Manual de Normas Gráficas, Câmara Municipal da Covilhã

Este representa o tafetá, um tecido feito de seda, lã ou sintético trançado, como referência aos tempos prósperos da indústria têxtil que se viveram na Covilhã. Já o slogan, remete para a ideia de que a história da cidade se construiu (e continuará a construir-se) sempre com muito trabalho, perseverança e dedicação, características indissociáveis ao ato de tecer um tecido. O Manual de Normas Gráficas (Anexo C) elucida-nos com clareza sobre o seu significado:

O logótipo tem como premissa a importância da actividade têxtil neste município. (...) O símbolo é composto por elemento gráfico e lettering. O elemento gráfico representa a mais básica estrutura de tecelagem, o tafetá. À sua representação gráfica foi-lhe conferido movimento, representado a evolução e o dinamismo inerente à cidade da Covilhã. Num tecido, todos os fios são fundamentais para que a sua estrutura não seja frágil, estando todos interligados, e entrelaçados, formando um todo. Também esta ideia está inerente no símbolo. Além de estar representado através de estrutura, está também presente através das diversas cores que compõem a mesma. Para o lettering foi escolhida uma fonte não serifada, forte e com uma marcação muito vertical, representando as gentes deste município, que foram pilares fundamentais na construção e desenvolvimento desta terra, gentes rectas e sérias. O slogan tem como pretensão dar ideia do que foi passado para as novas gerações, com suor e muito trabalho. Porque para construir algo de base é necessário muito esforço, interajuda e humildade. Esta construção está intrínseca no acto de tecer um tecido. Como esta simples tarefa construiu um futuro risonho a muitas famílias, o empenho, a ajuda e a ligação entre as várias valências e competências existentes no município "tecem" o que será o futuro. (Manual de Normas Gráficas, Câmara Municipal da Covilhã, 2014, s.p.)

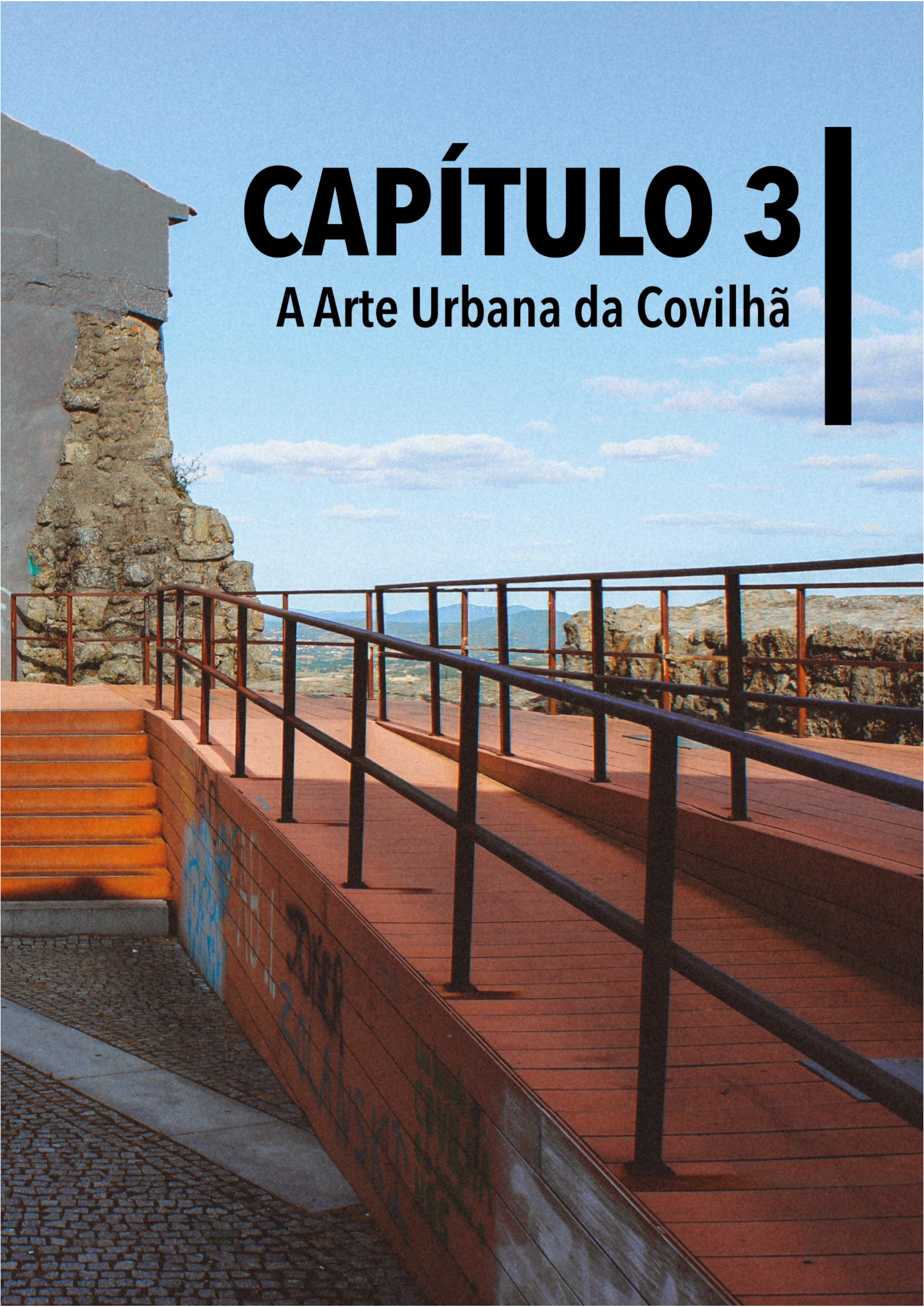




Fotografia da autoria de Rita Gomes

# CAPÍTULO 3

A Arte Urbana da Covilhã





### CAPÍTULO III

*“Quando vais a um museu, és um simples turista a olhar para a coleção de troféus de alguns milionários”.*

– BANKSY (no documentário “Saving Banksy”)

## 3. A arte urbana da Covilhã

### 3.1. A Arte Nova

O principal tema desta dissertação é a arte urbana existente nas ruas recônditas da Covilhã. No entanto, esta cidade não se encontrava completamente despida de arte antes do nascimento do festival WOOL. Com a continuidade da investigação, percebeu-se que uma forma de arte mais antiga fazia parte (e ainda faz) do vasto património cultural da cidade – a Arte Nova. Como a apresentação detalhada desta corrente estética que surgiu na Europa nos finais do séc. XIX (Câmara Municipal da Covilhã, Parte I, 2014) não é objetivo primordial desta dissertação, uma breve descrição da mesma deverá ser o suficiente.

Apesar de em Portugal ter ficado conhecida como “Arte Nova”, o termo original surgiu em Paris – “Art Nouveau” – e foi considerada a grande impulsionadora do surgimento do “design” (Câmara Municipal da Covilhã, Parte I, 2014). Disseminou-se pela Europa e, inclusive, pisou o chão de terras americanas, adquirindo “diferentes designações e características próprias, dependentes da contribuição específica de cada local e de cada cultura” (Câmara Municipal da Covilhã, Parte I, 2014, p. 8). Caracteriza-se como uma arte que recorre frequentemente a elementos da natureza (mais concretamente flores, aves e insetos) e a figuras femininas para invocar a sensualidade, valorizando a assimetria e o ritmo, através da utilização de linhas curvas geralmente geométricas, elementos estes que fazem com que seja fácil identificar uma peça de Arte Nova quando nos é apresentada. De uma forma geral, este tipo de arte é tida como uma arte decorativa, estando, por isso, presente em joalheria, mobiliário, no ferro, vidro, cerâmica, azulejaria e têxteis. Em Portugal, este estilo também se estendeu à ourivesaria e artes gráficas, mas foi na azulejaria que encontrou a sua força. Prova disso são as várias fachadas de prédios, muros e interiores de casas e lojas cobertas de fantásticos azulejos em várias cidades portuguesas. Um nome que ficou muito conhecido nesta vertente artística foi Rafael Bordalo Pinheiro que se dedicou à produção de azulejos, sendo uma marca de referência nacional no âmbito das cerâmicas – “Bordallo Pinheiro”. Na Covilhã encontram-se apontamentos de Arte Nova um pouco por toda a cidade, seja em grades de ferro, em vitrais que decoram janelas e interiores de moradias, como também em grandes painéis de azulejos geométricos (Câmara Municipal da Covilhã, Parte I, 2014). Edifícios simbólicos da cidade como é “o Palacete Jardim, o Club

União, o Colégio Moderno, a Agência do Banco Comercial Português (...) ou a Empresa Transformadora de Lãs [entre outros] são maioritariamente representativos da Arte Nova" (Câmara Municipal da Covilhã, Parte II, 2014, p. 11).

Como tenho vindo a referir, o WOOL é um festival pioneiro de arte urbana em Portugal que nasceu naquela que é considerada a metrópole da Beira Interior – a Covilhã. Se em Portugal, por esta altura, a arte urbana estava a começar a ganhar contornos legais com alguns murais autorizados principalmente na região de Lisboa (Rodrigues, 2018), na Covilhã, a carência de olhares valorativos, apoios institucionais e mesmo até de murais de arte urbana, era ainda maior. Na verdade, a Covilhã não tinha qualquer historial de *graffiti*; era uma cidade virgem relativamente a este tipo de expressão artística, sendo que a única técnica possível de observar com mais frequência era o *stencil* (Lara Seixo Rodrigues em entrevista, 27/06/2019). No entanto, tal como refere Campos (2017):

Integrar a arte urbana como sendo algo de interesse público implica que esta possa ser tomada como um património da cidade. Ou seja, são os poderes públicos, mas também as diversas iniciativas privadas, a criar condições para que estas manifestações pictóricas assumam um papel de relevo na regeneração e promoção do espaço público urbano, desta forma validando-as enquanto arte pública. (pp. 3-4)

Tal como indica o autor na citação anterior, elevar a arte urbana a arte pública (e quiçá a património cultural) depende de esforços que muitas vezes partem de iniciativas privadas para que essa visão seja também alcançada e partilhada, posteriormente, pelos poderes públicos. Foi desta forma que nasceu o WOOL: pelas próprias mãos de Lara Seixo Rodrigues, Pedro Seixo Rodrigues e Elisabet Carceller, três pessoas que conseguiram reconfigurar as ruas da Covilhã e com isso, também despertar o interesse para o interior de Portugal.

### 3.2. Projeto WOOL – Festival de Arte Urbana da Covilhã

O WOOL é o Festival de Arte Urbana da Covilhã que resulta da fusão de duas paixões: a cidade da Covilhã e a arte urbana e *graffiti*, partilhadas não só pelos irmãos Lara Seixo Rodrigues e Pedro Seixo Rodrigues, arquitetos e covilhanenses de gema, como também por Elisabet Carceller, esposa de Pedro Seixo Rodrigues e apaixonada por História da Arte, que em conjunto com os dois irmãos, deram vida a este projeto pioneiro em Portugal. Movidos pelo amor e pelo desejo de provocar um novo interesse pelo interior do país (em especial pela cidade da Covilhã), o WOOL foi a forma que os fundadores encontraram para "trazer cultura, [e] arte, a todos (...)" (Lara Seixo Rodrigues em entrevista, 27/06/2019, Apêndice 11, p. 267). Desde o seu nascimento em 2011 que o WOOL tem contado a história da Cidade Neve aos seus visitantes através da linguagem artística de vários artistas nacionais e internacionais.

O projeto foi germinando e os objetivos na criação deste festival tornaram-se bastante claros e específicos. Segundo Rodrigues (2018) em "WOOL – Covilhã Arte Urbana, Um Olhar Sobre o Festival":

O WOOL tem por **objetivos principais**:

- Trazer a esta cidade do interior de Portugal alguns dos artistas urbanos mais conceituados a nível nacional e internacional, de modo a dinamizar a oferta cultural da cidade e da região, promovendo a descentralização e a correção de assimetrias regionais;
- Fomentar, promover e valorizar esta disciplina artística contemporânea que, a partir de diferentes técnicas, utiliza como suporte para as suas criações o espaço público, democratizando o acesso à arte;
- Associar esta atividade de criação artística a propostas educativas, de formação, de participação e de partilha, de modo a incentivar a qualificação e a coesão dos cidadãos.

Tem por **objetivos secundários**:

- Requalificar os espaços intervencionados (fachadas de prédios devolutos, empenas, muros de suporte, etc.), melhorando esteticamente a envolvente e dando nova vida à paisagem urbana;
- Dotar a cidade e a região de uma programação periódica relacionada com esta manifestação artística;
- Proporcionar, com cada nova edição, a criação de um roteiro de arte urbana na cidade, acrescentando outro ponto de interesse turístico à mesma;
- Documentar e divulgar, nacional e internacionalmente, todas as intervenções do WOOL, fomentando progressivamente a associação da Covilhã a uma cidade de arte urbana. (p. 150)

No que diz respeito ao público-alvo, o mesmo engloba jovens e adultos dos 12 aos 40 anos, sendo que o *target* principal é a comunidade pré-universitária e universitária existente na cidade.

Quando se desenha um festival por intermédio de iniciativas particulares, tal como é o caso do WOOL, é necessário um financiamento que "faça acontecer". Foi assim que nos finais de 2010 os criadores do WOOL oficializaram as ideias do projeto ao candidatarem-se aos apoios a projetos pontuais da Direção Geral das Artes (DGARTES):

Então, o que fizemos foi: desenhámos aquilo que nos parecia um projeto interessante nesta área, preenchemos a candidatura dos apoios pontuais da DGARTES em 2011...ganhámos. Não sei se ainda é, mas na altura era imensa papelada que tinha que se preencher. Tinhas que, inclusivamente, dizer o número de *flyers* que vais ter na cidade, o número de cartazes que vais ter na cidade, a capacidade de envolvimento de todas as atividades, portanto era mesmo muita coisa. (...) E então decidimos trazer quatro artistas – dois portugueses e dois estrangeiros –, mas cada um vinha à cidade uma vez por mês e ficavam uma semana e durante essa semana faziam um mural e uma atividade paralela, em que a atividade paralela podia ser uma palestra ou podia ser um workshop. (...) Nós ganhámos o financiamento, fomos umas das primeiras dez propostas, porque eles só financiavam até aos dez primeiros, entre 200 e tal. Para além disso, depois tu tinhas de arranjar um valor extra, um patrocínio extra e foi quando nós fomos à Câmara e apresentámos o projeto e lhes dissemos "temos este financiamento, falta muito pouco, precisamos de arranjar outro extra" e eles disseram que suportavam, obviamente. E foi assim que aconteceu a primeira edição do WOOL, primeiro festival de arte urbana em Portugal. (Lara Seixo Rodrigues em entrevista, 27/06/2019, Apêndice 11, pp. 267-268)

Conseguida a 8ª posição na referente candidatura (Rodrigues, 2018), estavam instaladas as condições para o sucesso.

Claramente que o nome do festival e a sua representação imagética também foram essenciais para a sua distinção. "WOOL" remete, simultaneamente, para dois significados: por um lado, a sua tradução para o português "lã" reforça a ligação da Covilhã com a indústria dos lanifícios; por outro lado,

faz uma “referência dissimulada às paredes (no inglês, “walls”), que se assumem como suporte primordial para intervenções de arte urbana” (Rodrigues, 2018, p. 148). Além disso, ainda segundo o mesmo autor, batizar o festival com o termo inglês “WOOL” foi propositado, acreditando num prisma de internacionalização e maior facilidade de propagação fora de Portugal. Já o logótipo original do festival manteve-se praticamente fiel à primeira versão, tendo sido apenas alterado na sua assinatura: de “Festival de Arte Urbana da Covilhã” (Figura 6) passou para a versão simplista “Covilhã Arte Urbana” (Figura 7).



Figura 6. Primeira versão do logótipo do festival WOOL.



Figura 7. Versão atual do logótipo do festival WOOL.

### 3.2.1. De 2011 a 2019: as seis edições do WOOL

Da primeira à sexta edição, o WOOL manteve-se fiel às suas premissas originais: trazer artistas urbanos portugueses de elevada qualidade à cidade, assim como artistas internacionais de renome, sempre que possível; trabalhar em edifícios degradados, maioritariamente localizados no chamado centro histórico da cidade, com vista à sua requalificação e uma melhoria do bem-estar dos seus moradores; e criar intervenções murais *site-specific*, isto é, especialmente desenhados para a Covilhã, onde a técnica e criatividade do artista urbano se une com a história ou elementos da cidade e/ou região (Rodrigues, 2018, p. 149).

Tudo começou em outubro de 2011, com a primeira edição a acontecer até março de 2012. Os artistas convidados foram a dupla portuguesa ARM Collective<sup>48</sup>, o português reconhecido internacionalmente Alexandre Farto conhecido como VHILS, o artista francês JR do projeto global “Inside Out Project” e ainda a artista BTOY de Barcelona. Ao contrário das edições seguintes, na estreia do festival a Covilhã recebeu um artista por mês, sendo que a pintura mural era complementada com uma atividade

---

<sup>48</sup> O ARM Collective é uma dupla constituída pelos artistas portugueses Miguel Caeiro conhecido como RAM e Gonçalo Ribeiro conhecido como MAR.

paralela, como um workshop ou uma palestra. Os ARM Collective, por exemplo, decidiram fazer uma visita guiada à própria peça (Lara Seixo Rodrigues em entrevista, 26/07/2019, Apêndice 11, p. 268).

Apesar de ter sido remetida uma nova candidatura em 2012 aos apoios pontuais da DGARTES, o WOOL não obteve a classificação suficiente para conseguir o financiamento que necessitavam para realizar a tão desejada segunda edição. Contudo, segundo os irmãos Rodrigues, avançaram com uma única intervenção artística levada a cabo pelo artista urbano de Barcelona Marc Altafulla conhecido como KRAM, evento que se denominou por "Extra WOOL". Lara Seixo Rodrigues sublinha que esta intervenção foi possível devido à poupança que haviam feito da edição anterior.

Em 2013, as candidaturas da DGARTES não abriram, pelo que o festival não se realizou mais uma vez. A esta altura, a organização percebeu que corria o risco de o festival cair no esquecimento pela impossibilidade de criar o hábito da sua existência, ano após ano, na cidade da Covilhã. Por esta razão, decidiram começar a "realizar atividades ligadas à arte urbana fora da Covilhã, mas tendo o cuidado de colocar sempre a marca WOOL, ou como parte integrante do nome do evento ou nos campos de parceiro/organizador da atividade, conforme o caso." (Rodrigues, 2018, p. 151). Foi assim que surgiu o "WOOL on TOUR", o "LATA 65", a associação do festival a variados workshops na região da Beira Interior, a curadoria e produção de murais em eventos como o Festival *Fusing Culture Experience* (Figueira da Foz), Festival CALE (Fundão) e o projeto "TOUR PARIS 13"<sup>49</sup>, assim como a participação em palestras, conferências e atividades em instituições académicas em Lisboa, Porto e Covilhã (Rodrigues, 2018). Lara Seixo Rodrigues reforça:

E eu acho que aqui percebe-se este nosso amor à camisola, literalmente, de não quereremos morrer. Por exemplo, nós percebemos da primeira vez que fizemos em 2011 e depois por não termos feito durante dois anos, nós passávamos pelo centro histórico e as pessoas perguntavam-nos quando é que voltávamos a pintar, porque tinham saudades daquela agitação e de trazer mais cor ao centro histórico. (Entrevista realizada a 26/07/2019, Apêndice 11, p. 269)

Rodrigues (2018) afirma que foi devido a essa envolvimento em projetos paralelos que fez com que o WOOL se tornasse numa marca conhecida:

Após o percurso relatado, torna-se evidente que, desde 2011, a nossa experiência e os nossos conhecimentos relativos à arte urbana foram crescendo exponencialmente. O WOOL tornou-se um nome/marca conhecido e respeitado no mundo da arte urbana (artistas, galeristas, apreciadores), sinónimo de profissionalismo no que diz respeito a organização, de valorização do trabalho dos artistas e de boa divulgação do projeto, três eixos essenciais para o sucesso de qualquer projeto. (pp. 153-154)

---

<sup>49</sup> A investigadora destaca o projeto "TOUR PARIS 13" com organização da Galerie Itinerrance pela visibilidade que teve ao nível dos *media* nacionais e internacionais e por demonstrar a essência desta arte: a paixão que se tem por esta expressão artística, mesmo que um dia desapareça. O projeto consistiu na junção de mais de 100 artistas urbanos, dos quais 11 eram portugueses, selecionados por Lara Seixo Rodrigues para então pintarem um prédio abandonado com nove andares, antes de ser completamente demolido.

Sem nunca baixarem os braços, foi então que em 2014, após nova abertura das candidaturas da DGARTES, os responsáveis do WOOL conseguiram novo financiamento. Desta vez, o objetivo era trabalhar apenas com artistas portugueses e promover a arte portuguesa (Lara Seixo Rodrigues em entrevista, 26/07/2019, Apêndice 11, p. 268) e, portanto, os convidados para esta segunda edição, intitulada de "WOOL on Residence"<sup>50</sup>, foram: Artur Bordalo conhecido como BORDALO II, TAMARA ALVES, Diogo Machado conhecido como ADD FUEL e MR. DHEO (não revela nome verdadeiro). No mesmo ano, o artista Miguel Januário conhecido como ±MAISMENOS± e a artista Luísa Cortesão conhecida como L\* is not an artist (cujo contributo foi importante no que diz respeito ao projeto LATA 65), também estiveram presentes na Covilhã para deixar a sua marca.

Novamente, no ano de 2015 o WOOL não conseguiu o financiamento pela DGARTES, mas puderam contar com as verbas da Câmara Municipal da Covilhã e com as economias restantes do ano anterior. Nesta terceira edição, a Covilhã teve a honra de presenciar os trabalhos dos artistas António Correia conhecido como Pantónio e João Samina conhecido como SAMINA (Rodrigues, 2018).

Em 2016, Lara Seixo Rodrigues afirma que apesar de terem tudo preparado para a quarta edição, foi forçada a cancelar o festival, novamente por falta de apoios financeiros (incluindo da autarquia covilhanense). Seguiram-se reuniões com a mesma entidade, ficando decidido em assembleia municipal um apoio ao festival WOOL durante os três anos seguintes (2017, 2018 e 2019), com o formato que, na opinião de Lara, "funciona" – dois artistas portugueses e dois estrangeiros, a atuarem em simultâneo, incluindo atividades paralelas, como workshops, exposições, filmes, palestras e visitas guiadas.

Por isso, em 2017<sup>51</sup>, na sua quarta edição, a Covilhã recebeu os portugueses HALFSTUDIO (grupo constituído por Mariana Branco e Emanuel Barreira) e Nuno Palhas conhecido como Third, e ainda os internacionais Doa Ocampo conhecida como Doa Oa da Galiza e Francisco Bosoletti conhecido como BOSOLETTI da Argentina. Neste ano, a camada populacional mais velha da Covilhã também fez parte do cartaz artístico, com uma intervenção através do LATA 65 numa das paredes da cidade.

Posteriormente, Ana Martins conhecida como AHENEAH, Frederico Draw conhecido como DRAW e os estrangeiros ROC BLACKBLOCK e Pastel (não revelam nome real), deixaram a sua marca na cidade da Beira Interior em 2018, naquela que já era a quinta edição<sup>52</sup>.

---

<sup>50</sup> Notícia da RTP1 da segunda edição em 2014 disponível em <https://vimeo.com/110874702>

<sup>51</sup> Vídeo oficial Festival WOOL 2017 disponível em <https://vimeo.com/222974180>

<sup>52</sup> Vídeo oficial Festival WOOL 2018 disponível em <https://vimeo.com/278843588>

Em junho de 2019, a última e sexta edição<sup>53</sup> realizada e também a última do orçamento trienal disponibilizado pela Câmara Municipal da Covilhã ao WOOL, os covilhanenses presenciaram obras dos portugueses Mário Belém e Ângela Ferreira conhecida como KRUELLA D'ENFER e, tal como nos outros anos, de dois outros artistas internacionais, Sebastián Velasco conhecido como SEBAS VELASCO natural de Espanha e Douglas Pereira do Brasil. Sem nunca esquecer todas as outras atividades paralelas que a organização faz questão de incluir na programação anual do festival para envolver ao máximo a população e visitantes.

Oito anos decorridos desde a primeira edição do WOOL, existem ao todo 28 intervenções murais "oficiais" e "não-oficiais" na Covilhã, sendo que duas já estão extintas (VHILS e JR), às quais se somam outras nove de pequeno formato. Todas juntas, traduzem-se num verdadeiro roteiro de arte urbana que permite conhecer a zona histórica e a história da Covilhã através da arte, seja a pé ou de carro – no Apêndice 12 (p. 290) está disponível a caracterização de todas as intervenções do WOOL num quadro-resumo. Esta é, efetivamente, uma mais-valia do ponto de vista turístico e que até já é o principal motivo de muitas pessoas visitarem a Covilhã:

Acho que é a cidade mais colorida do interior neste momento e pronto, temos aqui a Serra da Estrela e cada vez mais o WOOL assume-se como um ponto de interesse e tenho turistas inclusivamente que já vieram cá propositadamente para ver as obras! (...) como elemento diferenciador de todas as cidades que estão à nossa volta, que estão todas nesta região turística, acho que o WOOL é a marca que mais força tem e que melhor promove a cidade e que mais longe leva o nome da Covilhã. Disso não tenho dúvidas absolutamente nenhuma, porque são vários os artistas e jornalistas que vêm à Covilhã única e exclusivamente para apreciar as artes e depois sim, descobrem a Serra da Estrela. (Entrevista a Jaime Rendeiro, gestor do restaurante e unidade de alojamento turístico da Covilhã "Casa das Muralhas", 07/06/2019, Apêndice 10, p. 212)

No que diz respeito aos apoios, o WOOL também conta com variadas parcerias, como: Câmara Municipal da Covilhã, Turismo Centro de Portugal/ARPT Centro, A Tentadora, CIN, Grupo IMB Natura (que inclui o Puralã - Wool Valley Hotel & SPA e Sport Hotel GYM & SPA), Universidade da Beira Interior, Guardiões da Serra da Estrela, Bombeiros Voluntários da Covilhã, Águas da Covilhã, Montana Colors, Taberna A Laranjinha, Casa das Muralhas, Casa com História, Varanda da Estrela, Simply Sugar, Arroba Tapas & Wine Bar, New Hand Lab – Covilhã, Museu de Lanifícios, Retrosaria, Repleto De Magia, Graph&co Design de Comunicação, Kraxas, BEIRA SERRA - Associação de Desenvolvimento, Burel Mountain Originals, ASTA - Teatro e Outras Artes, Le Non-Lieu e At Covilhã. Lara Seixo Rodrigues salienta a importância de todas as parcerias para que o evento se realize: "seria impossível o WOOL acontecer se

---

<sup>53</sup>Vídeo oficial Festival WOOL 2019 disponível em <https://vimeo.com/348026402>

realmente *n* empresas não se associassem a nós” (Lara Seixo Rodrigues em entrevista, 27/06/2019, Apêndice 11, p. 269).

### 3.2.2. Reconhecimento público e mediático

Importa mencionar os prémios que oficializam o reconhecimento nacional e internacional do WOOL. A intervenção de BORDALO II em 2014, o famoso mocho, “foi considerada (...) uma das 25 melhores paredes (...) realizadas em todo o Mundo.” (Rodrigues, 2018, p. 154) e em 2017 o feito repetese com a peça de BOSOLETTI a ser considerada como a sexta melhor do mundo (Lara Seixo Rodrigues em entrevista, 27/06/2019, Apêndice 11, p. 272). Em 2016, a Revista Gerador atribuiu o Juízo Gerador Honroso “Na Tua Rua” (Anexo E) ao WOOL por “utilizar diversas paredes desta cidade como suporte para intervenções de artistas urbanos de todo o mundo”, segundo consta na publicação<sup>54</sup> da página oficial de Facebook do festival covilhanense. Já em 2017, o WOOL recebeu o selo de “Remarkable Festival 2017-2018” da comunidade de festivais EFFE (Associação Europeia de Festivais – EFA) e novamente em 2019-2020, afirmando assim a qualidade artística e o impacto significativo do festival a nível local, nacional e internacional:

É considerado pelos especialistas uma abordagem ponderada ao património industrial da região: celebra-o e dá-lhe um novo significado e um novo valor num contexto pós-industrial. Trabalhando em pequena escala, este festival já demonstrou potencial artístico e de envolvimento com a comunidade. No entanto, os especialistas sugerem um maior desenvolvimento para o envolvimento europeu e internacional. (Selo EFFE 2017-2018, Anexo E, p. 304).

Para além destas menções honrosas, o CDS-PP municipal atribuiu em 2018 um voto de louvor e incentivo ao WOOL pela “verdadeira reabilitação urbana do nosso centro histórico” e pela “enorme projeção à cidade” da Covilhã. Também no mesmo ano, no dia de festejo do 143º aniversário dos Bombeiros Voluntários da Covilhã, o WOOL recebeu um diploma (Anexo E) “de amizade, de reconhecimento do gesto e do trabalho” que é desenvolvido na cidade pela organização. No Google Art Project podemos navegar por todas as paredes do WOOL, à distância de um clique.

Graças a todas estas distinções e claro, ao trabalho e persistência da organização, o WOOL e a Covilhã atraíram um grande impacto mediático e projeção a nível mundial. Prova disso são os relatórios de avaliação do impacto mediático (Tabela 1) da Mistaker Maker elaborados pela empresa Cision em 2016,

---

<sup>54</sup> Publicação na página de Facebook do WOOL sobre a atribuição do Juízo Gerador Honroso “Na Tua Rua” pela Revista Gerador disponível em <https://www.facebook.com/woolfest/photos/a.255240394524262/1140302796018013/?type=3&theater> consultado a 10 de novembro de 2019.

2017 e 2018, com a apresentação do número de notícias, do número total de impressões produzidas (*outreach*) e valor AVE<sup>55</sup> (em euros).

WOOL	2016		2017		2018	
	Nacional	Internacional	Nacional	Internacional	Nacional	Internacional
<b>Notícias</b>	48	x	120	24	70	13
<b>Outreach</b>	7.853,997	x	4.888,040	958,580	3.151,388	10.654,758
<b>AVE (€)</b>	185,798 €	x	109,403 €	26,252 €	423,761 €	50,857 €

**Tabela 1.** Impacto mediático do WOOL - Festival de Arte Urbana da Covilhã respeitante a 2016, 2017 e 2018 (Fonte: Cision para a Mistaker Maker)

Como se pode verificar na tabela apresentada, em 2016, apesar de o relatório não apresentar dados a nível internacional, já demonstrava relevância no panorama nacional. Contudo, entre os três anos analisados foi o de 2017 que se destacou no número de notícias produzidas, apresentando um total de 144 (nacional e internacional), que segundo a Cision salientam o fator de transformação da cidade “na capital portuguesa de arte urbana” (Relatório Cision 2017 para a Mistaker Maker, p. 3). Este número contrasta com 83 notícias totais produzidas em 2018, em ambos os contextos. Porém, foi no ano de 2018 que se registou um maior número de impressões junto da audiência internacional (10.654,758), perfazendo um total de 474,618 em *outreach* nacional e internacional, apesar de o número de notícias produzidas a nível nacional e internacional ter sido menor comparativamente com 2017. Relativamente ao impacto em valor monetário (AVE), este alcançou maior relevância a nível nacional em 2018, o que segundo a Cision se deve, sobretudo, à reportagem “‘Street art’: Covilhã mais parece uma galeria de arte a céu aberto” apresentada no Jornal das 8 da TVI em pleno horário nobre. Apesar de ainda não terem sido revelados os dados do ano que agora decorre, Lara Seixo Rodrigues afirma que sentiu um maior impacto e visibilidade quer pela população local, como por visitantes, na sexta edição do festival decorrida de 1 a 10 de junho de 2019:

Nós estávamos n’A Tentadora, no nosso quartel general como gostamos de lhe chamar e tivemos visitas da Grécia, de Sevilha, da Austrália...e todos vieram especificamente ao centro histórico, porque sabiam que existia um circuito de arte urbana. E isso...lá está, claramente não sou eu a dizer e a afirmar sem factos, mas os factos existem e creio que a partir deste ano ainda se vai notar mais por causa da localização das peças. O facto de termos saído ligeiramente do centro histórico, que quer se queira quer não, a Câmara Municipal da Covilhã bloqueia essa visita, não te convida a subir, e o facto de este ano termos saído para além dessa linha teve logo um impacto enorme. As nossas redes sociais nunca tiveram tanto *buzz* como tiveram este ano precisamente porque sentimos isso. A localização das peças está muito mais exposta e muita gente que ainda nem sequer sabia que existia, passaram a saber claramente que existia. (Entrevista realizada a 26/07/2019, Apêndice 11, p. 271)

<sup>55</sup> Segundo a Cision é o “impacto calculado com base na determinação do valor monetário das notícias. O valor monetário tem como base o custo publicitário de cada meio. A fonte de cálculo são as tabelas de publicidade dos meios.”

Passados oito anos, Lara Seixo Rodrigues garante que os objetivos do festival estão a ser cumpridos, quer seja o despertar da população para a cultura (como o aumento do número de pessoas que visita o centro histórico da Covilhã), quer a nível de reconhecimento nacional e internacional (o que potencia a promoção da cidade), como ao nível da requalificação da cidade, mesmo que a degradação da parte histórica continue, em parte, a existir.

O que está reservado ao WOOL só o futuro o dirá (Lara Seixo Rodrigues em entrevista, 26/07/2019). A única promessa que a organização consegue assegurar é o trabalho, a dedicação e o comprometimento para com o WOOL, de forma a que se mantenha um festival anual. Até lá, o festival já conta com centenas de menções nos *media* nacionais e internacionais, entre os quais destaco: Jornal Diário de Notícias, Jornal Público, Revista Shifter, Revista Cristina, Visão Sete, RTP, TVI e SIC a nível nacional; e o Daily Mail (Reino Unido), Street Art United States (Boston, EUA), Street Art News (Londres, Reino Unido), Mooiste Stedentrips (Países Baixos) a nível internacional.

### 3.3. LATA 65 – Workshop de Arte Urbana para Idosos

O LATA 65 é um workshop de Arte Urbana para idosos que consiste, tal como o próprio nome indica, na junção de um grupo de pessoas que já atingiram a idade da reforma a aprenderem e colocarem em prática técnicas de arte urbana, intervencionando literalmente numa parede pública de uma cidade. Iguamente ao WOOL, também o LATA 65 é um projeto pioneiro a nível mundial que já levou centenas de idosos pintar para as ruas, em plena luz do dia.

É importante abordar o LATA 65 nesta dissertação, por ser um projeto de Lara Seixo Rodrigues e por desde 2012 impactar positivamente a vida de idosos através da arte urbana em todo o mundo, incluindo a cidade da Covilhã. Perceber a forma como este projeto interfere na vida dos seus participantes é fundamental para enquadrar a Covilhã como uma marca-cidade.

Segundo Lara Seixo Rodrigues, o LATA 65 nasceu através das vivências diárias aquando da realização das intervenções do WOOL na Cidade Neve. A curadora e produtora de eventos independentes apercebeu-se que apesar do WOOL ter como público-alvo os jovens universitários, não foi destes que conseguiram a maior atenção no momento das intervenções murais. Efetivamente, eram os mais velhos que mais acompanhavam de perto os artistas, mais se interessavam e “quem fazia o tipo de perguntas mais interessantes” (Lara Seixo Rodrigues em entrevista, 26/07/2019, Apêndice 11, p. 278). Simultaneamente, com o observar do crescente envelhecimento generalizado das populações, Lara

decidiu atuar e contribuir positivamente para o seu bem-estar através da criação do projeto social e comunitário *pro bono*, o LATA 65. Assim, registam-se os seguintes objetivos na criação do projeto:

1. Provar que conceitos como “envelhecimento ativo” e solidariedade entre gerações fazem a cada dia mais sentido;
2. Demonstrar que a Arte Urbana tem o poder de fomentar, promover e valorizar a democratização do acesso à arte Contemporânea;
3. Aproximar os menos jovens a uma forma de expressão artística habitualmente associada aos mais jovens;
4. Demonstrar que a idade é só um número.

Relativamente ao nome do projeto e ao público-alvo, o próprio nome – “LATA 65” – revela todas as pistas: este workshop consiste em pôr pessoas com mais de 65 anos a praticar uma expressão artística que não é habitual, nem suposto, fazerem.

Por entre outros motivos, o logótipo do LATA 65 é um dos que torna a Luísa Cortesão tão especial. Dois anos antes de se ter estreado como artista urbana na segunda edição do WOOL, Luísa Cortesão<sup>56</sup> era uma médica endocrinologista reformada de 61 anos, com um jeito especial para as artes e a fotografia. Com a sua participação no primeiro workshop do LATA 65 em novembro de 2012, criou aquele que, sem sequer saber, viria a ser o logótipo do projeto: uma silhueta de uma bruxa com uma lata de *spray* na mão, em formato de *stencil* (Figura 8).



**Figura 8.** Logótipo do projeto LATA 65 criado pela artista urbana Luísa Cortesão conhecida como L\* is not an artist.

Com efeito, a bruxa era uma personagem mítica com que Luísa Cortesão se identificava, e foi também a espalhar bruxas, fadas e borboletas em *stencil*, assinadas por L\*, que se tornou oficialmente artista urbana,

---

<sup>56</sup> Luísa Cortesão faleceu em 2016 com 65 anos. É possível ouvir o relato em primeira pessoa de Luísa Cortesão sobre a experiência no workshop e como este mudou a sua vida: <https://vimeo.com/310406682>

com peças nas ruas de Lisboa e na Covilhã, tudo porque o LATA 65 impactou positivamente a sua vida. E de uma maneira tão singela, e logo na sua primeira edição, este projeto provou a sua força ao mundo.

O workshop divide-se em quatro momentos distribuídos por dois dias: inicia com uma parte teórico-visual sobre a história do *graffiti* e da arte urbana (primeiro momento); depois cria-se e desenvolve-se o projeto do *tag*, atribuindo liberdade total aos participantes para desenharem, sem restrições, o que mais gostarem (segundo momento); posteriormente, recortam-se os modelos previamente concebidos (terceiro momento); e, por último, acontece a verdadeira aplicação numa parede na rua com as latas de *spray* (Lara Seixo Rodrigues em entrevista, 26/07/2019). Todas as paredes pintadas pelo LATA 65 são marcadas com o logótipo oficial (Figura 8). E assim, em apenas dois dias, Lara Seixo Rodrigues consegue “transformar” estas pessoas cabisbaixas, infelizes, que creem não “servir” para nada, em pessoas cheias “de sorrisos e de vida (...), [que] se esquecem das bengalas ao pé das paredes” (Lara Seixo Rodrigues em entrevista, 26/07/2019, Apêndice 11, p. 279), e que afirmam, em alguns casos, este workshop como o melhor que lhes aconteceu na vida. Pode-se afirmar que a mensagem do projeto tem sido transmitida com sucesso: “tu podes ter 100 anos, mas continuas a poder experimentar e a aprender coisas novas” (Lara Seixo Rodrigues em entrevista, 26/07/2019, Apêndice 11, p. 279).

Seja na Covilhã ou em qualquer parte do mundo, a fundadora do projeto afirma que este *feedback* é partilhado por todos os participantes. Para além de Luísa Cortesão, existem mais exemplos, como os alunos de Aberdeen<sup>57</sup>, na Escócia, que desde o workshop têm saído todas as semanas à rua para pintar (Lara Seixo Rodrigues em entrevista, 26/07/2019), o que comprova a influência que tem nas suas vidas. A mensagem do projeto é muito bem transmitida pelos *media* nacionais e internacionais, fator que se reflete nos números publicados pela empresa Cision referentes a 2016, 2017 e 2018 (Tabela 2).

LATA 65	2016		2017		2018	
	Nacional	Internacional	Nacional	Internacional	Nacional	Internacional
<b>Notícias</b>	73	50	74	110	25	11
<b>Outreach</b>	10.506.841	20.733.627	2.129.551	18.190.219	854.745	2.807.359
<b>AVE (€)</b>	738.760 €	645.401 €	92.272 €	899.307 €	30.412 €	24.579 €

**Tabela 2.** Impacto mediático do LATA 65 – Workshop de Arte Urbana para Idosos respeitante a 2016, 2017 e 2018 (Fonte: Cision, para a Mistaker Maker)

<sup>57</sup> Vídeo oficial do workshop LATA 65 no Nuart Festival, na Escócia: <https://www.youtube.com/watch?v=sS0drGp71Is>

Segundo a tabela apresentada, 2017 foi o ano em que mais se produziram notícias a nível nacional e internacional sobre o LATA 65, num total de 184. Contudo, o respetivo valor total de AVE foi menos significativo do que no ano anterior (991.579€ e 1.384.161€, respetivamente). O relatório da Cision de 2016 justifica que essa valorização foi potenciada por nove reportagens transmitidas na televisão sobre o workshop, com maior incidência no mês de abril (p. 4), tendo sido este o ano em que se registou maior valor total de AVE e de impressões junto da audiência (*outreach*), até ao momento.

Traduzindo o LATA 65 em números, verificam-se: 46 ações realizadas até ao momento, 561 alunos no total e 102 é a idade do participante mais velho (covilhanense e atualmente com 105 anos). Para além da Covilhã, Fundão, Juncal do Campo (Castelo Branco), Estarreja, Arganil, Reveles, Verride, Abrunheira, Figueiró dos Vinhos, Porto, Vila Franca de Xira, Lisboa e Ponta Delgada (Açores), o LATA 65 também já esteve em Valência (Espanha), São Paulo (Brasil), Houston (Texas, EUA) e Aberdeen (Escócia). Mais se pode afirmar que as paredes do LATA 65 também podem ser facilmente encontradas no já falado Google Art Project.

Ao nível dos *media*, podem-se destacar o Jornal Diário de Notícias, Jornal Público, Revista Sábado, National Geographic Portugal, Observador, SIC, RTP e Revista Shifter a nível nacional; e Vice Japan (Japão), Anke Media (China), Agi (Itália), Tha Plaid Zebra (Canadá), BBC One (Reino Unido), 65ymas (Espanha) são alguns dos exemplos a nível internacional.

Efetivamente, os estudos sobre o LATA 65 também são escassos, não existindo mais nenhum tipo de dados para que se possa afirmar com maior exatidão acerca do reconhecimento e impacto do workshop nas pessoas com mais de 65 anos. A organização afirma que a maior dificuldade para a sua projeção em Portugal continua a ser o preconceito, a mentalidade e a falta de financiamento a este e outros projetos que pretendem trabalhar com o idoso e promover o envelhecimento ativo e a inclusão, numa população cada vez mais envelhecida – segundo dados da PORDATA, de 2001 até 2018, o índice de envelhecimento aumentou em 56%, aproximadamente, só em Portugal.

Mesmo assim, as mais-valias do projeto estão à vista. O LATA 65 está a conquistar o mundo e a transformar a camada da população mais idosa através da arte urbana. Lara Seixo Rodrigues garante que está a modificar mentalidades e que é uma experiência que os idosos não esquecem. Tal como referiu Dre Urhahn<sup>58</sup> na palestra TEDx em 2014, o tempo que se passa a conviver com a população nestes projetos comunitários e a construir memórias, talvez seja mais importante do que a própria pintura em si – e o LATA

---

<sup>58</sup> Palestra dos artistas Jeroen Koolhaas e Dre Urhahn (conhecido como Haas & Hahn) no TEDx sobre as suas intervenções comunitárias: [https://www.ted.com/talks/haas\\_hahn\\_how\\_painting\\_can\\_transform\\_communities](https://www.ted.com/talks/haas_hahn_how_painting_can_transform_communities)

65 é exatamente isto. Mesmo no envelhecimento, a curiosidade, a persistência, a vontade, a proatividade, a partilha, a criatividade e a felicidade existem e são possíveis de cativar nesta camada populacional através da arte urbana:

Nós já ouvimos coisas do tipo "ah, não se vai gastar dinheiro num workshop para idosos, por amor de deus, eles estão quase a morrer, vamos é investir em crianças porque têm uma longa vida pela frente"... Olha-se sempre com... o gasto que se possa ter com um idoso é dinheiro deitado fora e isto já nos disseram *n* vezes. E eu lamento. E em Portugal nota-se muito isto. Aliás, eu acho que este projeto em qualquer sítio do mundo teria muito mais trabalho do que tem em Portugal, que não temos quase. Porque olha-se pro idoso como "desnecessário gastar dinheiro, não vale a pena, eles já viveram muito, eles têm que *tar* sentadinhos a ver televisão e a descansar, porque já trabalharam muito" e é totalmente mentira. (...) Eu quero que as pessoas vejam os idosos a divertirem-se! Eu quero que fique ali aquela memória (...) é isso que nós queremos, é que se destruam estes preconceitos que existem nas cabeças das pessoas, mesmo nas nossas famílias, de que "ah, o idoso não precisa de fazer isto, já não tem capacidade". (Lara Seixo Rodrigues em entrevista, 26/07/2019, Apêndice 11, p. 282)

Por isso, também o LATA 65 é uma inspiração para outras pessoas e/ou instituições trabalharem com os idosos com o objetivo de melhorar a sua qualidade de vida, o seu bem-estar e fomentar a felicidade nesta faixa etária que ainda hoje sofre muito de preconceito por parte da sociedade em geral.





Fotografia da autoria de Rita Gomes

# CAPÍTULO 4

Cidades como Marcas





## CAPÍTULO IV

*"O futuro não é o lugar para onde vamos. É o lugar que podemos criar"<sup>59</sup>*

Nancy Duarte

### 4. Cidades como marcas

O último relatório da Organização das Nações Unidas (ONU) publicado em 2018 sobre as "Perspetivas Mundiais da Urbanização" (*World Urbanization Prospects*) assegura que 55% da população mundial vive em áreas urbanas, com previsão de aumentar para 68% até 2050. Este aumento do número de pessoas que vive em cidades é impulsionado, sobretudo, pelo rápido crescimento da população em geral. Segundo o relatório também lançado pela ONU em 2019, intitulado de "Perspetivas Mundiais da População", estima-se que até 2050 a população cresça em dois bilhões de pessoas, passando de 7,7 para 9,7 bilhões de indivíduos. Consequentemente, face à globalização, à internet e à facilidade de comunicação e deslocação, hoje em dia, enquanto umas cidades vivem a verdadeira aglomeração de pessoas, outras sentem o seu declínio.

Winfield-Pfefferkorn (2005) e Pereira (2010) mostram como realmente este cenário tem tanto de positivo, como negativo. De facto, ainda é comum as pessoas deixarem a sua terra natal para irem viver numa cidade específica motivadas pela procura de trabalho em indústrias de sucesso, que por alguma razão não encontram na sua área de residência. Contudo, a autora Winfield-Pfefferkorn (2005) refere que essa realidade está a deteriorar-se, pois deter grandes empresas já não é suficiente para reter as pessoas nas cidades, uma vez que "agora, as pessoas têm a opção de poder fazer negócios em qualquer parte do mundo e ainda podem decidir sobre qual a melhor localização que lhes pode oferecer mais benefícios"<sup>60</sup> para viverem (p. 10). Por outro lado, Pereira (2010) cita Gomes (2009) e realça a vertente da sustentabilidade, referindo que "a (...) criação [das cidades] determina o consumo de recursos em larga escala cujo impacto se faz sentir muito para além dos seus limites geográficos, por outro concentram outros recursos e competências que, em equilíbrio se revelam como o modo mais eficiente de vida" (p. 2). Ou seja, as cidades são a sua própria solução na prosperidade e no reconhecimento, mas ao mesmo tempo também podem ser a razão do seu próprio problema, caso não exista uma boa governação (Pereira, 2010).

---

<sup>59</sup> Traduzido pela investigadora do inglês "The future isn't a place that we're going to go. It's a place that you get to create" - Nancy Duarte

<sup>60</sup> Traduzido pela investigadora do inglês "People now have the option of being able to do business anywhere in the world and can decide what is best locationwise to provide them with the most benefits."

No meio desta luta desenfreada pelo “título de melhor cidade” e pela notoriedade, instalou-se uma competição entre as cidades (Rijo, 2012; Winfield-Pfefferkorn, 2005), na procura por um melhor estilo de vida, crescimento sustentável, capital social e económico, e boa gestão empresarial, como fatores distintivos para atrair e fixar residentes e *stakeholders* (Winfield-Pfefferkorn, 2005; Amado, 2017; Pereira, 2010). Com efeito, a ONU afirma que “o futuro da população mundial é urbano”<sup>61</sup> (2018, p. 1). Portanto, para que uma cidade se destaque de outras e se torne num símbolo local e quiçá global, necessita de definir uma estratégia competitiva que assuma um compromisso com a qualidade, credibilidade e claro, com o sucesso (Winfield-Pfefferkorn, 2005; Pereira, 2010; Amado, 2017). Para isso, a solução passa por criar uma marca para a cidade, conforme afirma Winfield-Pfefferkorn (2005):

Elas precisam de se identificar como bons locais para viver, onde uma vasta gama de tecnologia, indústria, comércio e outras atrações podem prosperar. Para muitas cidades, esta pode ser a última oportunidade de manter os residentes atuais e atrair outros. (pp. 10-11)<sup>62</sup>

Com vista a aferir se a cidade da Covilhã é uma marca (e se for, porque o é), é necessário perceber o que caracteriza uma marca de uma cidade e o que é que uma cidade necessita, efetivamente, de ter para o ser.

#### 4.1. O que é uma marca-cidade?

Para vender uma cidade é indispensável pôr em prática a estratégia do *branding*. Capriotti (2009) apresenta uma possível definição deste conceito, como sendo o ato de “criar uma marca” ou, por outras palavras, é a gestão dos atributos próprios da identidade da marca, que envolve a identificação, a estruturação e a comunicação da mesma. E a criação de uma marca pode ser aplicada em diversos contextos, do mais simples – a um produto – ao mais complexo – a uma cidade, região ou país (Capriotti, 2009; Diogo, 2012). Tornar uma cidade numa marca atribui-lhe não só uma identificação (e consequentemente facilita a escolha dos consumidores perante uma vasta diversidade de oferta e a sua memorização), como também um certificado de qualidade, fidelização, garantia, credibilidade, prestígio e diferenciação.

À medida que o marketing e as suas técnicas foram evoluindo, verificou-se o seu cruzamento com a evolução das cidades, surgindo vários conceitos para idealizar a cidade como uma marca, tais como: “city

---

<sup>61</sup> Traduzido pela investigadora do inglês “The future of the world’s population is urban.”

<sup>62</sup> Traduzido pela investigadora do inglês “they need to brand themselves as good places to live, where a diverse range of technology, industry, retail, and other attractions can thrive. For many cities, this could be their last opportunity to keep current residents and attract new ones.”

branding" (Amado, 2017; Rijo, 2012; Diogo, 2012), "place branding" (Winfield-Pfefferkorn, 2005), "city marketing" (que significa marketing das cidades; Diogo, 2012), "place marketing" (que significa marketing de lugares; Amado, 2017) e ainda "selling of cities" ou Marketing Territorial (Diogo, 2012). Porém, Amado (2017) cita Muñiz Martinez (2012) e Santos (2013) para esclarecer as diferenças entre *place marketing* e *place branding*:

É possível conceber *Place Marketing* como um processo de desenvolvimento e comunicação, que é oferecido por uma zona urbana para diversos grupos e instituições suscetíveis à sua imagem. Já o *Place Branding* tem como objetivo criar uma imagem ou promover uma identidade e os aspetos económicos de uma zona em particular (Muñiz Martinez, 2012, p.375 e Santos, 2013, p.5 citados por Amado, 2017, p. 28).

Sob esta perspetiva, Govers (2011) afirma que o aparecimento do conceito "place branding" pode ser explicado como uma evolução do conceito "place marketing", uma vez que um local com uma imagem positiva é uma condição prévia para o seu sucesso e, portanto, a sua existência foi necessária.

Desta forma, apesar da aparente complexidade de conceitos, o *branding* das cidades encontra semelhanças no *branding* dos produtos:

Para Moreira & Silva (2007) tal como um produto, as cidades e os locais são "classificados e avaliados em todas as dimensões: onde iniciar um negócio, planear uma reforma, criar uma família, passar férias, realizar uma convenção ou fazer uma refeição". (Moreira & Silva, 2007 citado por Diogo, 2012, p. 28)

Por sua vez, também Winfield-Pfefferkorn (2005) argumenta que:

O *brand personality* [personalidade da marca] começa com os clientes. O profissional de marketing que procura o sucesso da marca ouve atentamente os desejos e necessidades dos clientes e observa o comportamento do cliente, quando o mesmo realiza compras. Tal como nos produtos, o *brand personality* também está incorporado nas cidades. (2005, p. 19)<sup>63</sup>

Por isso, o que acontece com as marcas de produtos também funciona com as cidades, desde que sejam cumpridas e postas em prática determinadas características e valências que, efetivamente, farão com que as cidades se desenvolvam como marcas fortes (Winfield-Pfefferkorn, 2005). Como tal, e segundo a mesma autora, as cidades necessitam de:

#### a. Funcionalidade

Uma cidade tem de ser distinta de outras a nível funcional, pois a sua "função" é uma característica motivadora para o seu "consumo" após um primeiro contacto. Aqui, a funcionalidade diz respeito a uma vasta oferta de emprego, qualidade de habitação, uma boa rede de transportes públicos e atrações

---

<sup>63</sup> Traduzido pela investigadora do inglês "Brand personalities start with customers. The marketer seeking branding success listens closely to customers' wants and needs and observes the behavior of the customer when making purchases. As with products, Brand Personality is embodied in cities."

variadas. Ou seja, o *city branding* tem de corresponder às necessidades dos cidadãos e às atividades da região (Diogo, 2012).

### **b. Valor adicionado**

O valor adicionado corresponde a características não-funcionais e emocionais que permitem, neste caso, a existência e o posicionamento da cidade na mente dos seus consumidores. Tal como refere Winfield-Pfefferkorn (2005), "o branding é uma imagem, é algo que existe na mente das pessoas"<sup>64</sup> (p. 22). Uma boa experiência pessoal na cidade, uma boa perceção ou boa imagem do local, a existência de um propósito ou de um significado que a cidade em si defenda, e claro, uma aparência atraente e sedutora, são quatro exemplos de valores não-funcionais que potenciam uma relação de coesão e lealdade entre o consumidor e a cidade. Sob esta perspetiva, Kotler, Kartajaya, & Setiawan (2017) aduzem que "os consumidores devem ser vistos como pares e amigos da marca" e não como alvos (p. 37). Deve ser cativada aquilo a que os autores chamam de confiança horizontal, inclusiva e social, isto é, os consumidores devem participar e colaborar de forma inclusiva com as marcas para que estas se tornem confiáveis. Desta forma, tal como nas marcas, também as cidades devem ser honestas e transparentes com a sua comunidade, conhecer a opinião dos seus consumidores (ou seja, os cidadãos) e atribuir-lhes o respetivo valor e significado (Kotler, Kartajaya, & Setiawan, 2017). No final, se todos estes traços impactarem positivamente os consumidores, estes vão gerar um "boca-a-boca" favorável que, por sua vez, irá fornecer às cidades "todos os ingredientes necessários para expandirem os seus mercados" (Kotler, Kartajaya, & Setiawan, 2017, p. 36), seja através do aumento de visitas, indústria ou ideias.

### **c. Integração**

Para uma cidade se tornar numa marca distintiva e forte tem que desempenhar um ambiente de integração. É necessário abraçar a diversidade de culturas e pessoas com estilos de vida alternativos. A chamada "classe criativa" que corresponde a um conjunto de pessoas cuja profissão é a criação de ideias e conteúdos criativos, advém dessa fatia da população com preferências e gostos divergentes dos ditos "colarinhos brancos". Hoje em dia, qualquer cidade que acolha estes profissionais, está a apostar fortemente na inovação e na conseqüente e expectável atração de mais empresas, pessoas e *stakeholders*. A autora Winfield-Pfefferkorn (2005) afirma que "a Classe Criativa é um dos valores acrescentados de

---

<sup>64</sup> Traduzido pela investigadora do inglês "Branding is an image, something that exists in people's minds."

marca<sup>65</sup> (p. 121). Já Diogo (2012) cita Kanter (1996) indicando que estes “inovadores de conceitos” tornam as cidades em “locais de excelência para o contacto de novas ideologias e rede de contactos para novos negócios” (p. 28). Nesta medida, Kotler, Kartajaya, & Setiawan (2017) invocam a inclusividade com o conceito “cidades inclusivas”: “similar ao conceito de redes sociais, o conceito de cidades inclusivas define que, quando as cidades recebem bem as minorias que são geralmente deixadas para trás e lhes dão um sentido de aceitação, isso só beneficiará as cidades.” (p. 34). A integração é assim parte integrante do processo da construção de uma marca-cidade, pois torna as cidades em locais onde as pessoas vão realmente querer viver.

Ainda há quem refira, como Elias (2018), que se o futuro é digital (Green, 2010, citado por Elias, 2018) e “as cidades são máquinas de inovação repletas de públicos competitivos” (p. 80), então as cidades também devem aproveitar as novas tecnologias de informação e comunicação (TIC) para oferecer melhores condições de vida e fornecer as melhores experiências ao consumidor. Assim, Elias garante que “o centro da imagem do futuro é a cidade inteligente e sustentável” (2018, p. 85). Amado (2017), por sua vez, argumenta que uma “cidade inteligente” (ou no inglês “smart city”) é uma cidade que fomenta “um ambiente inteligente suportado por investimentos em inovação (...) [através do] uso das TIC por ‘utilizadores’ da cidade para a criação de valor, de forma a promover competitividade económica, sustentabilidade ambiental e qualidade de vida” (p. 42). Por outro lado, existe o exemplo do Dubai, que se promove como cidade inteligente ao nível social: Sua Alteza Sheikh Mohammed Bin Rashid Al Maktoum iniciou a diretriz de intitular o Dubai como “a cidade mais feliz do mundo”, uma vez que têm feito esforços de construir projetos e atividades inovadoras e inteligentes, que em colaboração com múltiplos parceiros, criam impacto positivo na economia, no ambiente e sobretudo na população. Com efeito, com o projeto Smart Dubai<sup>66</sup>, foi gerado um aumento de felicidade na cidade em mais de 3%. O segredo é transformar a cidade numa experiência personalizada para todos os residentes e visitantes através das TIC. Para além da funcionalidade, valor adicionado e integração, esta também é uma estratégia que contribui para a afirmação das cidades como marcas.

Em suma, uma cidade também é um nome, um *logo*, um slogan e a sua comunicação e/ou publicidade, elementos estes pertencentes à marca que são visíveis e que chegam ao consumidor em

---

<sup>65</sup> Traduzido pela investigadora do inglês “the Creative Class is one of the added values of the brand”.

<sup>66</sup> Para um melhor conhecimento acerca da “estratégia inteligente” do Dubai, consultar os *websites* disponíveis em <https://www.smartdubai.ae/> e <https://2021.smartdubai.ae/>

primeiro lugar. Mas não só. Uma cidade também é construída pela sua história, cultura, política, património, serviços, ambiente natural e de segurança, gastronomia, inovação, turismo, economia, e ainda pela população e respetivo bem-estar, potenciado pela implementação de uma estratégia que assume a tecnologia como fator necessário para que então se torne numa *cidade inteligente*, feliz e de sucesso; todos estes elementos são invisíveis, estão submersos na imagem da cidade e, por sua vez, fazem parte da "funcionalidade" e "valor adicionado" que Winfield-Pfefferkorn (2005) defende (Diogo, 2012; Amado, 2017; Kapferer, 1994).

Assim, uma marca-cidade de sucesso é a conceção de uma cidade como uma marca segundo um conjunto de características tangíveis e intangíveis (ou psicológicos), que satisfazem as necessidades e desejos de *lifestyle* dos seus consumidores e da região, resultante de uma estratégia de *city branding* estruturada e planificada, implementando ações de comunicação e marketing centradas na cocriação com os público-alvo, que produzem resultados positivos competitivos e coesos face a outras cidades, visando o desenvolvimento socioeconómico, territorial e turístico local, o reconhecimento global, e claro, a qualidade de vida e do seu fator competitivo.

Portanto, o desafio é toda a estruturação e implantação da estratégia, por ser suscetível a múltiplas interpretações, prioridades e necessidades (Rijo, 2012; Amado, 2017; Diogo, 2012; Winfield-Pfefferkorn 2005). Vários autores explicam como os gestores das cidades podem implementar uma marca-cidade através das seguintes etapas (Rijo, 2012; Amado, 2017; Diogo, 2012; Winfield-Pfefferkorn, 2005), tendo sempre como alicerce a opinião da população residente: um, proceder a uma análise detalhada das características tangíveis e intangíveis atuais mais marcantes da cidade para conhecer a sua identidade; dois, identificar os fatores competitivos e únicos que a cidade pode oferecer, em detrimento de outros; três, identificar alcunha(s) da cidade; quatro, definir um público-alvo; cinco, definir objetivos consoante os interesses dos intervenientes da cidade, de forma equilibrada; seis, comunicar; e sete, medir o sucesso e fazer correções na estratégia sempre que necessário, uma vez que uma cidade está em constante mutação.

#### **4.2. Case-study: a cidade da Covilhã como uma marca**

Para perceber se a Covilhã constitui o perfil de uma marca-cidade, tem que se efetuar uma análise das suas características tangíveis e intangíveis e também verificar se as características apresentadas no subcapítulo anterior estão presentes nesta cidade. Esta será realizada com base na teoria de Winfield-Pfefferkorn (2005). Como apoio será utilizado o segundo capítulo da presente dissertação, por apresentar

um estudo detalhado da sua história e características regionais, para que no final se conclua sobre o estado do *branding* da Covilhã.

## 1. História

Como se verificou no segundo capítulo do presente documento, a Covilhã é uma cidade com uma história que teve os seus marcos a nível nacional. Conta a literatura da cidade que a Covilhã foi ocupada por vários povos, tendo sido graciosamente disputada por lusitanos, romanos, bárbaros e cristãos durante séculos, devido às suas excelentes características de habitação e proteção. Além disso, um grande momento para a Covilhã terá sido a visita majestosa de D. Sancho I, aquando da atribuição de uma das primeiras "Carta de Foral" que o país viu serem emitidas. É ainda imprescindível enaltecer a ligação da Covilhã à indústria têxtil e respetivo desenvolvimento dos lanifícios, com grande influência nacional. Foram momentos gloriosos para a cidade, tendo recebido a menção honrosa de cidade "Notável" por El Rei D. Sebastião em 1570. Três anos depois, nascia a Fábrica D'El Rei D. Sebastião, considerada como a melhor do país. Apesar de, atualmente, essa já não ser a realidade da cidade, a sua evocação como "Manchester Portuguesa" é constante e nunca mais será esquecida.

## 2. Atrações

Quando se fala dos primórdios da Covilhã fala-se, como já referi, da indústria têxtil. A esse respeito, atualmente é possível visitar o New Hand Lab, um espaço de *coworking* e promoção de ideias, produtos e iniciativas, que hoje ocupa o espaço da antiga fábrica têxtil Júlio Afonso I António Estrela, valedora de uma visita pelas exposições e eventos que abrigam e pelo trabalho que por lá vai sendo desenvolvido por artistas da região. As restantes fábricas agora consumidas pelo abandono, podem ser observadas do exterior. Na Covilhã pode-se visitar: os vários miradouros (Portas do Sol, Marquês D'Ávila e Bolama, Varanda dos Carqueijais e Nossa Senhora da Conceição), espaços verdes (Jardim Público, Jardim do Lago, Jardim Monumento À Nossa Senhora da Conceição, Jardim Botânico de Montanha, Jardim Mártir-In-Colo, Parque da Goldra e Jardim das Artes), museus e património (Museu de Arte Sacra, Museu de Lanifícios, Teatro Municipal e a galeria de exposições Tinturaria), igrejas e capelas (Igreja de Santa Maria Maior, Igreja da Misericórdia, Igreja de Nossa Senhora de Fátima, Igreja de Nossa Senhora da Conceição, Capela do Calvário, Capela de São Silvestre, Capela de São João de Malta, Igreja de S. Tiago), o Mercado Municipal (com os melhores e mais frescos produtos locais), o ponto de informação turística "Welcome Center", o Data Center, o Complexo Desportivo da Covilhã, os cinco polos da Universidade da Beira Interior,

os famosos elevadores públicos gratuitos que ajudam a população a deslocar-se mais facilmente nesta cidade de relevo acentuado (Elevador da Goldra, Elevador do Jardim, Elevador de Santo André, Funicular de São João), a Ponte Pedonal sobre a ribeira da Carpinteira (uma das maiores de Portugal, cujo design foi premiado como um dos mais interessantes do mundo pela revista Travel+Leisure, entre outros prémios), a Piscina Praia da Covilhã no verão (conhecida por ser uma piscina de ondas), as várias rotas pedestres de elevado valor patrimonial (incluindo a rota da Arte Urbana do WOOL que permite, ao mesmo tempo, conhecer toda a área intramuralhas e as suas lojas de comércio tradicional), a Estância de Ski e Snowboard e ainda a Serra da Estrela com vistas deslumbrantes sobre a região. Espaços noturnos como a discoteca Companhia Club, o North Walls PUB (com cervejas de todo o mundo), o café/bar Leões da Floresta e restaurantes como a Taberna – A Laranjinha, Casa das Muralhas, Restaurante/Bar – O Comfusão, o Varanda da Estrela e o Passo 100 Pressa também são merecedores de uma visita, os primeiros pela excelente qualidade de entretenimento e lazer e os segundos pelas ricas opções de gastronomia. Outrora foi história; hoje, a Covilhã combina o seu património secular e o seu passado com a arquitetura dos monumentos e natureza envolvente.

### 3. Alcunhas

Antigamente, a Covilhã era conhecida como “Cidade Fábrica” devido ao seu antigo império dos têxteis e mais tarde, com a afirmação da Universidade da Beira Interior no panorama nacional, passou a ser conhecida como “Cidade Universitária” ou “Cidade do Conhecimento”. Para além destas denominações, é mais frequente ser apelidada de “Cidade Neve” como tributo aos mantos brancos que se estendem nos vales da Serra da Estrela nos meses de inverno. Não obstante, por ter um enquadramento tão próprio com a arte urbana do WOOL, há quem intitule a Covilhã como a “capital da arte urbana portuguesa” ou “Cidade Arte”, conforme consta no estudo da Cision relativo ao impacto mediático de 2017 do WOOL, que refere que “na informação internacional, o destaque vai para o Wool Festival de Arte Urbana da Covilhã que transformou a cidade ‘na capital portuguesa de arte urbana’” (s.p.), no blog da viajante Marieke Willems e num artigo da Revista CRISTINA (nº 4, julho 2019).

### 4. Tentativas de *Branding*

Em 2008, o então governo municipal da Covilhã promoveu a cidade com o slogan “Cidade 5\* Estrelas” (Figura 9), sendo as “estrelas” a Hospitalidade (a amarelo), a Inovação (a azul), a Proximidade (a laranja), a Tradição (a encarnado) e o Lazer (a verde).



Figura 9. Logótipo representativo do município da Covilhã em 2008.

O objetivo era não só diferenciá-la de outras cidades do interior (como Guarda, Castelo Branco e Viseu), como também posicioná-la como uma cidade altamente apropriada “para descobrir, para investir, para viver”. Estes valores estão representados pelo movimento ascendente das cinco estrelas, comunicando o crescimento do município e a própria silhueta das montanhas da Serra da Estrela. Em 2014, o atual governo da Câmara Municipal da Covilhã apresentou uma imagem gráfica (o tafetá) e slogan novos<sup>67</sup>. O slogan “A Tecer o Futuro”, surgiu para substituir o anterior. Conforme consta no segundo capítulo, o objetivo do slogan é transportar-nos para a construção do futuro através da metáfora, uma ação que, aos olhos da sua autora e da autarquia, é inseparável do trabalho árduo, esforço e humildade. É com este slogan que, atualmente, a Covilhã continua “a tecer o futuro” (Figura 10).



Figura 10. Slogan que acompanha a imagem gráfica atual do município da Covilhã.

## 5. Demografia

Os dados estatísticos da PORDATA comprovam que esta pode ser a categoria que menos pontua a favor da Covilhã. Uma retrospectiva desde 2001 até 2018, demonstra uma diminuição do número médio de habitantes (Anexo D, Figura 11), com maior incidência na camada populacional correspondente aos jovens-adultos (Anexo D, Figura 13), e um aumento do índice de envelhecimento (Anexo D, Figura 12).

De facto, houve um decréscimo médio de 6 995 pessoas (de 54 389, a Covilhã passou a ter 47 394 pessoas, em média), com maior peso na faixa etária dos [15-64], cuja diminuição foi de 4,9% (de 66,5% para 61,6%). Esta redução contrasta com o aumento paralelo da faixa etária referente às pessoas

---

<sup>67</sup> Também foi publicado um vídeo publicitário que ilustra visualmente a Covilhã assente na nova imagem gráfica e respetivo slogan disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=0mH-vQ4ts8E>

com 65 ou mais anos, em 7,8% (de 19,5% para 27,3%), dado corroborado pelo aumento do índice de envelhecimento em 106,7% (de 140% para 246,7%), o dobro do índice de envelhecimento nacional (55,8%). Ou seja, a proporção de pessoas idosas na Covilhã tende a ser cada vez mais elevada comparativamente à proporção de pessoas pertencentes às camadas mais jovens, e o índice de envelhecimento é, por sua vez, cada vez mais acentuado na cidade da Covilhã – tal como referido no segundo capítulo, este valor não é inferior a 100 desde 1998. Assim, e seguindo a linha evolutiva dos dados apresentados, a tendência será para que os mesmos sigam a mesma diretriz no futuro, o que não abona a favor desta cidade beirã.

## **6. Economia e Turismo**

Com base nos dados da PORDATA, entre 2011 e 2018 é possível aferir que o turismo na Covilhã tem crescido exponencialmente. No que diz respeito ao número total de alojamentos turísticos, a Covilhã dispunha apenas de nove alojamentos turísticos em 2011, aumentando para 26 em 2018; destes, sete era o número de hotéis em 2011 e em 2018 seriam nove (Anexo D, Figura 14). O número total de hóspedes acompanhou o crescimento do número de alojamentos turísticos, passando de 103 278 em 2011 para 165 078 hóspedes em 2018 (Anexo D, Figura 15), dos quais se regista uma percentagem de 14,7% de estrangeiros em 2017 (que em 2011 eram apenas 4,7%; Anexo D, Figura 16). Não obstante, estes valores traduzem-se em dados monetários: de 2011 até 2018 ocorreu um aumento de 7 192 milhares de euros em receitas, provenientes dos alojamentos turísticos (Anexo D, Figura 17).

Além disso, o Jornal do Fundão fez uma publicação em janeiro de 2018 mencionando que "a Covilhã lidera a atração de turistas na Beira Interior" sendo a líder entre outras cidades do centro de Portugal, o que em parte pode ser justificado, segundo o município, pelas atrações oferecidas aos turistas e visitantes já referidas no ponto número dois. Contudo, no segundo capítulo já haviam sido registados alguns fatores menos positivos a nível económico. Apesar de se prever um aumento do PIB de 4% para a sub-região estatística das Beiras e Serra da Estrela (NUTS III), comparado ao da Área Metropolitana de Lisboa e de Portugal, rapidamente se verifica que a região desce para os últimos lugares da lista, continuando a ser uma das mais empobrecidas do país. Ainda assim, foram ainda apresentados os resultados do estudo Portugal City Brand Ranking© 2019, onde o bom desempenho do município está bem saliente com a subida da Covilhã para o 8º lugar regional entre 100 regiões que ocupam o Centro de Portugal, com o adicional privilégio da atribuição "Marca Estrela 2019" do Centro. De destacar ainda a confiança de Pedro Machado, presidente do Turismo Centro, relativamente ao centro do país, quando

segundo o Jornal Expresso referiu que "O luxo do século XXI vai ser o interior de Portugal" em dezembro de 2018.

### **7. Perfil da população: Residentes e Visitantes**

A comunidade é a força da cidade, tendo que existir uma conexão forte e coesa entre ambos para que as pessoas se sintam confortáveis em morar num determinado lugar (Winfield-Pfefferkorn, 2005). É do senso comum na comunidade covilhanense que os seus residentes possuem um grande espírito hospitaleiro e acolhedor para com os seus visitantes. Testemunhos recolhidos na pesquisa exploratória inicial comprovam isso mesmo: entre características referidas sobre a cidade da Covilhã, algumas das mencionadas diziam respeito à população com "pessoas humildes", "trabalhadoras", simpáticas ("simpatia das gentes da terra"), que transmitem "amor e conforto que se sente" à chegada (p. 88 do presente documento). O sentido de integração que Winfield-Pfefferkorn (2005) aborda, também se verifica na parceria internacional da UBI com os PALOP, permitindo o ingresso de estudantes internacionais na universidade provenientes de países como a China e o Brasil. Neste sentido, a UBI assume-se como uma universidade "aberta à cidade e ao mundo", fomentando a adoção de perspetivas de internacionalização, diversidade e multiculturalidade. Por isso, pode-se afirmar que a Covilhã é uma "cidade inclusiva" que acolhe culturas e pessoas diferentes.

### **8. Imagem percecionada**

A imagem generalizada que existe sobre a cidade da Covilhã é muito positiva. Durante as entrevistas realizadas a residentes da cidade nas datas em que ocorreu a sexta edição do festival WOOL, as opiniões foram consensuais. As pessoas gostam da Covilhã e também gostam de nela viver, por várias razões: desde a proximidade à natureza imponente da Serra da Estrela; à existência de neve durante os meses de inverno; aos murais de arte urbana do festival WOOL que embelezam a cidade e tornam-na mais "agradável", "bonita" e num "museu ao ar livre"; à gastronomia, como o queijo da Serra; ao sentido de pertença a uma cidade que outrora foi um dos maiores polos industriais do país; e ainda ao facto de ser uma cidade pequena, que faz com que tenha mais encanto devido às suas ruelas que despertam mais a atenção das pessoas para os detalhes, ao contrário do que acontece nas grandes cidades. Além disso, é uma cidade cujas temperaturas médias anuais registam uns agradáveis 14,9° e onde se verifica ausência de precipitação durante 313 dias ao ano; o número de crimes por furto, quando comparados com grandes cidades, são mínimos e têm diminuído de uma forma geral, segundo registos da PORDATA (podendo-se

assim afirmar que é uma cidade segura); e outros elementos referidos no segundo capítulo, como a boa rede de transportes públicos, demais serviços públicos de saúde, ensino e bancários, são todos eles contribuintes para uma boa imagem da cidade. Assim, a Covilhã combina um conjunto de valências que potenciam uma boa imagem e opinião por parte dos seus residentes e de quem a visita.

É importante ainda ressaltar os parques tecnológicos como o Parkurbis e UBIMedical pelos seus contributos à cidade. O primeiro, pela forte potencialidade de atrair novos negócios e possíveis investidores à região, pelo facto de albergar uma variedade de empresas nacionais e internacionais, e o segundo pela sua relevância no desempenho, investigação e descobrimento de novas tecnologias e inovações em parceria com a UBI (uma ótima fonte de "criadores de ideias"), benéficas não só para a cidade, como para o país.

Assim, perante a presente análise, pode-se afirmar que a Covilhã retém as características necessárias para ser considerada uma marca-cidade.

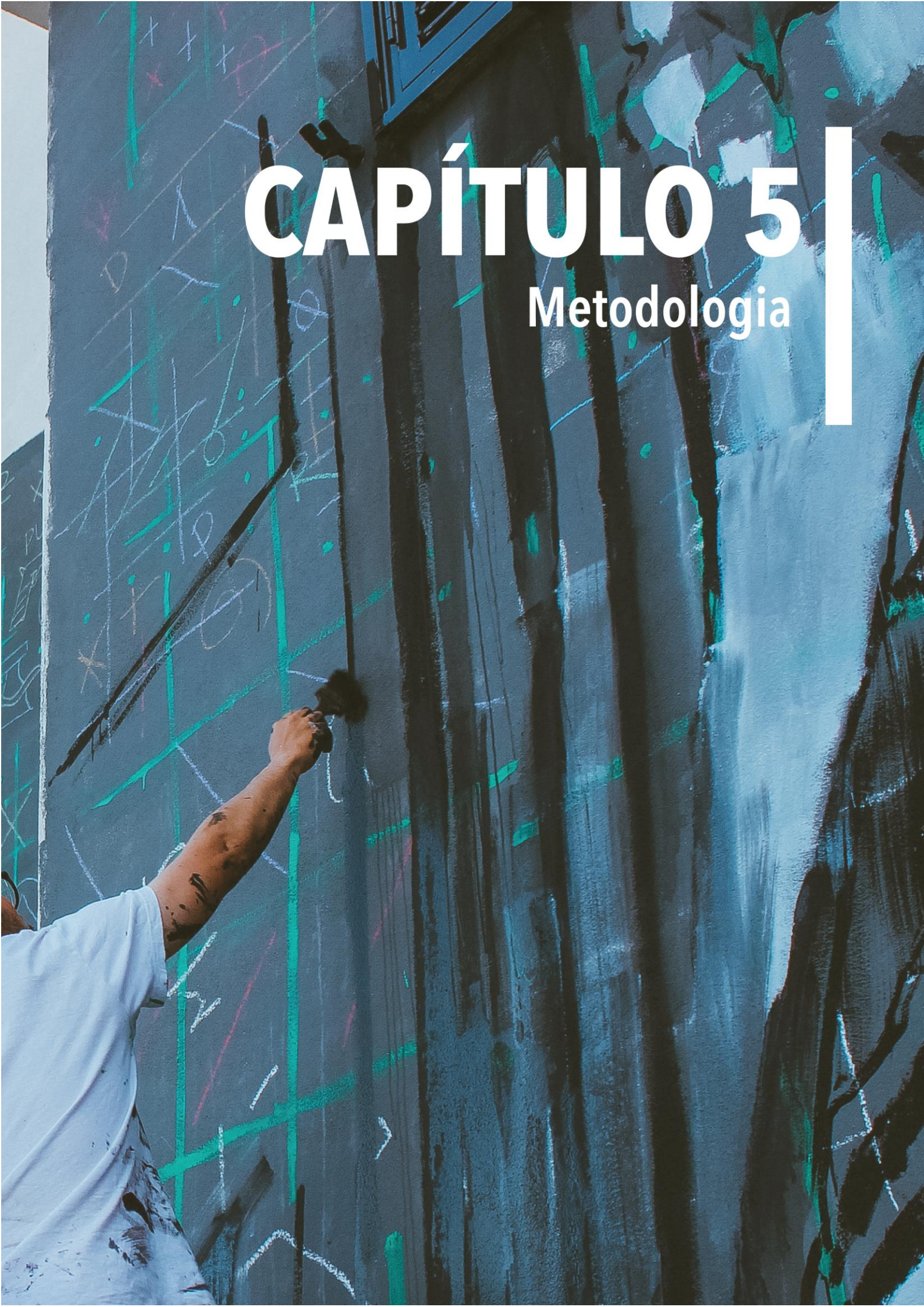




Fotografia da autoria de Rita Gomes

# CAPÍTULO 5

Metodología





## CAPÍTULO V

*"O método é a aritmética do sucesso."*<sup>68</sup>

Josh Billings

### 5. Metodologia

A presente investigação pretende dar resposta à questão "Poderá a arte urbana contribuir para a cidade da Covilhã ser vista como uma marca?", tendo por vista os seguintes objetivos: (1) compreender o impacto do WOOL sobre a cidade da Covilhã; (2) perceber se a Covilhã é uma marca-cidade e de que tipo; (3) saber se a arte urbana da Covilhã, desenvolvida pelo festival WOOL, é um dos principais motivos que impulsiona a cidade como uma marca.

Antes da descrição detalhada da metodologia utilizada neste trabalho, interessa aludir que este foi um estudo qualitativo e nele se integra um case-study da cidade da Covilhã. A revisão de literatura vinculada à presente investigação, mostrou ser recente e por vezes nebulosa, cujos dados estatísticos são insuficientes ou mesmo até inexistentes, especialmente no que diz respeito à evolução, influência e aceitação atuais da arte urbana.

O método qualitativo permite contextualizar de forma abrangente a problemática em questão, com o emprego de dados secundários e primários. Numa primeira fase, durante a pesquisa de dados secundários recolhidos de documentação variada (artigos, livros, dissertações, teses, base de dados nacionais, publicações e outros estudos), a investigadora aprofundou conhecimentos sobre a história da arte urbana onde principalmente a literatura de Stahl (2009), Campos (2010, 2017), Sequeira (2015) e Waclawek (2008) foram fundamentais; a base do estudo da história, geografia, cultura e arte urbana da Covilhã foram as obras de Barata (2006), Silva (1996), Quintella (1899) e Magalhães & Sidoncha (2018); por fim, as bibliografias de Winfield-Pfefferkorn (2005), Diogo (2012), Kotler, Kartajaya, & Setiawan (2017), Amado (2017) e Elias (2018) foram o suporte da investigação sobre o conceito marca-cidade e cidades inteligentes. Já os dados primários derivam da observação direta em percursos pedestres realizados pela Covilhã durante a sexta edição do WOOL e de entrevistas não-estruturadas focalizadas a quem ia passando e parava para admirar o trabalho que estava a ser realizado. Para a análise das entrevistas exploratórias iniciais foi aplicado o método "Análise das Respostas" e para as entrevistas presenciais o método "Observação de Insights", ambos de Kumar (2013).

---

<sup>68</sup> Traduzido pela investigadora do inglês "Method is the arithmetic of success." – Josh Billings

### 5.1. Plano de Investigação

Este estudo foi planificado segundo etapas que permitiram uma desenvoltura faseada da investigação. Inicialmente foi feita uma pesquisa de informação exploratória qualitativa realizada em ambiente digital através de uma única questão feita a residentes da cidade da Covilhã, escolhidos de forma aleatória. Para isso, a pergunta colocada foi: "Se trouxesses um amigo e/ou familiar externo à Covilhã, quais os símbolos, marcas, referências turísticas e/ou culturais lhe davas a conhecer, imprescindivelmente?". O objetivo era, sem nunca pronunciar o conceito "WOOL", "arte urbana" e "street art" (três conceitos amplamente conhecidos e utilizados pela população para se referirem a este tipo de expressão artística), compreender se, na ótica dos entrevistados, os murais levados a cabo pelo WOOL – Festival de Arte Urbana da Covilhã eram um ponto obrigatório de visita para dar a conhecer aos olhares virgens que pela primeira vez observavam os contornos desta terra beirã. Nesta primeira fase, contabilizaram-se 28 respostas realizadas durante o mês de novembro de 2018. Após esta primeira recolha de informação definiram-se então as três questões a explorar nesta investigação:

1. É o WOOL um veículo de promoção da cidade da Covilhã como marca?
2. A Covilhã, enquanto cidade, possui as características necessárias para ser uma marca-cidade?
3. Pode a arte urbana ajudar uma cidade a tornar-se mais ativa e dinâmica?

Definido o rumo da investigação, efetuou-se a pesquisa de campo durante a sexta edição do festival WOOL, tendo por base a realização de entrevistas não-estruturadas focalizadas presenciais (Marconi & Lakatos, 2003, p. 197), com observação direta intensiva, participante artificial, individual e estruturada (pp. 190-194). Para as entrevistas foram desenhados guiões adaptáveis que permitiram a abertura do diálogo e incentivaram à argumentação. Através do mesmo método foram realizadas entrevistas a três dos quatro artistas que participaram nesta edição do festival (KRUELLA D'ENFER, SEBAS VELASCO e Mário Belém) e a uma das suas fundadoras, Lara Seixo Rodrigues, com o objetivo de compreender quais as suas visões sobre o festival covilhanense e sobre o estado da arte urbana em Portugal. Todas estas entrevistas foram realizadas mediante consentimento informado de uma gravação áudio das mesmas, por parte dos entrevistados. Foram elaborados três tipos de guiões: um para a população (Apêndice 6), um para os artistas (Apêndice 7) e um para a organização (Apêndice 8). Apesar de terem sido efetuadas 34 entrevistas à população covilhanense, por motivos de respostas curtas, falta de argumentação ou mesmo até ausência das mesmas, foram descartadas quatro. Assim, esta investigação teve por base 30 entrevistas realizadas à população, três realizadas aos artistas e uma à organização,

perfazendo um total de 34 entrevistas em análise. No seu conjunto, estas decorreram de 4 a 27 de junho de 2019.

A recolha de dados foi ainda complementada com registos fotográficos capturados pela investigadora aquando do festival WOOL, filmes e documentários sobre a arte urbana e a Covilhã, e ainda notícias impressas e digitais (locais e nacionais).

## 5.2. Análise de Dados

### 5.2.1. Análise das respostas da pesquisa exploratória

A análise das respostas provenientes da pesquisa exploratória inicial foi realizada segundo o método "Análise de Respostas" de Kumar (2013). Ao responderem à questão "Se trouxesses um amigo e/ou familiar externo à Covilhã, quais os símbolos, marcas, referências turísticas e/ou culturais lhe davas a conhecer, imprescindivelmente?", os entrevistados enumeraram diferentes referências, por ordens diferentes e muitas vezes acabavam por se referir ao mesmo local ou referências de maneiras diferentes. Assim, com o objetivo de reduzir dados, todas as respostas foram agrupadas em "categorias principais" (mais gerais, cada uma assinalada por uma cor diferente), compostas por palavras-chave (locais ou referências) que se enquadram no tema de cada categoria. Por motivos de organização de dados, sempre que foram referidas palavras-chave que pertencem à mesma categoria principal, em momentos diferentes durante a entrevista, as mesmas foram agrupadas naquele que corresponde ao primeiro momento em que foram referidas. Essa é a razão pela qual não há nenhuma categoria principal repetida na tabela. Desta forma, assumem-se as seguintes categorias principais e respetivas palavras-chave, definidas pela investigadora:

- a. **Degustação (verde)**: queijo Serra da Estrela, presunto, pastel de molho, panela no forno, feijocas, pêssego, cherovia, cabrito, castanheiros, cereja do Fundão, broa de milho, bolachas de cerveja, arroz à valenciana, doce de garganta de freira, Restaurante "Taberna a Laranjinha", Restaurante "Paço 100 Pressa", Restaurante "Alkimya", Restaurante "Varanda da Estrela", Restaurante "Zé do Sporting", Casa das Muralhas, Quinta dos Termos, Nata Lisboa, Restaurante Montiel, Estrela Nevada;
- b. **Arte Urbana (amarelo)**: arte urbana, WOOL, murais do WOOL, roteiro de arte urbana, rota de arte urbana, roteiro do WOOL, pinturas, pinturas de arte urbana, circuito das pinturas murais, movimento de arte urbana;

- c. **Serra da Estrela (azul)**: neve, Cidade Neve, paisagem envolvente, paisagens, natureza, trilhos da Serra da Estrela, pastorícia, ar puro;
- d. **Diversão noturna (cinzento)**: Companhia Club (discoteca), Zé Adamado (bar/café), O Cantinho (tasca/bar), Northwalls (bar);
- e. **Visitar (rosa)**: centro histórico, parte histórica, escadas antigo castelo, Bairro Alto, miradouros (Portas do Sol, Varanda dos Carqueijais), ponte pedonal, Casa com História (alojamento local), praias fluviais (Paul, Unhais da Serra, Lagoa Grande, salgadeiras), ribeiras, barragens, New Hand Lab, A Tentadora (loja), Valice (loja), área das muralhas (centro histórico) espaços desportivos da cidade, Mercado Municipal, estátuas, Parque da Goldra, ruas com nomes de personalidades dos Descobrimientos;
- f. **Monumentos/Arquitetura (laranja)**: UBI, polos da UBI, igrejas (Igreja de Santa Maria, Igreja São Martinho, Igreja do Calvário, Igreja da Misericórdia), Câmara Municipal da Covilhã, estátuas de figuras históricas, Palacete Jardim com azulejos Arte Nova, antigo cinema, antigos correios, tribunal;
- g. **Museus (vermelho)**: Museu dos Lanifícios, Museu de Arte Sacra;
- h. **História da cidade (castanho)**: indústrias têxteis, fábricas, lanifícios, tecelões, operários, burel;
- i. **População (roxo)**: pessoas humildes, trabalhadoras, simpatia das gentes da terra, amor e conforto que se sente, cidade multicultural;
- j. **Outros (branco)**: cães Serra da Estrela, pantufas, tradição académica, cidade de estudantes, cidade universitária, boas acessibilidades, peças de teatro.

Importa ainda aferir sobre o tipo de amostragem nesta pesquisa exploratória inicial. A mesma apresenta-se como sendo probabilística, por se basear numa "escolha aleatória dos pesquisados, significando o aleatório que a seleção se faz de forma que cada membro da população tinha a *mesma probabilidade* de ser escolhido" (Marconi & Lakatos, 2003, p. 224). Além disso, insere-se num universo constituído por cidadãos residentes na cidade da Covilhã. A amostra total é constituída por 28 cidadãos covilhanenses, dos quais: 16 pertencem à faixa etária dos [20-30[, oito pertencem à faixa etária dos [30-40[, um pertence à faixa etária dos [40-50[ e três pertencem à faixa etária dos [50-60[; 15 são mulheres e 13 são homens.

Quadro 1. Síntese dos resultados da pesquisa exploratória inicial segundo o método “Análise de Respostas” de Kumar (2013).

	1ª menção	2ª menção	3ª menção	4ª menção	5ª menção	6ª menção	7ª menção	8ª menção	
Faixa Etária [20-30]	Joana Agostinho	Serra da Estrela	Degustação	Arte Urbana	Diversão Noturna	x	x	x	x
	Nelson Carvalho	Serra da Estrela	História da Cidade	População	Monumentos/Arquitetura	Museus	Visitar	Degustação	Arte Urbana
	Daniela Sofia	Serra da Estrela	Degustação	Outros	Visitar	Arte Urbana	x	x	x
	Rita Reigones	Arte Urbana	Serra da Estrela	Visitar	Outros	Diversão Noturna	x	x	x
	Guilherme Braz	Serra da Estrela	Visitar	Arte Urbana	Degustação	x	x	x	x
	Sofia Beja	Degustação	Serra da Estrela	Arte Urbana	Monumentos/Arquitetura	Visitar	x	x	x
	Ricardo Ruano	Visitar	Arte Urbana	Serra da Estrela	História da Cidade	x	x	x	x
	João Pinheira	Serra da Estrela	Arte Urbana	Monumentos/Arquitetura	Visitar	Degustação	Outros	x	x
	Raquel Bento	Serra da Estrela	Degustação	Arte Urbana	Monumentos/Arquitetura	x	x	x	x
	Catarina Diniz	Degustação	Arte Urbana	x	x	x	x	x	x
	Helena Xavier	Serra da Estrela	Arte Urbana	Visitar	História da Cidade	Degustação	População	Outros	x
	João Pinto	Arte Urbana	Visitar	Degustação	População	x	x	x	x
	Sofia Martins	População	Serra da Estrela	Degustação	Visitar	Arte Urbana	x	x	x
	Tânia Gonçalves	Arte Urbana	Degustação	Diversão Noturna	x	x	x	x	x
	João Bravo	Degustação	Monumentos/Arquitetura	Arte Urbana	Visitar	Serra da Estrela	x	x	x
Noel Vieira	Visitar	Arte Urbana	Diversão Noturna	Degustação	Monumentos/Arquitetura	x	x	x	

Faixa Etária [30-40]	Jaime Rendeiro	Arte Urbana	Visitar	Museus	Degustação	x	x	x	x
	Catarina Rodrigues	Serra da Estrela	História da Cidade	Arte Urbana	Visitar	Degustação	x	x	x
	Márcio Adrião	Arte Urbana	Degustação	x	x	x	x	x	x
	José Garret	História da Cidade	Degustação	x	x	x	x	x	x
	Jorge Carvalho	Monumentos/Arquitetura	Visitar	Outros	Arte Urbana	x	x	x	x
	Ricardo Pires	Serra da Estrela	Degustação	História da Cidade	Visitar	Arte Urbana	x	x	x
	João Pedro Jesus	Serra da Estrela	Degustação	x	x	x	x	x	x
	Sara Alvarinhas	Degustação	História da Cidade	Arte urbana	x	x	x	x	x

Faixa Etária [40-50]	Ana Bonina	Serra da Estrela	Degustação	História da Cidade	Visitar	Arte Urbana	x	x	x
----------------------	------------	------------------	------------	--------------------	---------	-------------	---	---	---

Faixa Etária [50-60]	Alexandra Nobre Freire	História da Cidade	Monumentos/Arquitetura	Arte Urbana	Degustação	Museus	x	x	x
	Vera Ferreira	Serra da Estrela	Arte Urbana	x	x	x	x	x	x
	Ana Rainha	Visitar	História da Cidade	Museus	Monumentos/Arquitetura	Degustação	Arte Urbana	Serra da Estrela	x

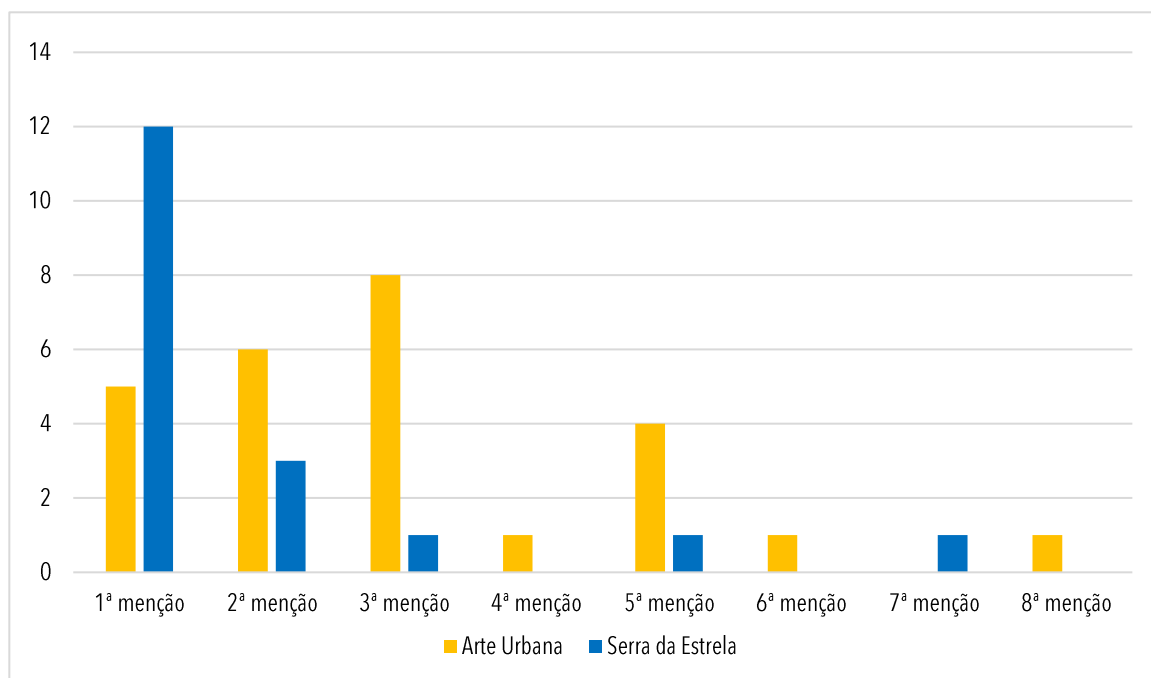


Gráfico 1. Número de pessoas que responderam a categoria “Arte Urbana” e “Serra da Estrela” de acordo com a respetiva ordem de enunciação.

Com base no Quadro 1 e Gráfico 1 que resumem as respostas dadas pelos inquiridos, conclui-se que:

- cinco pessoas identificaram “Arte Urbana” em 1º lugar;

- no total, a categoria de "Arte Urbana" foi mencionada por 26 pessoas embora em momentos distintos do discurso, sendo que apenas duas, pelo contrário, não mencionaram, em nenhum momento, a mesma categoria;
- 12 pessoas identificaram a categoria "Serra da Estrela" em 1º lugar;
- no total, a categoria "Serra da Estrela" foi mencionada por 18 pessoas, não tendo sido referida em nenhum momento do discurso por 10 pessoas;
- no total, a categoria "Degustação" foi mencionada por 24 pessoas, "Visitar" por 18 (igualando a "Serra da Estrela"), "História da Cidade" por 10, "Monumentos/Arquitetura" por nove, "Museus" + "Diversão Noturna" + "População" por quatro e, por último, a categoria "Outros" apenas foi mencionada por três pessoas.

A menção da categoria "Serra da Estrela" por um maior número de pessoas em primeiro lugar, comparativamente com a de "Arte Urbana", pode sugerir que a primeira está melhor posicionada na mente dos inquiridos relativamente à segunda. Contudo, o número de pessoas que não menciona em momento algum do discurso a categoria "Serra da Estrela" como elemento imprescindível a visitar é cinco vezes superior ao número de pessoas que não menciona "Arte Urbana", uma diferença bastante significativa e que abona a favor desta última categoria.

Pela contagem do número de pessoas que enunciou cada categoria, independentemente do momento do discurso, é possível observar uma hierarquia das mesmas, onde facilmente se conclui que a categoria de "Arte Urbana" ocupa o 1º lugar do pódio com 26 menções, sendo a categoria mais mencionada e a que, ao mesmo tempo, sofreu menos menções comparativamente com os outros grupos de palavras-chave. Esta análise demonstra que, de uma forma geral, a arte urbana da Covilhã está presente na memória coletiva dos covilhanenses e que é uma referência a que os mesmos dão primazia para dar a conhecer a quem visita pela primeira vez a cidade, fator que se revelou suficiente para avançar com o tema para elaborar a presente investigação.

### 5.2.2. Análise das entrevistas à população

A análise das respostas às entrevistas efetuadas durante a sexta edição do WOOL foi realizada a partir do método "Observação de Insights" de Kumar (2013). Este método consiste na descrição dos dados observados por meio de entrevistas organizados numa tabela-síntese, para posteriormente serem extraídos os respetivos *insights*. Para isso, foram analisadas as respostas de cada entrevistado de forma

individual, registrando o número de vezes que cada resposta foi enunciada. Assim, foram analisadas as seguintes questões:

**Questão 1:** Já conhecia o WOOL – Festival de Arte Urbana da Covilhã, a organização que é responsável por estes murais na cidade desde 2011?

**Questão 2:** Acha que a cidade, devido à existência das pinturas, está mais divertida, menos degradada, mais convidativa, mais interessante?

**Questão 3:** Na sua opinião, em que aspeto o WOOL mais valoriza a cidade da Covilhã? No fundo, qual é o acrescento que o WOOL dá à cidade?

**Questão 4:** Considera este tipo de imagens que vê nas paredes, arte ou vandalismo?

**Questão 5:** Na sua opinião, o que é que, atualmente, melhor representa a cidade da Covilhã, tanto em Portugal, como no estrangeiro?

**Questão 6 (apenas para quem não respondia "WOOL" ou "arte urbana" na questão 5):** Considera que a arte urbana da Covilhã (ou seja, o WOOL) é uma forte candidata para, num futuro próximo, vir a ser o símbolo ou o maior representante da cidade?

**Questão 7:** Considera que o centro histórico ganhou mais vida e/ou está mais desenvolvido desde que surgiram os murais de arte urbana do WOOL?

**Questão 8:** Conhece o projeto LATA 65?

As restantes questões que pertencem ao mesmo guião foram igualmente importantes para contextualizar e localizar os entrevistados no tema, para tentar perceber graus de criatividade, criar empatia e, por vezes, potenciar a qualidade de argumentação dos mesmos.

No Quadro 2, as oito questões apresentadas estão identificadas na primeira coluna "Questão"; na segunda coluna "Categoria" apresentam-se os conceitos atribuídos pela investigadora às referidas questões; os vários tipos de respostas identificados constam na terceira coluna "Dados de Observação"; na quarta coluna, "Exemplos de Contexto", encontram-se os fragmentos de respostas dadas pelos entrevistados que melhor contextualizam os dados observados; e, por fim, na última coluna "Número de Inferências" expõe-se o número de vezes que o respetivo dado de observação foi referido.

Acerca do tipo de amostragem, é possível afirmar que, semelhante à pesquisa exploratória, também esta se apresenta probabilística, por se basear numa escolha aleatória dos pesquisados, sendo que qualquer entrevistado tinha "a mesma probabilidade de ser escolhido" (Marconi & Lakatos, 2003, p. 224). Também se insere num universo composto por cidadãos residentes na cidade da Covilhã. Assim, a

amostra total é constituída por 30 covilhanenses dos quais: um pertence à faixa etária dos [15-20[, 10 pertencem à faixa etária dos [20-30[, dois pertencem à faixa etária dos [30-40[, três pertencem à faixa etária dos [40-50[, seis pertencem à faixa etária dos [50-60[, três pertencem à faixa etária dos [60-70[, três pertencem à faixa etária dos [70-80[ e dois pertencem à faixa etária dos [80-90[. No total, contam-se 14 mulheres e 16 homens.

**Quadro 2.** Síntese dos resultados das entrevistas efetuadas à população covilhanense durante a sexta edição do WOOL – Festival de Arte Urbana, segundo o método “Observação de Insights” de Kumar (2013).

QUESTÃO	CATEGORIA	DADOS DE OBSERVAÇÃO	EXEMPLOS DE CONTEXTO	Nº DE INFERÊNCIAS
1	WOOL	Já conhecia o WOOL e as peças	“Sim já conheço desde o primeiro ano e tenho acompanhado todos os anos o festival.”;	23
		Conhecia as peças, mas não sabia que pertenciam ao WOOL	“Sabia que existiam pessoas que faziam estas pinturas e sempre as achei bonitas, mas não sabia que tinha uma organização por trás disto tudo.”; “Sabia que estes murais existiam, mas não sabia que pertenciam a uma organização (...) Mas isso é extraordinário, isso é das coisas mais bem feitas.”	6
		Não conhecia o WOOL, nem as peças	“Não conhecia e nunca tinha ouvido falar do WOOL, é a primeira vez.”	1
2	CIDADE	A cidade fica mais bonita, mais agradável e mais interessante com o WOOL	“Sim, claro. (...) todas as unidades hoteleiras acabaram por se juntar ao WOOL e identificaram o WOOL como um projeto do futuro”; “Eu acho que a cidade fica mais bonita colorida do que toda da mesma cor.”; “A Covilhã está mais jovem (...) a arte urbana é, sem dúvida, um polo de interesse na Covilhã nos dias de hoje, quer para o público jovem, como para público de todas as idades”.	30
3	VALORIZAÇÃO	Turístico	“Tenho experiências pessoais de ter encontrado pessoas (espanhóis, ingleses, franceses) na zona de Santa Maria à procura dos murais, onde estão os murais e onde havia mais.”; “atrai turistas, porque é um festival já conhecido mundialmente e atraí visitantes”.	28
		Imobiliário	“Eu imaginava uma espécie de hostel ao lado do mural do Sebas, acho que ia funcionar super bem”.	7
		Económico	“Economicamente traz vantagens para os agentes económicos que estão cá e investiram no turismo.”; “os turistas, alguns vêm e muitos acabam por ficar e aproveitar o nosso comércio local”.	3
		Paisagístico	“uns desenhos que de facto vêm embelezar e tornar tudo mais atrativo, não só à vista, mas também paisagisticamente”.	1
		Cultural	“A arte é cultura”; “Sempre que o festival acontece (...) há workshops, há concertos e depois mesmo nas próprias visitas guiadas acaba por trazer cultura na medida em que (...) as obras têm como tema a história da cidade e tu (...) aprendes sobre a tua cidade.”; “O WOOL é uma lufada de ar fresco (...) também serviu de ponto de partida para que muitas outras pessoas tivessem algum tipo de iniciativas ligadas à arte e à cultura”.	11

3	VALORIZAÇÃO (cont.)	Social (População)	"Já participei em várias caminhadas e já fiz uma em que o percurso foi precisamente passar por todos os murais"; "A Universidade da Beira Interior fez lá um <i>open sunset</i> [junto dos murais nas Portas do Sol] como início de aulas, em setembro de 2018, e teve bastante adesão."; "Faz renascer o gosto pela cidade e isso é importantíssimo para defendê-la, para valorizá-la, para voltar, no fundo, a viver a cidade".	7
4	APRECIÇÃO	Os murais do WOOL são considerados arte	"O WOOL é o WOOL, é arte"; "É arte, ponto."; "É mesmo arte. Ninguém tenha dúvidas disso!"; "100% arte."; "Arte. Isto é diferente. É uma coisa organizada, com caráter cultural e artístico. Não há comparação, não vale a pena."	30(total)
5	SÍMBOLO	WOOL	"O WOOL é a marca que mais força tem e que melhor representa e promove a cidade e que mais longe leva o nome da Covilhã"; "São vários os artistas e jornalistas que vêm à Covilhã única e exclusivamente para apreciar as artes e só depois sim, é que descobrem a Serra da Estrela"; "Não houve nenhuma entidade ou nenhuma outra marca que conseguisse tanta visualização como o WOOL"; "Imagina, sempre que conheço pessoas e me perguntam de onde sou, aquilo que vai sempre ser falado é do WOOL"; "O WOOL leva muito o nome da Covilhã lá <i>pra</i> fora atualmente".	17
		Serra da Estrela	"Em 2019 eu acho que o nosso símbolo ainda continua a ser a natureza, a paisagem da serra. A Serra da Estrela é o cartaz que mais vende aqui."	13
		UBI	"O conhecimento científico que é produzido nesta universidade. (...) Temos uma universidade que 'dá cartas' em várias áreas e, portanto, digamos que esse é um dos grandes polos atrativos e que inclusivamente tem atraído muitas pessoas e muitos estudantes <i>pra</i> cá, professores, enfim, e isso enriquece a cidade"; "Acho que ainda é a universidade o grande polo atrativo (...) Hoje já não é a cidade fantasma"	8
		Lanifícios	"Ainda são os lanifícios, isso a Covilhã nunca vai perder."; "O símbolo da Covilhã é a indústria têxtil, hoje em dia é aquilo pela qual a Covilhã ainda é conhecida."	5
		Queijo	"A Covilhã é mesmo o queijo! <i>Epá</i> , é o melhor do mundo. (...) Poderia ser a arte urbana, mas sim é o queijo..."	1
		Ambiente de paz e tranquilidade	"A Covilhã é muito calma e muito tranquila. E o próprio sentimento de tranquilidade, de paz que nos transmite, é algo que torna a Covilhã muito especial (...) e isso para mim é o símbolo da Covilhã."	1
		Música	"a Associação Cultural da Beira Interior também tem uma expressão internacional muito grande noutra área, que é a área da música clássica. Também tem reconhecimento lá fora".	1
6	WOOL como símbolo da cidade no futuro	Ainda não é, mas pode vir a ser	"Eu acho que sim, só que estas coisas são super difíceis de se conseguir (...) não podem ser só os organizadores a lutar contra tudo e contra todos. Acho que falta divulgar por parte de instituições da Covilhã. Se não se fala das coisas, as coisas não existem."; "Tenho a noção que muita gente não sabe o que isto é e ao que pertence"; "Sim, pode vir a ser. Acho que ainda não é. Mas com tempo e com persistência no trabalho deles, nas coisas que possam fazer, acho que pode vir a ser."	7
		Não diria que seja um símbolo, mas já é uma grande referência/	"Acho que as pinturas são mais um aconchego. Mas eu estou convencido que hão de aparecer, para completar	4

6	WOOL como símbolo da cidade no futuro (cont.)	complemento/ aconchego a tudo o que a cidade já tem	todas estas pinturas, hão de aparecer mais coisas... isto está sempre a mudar"	
		A Covilhã é um conjunto de símbolos	"Não digo um símbolo. A Covilhã é um conjunto de símbolos. Vive disto, deste festival agora, da nossa natureza e também do nosso património industrial (...) que é um património nosso e que muito está adaptado agora e que também está aí para ser visto".	2
7	CENTRO HISTÓRICO	Está mais desenvolvido e existem diferenças	"Muito mais desenvolvido. (...) Isto passou a ter mais 50% do movimento que tinha antigamente. E a verdade é que esta parte histórica da cidade ficou muito diferente"; "A partir do momento em que o WOOL começou a fazer obras de arte cá em cima tive pessoas a dizer-me 'olha, vou morar para a casa ao pé do mocho' (...) ficam pontos de referência, ganhou muito mais vida"; "sem dúvida que a arte urbana ajuda a desenvolver a zona histórica. Eu própria vivo na zona central e acho que está muito diferente."; "as pinturas faz com que os locais atraiam melhor ambiente (...) as ruas estão mais <i>clean</i> ".	27
		Não nota nenhuma alteração, está igual	"Vou poucas vezes ao centro histórico e quando vou não noto muita diferença. (...) É uma pena. Ainda há trabalho para se fazer lá."	1
		Não sabe	"Oh, não sei como é que aquilo está, há muito tempo que não passo lá para cima, precisamente por causa de questões de saúde."	2
8	LATA 65	Conhece o projeto	"Conheço, ainda há pouco estava a falar nisso, está o muro deles ali mesmo em cima"; "Sim conheço e temos uma parede aqui na Covilhã que é ali quando se passa os correios".	15
		Não conhece o projeto	"Não, não conheço."	15

Tendo em conta o Quadro 2 que resume os dados recolhidos das respostas dos entrevistados, podem-se retirar várias ilações, juntamente com alguns dados presentes na entrevista realizada a Lara Seixo Rodrigues.

Em primeiro lugar, destacar o grande número de inferências do "Turismo" no que respeita à questão número três. Dos 30 entrevistados, 28 consideram que a vertente em que o WOOL mais valoriza a cidade da Covilhã é a turística. É reconhecida a visibilidade internacional do festival e inclusive a presença mais assídua de estrangeiros, mais concretamente de nacionalidade espanhola, inglesa e francesa. O impacto mediático apresentado no capítulo três não pode ser negligenciado, com o ano de 2018 a mostrar o maior número AVE nacional (423,761 €) e o maior número de impressões a nível internacional (10.654,758). O WOOL ainda é muito divulgado pela conhecida entidade Turismo de Portugal da Região Centro, não só

através da página Center of Portugal<sup>69</sup>, como também através de visitas guiadas pelas cidades portuguesas com circuitos de arte urbana, organizadas pela entidade:

É uma visita guiada que faço há três anos promovida pelo Turismo de Portugal da Região Centro, a que eles chamam de *press trips*, em que um grupo de jornalistas vem de determinada origem. De Benelux este ano, por exemplo, eram só alemães e superespecializados e pessoas que inclusivamente fazem parte de produção de festivais na Alemanha e, novamente, fizemos o trajeto: vamos a Estarreja, Aveiro, Figueira da Foz, Viseu e chegámos à Covilhã... E foi muito engraçado este ano, (...) é quando chegam à Covilhã que eles dizem mesmo assim "é aqui que se sente, é aqui que faz sentido". E foi muito curioso, porque (...) eles chegaram ao fim e dizem-me assim "não se sente rigorosamente nada; vê-se que as pessoas vieram pintar, mas não se transmite e eu chego à Covilhã e sinto amor"... As peças fazem sentido, as histórias fazem sentido, os sítios onde estão fazem sentido, vê-se que há um cuidado a esse nível(...). E este grupo especialmente, este ano, foi mesmo muito efusivo nisto de dizer "nem sequer vou falar quase dos outros sítios, porque é aqui que faz sentido falar de arte urbana, é aqui realmente que se sente que a arte urbana realmente pode mudar a identidade". (Lara Seixo Rodrigues em entrevista, 27/06/2019, Apêndice 11, pp. 270-271)

Como foi também possível verificar, quer durante a pesquisa inicial exploratória, quer nas entrevistas posteriores, os residentes da Covilhã também fazem questão de mostrar as peças artísticas do WOOL a quem visita a cidade pela primeira vez ou quando recebem visitas de amigos: "saio de casa várias vezes para ir dar um passeio pelos murais, às vezes até para levar outras pessoas para irem ver" (David Freire, 05/06/2019, Apêndice 10, p. 194). Alguns covilhanenses fazem ainda questão de enaltecer o trabalho árduo por parte da organização e o quanto estes contribuem para a visibilidade nacional e internacional da cidade, reconhecendo o seu mérito com orgulho: "eles têm feito um trabalho ótimo a esse nível, porque realmente sem apoios não é fácil" (Carlos Andrade, 07/06/2019, Apêndice 10, p. 214). Por isso, é possível afirmar que o WOOL se tornou um dos principais pontos atrativos da cidade da Covilhã e que o despertar para a cultura dos cidadãos também foi conseguido, conforme afirma Lara Seixo Rodrigues. A cofundadora do festival ainda enalteceu a promoção que é feita pelos próprios residentes e artistas convidados: "É muito bom, por exemplo, quando me cruzo com taxistas que andam a fazer a visita guiada a turistas que não querem fazer a pé e então anda o taxista a fazer o circuito com eles de táxi" (27/06/2019, Apêndice 11, p. 270); "os artistas promovem o festival e o nome da cidade onde estiveram e estão a promover a própria cidade lá fora (...) este ano nós trouxemos o SEBAS VELASCO e de repente toda a comunidade artística ficou de olhos na Covilhã, do tipo: (...) 'o que é este sítio que tem paredes como esta e situações como esta?'" (27/06/2019, Apêndice 11, p. 271). Também o facto de o total dos entrevistados reconhecer os murais como "100% arte" (Gonçalo Gomes, 07/06/2019, Apêndice 10, p. 217), feito de forma "organizada, com carácter cultural e artístico" (Francisco Geraldês, 07/06/2019, Apêndice 10, p. 224), é mais um resultado que facilita a partilha "boca-a-boca" do festival e, por sua vez, reforça a impulsão da cidade como

---

<sup>69</sup> Apresentação do WOOL pelo Centro de Portugal disponível em <http://www.centerofportugal.com/pt/woolfest-arte-urbana-na-covilha/>

marca. Tal como refere o entrevistado Carlos Andrade "o WOOL é o presente e é o futuro e não o passado." (07/06/2019, Apêndice 10, p. 215). Assim sendo, é possível afirmar que atualmente o WOOL é um veículo de promoção da cidade da Covilhã.

Em segundo lugar, referir que todos os entrevistados afirmaram que a cidade está "mais bonita", "clean", "mais agradável" e "mais vistosa" desde o começo das intervenções artísticas do WOOL. Portanto, as 30 respostas positivas à questão número dois comprovam que se observa uma melhoria a nível estético da cidade que potencia o embelezamento e atração do local, fatores que se juntam ao já valorizado plano de fundo paisagístico composto pela silhueta da Serra da Estrela. Foram ainda referidos adjetivos direcionados à cidade da Covilhã, como "decente", "temática", "nova", "valiosa", "jovem" e "colorida". Desta forma, as respostas à segunda questão validam o "valor adicionado" de boa aparência abordada no capítulo anterior. Conjuntamente, o WOOL foi o símbolo mais identificado como o que melhor representa a Covilhã atualmente a nível nacional e internacional, com 17 menções no total, entre as quais se podem ler as seguintes opiniões: "O WOOL leva muito o nome da Covilhã lá pra fora atualmente" e "isto está a movimentar a cidade em vários pontos (...), isto será realmente aquilo que está a despertar mais nos covilhanenses e depois é partilhado lá fora, sem dúvida" (Maria Isabel Madeira, 04/06/2019, Apêndice 10, p. 182). Este resultado em específico sugere que o fator competitivo da cidade seja mesmo o WOOL. Os resultados também clarificam acerca do impacto da arte urbana covilhanense nos cidadãos da cidade: o trabalho do WOOL também contribui para o bem-estar e sentimento de felicidade das pessoas, tornando a Covilhã numa "cidade inteligente" ao nível social. Esta ideia foi reforçada por Lara Seixo Rodrigues quando afirmou que a maior transformação que surgiu na cidade com o WOOL, deu-se nas pessoas, relembando memórias e histórias que se construíram com o realizar de cada edição do festival:

Foi muito emocionante ainda durante a primeira edição o dia da colagem dos cartazes, haviam pessoas, empresários e colegas das fábricas que não se viam há quarenta anos desde que as fábricas fecharam, ou seja, houve choro, baba e ranho por todo o lado. Mas foi mesmo muito emocionante e ainda mais emocionante o facto de aquilo só ter durado horas e é quando aprendes logo "ok, as coisas podem durar horas e não há problema nenhum". Depois a senhora que se foi despedir ainda da BTOY que lhe agradeceu porque estava o pastor agora a fazer-lhe companhia à janela. Depois no ano seguinte, em 2014, foi-lhe agradecer, porque agora tinha duas pessoas à janela, que o DHEO fez-lhe outra menina à janela. (Lara Seixo Rodrigues, 27/06/2019, Apêndice 11, p. 274)

Por isso, o WOOL construiu e mantém uma relação de respeito, apreciação (o festival é tido como "100% arte" pela totalidade dos entrevistados) e carinho junto da população covilhanense, sendo considerada atualmente a marca mais forte da cidade e até mesmo o símbolo atual da Covilhã.

Em terceiro lugar, com a questão número sete também se verifica que o WOOL foi determinante na reabilitação e aumento do movimento geral no centro histórico desde o seu início, afirmação que

corresponde à grande maioria dos entrevistados – mais precisamente 27. Neste sentido, apuraram-se respostas como: “Isto passou a ter mais 50% de movimento que tinha antigamente. E a verdade é que esta parte histórica da cidade (...) ficou muito diferente” (José Carlos dos Campos, 09/06/2019, Apêndice 10, p. 232); “O WOOL também faz com que as pessoas subam” (Catarina Rita, 11/06/2019, Apêndice 10, p. 262); “Houve um investimento e continua a haver na requalificação de algumas habitações que estavam ali a cair, que ninguém lhes dava importância nenhuma” (Albertina Ranito, 11/06/2019, Apêndice 10, p. 257). O festival também contribuiu para a realização de visitas aos murais por jardins de infância da cidade, não só para as crianças conhecerem a zona histórica, como também para lhes ensinar a história e transmitir informações sobre a Covilhã, de uma forma mais visual e criativa – esta decisão, segundo a entrevistada Albertina Ranito, é feita a nível do departamento pré-escolar. Portanto, o WOOL já faz parte das atividades curriculares de instituições de ensino pré-escolares da cidade e é uma ferramenta de aprendizagem. Além disso, o WOOL permite que os espaços envolventes dos murais sejam aproveitados para convívio, eventos culturais e académicos, tal como apuraram os resultados da questão número três, com a resposta “social”: os mais jovens admitem que “dá outro sentido à conversa” (Ângela Alves, 10/06/2019, Apêndice 10, p. 264), uma vez que “os murais estão em sítios mais abertos que dá para ‘estar’” (João André, 05/06/2019, Apêndice 10, p. 187); por outro lado, também são organizadas caminhadas por instituições que integram o próprio roteiro de arte urbana do WOOL ou que simplesmente são realizadas pela motivação pessoal dos seus residentes. Estes acontecimentos são possíveis, porque existe uma relação de reciprocidade entre o WOOL e a Covilhã, ou seja, a Covilhã é importante para o WOOL, porque é nela que este se baseia e, ao mesmo tempo, a cidade também aproveita o festival para se dinamizar. Tal como refere Lara Seixo Rodrigues “a cidade é o recinto do festival” (27/06/2019, Apêndice 11, p.274) e o WOOL “é da Covilhã” (p. 284), cuja história e características influencia os artistas e, conforme já se viu, a arte destes também influencia a Covilhã. Também o projeto LATA 65, neste sentido, é um agente dinamizador da cidade com maior impacto na camada populacional idosa, que apesar de não intervir apenas nesta cidade beirã, mas também noutras localidades portuguesas, sem dúvida que já fez com que uma parte dos seus residentes fossem mais ativos e felizes.

Porém, ainda se podem retirar determinadas ilações que não se apresentam tão positivas na influência do WOOL para a marca-cidade da Covilhã: dos entrevistados, um desconhece por completo o festival e o seu trabalho conforme se verifica na questão número um; e 13 entrevistados não veem o WOOL como a representação atual da cidade, encarando este festival ou como um complemento aos restantes símbolos já existentes ou, por outro lado, como algo que ainda pode vir a ser o símbolo da cidade, mas

que ainda não o é, conforme consta na questão número seis. A este respeito, durante as entrevistas também foi mencionado que a própria autarquia e instituições da Covilhã não tiram o máximo partido destas intervenções artísticas: “não podem ser só os organizadores a lutar contra tudo e contra todos (...) falta divulgar por parte das instituições da Covilhã. Se não se fala das coisas, as coisas não existem.” (Catarina Rita, 11/06/2019, Apêndice 10, p. 261); “a própria Câmara Municipal da Covilhã deveria aproveitar um bocadinho mais deste movimento para publicitar a cidade” (Gonçalo Gomes, 07/06/2019, Apêndice 10, p. 217). Lara Seixo Rodrigues concorda, tendo afirmado que:

Continua a haver um distanciamento face ao festival, por não entendimento que nós trabalhamos para a cidade. Nós não estamos a trabalhar para nós, nós trabalhamos claramente para a cidade e para o nome da cidade e para a projeção da cidade, e a comunicação, e o turismo, e a economia. Portanto acho que ainda não existe esse entendimento de que realmente o WOOL é um projeto, é uma entidade que existe na Covilhã e que tem que ser muito bem aproveitada e que pode ser muito melhor aproveitada do que está a ser neste momento. (Lara Seixo Rodrigues, 27/06/2019, Apêndice 11, p. 272)

Nesta medida, há um reconhecimento por parte dos cidadãos covilhanenses de que ainda há trabalho que pode ser desenvolvido por parte das referidas entidades.



## CONCLUSÃO

Mediante os factos subjacentes a toda a pesquisa efetuada, é possível apresentar dois conjuntos de conclusões: um relativo à contextualização histórica da arte urbana e outro relativo à influência da arte urbana do festival WOOL na cidade da Covilhã como marca.

Em primeiro lugar, podemos afirmar que o curto ciclo de vida da arte urbana e os olhares dogmáticos a esta dirigidos, nunca impediram a sua própria existência, nem a continuidade da sua recriação em diferentes tipos de formatos até aos dias de hoje. Esta expressão artística com um forte vínculo à cidade, permanece no mundo contemporâneo, fator que é reforçado pela legitimação de determinadas autarquias, museus e galerias (Campos, 2017, p. 4) e pela existência contínua de eventos e festivais relacionados com o tema. O WOOL nasceu em 2011 numa cidade no interior de Portugal – a Covilhã – despida de qualquer intervenção artística relacionada quer com o *graffiti*, quer com a arte urbana, elementos que estavam a ganhar relevo apenas nas grandes cidades. Mesmo assim, por entre algumas dificuldades no seu percurso, o WOOL faz parte da história da arte urbana e hoje é um festival com reconhecimento nacional e internacional.

Em segundo lugar, existem conclusões que se prendem com o case-study da cidade da Covilhã que consta no Capítulo IV e com o resultado da análise das entrevistas no Capítulo V. Com o case-study, foi possível concluir que a Covilhã é uma cidade com uma história de grande relevo nacional, cuja invocação de “Manchester Portuguesa” dificilmente será esquecida; é constituída por variadas atrações de cariz cultural e de lazer; é conhecida por alcunhas como “Cidade Neve”, “Cidade do Conhecimento” e mais recentemente por “Cidade Arte”; dá-se a conhecer visualmente através de um logotipo acompanhado por um *slogan*; é uma cidade com um crescimento turístico e respetivas receitas, bem explícitos, ocupando ainda uma boa classificação no estudo do PCBR© 2019; é composta por uma população reconhecida em geral, como hospitaleira e acolhedora de culturas diferentes, que põe em prática a “integração”, assumindo-se como “cidade inclusiva”; e que tem uma “funcionalidade” comprovada no que respeita às suas características citadinas, possibilitando o acesso a condições básicas de vida, profissionais e de ensino, e ainda com grandes potencialidades para atrair novos negócios e investidores devido à presença de parques tecnológicos como o Parkurbis e UBIMedical. Por outro lado, com a análise das entrevistas, foi possível concluir que os cidadãos consideram o WOOL como um ponto de grande interesse da Covilhã; 27 entrevistados reconhecem o seu papel determinante na reabilitação e aumento do movimento geral no centro histórico desde a sua existência; 17 identificaram este festival como o símbolo atual da cidade; ficou

perceptível o seu contributo para o bem-estar e sentimento de felicidade das pessoas, potenciando a vertente de “cidade inteligente” ao nível social; e, por último, também ficou claro o seu impacto essencialmente na divulgação da região a nível mediático (nacional e internacional) e turístico.

Contudo, para alguns cidadãos, e apesar dos resultados positivos, o WOOL é insuficiente para ser abordado como o único e/ou símbolo principal da cidade, sendo visto, por um lado, como “um aconchego” aos restantes símbolos que contemplam a cidade e a região (vistos como mais significantes do que o festival, como a Serra da Estrela e a UBI) e, por outro lado, ficou provada a constante lembrança e ligação da cidade à era prodigiosa da indústria dos lanifícios, que inegavelmente deixou o seu vínculo nesta cidade. Um entrevistado não conhecia o festival, nem os murais, sendo da opinião do mesmo que “muita gente não sabe o que isto é e ao que pertence” (Luís Bouxo, 05/06/2019, Apêndice 10, p. 190) e seis conhecem os murais, mas não que pertencem ao WOOL. Também não se pode descartar o índice de envelhecimento cada vez mais acentuado, o abandono da cidade com maior incidência na faixa etária mais jovem (dos [15-64] anos), assim como o descontentamento comprovado da população para com a autarquia local, respeitante ao aproveitamento e melhoramento dos próprios espaços urbanos e na própria dinamização e divulgação da cidade através do WOOL: “realmente devia-se olhar para o WOOL de outra forma, é um projeto que já é uma marca, claramente, e podia-se aproveitar isso para crescer ainda mais e porque crescer uma marca do território é crescer o território também” (Lara Seixo Rodrigues, 27/06/2019, Apêndice 11, p. 273). Quando questionada sobre aquilo que ainda falta alcançar na Covilhã através do WOOL, Lara Seixo Rodrigues respondeu objetivamente: falta fazer crescer o festival. E para isso “é preciso orçamento, porque nós para trazermos artistas à Covilhã, nós temos que os trazer do país inteiro, de lá de fora e vivemos no interior (...), lá está, a interioridade paga-se” (Apêndice 11, p. 273).

Segundo Winfield-Pfefferkorn (2005), uma cidade pode-se apresentar como sendo uma marca de sucesso, uma marca fraca e a necessitar de um *rebranding* ou, por último, pode ser uma marca promissora ainda em desenvolvimento. Desta forma, com base nas premissas da mesma autora e pelas afirmações apresentadas, pode-se concluir que a Covilhã é uma marca-cidade em desenvolvimento, com um futuro muito promissor no que respeita ao seu desenvolvimento como marca-cidade aliada ao WOOL – Festival de Arte Urbana da Covilhã. Esta premissa é apoiada especificamente por sete entrevistados que consideram que a cidade tem todas as potencialidades para se publicitar e crescer enquanto marca-cidade através do WOOL.

### **Constrangimentos, dificuldades e limitações na investigação**

Depois de concluído o estudo, é necessário revelar alguns aspetos que se mostraram limitadores à presente investigação. Efetivamente, tornou-se difícil, mesmo durante o último mês de pesquisa, acompanhar as novidades referentes à arte urbana no panorama nacional, pois as mesmas surgem com alguma celeridade e com frequência aparecem novos festivais, eventos ou programas que envolvem este tipo de expressão artística em Portugal. A falta de dados objetivos respeitantes ao impacto do WOOL e do projeto LATA 65 na própria cidade da Covilhã foi outra dificuldade que se verificou, necessários para uma conclusão assente em factos comprovados e certificados. A falta de documentação sobre a história da Covilhã e especialmente sobre a evolução do brasão da cidade foi outra dificuldade acrescida, motivo pelo qual no segundo capítulo apenas se apresentam três versões da heráldica autárquica – mesmo após sucessivas tentativas de contacto com a Câmara Municipal da Covilhã, não se obtiveram indicações ou quaisquer informações de registos da evolução deste símbolo. Também os problemas técnicos que surgiram no que respeita à gravação áudio no momento das entrevistas presenciais durante a sexta edição do festival WOOL, fizeram com que fosse necessário realizar mais entrevistas, ocupando tempo que estava definido pela investigadora para outras tarefas de pesquisa. Devido à limitação de tempo, ficaram por realizar entrevistas a entidades turísticas e de comércio na cidade, dentro e fora da zona histórica, para perceber objetivamente o impacto que o WOOL teve especificamente nestes negócios, consoante localização.

### **Desenvolvimentos futuros**

Para a presente investigação seria valorosa uma contribuição do(a) responsável do Turismo do Centro de Portugal, no que respeita à sua opinião pessoal acerca da aposta da mesma entidade na arte urbana para dinamizar a região Centro de Portugal, com o objetivo de também explorar possíveis pretensões futuras de dinamização em concreto para a cidade da Covilhã, em parceria com a Câmara Municipal e o WOOL. Esta, por limitação de tempo, não foi possível de concretizar. Seria ainda importante perceber de que forma a cidade da Covilhã aproveita as TIC em prol do sucesso da cidade, das suas infraestruturas e do aumento do bem-estar na sua população residente e visitantes.

Querendo acreditar que a presente dissertação é um contributo simples, mas consistente, para a cidade da Covilhã, espera-se que surjam novas possibilidades de se continuar um estudo qualitativo mais aprofundado e sistemático através da “floresta” de dados que o WOOL e a cidade têm por explorar. Assim, é expectável que se possa melhorar, enaltecer e dinamizar não só a Covilhã, como a região da Beira

Interior e todo o interior de Portugal, com iguais ou melhores ofertas paisagísticas, turísticas e culturais que as restantes regiões do país.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMADO, F. (2017). *City Branding: Turismo, Co-criação e Qualidade de vida na cidade*(Dissertação de Mestrado). IADE-UE, Lisboa.
- ASSUNÇÃO, A. R. (s.d.). *O movimento operário da Covilhã – Volume I (1890-1907)*. Covilhã: Edição de Autor.
- ASSUNÇÃO, A. R. (s.d.). *O movimento operário da Covilhã – Volume II (1907-1926)*. Covilhã: Edição de Autor.
- BANKSY (2005). *Wall and Piece*. UK: Century.
- BARATA, J. R. (2006). *Covilhã – Nascimento e Consolidação*. (s.l.): (s.n).
- BAUMAN, Z. (1999). *Globalização: As consequências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- BLOOM CONSULTING. (2019). *Portugal City Brand Ranking© 2019: Municípios Portugueses*. Lisboa: Bloom Consulting. Disponível em [https://www.bloom-consulting.com/pdf/rankings/Bloom\\_Consulting\\_City\\_Brand\\_Ranking\\_Portugal.pdf](https://www.bloom-consulting.com/pdf/rankings/Bloom_Consulting_City_Brand_Ranking_Portugal.pdf). Consultado no mês de maio de 2019.
- BORGES, A. G. (2005). *História Urbana em Postais e Fotografias da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição da Covilhã (1890-2000)*. Covilhã: Associação dos Amigos da Covilhã.
- Câmara Municipal da Covilhã. (2014). *Manual de Normas Gráficas*. Covilhã: Câmara Municipal da Covilhã.
- Câmara Municipal da Covilhã. (2014). *Itinerários: A Arte Nova na Covilhã*. Covilhã: Câmara Municipal da Covilhã.
- CAMPOS, R. (2010). *Porque pintamos a cidade?: Uma abordagem etnográfica do graffiti urbano*. (s.l.): Fim De Século.
- CAMPOS, R. (2017). *Arte urbana, patrimonialização e inventariação. Arte urbana enquanto património das cidades*, ISCAP-P.PORTO. Disponível em [https://www.researchgate.net/publication/322799270\\_Arte\\_urbana\\_enquanto\\_patrimonio\\_das\\_cidades](https://www.researchgate.net/publication/322799270_Arte_urbana_enquanto_patrimonio_das_cidades). Consultado a 06 de novembro de 2019.
- CAPRIOTTI, P. (2009). *Branding Corporativo: Fundamentos para la gestión estratégica de la Identidad Corporativa*. Chile: Libros de la Empresa
- CARLOS, F. C. S. (2008). *Os Paços do Concelho da Covilhã*. Covilhã: Câmara Municipal da Covilhã.
- CISION. (2016). *Mistaker Maker Communication Performance*. Lisboa: CISION.
- CISION. (2017). *Mistaker Maker Communication Performance*. Lisboa: CISION.
- CISION. (2018). *Mistaker Maker 2018 Communication Performance*. Lisboa: CISION.
- Decreto-Lei nº 557/76 de 16 de julho da Presidência do Conselho de Ministros*. Diário da República: I série, nº 165 (1976). Disponível em <https://dre.pt/application/file/430568>. Consultado a 07 de novembro de 2019.
- Decreto-Lei nº 83/2007 de 10 de Outubro do Ministério do Ambiente, do Ordenamento do Território e do Desenvolvimento Regional*. Diário da República: Iª série, nº 195 (2007). Disponível em <https://dre.pt/application/file/a/641366>. Consultado a 07 de novembro de 2019.
- Dicionário da Língua Portuguesa – Tomo II da Texto Editores (2006). Cacém: Texto Editores, Lda.

- DIOGO, J. (2012). *As Cidades como Marcas: Proposta de Modelo de Comunicação de Marca Territorial* (Dissertação de Mestrado). IPV, Viseu.
- DORNELLAS, A. (1934). Comissão de Heráldica da Associação dos Arqueólogos Portugueses. *História da Heráldica Covilhanense*. Sintra. Disponível em <http://www.cm-covilha.pt/download/heraldica.pdf>. Consultado a 06 de novembro de 2019.
- ELIAS, H. (2018). As cidades inteligentes e as narrativas de futuro. *Revista de Comunicação e Linguagens*, N° 48, pp. 79-88.
- EUGÉNIO, S. R. (2013). *Arte urbana no século XXI – A relação com o mercado da arte* (Dissertação de Mestrado). ISCTE-IUL, Lisboa.
- FERRO, L. (2011). *Da rua para o mundo: configurações do graffiti e do parkour e campos de possibilidades urbanas* (Tese de Doutoramento). ISCTE-IUL, Lisboa.
- GOVERS, R. (2011). From place marketing do place branding and back. *Place Branding and Public Diplomacy*, V. 7, 4, pp. 227-231.
- KAPFERER, J. (1994). A Identidade de Marca. In J. Kapferer, *As Marcas, Capital da Empresa: Criar e desenvolver marcas fortes* (pp. 30-46). (s.l.): Bookman.
- KOTLER, P., KARTAJAYA, H., & SETIAWAN, I. (2017). *Marketing 4.0: Mudança do tradicional para o digital*. (s.l.): Actual Editora.
- KUMAR, V. (2013). Mode 4: Frame Insights. In V. Kumar, *101 Design Methods: A Structured Approach for Driving Innovation in Your Organization* (pp. 129-193). Hoboken, NJ: Wiley.
- MARCONI, M., & LAKATOS, E. (2003). *Fundamentos de Metodologia Científica* (5ª Ed.). São Paulo: Editora Atlas.
- ONU (2019). *World Population Prospects 2019: Highlights* (ST/ESA/SER.A/423). Nova Iorque: ONU. Disponível em [https://population.un.org/wpp/Publications/Files/WPP2019\\_Highlights.pdf](https://population.un.org/wpp/Publications/Files/WPP2019_Highlights.pdf). Consultado a 06 de novembro de 2019.
- ONU (2018). *World Urbanization Prospects 2018: Highlights* (ST/ESA/SER.A/421). Nova Iorque: ONU. Disponível em <https://population.un.org/wup/Publications/Files/WUP2018-Highlights.pdf>. Consultado a 06 de novembro de 2019.
- PEREIRA, J. (2010). *A cidade como marca: Um instrumento de desenvolvimento sustentável* (Dissertação de Mestrado). UMINHO, Braga.
- QUINTELLA, A. M. (1899). *Subsídios Para A Monographia Da Covilhan*. Covilhã: Typ. d'O Rebate
- RIJO, C. (2012). A Marca Enquanto Representação Identitária da Cidade. *Revista Educação Gráfica*, V. 16, pp. 34-43.
- RODRIGUES, P. S. (2018). WOOL – Covilhã Arte Urbana: Um olhar sobre o festival. In Magalhães, G. & Sidoncha, U. (Org.) *Cultura(S): Definições, Desafios, Percursos* (pp. 147-156). Covilhã: LabCom.IFP. Disponível em [http://www.labcom-ifp.ubi.pt/ficheiros/201812071735-201815\\_culturas\\_gmagalhaes\\_usidoncha.pdf](http://www.labcom-ifp.ubi.pt/ficheiros/201812071735-201815_culturas_gmagalhaes_usidoncha.pdf). Acedido a 04/11/2019. Consultado a 04 de novembro de 2019.
- ROSA, D. (2019). Arte, Cultura e Desporto por Descobrir na Covilhã: A capital da street art portuguesa merece uma visita. *Revista CRISTINA*, Ano 5 N° 4, p. 134. Consultado no mês de julho de 2019.

- SEQUEIRA, A. (2015). *A cidade é o habitat da arte: Street art e a construção de espaço público em Lisboa* (Tese de Doutoramento). ISCTE-IUL, Lisboa.
- SILVA, J. A. (1996). *História da Covilhã*. Covilhã: (s.n.).
- SILVA, J. A. (1991, outubro 18). História da Covilhã: A Lenda da Cava Juliana. *Notícias da Covilhã*. p.18. Consultado a 29 de junho de 2019.
- STAHL, J. (2009). *Street Art*. (s.l.): H. F. Ullmann
- WACLAWEK, A. (2008). *From Graffiti to the Street Art Movement: Negotiating Art Worlds, Urban Spaces, and Visual Culture, c. 1970-2008* (Tese de Doutoramento). Concordia University, Canada.
- WINFIELD-PFEFFERKORN, J. (2005). *The Branding of Cities: Exploring City Branding and the Importance of Brand Image* (Dissertação de Mestrado). Syracuse University, Nova Iorque.

## WEBGRAFIA

- Affordable Art Fair. (2019). Disponível em <https://affordableartfair.com/>
- ALMEIDA, L. (2016, dezembro 19). 5 álbuns de rap nacional que merecem ser reeditados. *Rimas e Batidas*. Disponível em <https://www.rimasebatidas.pt/5-albuns-rap-nacional-merecem-reeditados/>. Consultado a 28 de agosto de 2019.
- ANÓNIMO. (2010, maio 16). Estágio da seleção de futebol na Covilhã. *RTP Arquivos*. Disponível em <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/estagio-da-selecao-de-futebol-na-covilha/>. Consultado a 22 de maio de 2019.
- ANÓNIMO. (2016, fevereiro 05). O segredo da barragem de Covão dos Conchos. *SIC Notícias*. Disponível em <https://sicnoticias.pt/pais/2016-02-05-O-segredo-da-barragem-de-Covao-dos-Conchos>. Consultado a 22 de maio de 2019.
- ANÓNIMO. (2018, agosto 10). "Street art": Covilhã mais parece uma galeria de arte a céu aberto. *TVI24*. Disponível em <https://tvi24.iol.pt/videos/sociedade/street-art-covilha-mais-parece-uma-galeria-de-arte-a-ceu-aberto/5b6de5de0cf22e5fe07449c6>. Consultado a 23 de julho de 2019.
- APAURB. (2019). Página de Facebook da Associação Portuguesa de Arte Urbana. Disponível em <https://www.facebook.com/APAURB-118261905010840/>
- ART BASEL. (2019). Disponível em <https://www.artbasel.com/>
- Arte Pública Fundação EDP. (2019). Site do programa Arte Pública Fundação EDP. Disponível em <https://www.fundacaoedp.pt/pt/artepublica>
- Câmara Municipal da Covilhã. (2019). Site da Câmara Municipal da Covilhã. Disponível em <http://www.cm-covilha.pt/>
- Circus Network. (2019). Site da galeria de arte Circus Network. Disponível em <https://circus-network.myshopify.com/>
- Ctrl.Alt.RUA. (2019). Site da plataforma informativa Ctrl.Alt.RUA. Disponível em <https://ctrlaltrua.com/>.

- DGARTES. (2019). Site da Direção Geral das Artes. Disponível em <https://www.dgartes.gov.pt/>
- ESTAU. (2019). Página de Facebook do Festival ESTAU – Estarreja Arte Urbana. Disponível em <https://www.facebook.com/estarrejaarturbana/>
- ESTEVES, P. (2015, fevereiro 04). Covilhã recebe o "Ingress", o jogo de realidade aumentada da Google. *Observador*. Disponível em <https://observador.pt/2015/02/04/ingress-google-fevereiro-2015-covilha/>. Consultado a 02 de junho de 2019.
- Europe for Festivals, Festivals for Europe. (2019). Site para pesquisa de festivais de artes em 45 países europeus. Disponível em <https://www.festivalfinder.eu/>
- FAZUNCHAR. (2019). Página de Facebook do Festival Fazunchar. Disponível em <https://www.facebook.com/fazunchar/>
- GAU. (2019). Site da Galeria de Arte Urbana. Disponível em <http://gau.cm-lisboa.pt/galeria.html>
- Google Art Project. (2019). Site do Google Art Project. Disponível em <https://streetart.withgoogle.com/pt/>
- GRAFFUTURISM (2012). Daniel Feral releases Feral Diagram 2.0 at Futurism 2.0 "Symmetry across Centuries" [Web log post]. Disponível em <http://graffuturism.com/2012/09/24/daniel-feral-releases-feral-diagram-2-0-at-futurism-2-0-symmetry-across-centuries/>. Consultado a 02 de agosto de 2019.
- Henry Chalfant. (2019). Site do fotógrafo Henry Chalfant. Disponível em <https://www.henrychalfant.com/>
- ICNF. (2019). Site do Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas. Disponível em <http://www2.icnf.pt/portal>
- INE. (2019). Site do Portal do Instituto Nacional de Estatística. Disponível em <https://www.ine.pt>
- Inscrições nas paredes de Pompeia. (2019). Disponível em <http://www.pompeiana.org/Resources/Epigraphy/Ancient%20History%20Sourcebook%20Inscriptions%20From%20Pompeii.htm>. Consultado no mês de fevereiro de 2019.
- INSTAGRAFITE. (2019). Site da comunidade de arte urbana Instagrafite. Disponível em <http://instagrafite.com/>
- LATA 65. (2019). Página de Facebook do projeto LATA 65. Disponível em <https://www.facebook.com/Lata65/>
- LUSA. (2018, dezembro 10). O luxo do século XXI vai ser o interior de Portugal. *Jornal Expresso Economia*. Disponível em <https://expresso.pt/economia/2018-12-10-O-luxo-do-seculo-XXI-vai-ser-o-interior-de-Portugal>. Consultado a 07/11/2019.
- Martha Cooper. (2019). Página de Instagram da fotógrafa Martha Cooper. Disponível em <https://www.instagram.com/marthacoopergram>
- Mistaker Maker. (2019). Site da Plataforma de Intervenção Artística Mistaker Maker. Disponível em <https://mistakermaker.org/>
- MURALIZA. (2019). Página de Facebook do Festival Muraliza Cascais. Disponível em <https://www.facebook.com/muralizacascais/>
- NATIONAL GEOGRAPHIC. (2018, maio 2). Lata 65: Desafiando a Velhice Com Arte Urbana. *National Geographic Portugal*. Disponível em <https://www.natgeo.pt/genius/2018/05/lata-65-desafiando-velhice-com-arte-urbana>. Consultado a 30 de julho de 2019.

- PLUBITURIS. (2019, janeiro 18). Covilhã Congratula-Se Por Receber Centro De Inovação Do Turismo. *Publituris*. Disponível em <https://www.publituris.pt/2019/01/18/covilha-congratula-se-por-receber-centro-de-inovacao-do-turismo/>. Consultado a 02 de junho de 2019.
- PORDATA. (2019). Site da Base de Dados Portugal Contemporâneo. Disponível em [www.pordata.pt](http://www.pordata.pt)
- REIS, L. (2018, janeiro 10). Covilhã é o concelho da região preferido dos turistas. *Jornal do Fundão*. Disponível em <https://www.jornaldofundao.pt/sociedade/covilha-concelho-da-regiao-preferido-dos-turistas/>. Consultado a 25/06/2019.
- RODRIGUES, M. (2017, maio 28). Os rios que a Beira desenhou. *Jornal do Fundão*. Disponível em <https://www.jornaldofundao.pt/galeria/os-rios-beira-desenhou/>. Consultado a 08 de maio de 2019.
- Smart Dubai 2021. (2019). Site da iniciativa Smart Dubai 2021. Disponível em <https://2021.smartdubai.ae/>.
- Smart Dubai. (2019). Site da iniciativa Smart Dubai. Disponível em <https://www.smartdubai.ae/>.
- The New York Times Archives (1971, julho 21). Taki 183' Spawns Pen Pals. The New York Times. Disponível em <https://www.nytimes.com/1971/07/21/archives/taki-183-spawns-pen-pals.html>. Consultado a 26 de julho de 2019.
- Turismo do Centro. (2019). Site do Turismo do Centro de Portugal. Disponível em <https://turismodocentro.pt/>.
- UBI (2019). Site da Universidade da Beira Interior. Disponível em [www.ubi.pt](http://www.ubi.pt).
- Underdogs. (2019). Site do projeto Underdogs. Disponível em <https://www.under-dogs.net/>
- URBAN NATION. (2019). Site do Museu de Arte Contemporânea, Urban Nation. Disponível em <https://urban-nation.com/>
- Visit Portugal. (2019). Site Visit Portugal da entidade Turismo de Portugal. Disponível em <https://www.visitportugal.com/pt-pt>
- WILLEMS, M. (2018). Covilhã, The Capital of Street Art in Portugal [Web log post]. Disponível em <https://trvlmrk.com/en/covilha-street-art-in-portugal/>. Consultado a 07 de novembro de 2019.
- WOOL. (2019). Página de Facebook do WOOL – Festival de Arte Urbana da Covilhã. Disponível em <https://www.facebook.com/woolfest>
- YEUNG, G. (2016, abril 1). Vhils Takes Over Hong Kong With His "Debris" Solo Exhibition. *Hypebeast*. Disponível em <https://hypebeast.com/2016/4/vhils-debris-hong-kong-recap>. Consultado a 13 de março de 2019.

## ARTISTAS

- ADD FUEL. Site disponível em <https://www.addfuel.com/>
- AHENEAH. Site disponível em <https://aheneah.com/>
- ARM Collective. Página de Facebook disponível em <https://www.facebook.com/ARMcollective-272743989453705/>
- BANKSY. Site disponível em <http://www.banksy.co.uk>

BLEK LE RAT. Site disponível em <https://blekleratoriginal.com/>

BORDALO II. Site disponível em <http://www.bordaloii.com/>

BOSOLETTI. Site disponível em <https://bosoletti.com/>

BTOY. Página de Facebook disponível em <https://www.facebook.com/BTOY-131023090241290/>

Doa Oa. Site disponível em <https://doaoa.wordpress.com/>

DOKE. Página de Youtube disponível em [https://www.youtube.com/channel/UC9ntGcdOjckSSjeeM\\_YmDcg](https://www.youtube.com/channel/UC9ntGcdOjckSSjeeM_YmDcg)

Douglas Pereira. Página de Instagram disponível em <https://www.instagram.com/dojla/>

DRAW. Site disponível em <https://www.fredericodraw.com>

HALFSTUDIO. Site disponível em <http://halfstudio.net/>

JEAN-MICHEL Basquiat. Site disponível em <http://basquiat.com/>

JOHN FEKNER. Site disponível em <http://www.johnfekner.com/>

JR. Site disponível em <https://www.jr-art.net/>

Keith Haring. Site disponível em <http://www.haring.com>

KRAM. Site disponível em <http://www.kram.es/>

KRUELLA D'ENFER. Site disponível em <http://www.kruelladenfer.com/>

L\* is not an artist. Página de Instagram disponível em <https://www.instagram.com/luisacortesao1/>

±MAISMENOS±. Site disponível em <http://maismenos.net/>

MAR. Site disponível em <https://goncalomar.com/>

Mário Belém. Site disponível em <http://www.mariobelem.com/>

MR. DHEO. Site disponível em <https://www.mrdheo.com/>

ODEITH. Site disponível em <https://www.odeith.com/>

Pantónio. Página de Facebook disponível em <https://www.facebook.com/pantonioo/>

Pastel. Página de Facebook disponível em <https://www.facebook.com/profile.php?id=100006302113669-pastel>

ROC BLACKBLOCK. Site disponível em <https://rocblackblock.wixsite.com/inicio>

SAMINA. Página de Facebook disponível em <https://www.facebook.com/saminartist/>

SEBAS VELASCO. Site disponível em <http://www.sebasvelasco.com/>

SHEPARD FAIREY. Site disponível em <https://obeygiant.com/>

TAKI 183. Site disponível em <https://www.taki183.net>

TAMARA ALVES. Site disponível em <https://tamaraalves.com/>

Third. Página de Facebook disponível em <https://www.facebook.com/thirdrua/>

VHILS. Site disponível em <https://www.vhils.com/>

## FILMOGRAFIA

- DAY, C. M. (Diretor). (2017). *Saving Banksy*. EUA: Rotten Tomatoes
- MENDES, H. (Realizador). (1965). *A Serra da Estrela*. (s.l.): RTP Arquivos. Disponível em <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/a-serra-da-estrela>. Consultado a 22 de maio de 2019.
- SCHWARZ, D. (Produtor). (2016). *Graffiti Grandmas*. Noruega: Phobia Film
- BANKSY (Diretor). (2010). *Exit Through The Gift Shop*. UK: Paranoid Pictures. Filme completo disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=lqVXThss1z4>. Consultado a 04 de outubro de 2019.

## VÍDEOS

- Galerie Itinerrance (2014, abril 1). TOUR PARIS 13. Disponível em <https://www.facebook.com/galerieitinerrance/videos/730757440292237/>. Consultado a 07 de novembro de 2019.
- TED Global (2014). How painting can transform communities by Haas&Hahn. Disponível em [https://www.ted.com/talks/haas\\_hahn\\_how\\_painting\\_can\\_transform\\_communities](https://www.ted.com/talks/haas_hahn_how_painting_can_transform_communities). Consultado a 24 de outubro de 2019.
- Mistaker Maker. (2016, maio 14). MM | MURO 2016 \_ dia | day 6. Disponível em <https://vimeo.com/166622431>. Consultado a 26 de junho de 2019.
- Mistaker Maker. (2017, abril 27). LATA 65 | Mutualista Covilhanense. Disponível em <https://vimeo.com/214999481>. Consultado a 26 de junho de 2019.
- Mistaker Maker. (2019, janeiro 09). LATA 65 | I'm a Graffiti Grandma. Disponível em <https://vimeo.com/310406682>. Consultado a 26 de junho de 2019.
- Mistaker Maker. (2019, janeiro 09). LATA 65 | Graffiti Art For Grannies by AJ+. Disponível em <https://vimeo.com/310405092>. Consultado a 26 de junho de 2019.
- Nuart Festival (2019, outubro 12). LATA 65 for NUART ABERDEEN 2019. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=sS0drGp71ls>. Consultado a 22 de outubro de 2019.
- WOOL. (2014). WOOL ON RESIDENCE | @ RTP1. Disponível em <https://vimeo.com/110874702>. Consultado no mês de setembro de 2019.
- WOOL. (2017). WOOL | Covilhã Arte Urbana 2017\_Covilhã Manchester. Disponível em <https://vimeo.com/222974180>. Consultado no mês de setembro de 2019.
- WOOL. (2018). WOOL | Covilhã Arte Urbana 2018. Disponível em <https://vimeo.com/278843588>. Consultado no mês de setembro de 2019.
- WOOL. (2019). WOOL | Covilhã Arte Urbana 2019. Disponível em <https://vimeo.com/348026402>. Consultado no mês de setembro de 2019.

## **PRESENÇA EM EVENTOS**

Geo-Graffiti Festival 2019, Praia Grande, Sintra, de 6 a 12 maio de 2019.

Workshop de Colagem Criativa orientado pela artista Margarida Girão durante a 6ª edição do WOOL, Covilhã, 08 de junho de 2019.

6ª Edição do WOOL – Festival de Arte Urbana da Covilhã – Covilhã, de 1 a 10 de junho de 2019.





## APÊNDICE 1 – PIB E PIB *PER CAPITA* 2016 E 2017Po POR NUTS III

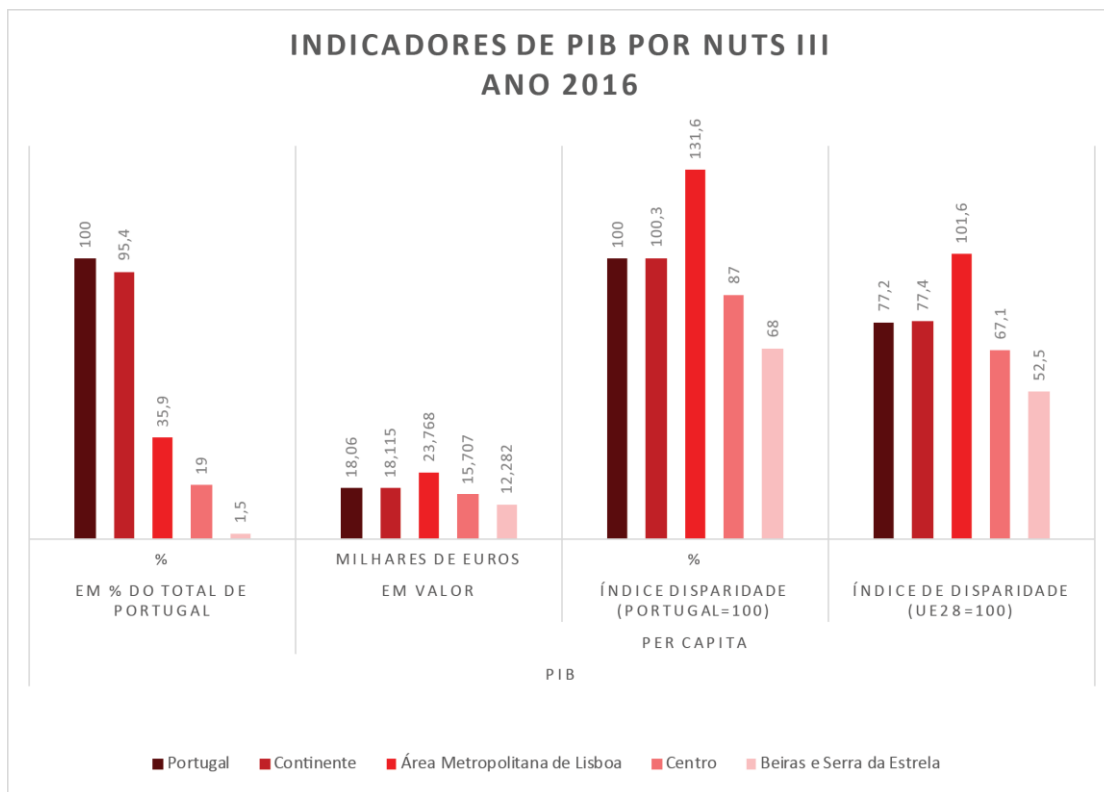


Figura 1. Indicadores de PIB e PIB *per capita* por NUTS III, ano 2016. Portugal = 100. Fonte: INE.

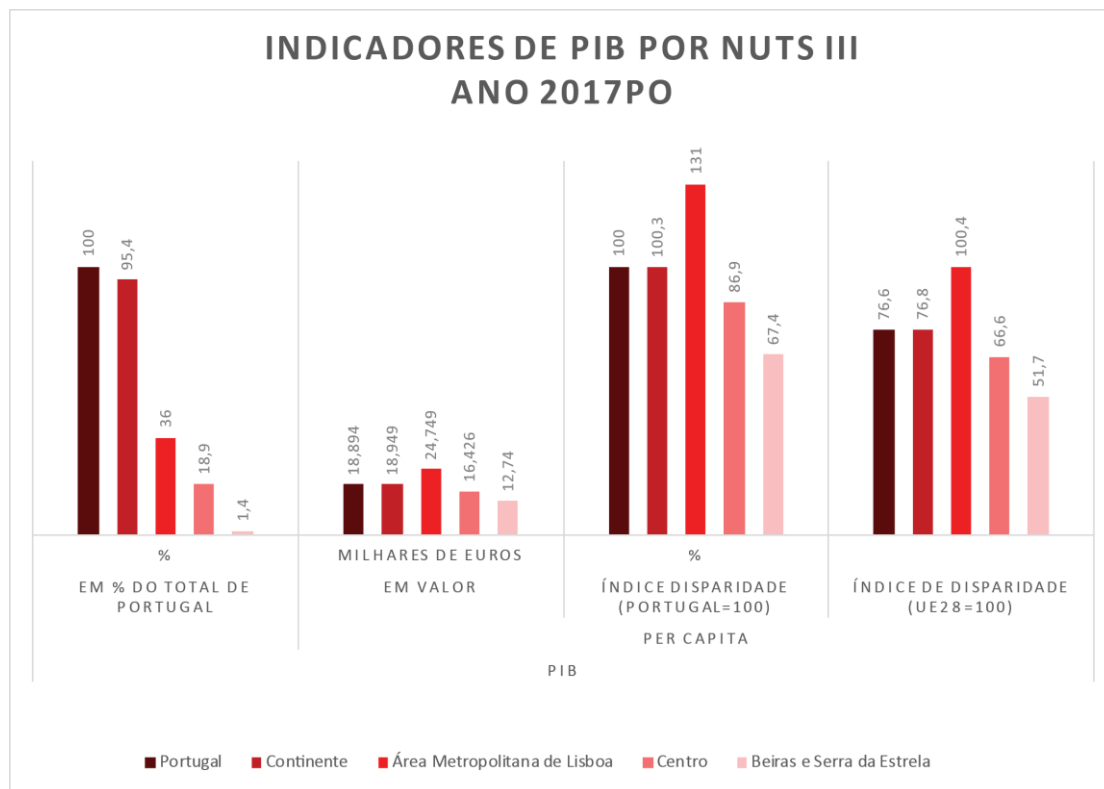


Figura 2. Indicadores de PIB e PIB *per capita* por NUTS III, ano 2017Po. Portugal = 100. Fonte: INE.

## APÊNDICE 2 – A COVILHÃ: ENTRE O PASSADO E O PRESENTE<sup>1</sup>



Figura 3. Década de 60 vs. 2019: Largo da Infância XXI (Borges, 2005, p. 72).

<sup>1</sup>As fotografias a preto e branco foram retiradas da obra de Borges (2005). As atuais são da autoria da investigadora.



Figura 4. Década de 60 vs. 2019: Fábrica Campos Mello & Irmão e Manuel Lourenço & Cª (Borges, 2005, p. 90).



Figura 5. Década de 60 vs. 2019: Rua Dr. Júlio Maria da Costa e Avenida de Santarém (Borges, 2005, p. 38).

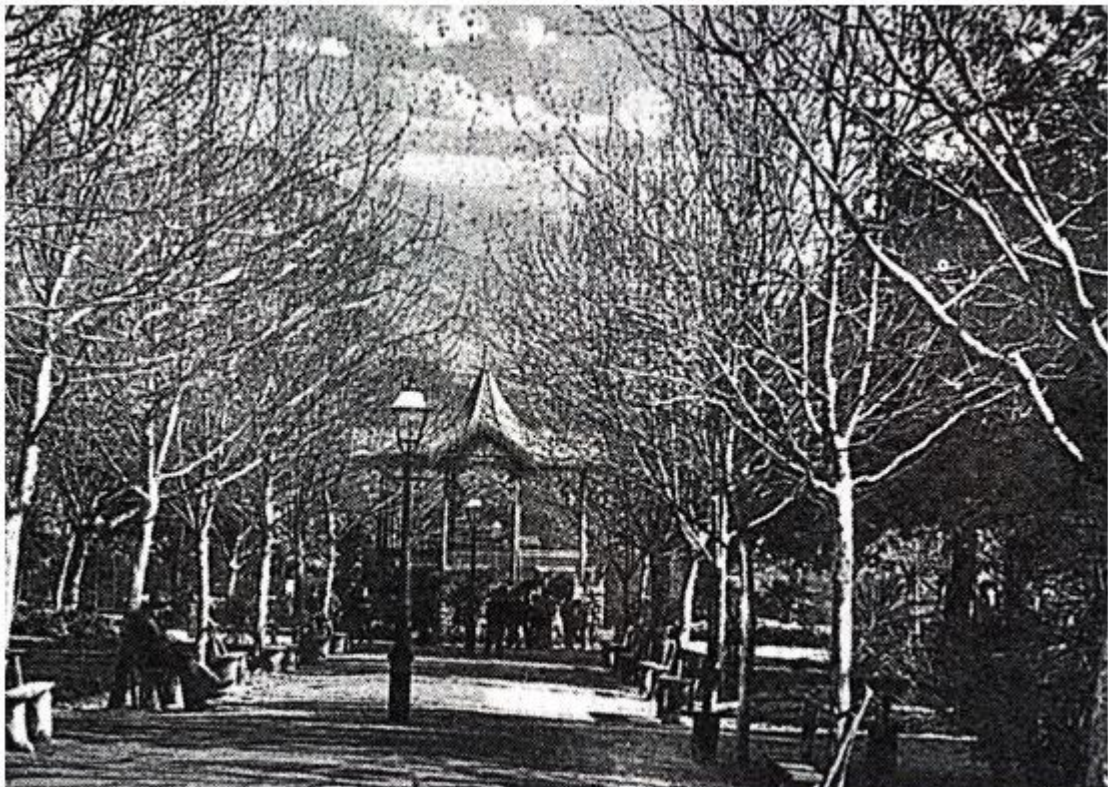


Figura 6. Ano 1900 vs. 2019: Jardim Público e Coreto (Borges, 2005, p. 60).



**Figura 7.** Década de 90 vs. 2019: Avenida Frei Heitor Pinto, antiga Biblioteca Municipal da Covilhã e atual Banda da Covilhã. (Borges, 2005, p. 58).



Figura 8. Década de 20 vs. 2019: Jardim Público, Pensão Avenida (Borges, 2005, p. 63).

## APÊNDICE 3 – DIÁRIO DE BORDO (WOOL 2019 – de 1 a 10 de junho)

### Dia 1 e 2 (sábado e domingo)

Em todas as edições do WOOL, a organização reserva sempre os primeiros dias do festival para fazer a melhor recepção possível aos artistas e às suas respectivas equipas de trabalho. Por isso, nesta sexta edição não foi diferente. O primeiro e o segundo dia (sábado e domingo, respetivamente) foi dedicado inteiramente ao chamado reconhecimento do território: através de passeios pela cidade e visitas aos principais pontos turísticos e históricos, o objetivo é que os artistas conheçam a Covilhã ao máximo e que se inspirem nos vários elementos que ela apresenta e representa.

No dia 1 de junho visitaram o New Hand Lab, um espaço não só de *coworking*, como também de promoção e divulgação de ideias, produtos e negócios, situado na antiga Fábrica António Estrela I Júlio Afonso. No dia seguinte visitaram o Museu dos Lanifícios<sup>2</sup> (que tal como o próprio nome indica, conta a história dos lanifícios) e, como não podia deixar de ser, a Serra da Estrela, nomeadamente o Covão d'Ametade, Vale Glaciar e Manteigas.

Durante estes dias não acompanhei a equipa do WOOL e os artistas, devido à própria essência do programa para estes dois dias.

### Dia 3 (segunda-feira)

Foi no terceiro dia do festival que os artistas começaram realmente a alterar a cara da minha cidade, apesar do artista Douglas Pereira (Brasil) ter iniciado o seu trabalho na noite anterior. Primeiramente, dirigi-me à parede destinada ao artista Mário Belém, localizada na escadaria da Fonte das Três Bicas. Observei-o durante alguns momentos, pois estava parado a olhar fixamente para as três fachadas desta fonte centenária (ao centro, a fonte tem uma chapa em ferro fixa na parede que refere que foi construída em 1855 pela Câmara Municipal da Covilhã). Aproximei-me e apresentei-me, referi que estava a realizar uma dissertação de mestrado onde o WOOL e a Covilhã eram as personagens principais e pedi licença para fotografar. “Na boa, estás à vontade!”, respondeu com um ar muito concentrado.

Despedi-me do Mário Belém e segui para a parede reservada a SEBAS VELASCO (Espanha), no famoso Largo da Infancia XXI nº 14, onde já estava esboçada uma grelha com algumas frases e desenhos aleatórios. Estava a tirar algumas fotografias quando um dos dois membros da sua equipa, Gabriel Coca<sup>3</sup>,

---

<sup>2</sup> Site do Museu dos Lanifícios disponível em <http://www.museu.ubi.pt/>

<sup>3</sup> Site do artista Gabriel Coca e amigo de SEBAS VELASCO disponível em <https://www.gabrielcoca.com/>

pintor de peças abstratas, se aproximou e me perguntou se ia tirar muitas fotografias. Retorqui que sim e questionei de imediato se havia problema, o qual me responde "Não, não, tira muitas!". Momentos depois chegou ao local o Pedro Seixo Rodrigues, cofundador do festival, que me explicou que aquela grelha são as primeiras linhas que alguns artistas escolhem desenhar na parede para se orientarem durante todo o processo artístico, até obterem a peça final. A conexão com SEBAS VELASCO e com o José Afterol<sup>4</sup>, fotógrafo e segundo membro da equipa do artista espanhol, surgiu naturalmente por intermédio de Gabriel, com conversas espontâneas e descontraídas sobre o WOOL e a Covilhã, tendo aproveitado para mencionar que iria estar a acompanhá-los durante toda a semana devido à dissertação de mestrado.

Segui caminho até à parede onde estava Ângela Ferreira (conhecida como KRUELLA D'ENFER), no Largo da Alegria nº 12, junto ao edifício onde já funcionou o Orfeão da Covilhã. Aqui, permaneci durante mais tempo do que nas duas paredes anteriores. Mais uma vez, apresentei-me, referi o trabalho que tinha "em mãos" e comecei a fotografar. A conversa desenrolou-se na companhia da música de rádio que uma loja estava a emitir, mesmo ao lado do mural. Descobri que a KRUELLA tinha amigas na Covilhã e que já não era a primeira vez que estava na cidade. Como esta é uma rua mais escondida eram poucas as pessoas que iam passando. No entanto, as que passavam, paravam sempre para olhar. Pouco diziam, porque também ainda não se percebia muito bem o que ia sair dali – tal como SEBAS VELASCO e Mário Belém, este mural ainda estava numa fase inicial, apenas com os esboços traçados a verde. Porém, as vezes que se faziam ouvir tanto diziam bem ("Gosto muito de ver estas pinturas!"), como menos bem ("Agora vêm para a cidade pintar paredes, mal-empregadas paredes!"). No final, havia sempre alguém com o espírito mais positivo: "Ó menina, vai sempre existir quem diga mal... eu adoro isto!".

Segui para a última visita do dia, a parede mais distante dos outros três artistas, cujo caminho era sempre a descer: na Rua Marquês de Ávila e Bolama, entre 135 e 153, designada a Douglas Pereira. O passeio da parede onde o artista estava a pintar encontrava-se totalmente ocupado por andaimes e, além disso, esta rua tem sempre muito trânsito, razões pela qual neste dia me foi impossível estabelecer contacto com o artista. Fotografei as cores bem aguerridas que esta parede já tinha e observei por uns momentos a forma como Douglas geria a construção de uma parede com um comprimento bastante considerável.

---

<sup>4</sup> Site do fotógrafo José Afterol e amigo de SEBAS VELASCO disponível em <http://afterol.com/>.

#### Dia 4 (terça-feira)

Quando cheguei ao pé de Mário Belém eram 11h e já estava com as mãos na tinta. Enquanto fotografava o seu trabalho, comentei o quão bom era estar a pintar "à porta de casa" (a Fonte das Três Bicas fica ao lado do Sport Hotel Gym & SPA, hotel onde estavam alojados todos os artistas durante o festival), ao que ele respondeu – "*Epá*, nem me digas nada, tive mesmo uma sorte!". A conversa desenrolou-se natural e tranquilamente. Explicou-me que a sua combinação de cores favorita era o azul turquesa e amarelo torrado e que adora fazer sombras com a junção do cinzento com uma "espécie de roxo". Considera que dessa forma a pintura não fica tão "estrita" e rigorosa, mas sim mais "leve, que se deixa ir...", disse-me.

Optei por realizar o percurso sempre da mesma maneira, pela mesma ordem, principalmente quando tinha de a realizar a pé (visto que era sempre a descer), com a seguinte ordem: Mário Belém, SEBAS VELASCO, KRUELLA D'ENFER e, por último, Douglas Pereira. Por isso, nesta manhã passei rapidamente por todos os murais, cumprimentei os três primeiros artistas e decidi ir ao encontro de Douglas, o único artista que me faltava saudar. A manhã estava calma, com pouco trânsito e poucos transeuntes. Do cimo dos andaimes deu conta da minha presença e que, mais uma vez, o estava a fotografar. Cumprimentou-me imediatamente com um "olá". Atravessou a estrada e de seguida apresentei-me, referi o tema e o tipo de trabalho que estava a desenvolver e prontamente me convidou a subir aos andaimes e fotografar as vezes que eu quisesse.

Foi neste dia que comecei a saga de entrevistas à população covilhanense. O meu foco eram as pessoas que iam passando pelos murais e paravam por uns largos minutos para observar. Um covilhanense que parou para observar comentou que "a Covilhã precisa de coisas assim, diferentes". Referiu que inclusive tem um dossier com imagens de arte urbana guardadas, onde os murais da Covilhã têm um espaço privilegiado. Ao afastar-se lentamente do mural, pronto para seguir caminho, referiu ainda que "as pessoas que não gostam deste tipo de coisas são muito conservadoras". Ao longo da tarde verifiquei que muitas pessoas também param, efetivamente, para fotografar o acontecimento. Muitos param até para falar com os artistas, para dizer que está bonito ou simplesmente para perguntar aos próprios artistas o que significa aquilo que estão a projetar na parede. Outros somente param e observam durante uns meros segundos e logo a seguir retomam o seu caminho.

À noite, pelas 21h30, abriram as portas da galeria d'A Tentadora (um dos parceiros do WOOL que se assume como um espaço de *cowork*, ao mesmo tempo que é uma loja de produtos artesanais portugueses e uma galeria com programação cultural diversificada) para a inauguração da exposição

comunitária intitulada "Intemporal - Olhares sobre o WOOL", que consistiu em 329 fotografias que ilustravam a visão de variadas pessoas relativamente ao WOOL, ali expostas para serem vendidas pelo custo simbólico de 1€ que revertia na totalidade para os Guardiões da Serra da Estrela<sup>5</sup> para uma futura reflorestação da mesma. Uma atitude muito bonita por parte do WOOL. Como não podia deixar de ser, marquei presença na exposição e trouxe três autênticos posters lindíssimos da minha bela Covilhã.

### **Dia 5 (quarta-feira)**

Comecei a minha manhã com o mesmo percurso. Acompanhar de perto diariamente todos estes artistas urbanos tem muitos aspetos positivos. Um deles é acompanhar e sentir a progressão do mural em si, perceber as etapas pelas quais um mural passa e a maneira como lhe vão dando forma e cor – cada artista tem o seu método. Depois, uma das coisas que mais me chamou a atenção era como eles faziam o mural tão alinhado, tão "direito"; as retas eram mesmo retas e as curvas eram mesmo curvas. Tal e qual assim. Foi incrível apreciar esses momentos em que as grelhas ou os esboços iam desaparecendo para dar lugar às cores e à presença efetiva de uma imagem, quase como por magia. Outro belo detalhe que também me ficou gravado na memória foi um que é transversal a estes quatro artistas: o carinho e o tempo que dedicam a cada pincelada ou a cada *spray* que dão. Todos os milímetros da parede importam, nenhum fica de fora. Todos os pormenores são importantes. Escrevi as palavras que me dirigiu uma residente que passava em frente à Fonte das Três Bicas, que por acaso traduzem muito bem as minhas: "Acho que é preciso sentir mesmo dentro de nós algo, "um algo" que é muito forte, para depois exteriorizar algo assim tão bonito. São uns artistas, uns verdadeiros artistas!".

No período da tarde, enquanto fotografava o mural da KRUELLA D'ENFER, dei conta de um casal a realizar precisamente o roteiro de arte urbana do WOOL com o panfleto desta sexta edição do festival nas mãos. Pararam mesmo junto do mural da KRUELLA com um ar muito confuso, à medida que tentavam ler o roteiro e apontavam com as mãos em todas as direções. Aproximei-me e perguntei se gostavam deste novo mural que estava a ser construído, especificamente. "Está a ficar espetacular.", respondeu-me Luís. Explicou-me que tinham estado no café em frente ao mural de Douglas, onde viram pela primeira vez os *flyers* do WOOL e assim decidiram caminhar para ir descobrir todos os outros murais que ainda não conheciam, ao invés de ficar mais tempo sentados no café. Afirmaram ser a primeira vez que estavam a fazer o roteiro e que não faziam ideia de existirem tantas peças artísticas. Efetivamente, estavam confusos

---

<sup>5</sup> Site dos Guardiões da Serra da Estrela disponível em <https://guardioesse.wixsite.com/guardioesestrela>.

relativamente à rua para onde se queriam dirigir. Prontamente os ajudei e seguiram caminho depois de simpaticamente me concederem uma entrevista.

Finalizei a tarde com mais umas fotografias na minha câmara, entrevistas gravadas no telemóvel e um sentimento de felicidade no Largo da Infantaria XXI junto à peça de SEBAS VELASCO, da sua equipa, dos restantes artistas e da equipa do WOOL – gostaria também de realçar os momentos de convívio que se formavam a partir, sensivelmente, das 19h da tarde, cujo sentimento de familiaridade era bastante notório entre todos os participantes do festival (população inclusive).

Às 21h o encontro estava marcado no Sport Hotel Gym & SPA para a primeira sessão de “Conversas” com o português Mário Belém e o brasileiro Douglas Pereira. Esta decorreu sob um ambiente íntimo e muito familiar. Os artistas descreveram os seus percursos pessoais e profissionais, através de conversas informais e diria ainda que “próximas”, com muita interação, uma vez que quem assistia tinha sempre oportunidade de os questionar de forma adequada acerca de aspetos relacionados com as suas vidas, tanto a nível pessoal como profissional. Também houve espaço para muitas gargalhadas. Na parte final, os dois palestrantes referiram que ao longo destes primeiros dias de festival, muitas pessoas lhes pediam para pintar a fachada da casa deles também – momentos curiosos dignos de partilhar.

Gostei muito desta primeira sessão, são momentos muito enriquecedores em que tive a oportunidade de conhecer os artistas numa perspetiva mais pessoal, que de outra forma não teria conhecido (como por exemplo, que o Douglas trabalhou com o pai que era escultor e que Mário Belém ganhou grande parte da motivação para começar a fazer murais quando viu outros artistas portugueses a competir no “Secret Wars”, uma competição de *street art* entre cidades que existia há cerca de dez anos atrás).

## **Dia 6 (quinta-feira)**

Passei a manhã nos murais de Mário Belém e SEBAS VELASCO. “*Epá*, isto parece mesmo uma mota que está aqui encostada. Olha lá! Que espetáculo!”, afirmou uma senhora que passava ao lado de Mário Belém.

Conversar com os demais transeuntes fez-me absorver as mais variadas opiniões sobre este tipo de expressão artística. Alguns gostam efetivamente do que veem, mas têm “pena que a Câmara Municipal gaste dinheiro *nisto*, em vez de arranjar os passeios e a calçada que está toda partida”. Outros, pelo contrário, consideram que “a Câmara Municipal da Covilhã devia aproveitar os murais do WOOL para promover e dinamizar mais a cidade”.

O mau tempo ameaçou pela hora de almoço e a tarde fez-se de chuva intensa, pelo que os artistas interromperam as suas intervenções.

À noite deu-se continuação às “Conversas” com uma segunda e última sessão, desta vez com KRUELLA D’ENFER, Margarida Girão<sup>6</sup> e SEBAS VELASCO (por esta ordem). As pessoas do público eram praticamente as mesmas que tinham assistido à primeira sessão, com a exceção de Mário Belém que estava a trabalhar no seu mural lá fora, para aproveitar o tempo perdido depois da chuva. Tal como aconteceu na noite anterior, o ambiente foi igualmente íntimo e familiar, com muita descontração. Tal como Mário Belém e Douglas Pereira, também KRUELLA D’ENFER, Margarida Girão e SEBAS VELASCO partilharam as suas histórias sempre acompanhados de registos visuais que muito bem ilustravam o progresso de cada um. Nesta sessão, realço algumas curiosidades: KRUELLA D’ENFER não tem ninguém na família que seja artista e até saber que queria desenhar para o resto da sua vida, teve um percurso académico com decisões (e indecisões) muito atribulado, passando por várias áreas que não gostava; Margarida Girão sonhou em ser correspondente de guerra e jornalista, foi professora de multimédia em Timor-Leste e aos 30 anos mudou-se para Lisboa para pôr em prática a sua veia de artista plástica com as suas colagens criativas; já SEBAS VELASCO descobriu os *tags* e o *graffiti* aos 12 anos e referiu que foi algo que quis começar a fazer de imediato, mas que como ouvia Iron Maiden, os amigos do colégio diziam-lhe que não podia entrar neste movimento artístico, uma vez que para isso tinha que ouvir *hip hop* e não *heavy metal*. Esta segunda parte de “Conversas” terminou com uma sessão muito interessante de perguntas e respostas entre quem assistia e os artistas, sobre temas relacionados com a arte urbana, o muralismo, sobre o que é ser artista e a forma como produzem o seu trabalho diariamente, entre outros.

### **Dia 7 (sexta-feira)**

Durante a manhã fiz mais algumas entrevistas à população, principalmente junto ao mural de SEBAS VELASCO e Douglas Pereira. Além disso, foi dia de ver e fotografar o mural elaborado por KRUELLA D’ENFER já sem andaimes – foi a primeira artista a terminar o seu trabalho nesta edição do WOOL. Entretanto cruzei-me nas ruas com o Pedro Seixo Rodrigues que estava prestes a começar a sua ronda de visitas de carro a todos os murais acompanhado pela Margarida Girão. Perguntou-me se queria juntar-me a eles e respondi de forma afirmativa, para conseguir ter uma perspetiva fotográfica “mais rápida” de todos

---

<sup>6</sup> **Margarida Girão** autoproclama-se de artista visual. A sua arte é precisamente a colagem criativa. Combina o trabalho manual com o digital através de recortes de imagens de livros, revistas, filmes, etc., de maneira criativa e completamente “fora da caixa”. Participou na sexta edição do WOOL como formadora em dois workshops de colagem criativa. Site da artista disponível em <http://www.margaridagirao.com>

os murais, pois já estavam todos a entrar numa fase final e fazer o percurso a pé torna-se, de certa forma, moroso.

Na hora de almoço, pelas 13h, estava com SEBAS VELASCO, Gabriel Coca e curiosamente com o meu pai, Mário Gomes, no respetivo mural. A determinado momento SEBAS dirigiu-se ao meu pai dizendo que me ia pedir ajuda para perceber se o rebordo branco que queria fazer a volta do seu mural (para dar o efeito de fotografia polaroid) como toque final, iria ficar direito e, posteriormente, dar a sensação de a parede estar direita (uma vez que se encontrava num plano ligeiramente inclinado). A partir daí seguiu-se um bom debate em espanhol e algum português à mistura entre o meu pai, SEBAS e Gabriel, sobre as mais variadas hipóteses de como isso poderia ser feito. Esta foi mais uma prova de que *isto* de ser artista urbano não é só chegar e pintar ali qualquer coisa, por mera brincadeira; é encarar um mural com uma grande responsabilidade, é fazer as coisas bem feitas, porque vai ser visto todos os dias principalmente por quem ali mora.

Depois de almoçar em casa, iniciei a tarde com mais entrevistas até às 16h30, hora em que me dirigi à loja d'A Tentadora no centro histórico da Covilhã com mais um amigo, o Carlos, para participar na primeira visita guiada deste festival, onde os meus pais já me aguardavam – estas visitas são levadas a cabo pela cofundadora do WOOL, Lara Seixo Rodrigues, que explica cuidadosamente toda a história e significados de cada mural e responde a qualquer curiosidade e questões que os visitantes possam ter. Esta era, sem dúvida, uma boa oportunidade que eu tinha para conhecer ao detalhe todos os murais da minha cidade. Foi um momento muito enriquecedor, porque aprendi aspetos sobre as obras de arte do WOOL que me eram desconhecidos até então. Tudo passou a fazer mais sentido. Começámos no primeiríssimo mural do WOOL junto à Igreja de Santa Maria da dupla ARM Collective e depois de um passeio por todo o centro histórico terminámos junto do recente mural de SEBAS, que já estava finalizado assim que lá chegámos! Sem grades, sem redes de proteção a cruzar as grades, sem grua, sem baldes de tinta, sem nada – agora sim, era possível ver este belo pedaço de arte como um todo, feito por um dos melhores artistas do mundo.

Quando parei para apreciar o Largo da Infanteria XXI, já estava a acontecer todo um convívio entre moradores, *staff* do WOOL, artistas participantes desta edição, transeuntes que acabavam por se juntar e comentar a peça agora finalizada, e outros covilhanenses. “Que belo panorama!”, pensei para mim. Foi neste momento de descontração que aproveitei para entrevistar KRUELLA D’ENFER e para fotografar o reconhecido artista a nível internacional, SEBAS VELASCO, em frente ao seu mural. Momentos antes pedi-

lhe cuidadosamente se o podia fotografar em frente à parede, o qual de imediato me respondeu com um sorriso: “Claro que sim, sem problema!”.

O dia acabou depois de uma sessão de cinema na loja A Tentadora, com a projeção de dez documentários sobre arte e ativismo. De uma forma geral, todos mostravam a forma como a arte urbana pode ser “usada” e aproveitada para intervencionar de forma positiva na sociedade, juntando-se a causas sociais, de sustentabilidade, educação e outras, criando um impacto muito grande e transmitindo mensagens que, de outra maneira, não captariam a atenção das pessoas tão rapidamente, para assuntos tão sensíveis e que dizem respeito à sociedade em si. Um dos que mais gostei foi o “Paintback”<sup>7</sup>: uma iniciativa de jovens alemães que foram para as ruas transformar a cruz suástica do movimento Nazista, criando a partir das mesmas outros desenhos, como mochos e bonecos egípcios, eliminando assim os sinais de ódio das paredes da cidade de Berlim. Sucintamente, no final desta sessão retive que “a arte pode ser uma solução para muitos problemas cidadãos”<sup>8</sup> e que problemas que urgem ser resolvidos mundialmente, começam por ser resolvidos localmente. A mudança é efetivamente possível e a arte urbana também pode fazer parte dela.

### **Dia 8 (sábado)**

A manhã de sábado começou com a entrevista a um covilhanense de gema, apaixonado pelo mundo das artes, o Sr. Francisco Geraldês. Foi um dos senhores que mais me deu prazer entrevistar, muito pela sua simpatia, humildade e pelas fantásticas histórias que tinha para me contar, pois também ele tinha um passado com a arte. Depois segui para o mural de Douglas Pereira, que já estava terminado e sem andaimes. Foi o terceiro artista a acabar a obra. Fotografei de perto e de longe. Os detalhes são imensos (se antes já dávamos conta que existiam, agora que estava completa, ainda pareciam ser mais!). Segui para o Sport Hotel Gym & SPA para acompanhar o único mural que faltava finalizar – o de Mário Belém. Quando cheguei, já estava a trabalhar na última fachada da parede, a representar “a menina que voa”.

No período da tarde tive o prazer de participar no workshop de colagem criativa com a artista visual Margarida Girão. Foi a primeira vez que estava num workshop deste género e fiquei muito contente com o resultado da minha colagem – chamei-lhe “O Deus do Mar”.

À noite, o ponto de encontro para a visita guiada encenada era n’A Tentadora. Conduzida pela atriz Joana Poejo, foi contada uma história original à volta dos significados de cinco murais localizados no

---

<sup>7</sup> Sumário do projeto disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ktTG0456Buo>

<sup>8</sup> Traduzido pela investigadora do inglês “Art can be a problem solver to many city problems”.

centro histórico da Covilhã que contemplam o roteiro de arte urbana, a começar pelo mural de ARM Collective, seguindo para BORDALO II, BTOY, MR. DHEO e terminando a encenação no mural do artista KRAM. Esta atividade foi uma novidade no WOOL e teve um grupo bem grande de pessoas na visita, incluindo a presença de alguns dos artistas desta edição.

### **Dia 9 (domingo)**

Ainda não eram 10h e já estava a fotografar o mural de Mário Belém, na escadaria da Fonte das Três Bicas, juntamente com a equipa do WOOL. Já estava finalizado e agora era o momento de fazer os últimos registos visuais, incluindo o próprio artista que, tal como os fotógrafos desta edição do WOOL, aproveitou a grua para conseguir planos mais amplos e dinâmicos. Antes de deixar a cidade da Covilhã, Mário Belém ainda me concedeu uma entrevista, mais uma vez realizada sob a forma de conversa, muito relaxada e tranquila.

A tarde do penúltimo dia do festival foi talvez a mais relaxada. Aproveitei para realizar mais entrevistas às pessoas que iam passando e admirando os murais. Por sorte ou não, cruzei-me com o Sr. Viseu que é, curiosamente, a cara de um dos murais do WOOL, mais precisamente do artista português SAMINA. Perguntei-lhe se lhe podia fazer umas breves perguntas sobre o WOOL e a Covilhã para a minha tese de mestrado e simpaticamente disse-me que tinha todo o gosto. Contrariamente ao Sr. Geraldês, o Sr. Viseu não tinha nenhum passado com a arte, mas tinha uma grande ligação à cidade por ter sido trabalhador na indústria dos lanifícios durante muitos anos. Imediatamente dei conta do carinho que sente pelo WOOL e o quão agradecido e honrado se sentia pela linda homenagem que o festival lhe havia feito com este mural.

Durante a tarde foram também feitas várias visitas guiadas de *tuk tuk*, que foi possível avistar a circular pela cidade por várias vezes – também uma novidade no festival WOOL, que fez esgotar todas as vagas que existiam para este tipo de visita.

O último grande momento do festival começou um pouco depois das 21h30 na Escadas do Castelo (mesmo no alto do centro histórico), entre o mural dos HALFSTUDIO e o alojamento e restaurante Casa das Murallas: o concerto com Tó Trips (dos Dead Combo) e João Doce (dos Wraygunn). Mais de 300 pessoas sentaram-se nas Escadas do Castelo para assistir ao concerto que foi intercalado com histórias pessoais do músico Tó Trips, sobre a sua infância na Covilhã. Os aplausos fizeram-se ouvir várias vezes. Que boa maneira de terminar um domingo!

## **Dia 10 (segunda-feira)**

Chegou o último dia do festival. Para mim, foram dez dias que passaram literalmente a voar. Os artistas já não estavam na cidade. Os murais estavam todos finalizados. A Covilhã tinha agora mais cor, mais vida, mais alegria.

Realizei as últimas entrevistas e a Lara Seixo Rodrigues realizou a última visita guiada desta edição do festival. Mais um ano, *mais um* WOOL que tinha chegado ao fim. E que prazer poder acompanhar de perto toda esta fantástica equipa, artistas e atividades.

Até para o ano!

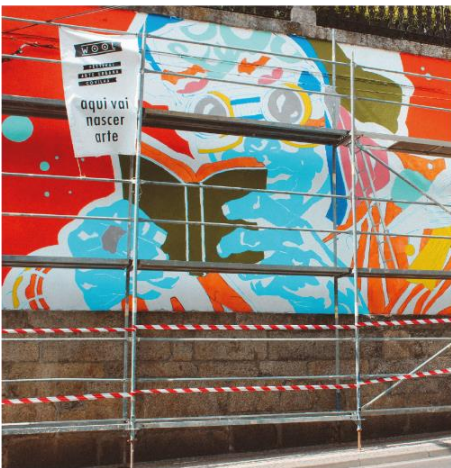
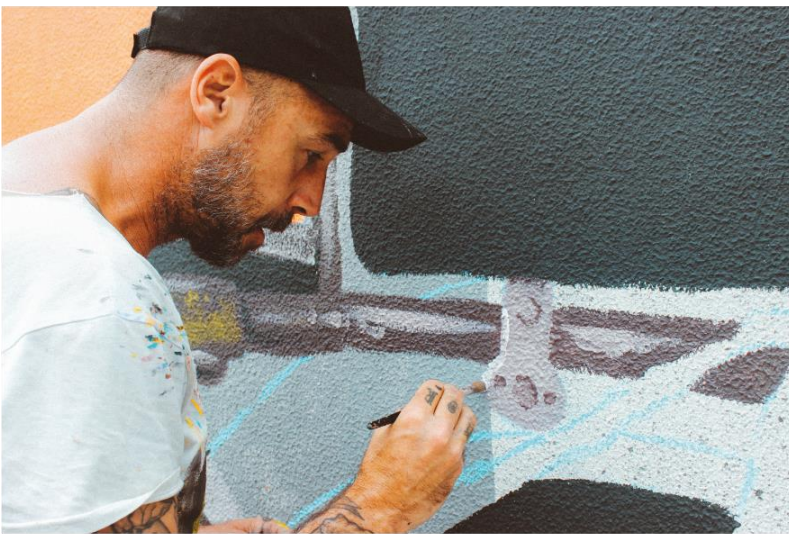
APÊNDICE 4 – REGISTOS FOTOGRÁFICOS DA INVESTIGADORA NA 6ª EDIÇÃO DO FESTIVAL WOOL  
2019

DIA 3

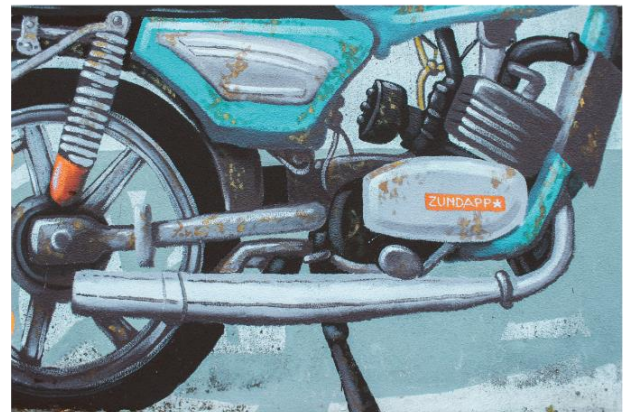
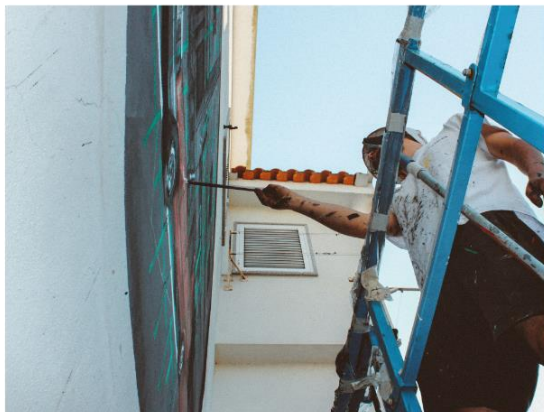
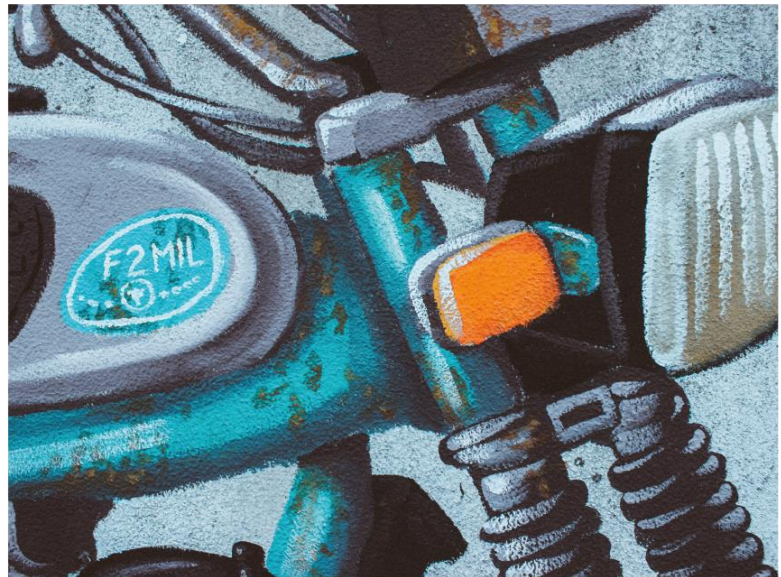




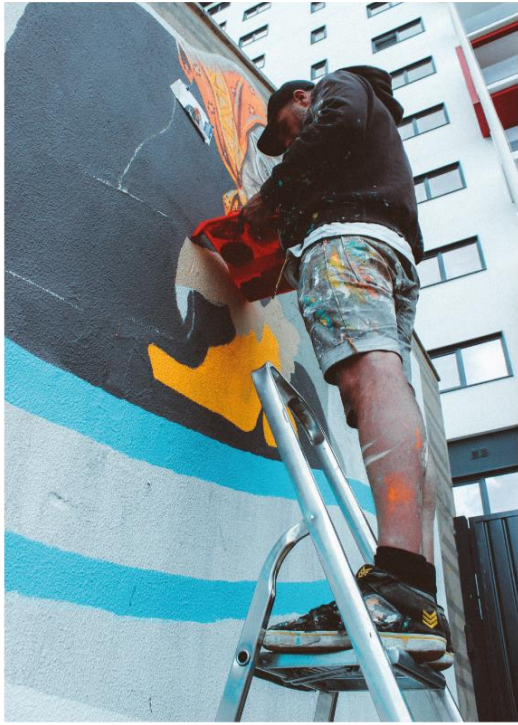
DIA 4

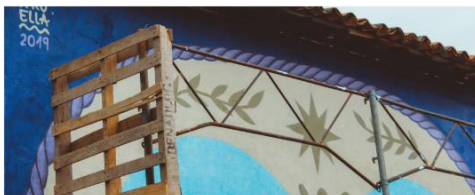
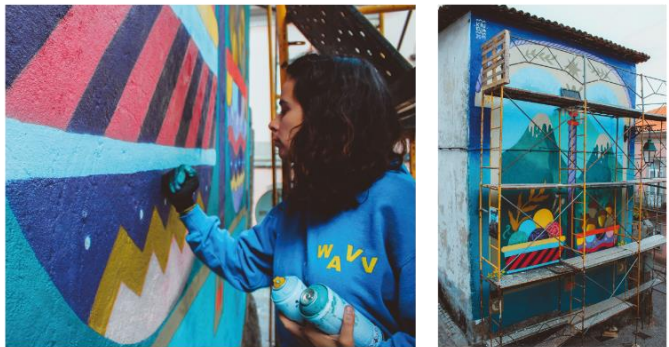


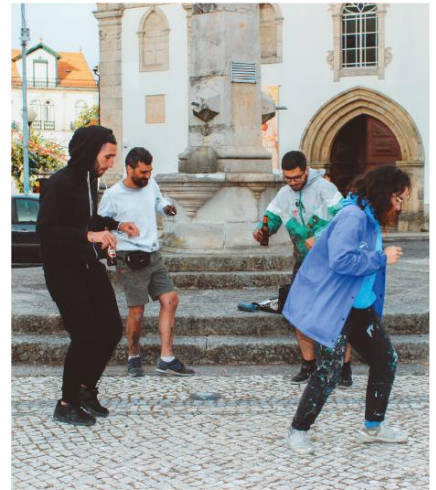




DIA 5

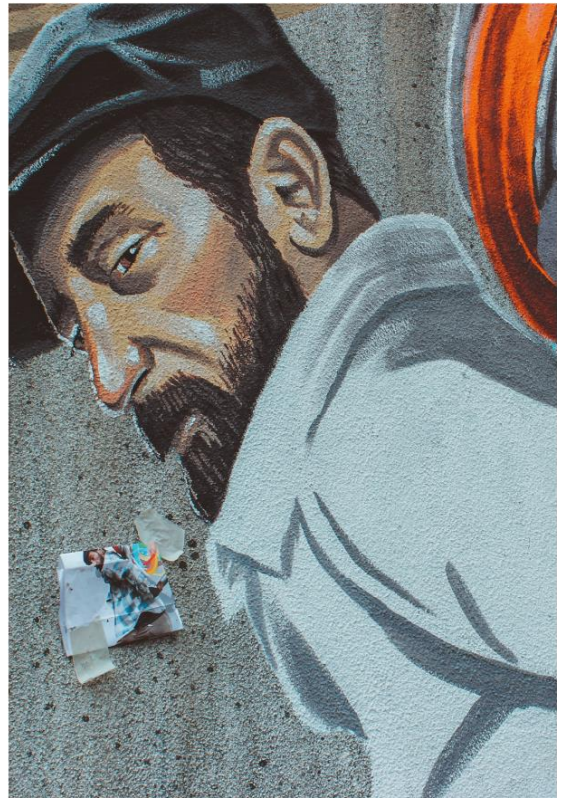






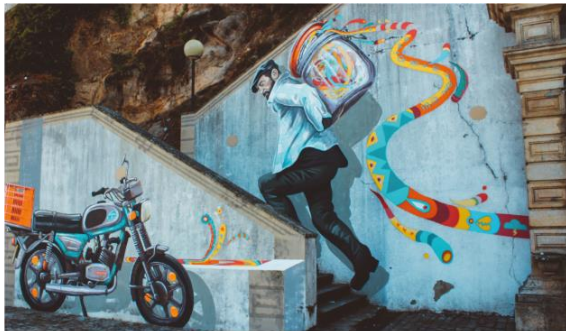
DIA 6

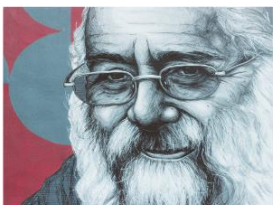




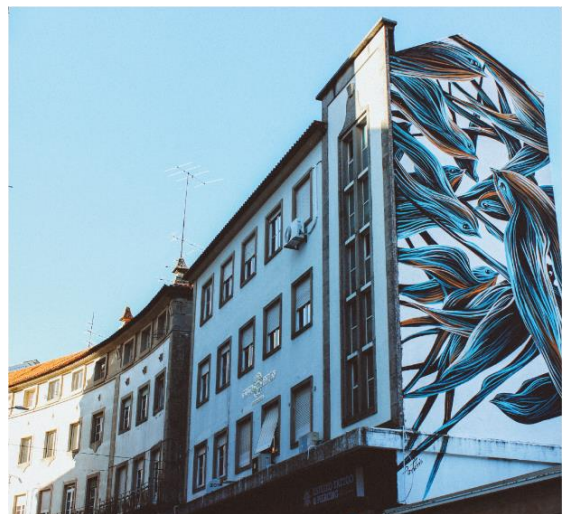
DIA 7



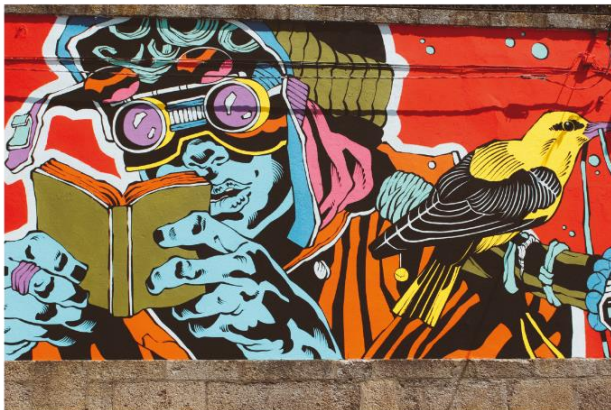
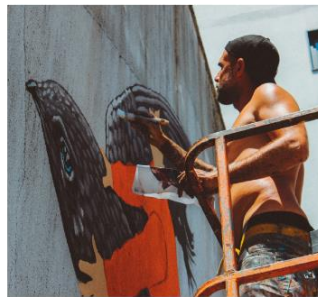


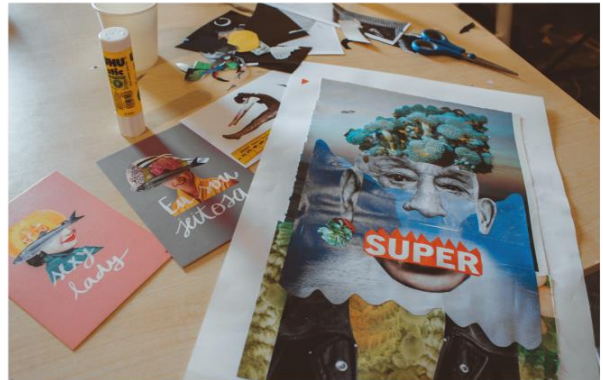
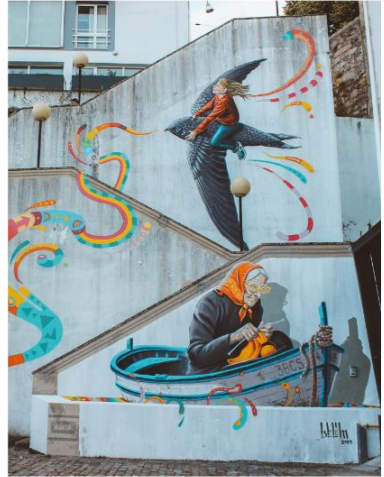






DIA 8







DIA 9



## APÊNDICE 5 – TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO PARA GRAVAÇÃO DE ÁUDIO



MESTRADO EM DESIGN E PUBLICIDADE  
IADE-UE – Faculdade de Design, Tecnologia e Informação

### REALIZAÇÃO DE UM ESTUDO DE INVESTIGAÇÃO

“A influência da arte urbana na marca das cidades: o caso da Covilhã.”

Orientadora: Professora Marina Peres

#### Termo de Consentimento Informado | Concessão de Entrevista

Declaro ter permitido à investigadora Rita Gomes, aluna do Mestrado de Design e Publicidade no IADE Universidade Europeia, com o nº de aluna 20160568, a realização de uma entrevista que será gravada e transcrita para tratamento e análise de dados, assim como concedo que o meu nome seja identificado. Mais declaro que participo de livre e espontânea vontade nesta investigação. Também fui informado de que a minha vontade será respeitada e que só serão divulgadas as informações destinadas ao estudo.

\_\_\_\_\_  
(assinatura do entrevistado)

Covilhã, \_\_/\_\_/\_\_

\_\_\_\_\_  
(assinatura do investigador(a) responsável)

## APÊNDICE 6 – GUIÃO DE ENTREVISTA: POPULAÇÃO

**Questão 1:** Já conhecia o WOOL – Festival de Arte Urbana da Covilhã, a organização que é responsável por estes murais na cidade desde 2011?

**Questão 2:** Tendo em conta todos esses murais, sente orgulho no trabalho que o WOOL tem desempenhado?

**Questão 3:** Está satisfeito(a) com o “novo” visual da Covilhã?

**Questão 4:** Acha que a cidade, devido à existência das pinturas, está mais divertida, menos degradada, mais convidativa, mais interessante?

**Questão 5:** Na sua opinião, em que aspeto o WOOL mais valoriza a cidade da Covilhã? No fundo, qual é o acrescento que o WOOL dá à cidade?

**Questão 6:** Desde que estes murais existem na cidade, influenciaram de alguma forma a sua vida ou a sua rotina do dia-a-dia?

**Questão 7:** Dá-lhe mais prazer viver na Covilhã desde que estas pinturas existem?

**Questão 8:** Acha que a Covilhã é uma bela tela de arte que toda a gente deveria ver e conhecer?

**Questão 9:** Considera este tipo de imagens que vê nas paredes, arte ou vandalismo?

**Questão 10:** Concorda que as mensagens e os significados que estas pinturas transmitem são importantes para preservar a memória da Covilhã e os seus valores?

**Questão 11:** Na sua opinião, o que é que, atualmente, melhor representa a cidade da Covilhã, tanto em Portugal, como no estrangeiro?

**Questão 12 (apenas para quem não respondia “WOOL” ou “arte urbana” na questão anterior):** Considera que a arte urbana da Covilhã (ou seja, o WOOL) é uma forte candidata para, num futuro próximo, vir a ser o símbolo ou o maior representante da cidade?

**Questão 13:** Considera que o centro histórico ganhou mais vida e/ou está mais desenvolvido desde que surgiram os murais de arte urbana do WOOL?

**Questão 14:** Recomendaria a qualquer pessoa fazer a rota de arte urbana do WOOL?

**Questão 15:** Já alguma vez pintou uma parede pública com latas de *spray* ou tipo de material artístico?

**Questão 16 (apenas para quem respondeu “não” à questão anterior):** Gostava de experimentar se existisse uma atividade relacionada com a arte urbana aberta à comunidade, por exemplo?

**Questão 17:** Conhece o projeto LATA 65?

**Questão 18:** Alguma vez participou?

**Questão 19 (apenas para quem respondeu “não” à questão anterior):** Gostava de participar?

## APÊNDICE 7 – GUIÃO DE ENTREVISTA: ARTISTAS

### Ângela Ferreira (conhecida como KRUELLA D'ENFER)

**Questão 1:** É a tua estreia no WOOL. Durante o passeio de reconhecimento que fizeram pela cidade antes do início efetivo do festival, qual foi a tua primeira impressão acerca do trabalho feito até agora pelo festival na cidade?

**Questão 2:** Identificas-te com o formato e com o conceito do WOOL enquanto artista? Como é que te sentes a participar neste projeto?

**Questão 3:** Do que já viste e conhecias da Covilhã, o que é que achas que esta cidade tem de especial?

**Questão 4:** Quais eram as tuas expectativas antes de chegares ao festival? E agora que está mesmo a terminar, consideras que foram superadas, correspondidas ou que podia ter sido melhor? Qual é a tua opinião?

**Questão 5:** Agora relativamente à tua peça. De que forma está ligada à Covilhã, o que significa e qual a mensagem que pretendes transmitir aos covilhanenses e visitantes?

**Questão 6:** Numa entrevista à VICE Portugal, referiste que a tua inspiração é a natureza, memórias e sonhos que tens. Para esta 6ª edição do WOOL, tiveste alguma fonte de inspiração específica para o mural? Se sim, qual?

**Questão 7:** Durante estes dias qual foi o *feedback* que recebeste da população? Algum comentário ou opinião em específico que tenha ficado na mente, por alguma razão?

**Questão 8:** Estás feliz e satisfeita com o resultado do teu mural?

**Questão 9:** A nível pessoal, o que é que sentes ao pintar? Qual é o teu propósito quando pintas?

**Questão 10:** Em conversa com a população, um senhor referiu-me que não conseguia perceber como é que vocês fazem a transição do papel para a parede e, inclusive, como é que vocês fazem a gestão da perceção do olhar, ou seja, se conseguem ter noção daquilo que estão a pintar, se está na dimensão correta, etc. Queres explicar um pouco o teu método?

**Questão 11:** Sentes que o teu trabalho como muralista tem impacto na sociedade? Já tiveste alguma experiência que comprove isso mesmo?

**Questão 12:** Qual é a tua opinião sobre a arte urbana, no que diz respeito ao seu potencial, àquilo que ela pode trazer de benéfico para a sociedade, à sua influência numa cidade – seja a nível social, económico, turístico...?

**Questão 13:** O estereótipo de que arte urbana é sinónimo de vandalismo ainda está muito presente na sociedade. Consideras que seja devido à falta de conhecimento e informação sobre o verdadeiro significado dos conceitos "graffiti" e "arte urbana"?

**Questão 14:** Consideras que a arte urbana já começa a ser entendida mais do que há uns anos ou este panorama ainda está longe de mudar?

**Questão 15:** De uma forma geral, consideras que os autarcas já se aperceberam do valor que a arte urbana pode dar a uma cidade?

**Questão 16:** Como é que explicarias a alguém com essa mentalidade, com essa aversão a esta expressão artística, o que a arte urbana tem de especial, de forma a que essa pessoa conseguisse ter uma perspetiva diferente sobre este tipo de arte?

**Questão 17:** Existe uma grande discussão à volta desta dualidade: Arte Urbana ou *Street Art*. Há quem não veja diferença entre os conceitos e há quem os distinga. Qual é a tua opinião?

**Questão 18:** Na tua opinião, é a arte urbana que influencia a cidade ou é a cidade que influencia a arte urbana?

**Questão 19:** Gostarias de voltar à Covilhã como muralista?

### Mário Belém

**Questão 1:** Não é a primeira vez que estás na Covilhã. Em 2012 fizeste uma peça de pequena dimensão num portão com a legenda "Agarra que é ladrão". Sete anos depois voltas para fazer um mural. De que forma está ligado à Covilhã, o que significa, qual é a mensagem que pretendes transmitir aos covilhanenses e visitantes?

**Questão 2:** Tiveste alguma fonte de inspiração específica para esta peça ou já vinhas com um plano detalhado? Se sim, qual?

**Questão 3:** Estás feliz e satisfeito com o resultado do teu mural?

**Questão 4:** Durante estes dias qual foi o *feedback* que recebeste da população? Algum comentário ou opinião em específico que tenha ficado na mente, por alguma razão?

**Questão 5:** Do que já viste e conhecias da Covilhã, o que é que achas que esta cidade tem de especial?

**Questão 6:** Durante o passeio de reconhecimento que fizeram pela cidade antes do início efetivo do festival, qual foi a tua primeira impressão acerca do trabalho feito até agora pelo festival na cidade?

**Questão 7:** Identificas-te com o formato e com o conceito do WOOL enquanto artista? Como é que te sentes a participar neste projeto?

**Questão 8:** Quais eram as tuas expectativas antes de chegares ao festival? E agora que está mesmo a terminar, consideras que foram superadas, correspondidas ou que podia ter sido melhor? Qual é a tua opinião?

**Questão 9:** Mário, foste ilustrador digital e designer gráfico dentro da área comercial e, posteriormente, por inspiração noutros artistas urbanos, decidiste apostar em peças de maior dimensão, os murais. Qual foi o momento em que te apercebeste que tinhas de fazer parte deste movimento?

**Questão 10:** A nível pessoal, o que é que sentes ao pintar? Qual é o teu propósito quando pintas?

**Questão 11:** Em conversa com a população, precisamente junto da tua peça enquanto pintavas, um senhor referiu-me que não conseguia perceber como é que vocês fazem a transição do papel para a parede

e, inclusive, como é que vocês fazem a gestão da perceção do olhar, ou seja, se conseguem ter noção daquilo que estão a pintar, se está na dimensão correta, etc. Queres explicar um pouco o teu método?

**Questão 12:** Sentes que o teu trabalho como muralista tem impacto na sociedade? Já tiveste alguma experiência que comprove isso mesmo?

**Questão 13:** Qual é a tua opinião sobre a arte urbana, no que diz respeito ao seu potencial, àquilo que ela pode trazer de benéfico para a sociedade, à sua influência numa cidade – seja a nível social, económico, turístico...?

**Questão 14:** O estereótipo de que arte urbana é sinónimo de vandalismo ainda está muito presente na sociedade. Consideras que seja devido à falta de conhecimento e informação sobre o verdadeiro significado dos conceitos “graffiti” e “arte urbana”?

**Questão 15:** De uma forma geral, consideras que os autarcas já se aperceberam do valor que a arte urbana pode dar a uma cidade?

**Questão 16:** Consideras que a arte urbana já começa a ser entendida mais do que há uns anos ou este panorama ainda está longe de mudar?

**Questão 16:** Como é que explicarias a alguém com essa mentalidade, com essa aversão a esta expressão artística, o que a arte urbana tem de especial, de forma a que essa pessoa conseguisse ter uma perspetiva diferente sobre este tipo de arte?

**Questão 17:** Existe uma grande discussão à volta desta dualidade: Arte Urbana ou *Street Art*. Há quem não veja diferença entre os conceitos e há quem os distinga. Qual é a tua opinião?

**Questão 18:** Na tua opinião, é a arte urbana que influencia a cidade ou é a cidade que influencia a arte urbana?

**Questão 19:** Gostarias de voltar à Covilhã como muralista?

### Sebastián Velasco (conhecido como SEBAS VELASCO)

**Questão 1:** SEBAS, tu és de Burgos, mas agora vives noutra cidade, certo?

**Questão 2:** Esta é a tua primeira vez em Portugal?

**Questão 3:** Durante o passeio de reconhecimento que fizeram pela cidade antes do início efetivo do festival, qual foi a tua primeira impressão acerca do trabalho feito até agora pelo festival na cidade?

**Questão 4:** Identificas-te com o formato e com o conceito do WOOL enquanto artista? Como é que te sentes a participar neste projeto?

**Questão 5:** Do que já viste na Covilhã e que tiveste a oportunidade de conhecer, o que é que achas que esta cidade tem de especial?

**Questão 6:** Agora relativamente à tua peça. Tiveste alguma fonte de inspiração específica para o mural ou simplesmente seguiste a tua paixão pela noite, as luzes e as pessoas?

**Questão 7:** Estás feliz e satisfeito com o resultado do teu mural?

**Questão 8:** Reparei que em muitos trabalhos teus também pintas pessoas. Pintas sempre pessoas?

**Questão 9:** Durante estes dias qual foi o *feedback* que recebeste da população? Algum comentário ou opinião em específico que tenha ficado na mente, por alguma razão?

**Questão 10:** Quais eram as tuas expectativas antes de chegares ao festival? E agora que está mesmo a terminar, consideras que foram superadas, correspondidas ou que podia ter sido melhor? Qual é a tua opinião?

**Questão 11:** Lembras-te do momento em que começaste a fazer murais? Como é que nasceu essa vontade?

**Questão 12:** A nível pessoal, o que é que sentes ao pintar? Qual é o teu propósito quando pintas?

**Questão 13:** Em conversa com a população, um senhor referiu-me que não conseguia perceber como é que vocês fazem a transição do papel para a parede e, inclusive, como é que vocês fazem a gestão da perceção do olhar, ou seja, se conseguem ter noção daquilo que estão a pintar, se está na dimensão correta, etc. Queres explicar um pouco o teu método?

**Questão 14:** Sentes que o teu trabalho como muralista tem impacto na sociedade? Já tiveste alguma experiência que comprove isso mesmo?

**Questão 15:** O estereótipo de que arte urbana é sinónimo de vandalismo ainda está muito presente na sociedade. Consideras que seja devido à falta de conhecimento e informação sobre o verdadeiro significado dos conceitos "graffiti" e "arte urbana"?

**Questão 16:** Consideras que a arte urbana já começa a ser entendida mais do que há uns anos ou este panorama ainda está longe de mudar?

**Questão 17:** Como é que explicarias a alguém com essa mentalidade, com essa aversão a esta expressão artística, o que a arte urbana tem de especial, de forma a que essa pessoa conseguisse ter uma perspetiva diferente sobre este tipo de arte?

**Questão 18:** Não sei como funciona em Espanha, mas deixa-me perguntar-te se, na tua profissão, lidas diretamente com autarquias?

**Questão 19:** De uma forma geral, consideras que os autarcas já se aperceberam do valor que a arte urbana pode dar a uma cidade?

**Questão 20:** Existe uma grande discussão à volta desta dualidade: Arte Urbana ou *Street Art*. Há quem não veja diferença entre os conceitos e há quem os distinga. Qual é a tua opinião?

**Questão 21:** Na tua opinião, é a arte urbana que influencia a cidade ou é a cidade que influencia a arte urbana?

**Questão 22:** Gostarias de voltar à Covilhã como muralista?

## APÊNDICE 8 – GUIÃO DE ENTREVISTA: ORGANIZAÇÃO

Lara Seixo Rodrigues

[WOOL]

**Questão 1:** Vamos voltar no tempo até 2011, quando ainda não existia arte urbana na cidade. O que é que viste na Covilhã que era perfeito para instalar ali o WOOL?

**Questão 2:** E como é que tudo começou?

**Questão 3:** Mas o festival nem sempre se realizou, certo?

**Questão 4:** Quais é que foram as principais dificuldades que sentiram no início do festival e que agora, atualmente, já não sentem?

**Questão 5:** Desde o aparecimento do WOOL, que transformações consideras que tenham acontecido na cidade? O que é que achas que mudou – seja no comércio, na rotina da cidade, nos imóveis, nas pessoas...

**Questão 6:** Consideras que a missão do WOOL está a ser cumprida, isto é, está a trazer valor à cidade? O WOOL está a alcançar os seus objetivos?

**Questão 7:** Consideras que o centro histórico, por um lado, esteja mais desenvolvido, com mais vida e, por outro lado, que a área envolvente aos murais esteja mais limpa, menos escura, mais “habitável”, mais convidativa?

**Questão 8:** Especificamente na Covilhã, consideras que as instituições municipais (e outras) estão a aproveitar ao máximo o verdadeiro potencial do WOOL para o crescimento e dinamização da cidade?

**Questão 9:** O que é que ainda falta alcançar na Covilhã, com e através do WOOL?

**Questão 10:** Sentes orgulho no trabalho feito pelo WOOL até agora na Covilhã? Terias feito alguma coisa diferente?

**Questão 11:** Qual é o *feedback* que tens recebido ao longo destes anos por parte da população? Algum momento mais caricato ou especial que te tenha ficado memória relativamente ao WOOL e às suas intervenções?

**Questão 12:** O que é que distingue o WOOL do resto dos projetos/festivais de arte urbana do país? Qual é o fator diferenciador do WOOL?

**Questão 13:** Lara, quais são as várias ramificações do WOOL?

**Questão 14:** O WOOL já intervencionou fora de Portugal?

**Questão 15:** O WOOL já ganhou prémios e reconhecimentos? Quais?

**Questão 16:** Como é que aconteceu o Google Art Project?

**Questão 17:** Como é que caracteriza a ligação que o WOOL tem com A Tentadora? É o vosso principal patrocínio?

**Questão 18:** Define o WOOL em três palavras.

[6ª Edição WOOL 2019]

**Questão 19:** Como já é certo e sabido, a cada edição do WOOL os artistas podem expressar-se livremente através da sua arte, desde que o façam com uma ligação à cidade. Para este ano especificamente, houve algum conceito mais específico que tiveram de respeitar?

**Questão 20:** Nos anos anteriores o WOOL intervencionou mais na zona histórica, talvez a zona mais degradada da Covilhã ou pelo menos a que se nota mais. Este ano já intervencionaram em zonas mais descobertas, expostas ao público e em paredes não tão degradadas assim. Qual foi a ideia, o plano para este ano?

**Questão 21:** Qual é a tua expectativa para a edição deste ano? No final foi correspondida?

**Questão 22:** Quais são os planos futuros do WOOL na Covilhã e lá fora?

[LATA 65]

**Questão 23:** Lara, agora relativamente ao LATA 65. De que forma está ligado ao WOOL?

**Questão 24:** Quais foram os principais objetivos ao criares um projeto como o LATA 65?

**Questão 25:** Qual é a mensagem que o LATA 65 pretende transmitir?

**Questão 26:** Como é que "recrutam" os participantes do workshop? Contactas lares, instituições?

**Questão 27:** Estamos a falar de idosos, em que muitos deles têm limitações físicas. Consideras que, de uma forma geral, tem sido relativamente fácil conseguir "angariar" participantes para o LATA 65?

**Questão 28:** E como é que o workshop está organizado? Qual é o formato?

**Questão 29:** Quando vão para a parede pintar, os idosos já vão com estas distinções bem presentes na mente e percebem que estão a praticar arte urbana, expressão distinta do *graffiti*?

**Questão 30:** Como é que traças a evolução de perceção, gosto, interesse e do sentimento de participação dos idosos ao longo do workshop?

**Questão 31:** Que idade tem o participante mais velho e mais novo?

**Questão 32:** Existem os idosos que participam no workshop e depois existe a Luísa Cortesão, que após a sua participação no LATA 65 nunca mais parou de pintar as paredes da rua. Na tua perceção e vivência pessoal, em que vertente é que o LATA 65 mais impactou a vida dos idosos que participaram no workshop?

**Questão 33:** Achas que o LATA 65 é um projeto que pode e/ou está a modificar mentalidades dos mais idosos e das pessoas que assistem de fora ao projeto, na medida em que ainda se olha muito para os idosos com o preconceito de "gastos, velhos, sem utilidade"? Porquê?

**Questão 34:** Na tua opinião, que vives e respiras este projeto a 200%, quais são as principais diferenças e semelhanças do LATA 65 em Portugal e no estrangeiro, a nível de "fazer acontecer" e *feedback*?

**Questão 35:** Qual é a principal dificuldade do LATA 65 enquanto projeto?

**Questão 36:** Consideras que o LATA 65 está melhor posicionado em Portugal ou no estrangeiro?

**Questão 37:** No total, quantas edições tem o LATA 65?

**Questão 38:** Já aconteceu algum idoso fugir da polícia ou ter algum encontro mais inesperado com eles?

**Questão 39:** Já existe uma data para a próxima edição do LATA 65? Qual é o futuro do projeto?

### [COVILHÃ]

**Questão 40:** Qual é a característica da Covilhã que consideres que melhor represente atualmente a cidade?

**Questão 41:** Cidade Neve ou a Cidade Arte?

### [ARTE URBANA]

**Questão 42:** Na tua opinião, é a arte urbana que influencia a cidade ou é a cidade que influencia a arte urbana?

**Questão 43:** O estereótipo de que arte urbana é sinónimo de vandalismo ainda está muito presente na sociedade. Consideras que seja devido à falta de conhecimento e informação sobre o verdadeiro significado dos conceitos "graffiti" e "arte urbana"?

**Questão 44:** Ao mesmo tempo, consideras que a arte urbana já começa a ser entendida, mais do que antigamente, ou este panorama ainda está longe de mudar?

**Questão 45:** Por exemplo, a parede do LATA 65 na Covilhã já está grafitada. Consideras vandalismo, desrespeito?

**Questão 46:** Na tua opinião, qual poderá ser a razão pelo qual as instituições municipais não estarem a aproveitar ao máximo o potencial do WOOL para fazer crescer a cidade da Covilhã?

**Questão 47:** Consideras que a existência de projetos como o WOOL, LATA 65 e GAU, por exemplo, ajudam a criar mentalidades mais abertas tanto nos jovens como nos mais velhos?

**Questão 48:** Existe uma grande discussão à volta desta dualidade: Arte Urbana ou *Street Art*. Há quem não veja diferença entre os conceitos e há quem os distinga. Qual é a tua opinião?

**Questão 49:** Arte urbana é arte pública?

**Questão 50:** *Graffiti* ou Arte Urbana?

**Questão 51:** Como é que traças a evolução da arte urbana em Portugal desde o seu início?

**Questão 52:** Já se faz Turismo de Arte Urbana em Portugal?

**Questão 53:** Lara, a tua paixão pela arte urbana não fica por aqui. Eis que em 2014 surge a Mistaker Maker, uma Plataforma de Intervenção Artística, com o objetivo de não só produzir outros projetos de arte urbana não relacionados com o WOOL, mas também para dar apoio de consultadoria, curadoria, comunicação e gestão aos mesmos. Perante isto, como é que podemos definir a Lara Seixo Rodrigues, profissionalmente?

## APÊNDICE 9 – ENTREVISTAS AOS ARTISTAS

### A. Ângela Ferreira conhecida como KRUELLA D'ENFER, 30 anos, Tondela – 7 de junho de 2019

**É a tua estreia no WOOL. Durante o passeio de reconhecimento que fizeram pela cidade antes do início efetivo do festival, qual foi a tua primeira impressão acerca do trabalho feito até agora pelo festival na cidade?**

Eu acho que estão todos muito bem enquadrados nos sítios e depois acho que todos [os artistas] têm uma sensibilidade para fazer um projeto específico para aqui, com as coisas daqui, inspirados no que há aqui... Nota-se que eles [os artistas] tiveram também esse reconhecimento como eu fiz para servir de inspiração e, portanto... Sim, gosto muito da maior parte dos murais que aqui estão.

**Identificas-te com o formato e com o conceito do WOOL enquanto artista? Como é que te sentes a participar neste projeto?**

Sim, claro. Eu acho que é muito mais... envolve muito mais os artistas. Todos os festivais tentam ter esse cuidado, mas aqui sinto muito mais que eles se preocupam não só com o bem-estar dos artistas, para que a *coisa* funcione e tudo corra bem nos formatos certos e que não hajam assim tantos dramas, porque é inevitável que aconteça a grua não funcionar ou...há sempre imprevistos. Do meu lado posso dizer que correu super bem, portanto é sem dúvida um dos melhores festivais em que eu já tive e que fui mais bem recebida.

**Muito bem. Ao longo da semana fui conversando contigo, enquanto te acompanhava na tua parede e percebi que não é a primeira vez que vens à Covilhã, tens cá amigas e já conhecias a cidade e as redondezas. O que já viste e conhecias da Covilhã, o que é que achas que esta cidade tem de especial?**

Tem muito de especial, nem que seja pelas vistas incríveis e pela natureza envolvente, sem dúvida que é um bônus para passar férias aqui, como eu vim em criança muitas vezes com os meus pais e mais tarde em adulta voltei porque conheço cá pessoas. É uma cidade relaxada. Sabe bem estar cá, depois do caos que é viver em Lisboa ou numa cidade grande. Sabe bem vir aqui.

**Quais eram as expectativas que tinhas quando chegaste ao festival? Agora que está mesmo a terminar, achas que foram superadas, foram correspondidas, achas que podia ter sido melhor... Como é que te sentes?**

Sim, corresponderam a nível de já conhecer as pessoas da organização, já trabalhei mais vezes com ela [Lara Seixo Rodrigues] e já sabia mais ou menos o que esperar e superaram a nível de gastronomia... Foi incrível! Fiquei bastante surpreendida e isso é sempre um bônus, porque nos dá... (risos) É verdade! Dá-nos energia e motivação.

**Algum prato em específico que queiras salientar?**

Claro! *O Laranjinha* que vai ficar para sempre no meu coração com as bochechas de porco, exatamente, e aquele arroz de cogumelos. Vou levar daqui como recordação para o resto da minha vida e hei de cá voltar só por causa disso. Mas também hei de cá voltar para outras coisas, para trazer pessoas *pra* verem o meu mural, *praverem* os outros murais... Acho que vão sempre haver boas razões para voltar.

**Relativamente à tua peça, de que forma está ligada à Covilhã, o que significa e qual é a mensagem que pretendes transmitir aos covilhanenses e visitantes?**

No fundo, o que eu desenhei na parede, expliquei um bocadinho ontem [na sessão das "Conversas"] e disse uma coisa que não tinha pensado a fundo nisso, mas depois mais tarde dás ainda mais simbologia à coisa, mas eu acho que o facto de eu ter pegado numa peça arquitetónica daqui tem a sua piada do ponto de vista do artista, que dá uma nova dimensão a essa peça e as pessoas vão, se calhar, olhar para essa...para esse ícone, que está no meio da cidade um bocadinho esquecido e um bocadinho desvalorizado e vão reconhecer na minha parede. E, por isso, eu acho que é uma continuação de coisas históricas que há aqui e mesmo todos os murais, eu acho que têm referências que as pessoas às vezes já estão tão habituadas a ver ou a ouvir ou...porque são de cá...e o facto de nós fazermos uma interpretação nossa dá outro valor.

**Acabaste por mudar alguma coisa na tua peça assim que chegaste à Covilhã e viste a parede?**

Mudei só a nível mais de detalhes, porque o projeto em si já estava planeado. Até porque eu tenho que fazer isso com antecedência por causa do material e porque também me é pedido... E eu venho muito mais confortável para um festival, quando já sei que tenho o projeto definido. Sou mais rápida. Tenho medo de...se não tenho alguma coisa definida, tenho medo de passar muito tempo *nisso* e de ultrapassar os dias que são pedidos. Portanto, eu gosto de cumprir *deadlines* e gosto de cumprir os meus objetivos também, pessoais.

**Numa entrevista à VICE Portugal, referiste que a tua inspiração é a natureza, memórias e sonhos que tens. E agora referiste que já trouxeste o teu mural planeado. Para esta 6ª edição do WOOL, inspiraste-te nalguma coisa ou em algo, especificamente? Na natureza?**

Sim, tem a paisagem da Serra da Estrela com neve, porque obviamente quando tu pensas na Covilhã tens a imagem da serra com neve. Agora nós estamos numa altura em que não há neve, mas quando tu falas da Serra da Estrela pensas sempre naquela imagem da serra toda branquinha e eu também nunca tinha estado na Serra da Estrela fora dessa altura. Portanto obviamente que isso traz-me memórias de quando eu era criança e queria representar isso, não queria simplesmente fazer uns montes verdes. A neve é um símbolo icónico daqui *pra* mim...por causa dessa parte toda das memórias. E sim, a natureza obviamente que é uma coisa que me acompanha desde sempre, desde que eu nasci.

**E antes já conhecias a janela manuelina?**

Não, não... Isso lá está, eu conheço...quando tu vens a estas cidades mesmo em modo passeio tu nunca *tás* atenta a essas partes de arquitetura ou de...sei lá, mesmo da indústria têxtil que há aqui... Aprofundas isso muito mais quando tens de fazer um trabalho sobre isso e, portanto, é uma aprendizagem *pra* mim. Agora já sei que houve aqui uma influência muito grande de estilo arquitetónico. Não tive oportunidade de ir ao Museu dos Lanifícios, mas...pronto, conheces muito mais as tradições de uma cidade e as culturas.

**Durante estes dias qual foi o *feedback* que recebeste da população? Algum comentário ou opinião em específico que te tenha ficado na mente, por alguma razão?**

Foi muito bom. Foi...80% comentários positivos, aliás acho que só houve uma pessoa ou duas que não adoraram o resultado final, mas acho que isso *tá* a acontecer em todas as paredes, não se pode agradar a toda a gente. É uma coisa que é pública, portanto estamos sujeitos a esse tipo de opiniões. Mas sim no geral foi todo muito bom. *Pá* e houve um senhor que disse "*Epá, categoria!*", isto é uma coisa que o meu pai diz muito e eu adorei que houvesse essa palavra, sim. (gargalhadas)

### **Estás feliz e satisfeita com o resultado do teu mural?**

Estou, estou bastante feliz. Acho que o sítio em si teve piada, eu gosto de trabalhar... a minha parede não era tão grande como as outras, mas eu gosto desse tipo de situações em que parece que me tenho que dedicar um bocadinho mais ou...enfim... Também não tive a oportunidade de projetar, portanto para mim foi um desafio *tar* a fazer aquelas linhas tão direitinhas e corresponder ao projeto que eu tinha e alterar coisas *pra* ficar ainda mais detalhado e mais enriquecido. Portanto, no final sim, *tou* bastante satisfeita.

### **A nível pessoal, o que é que tu sentes quando estás a pintar? Porque é que pintas?**

Olha, porque acho que é pela mesma razão que as pessoas vão *pro* yoga. (gargalhadas) Eu passo quase o inverno inteiro sempre a pintar murais ou se pinto é sempre no interior ou...há sempre uma razão...se calhar até é, muitas vezes é comercial, é projeto, e neste âmbito de festival é quase como...sinto-me como se estivesse num campo de férias e *tou* bastante relaxada e quando *tou* a pintar... Aliás eu quase nem levo, eu nem levo música, mas tive a sorte de na Covilhã *tar* a ser patrocinada pelo Audineve (risos) que teve a bombar M80 o dia todo (risos) e por acaso ajudou-me ainda mais a *tar* relaxada e descontraída a fazer o meu trabalho. Mas é um momento *zen*.

### **Em conversa com a população, um senhor referiu-me que não conseguia perceber como é que vocês fazem a transição do papel para a parede e, inclusive, como é que vocês fazem a gestão da perceção do olhar, ou seja, se conseguem ter noção daquilo que estão a pintar, se está na dimensão correta, etc. Queres explicar um pouco o teu método?**

O processo é muitas vezes facilitado quando há a oportunidade de usar um projetor. E obviamente que se eu tiver um prédio de vinte metros eu vou ter que pensar num projeto...não, não é pensar num projeto, é tenho que pensar se posso projetar ou não, o projeto vai depender um bocadinho disso. Se eu posso simplificar as coisas para chegar ao mural e fazer por mim de cabeça ou então..., mas pronto, há várias experiências, há sempre oportunidade de ter projetor ou não. Ultimamente eu não tenho usado projetor, porque no início a escala era uma dificuldade que eu aos poucos fui ultrapassando com a experiência e acho que agora me sinto confortável não ter projetor e não tenho o mesmo método de trabalho que se calhar outros artistas têm que é a criação de uma grelha ou de manchas... Eu vou fazendo as coisas e tenho poder para alterá-las conforme vou desenhando na parede, mas quero corresponder exatamente ao que eu desenhei no computador, ao projeto que eu tenho, quero fazer o máximo possível igual, mas se houver espaço para algum erro eu consigo facilmente alterá-la ou acrescentar coisas.

### **Sentes que o teu trabalho como muralista tem impacto na sociedade? Já tiveste alguma experiência nesse sentido?**

Tem, principalmente quando eu pinto em bairros sociais é quando tu notas mais que há uma mudança. A mudança existe sempre, seja em sítios mais problemáticos ou não, porque nem que seja a mudança visual de, de repente, há ali uma peça com uma escala enorme. Mas a nível de sociedade obviamente que isso também tem implicações e nos bairros sociais sente-se muito mais, porque...na experiência que eu já tive, as críticas são muito mais honestas e tu notas que ao início ninguém acha piada àquilo, porque as pessoas pensam "porque é que isto *tá* acontecer e eu *tou* cheio de problemas na minha vida" e "não acho fixe", não aceitam, não querem saber e aos poucos vamos conquistando as pessoas e no final sinto que há uma empatia muito maior do que nos outros sítios, porque acabam por defender aquilo com unhas e dentes. Passam a...aquilo vai ser deles durante muito tempo, por exemplo, em Cascais, que eu pintei lá no Bairro da Torre, que há uns anos era notícia todos os dias de criminalidade e tudo mais, eu pintei lá e ao início *tavam* a gozar comigo (risos), aqueles mitras todos que vivem lá, aliás, vendiam droga à frente da

minha parede. Eu comecei a esboçar e não sei quê, eles acharam que eu tava a fazer uma *cena* meio *cartoon*, depois viram as cores também não acharam nada piada e no fim o...o líder do *gang* vá, veio ter comigo a dizer "Não, ninguém vai tocar na tua parede, eu vou fazer questão que ninguém te venha aqui estragar, portanto vai descansada, quando quiseres volta, nós combinamos aqui..." e pronto, eu fico...*wow*, meu deus, é muito fixe.

**Qual é a tua opinião sobre a arte urbana, no que diz respeito ao seu potencial, àquilo que ela pode trazer de benéfico para a sociedade, à sua influência numa cidade – seja a nível social, económico, turístico...?**

Sim, turístico como é óbvio, chama pessoas completamente diferentes, não vejo tanto as coisas por aí, mas é óbvio que isso acontece. Eu acho mais que...eu penso um bocadinho mais de uma forma intimista no dia-a-dia de uma pessoa que passa naquela rua todas as vezes *pra ir pro trabalho*, super infeliz com a vida e não há nada de novo a acontecer, é tudo igual há uma série de anos, aquilo vai mudar um bocadinho as rotinas dessa pessoa e se calhar vão parar em frente a uma parede minha e vão pensar "fogo, tá aqui uma coisa que me vai fazer ter mais criatividade, vai despoletar interesse..." se calhar para começarem até a desenhar. Isto em qualquer faixa etária. Eu penso se calhar uma criança se *tá a olhar pra isto* e um dia também vai querer fazer o mesmo. Já não é aquelas profissões "quero ser bombeiro" ou não sei quê, vai abrir tantos leques e até nas pessoas idosas, tipo...pronto "a minha vida era um caos e agora só *tou* em casa a jogar às cartas e *isto* aconteceu" ...e nem que seja só para pôr um sorriso na cara das pessoas.

**O estereótipo de que arte urbana é sinónimo de vandalismo ainda está muito presente na sociedade. Consideras que isso acontece muito por falta de conhecimento e informação sobre o verdadeiro significado dos conceitos "graffiti" e "arte urbana"?**

Não acho que as pessoas liguem isto ao vandalismo. As pessoas cada vez que me veem a pintar de *spray* fazem a ligação com o *graffiti* e muitas vezes há um *tag* na rua ou um *throw up* à frente da parede, dizem "ah pois, estás aqui a fazer *isto*, mas também há *isto* que está a acontecer e se calhar vão-te estragar a pintura", mas no final nunca dizem que é vandalismo, aquilo é arte, para a maioria das pessoas aquilo é arte. As pessoas que não gostam, pronto, não gostam, mas as pessoas não percebem é muitas vezes que nós só *tamos* a fazer aquilo por causa do *graffiti* e o *graffiti* é uma coisa recente, começou nos anos 80 e evoluiu para isto, por isso é que *tamos* aqui. Muitas vezes as pessoas que pintam murais não têm ligação nenhuma ao *graffiti* ou nunca fizeram, são pintores ou ilustradores ou...toda a gente tem um *background* diferente, mas há uma história por trás de isto estar a acontecer.

**Então consideras que a arte urbana já começa a ser entendida, mais do que há uns anos, ou este panorama ainda está longe de mudar e de ser mais entendido?**

Não, não está. Eu acho que os meus primeiros murais foram um choque para muitas pessoas. Aliás, imagino o primeiro WOOL que houve aqui na Covilhã. Não sei que comentários é que..., mas imagino, não é?! Hoje em dia as pessoas veem isto a acontecer, já viram na televisão ou, por exemplo, quando tava a pintar no andaime, ouvi uma criança a dizer "pois, isto é *graffiti*!", tipo...há uns anos estes termos não chegavam aqui, por exemplo, agora na televisão há reportagens sobre o *graffiti*, a internet veio ajudar nesse aspeto, a informação *tá* toda lá para as pessoas consumirem e estarem atentas.

**Não sei se lidas diretamente com autarquias, mas de uma forma geral achas que os autarcas já se aperceberam do valor que a arte urbana pode dar a uma cidade?**

Sim já, normalmente são uma dor de cabeça, porque são...há muitas autarquias que *tão à frente* e que têm um pensamento moderno, mas ainda é muito difícil convencer, *pá*, pelo menos a nível de

financiamento. Acho que ainda é uma coisa que tem que ser mudada, porque ainda há muitas mentalidades que, enfim, de Portugal inteiro que precisam de ser mudadas para benefício *destas coisas*, dos artistas e não digo só a nível de murais, mas mais apoio aos artistas que não existe e obviamente que eles vão-se apercebendo e vão copiando uns aos outros a nível de "olha isto correu bem em Lisboa, vamos fazer igual aqui".

### **Vão pelos exemplos e não pela própria iniciativa?**

Vão pelos exemplos! Não, iniciativas há e convites há, só que pronto, querem que as coisas aconteçam a custo zero ou então pronto, é só fazer por fazer, porque vai chamar turismo e não têm muita sensibilidade *pra coisa*, como tem uma Lara e têm outras pessoas que são responsáveis por uma boa curadoria, uma boa organização, uma boa receção.

### **Como é que explicaria a alguém com essa mentalidade, com essa aversão a esta expressão artística, o que a arte urbana tem de especial, de forma a que essa pessoa no final conseguisse ter uma perspetiva diferente sobre este tipo de arte?**

Acho que de certa forma já respondi. Tudo o que eu respondi até agora faz parte do que te vou dizer que é: mudança de mentalidades das pessoas que vivem num sítio fechado, criação de novos interesses, hábitos, é arte. É o mesmo do que convidar um escultor para fazer uma peça numa rotunda, hoje em dia é uma coisa que dá valor e dá património aos sítios. Portanto...é isso.

### **Existe uma grande discussão à volta desta dualidade: Arte Urbana ou *Street Art*. Há quem não veja diferença entre eles e há quem os distinga. Qual é a tua opinião?**

*Pá*, acho que na verdade é uma seca ter que escolher um termo, porque "street art" é simplesmente a tradução para português de "arte urbana", é a mesma coisa. *Pá*, é uma coisa que eu nem te consigo desenvolver muito, porque... O Mário, quando dá entrevistas, diz que é ilustrador e muralista. Eu se calhar digo que sou *street artist*, mas vais ver outra entrevista e digo-te lá que sou artista urbana, noutra entrevista já digo que sou muralista. Ah...*pá*, os termos têm a mesma definição.

### **Ainda não há uma definição dos conceitos relacionados com arte urbana...**

Não, nem acho que vai haver, porque hoje em dia tu fazes tanta coisa. Tu não *tás* fechado só em casa a pintar telas...e se tivesses eras pintor. Mas nós somos polivalentes e somos artistas multifacetados, todos nós, porque fazemos de tudo um pouco.

### **Na tua opinião, é a arte urbana que influencia a cidade ou é a cidade que influencia a arte urbana?**

Eu acho que é o artista que escolhe isso. O artista chega a um sítio e diz...imagina que esse artista pode viver na Índia e diz "cheguei aqui, já trouxe uma coisa, já trouxe um projeto planeado", pode não ter nada a ver com a cidade, mas vai fazer uma coisa nova, vai criar uma história nova, que eu acho que isso é muito bom às vezes também. De não *tarmos* só a recalcar as coisas do passado, porque um dia mais tarde, creio eu, e já está a acontecer, vão estudar sobre nós e sobre o que está a acontecer, daqui a 50 anos isto provavelmente vai *tarnos* livros da escola, nos iPads da escola (risos). E vão dizer "olhem, houve um artista que veio da Índia exatamente e fez uma coisa que não está em nada inspirada naquele sítio" e pronto, mas de repente as pessoas, e aquilo faz parte e pode influenciar mais tarde a cidade e se calhar daqui a 200 anos vai haver uma artista que vai-se inspirar nessa peça do indiano ou nas nossas e vai fazer outra coisa nova. A *cena* fixe é *tarnos* sempre a pôr *layers* em cima das culturas, das tradições, da história, das cidades...

**Gostarias de voltar à Covilhã como muralista, *street artist*, artista urbana, artista visual, o que seja?**

Não sei, porque pá, em Lisboa é mais fácil... Imagina eu vivo em Lisboa e tenho lá dois murais ou três no máximo. Não gosto de estar a saturar um sítio nem as pessoas com o meu trabalho. (gargalhadas) Se calhar volto cá para ir comer à Laranjinha, isso é óbvio. (risos)

**E para fazer uma peça mais pequena? Gostarias de deixar mais uma marca na Covilhã?**

Sim, claro, onde me chamarem eu vou. A menos que... não há nenhum sítio no mundo, sei lá, a não ser um sítio em guerra, obviamente que eu não quero ir. (gargalhadas)

## B. Entrevista a Mário Belém, 41 anos, Carcavelos – 9 de junho de 2019

**Não é a primeira vez que estás na Covilhã. Em 2012 fizeste uma peça de pequena dimensão num portão com a legenda "Agarra que é ladrão". Sete anos depois voltas à cidade para fazer um mural. De que forma está ligada à Covilhã, o que significa, qual é a mensagem que pretendes transmitir aos covilhanenses e visitantes?**

*Opá, a mensagem aqui é relativamente simples. Isto é um grande embrulho, né... Porque o primeiro passo, normalmente, tu pintas coisas que são retangulares ou quadradas e este aqui está completamente quebrado, portanto isto foi tentar fazer uma narrativa, uma história que tivesse vários planos e que tivessem de alguma forma ligados. O ponto de partida que me deram era para tentar, de alguma forma, refletir a água *tás a ver?! Mas já está completamente evidente que 'tá aqui uma fonte, mas tentei fazer este splash de cores um bocado para ligar estas coisas todas e depois, o que está aqui representado, são três gerações e os sonhos das três gerações. Quando tu és criança sonhas com voar, sonhas com coisas muito altas, depois se calhar quando comesças a crescer comesças a sonhar com coisas mais relacionadas com o trabalho e depois, quando és velho sonhas com as coisas que nunca fizeste, com as coisas que te arrependeste – neste caso é tipo a senhora que nunca viu o mar. Pronto... E por outro lado tento refletir um bocado tipo, mais ou menos a identidade local através das pessoas, normalmente tento não pintar pessoas "bonitas" *tás a ver?! Prefiro pintar pessoas mais marcadas, acho que é mais forte, têm mais coisas para contar.***

**E relativamente à mota, como é que ela se encaixa aqui?**

*Epá a mota era o adereço do senhor, sobretudo era para preencher aquela parede e acabou por ser um dos elementos mais fortes desta composição toda, é incrível. Ficou brutal! Aliás, fiquei todo excitado para pintar mais motas e carros e coisas!*

**E tem muitos detalhes...**

*Está *bué fixe*, acho que ficou mesmo muito *fixe!**

**Tiveste alguma fonte de inspiração específica para esta peça ou já vinhas com um plano detalhado? Se sim, qual?**

*Não... Pá, isto foi uma ganda maionese *meu...* Este projeto deu grandes voltas! Fiz literalmente vinte desenhos para isto. Pá... É tramado. Era mais a *cena* da água e sobretudo tentar usar os planos. Eu inicialmente ia fazer uma coisa com texto e andei a pesquisar imensos autores daqui, tive quase *pra* fazer uma coisa do Melo e Castro, porque isto estava mesmo a pedir *tipo* assim um riachozinho a descer da montanha, *tás a ver?! E as palavras a fluírem umas para as outras. Só que ficava um bocado estranho, o texto ficou um bocado manhoso.**

**Muito bem. Estás feliz e satisfeito com o resultado da tua peça?**

*Pá... não! (gargalhadas) Não curto a explosão de cores... Pus porque já estava na maquete, mas sinceramente...*

**O que é que mudavas ou acrescentavas, se pudesses?**

*Não sei, já *tou* farto de pensar nisso e não sei! (gargalhadas)*

**Durante estes dias qual foi o *feedback* que recebeste da população? Algum comentário ou opinião em específico que te tenha ficado na mente, por alguma razão?**

*Opá*, é assim, as pessoas não percebem... Lá está, quando ouvem a explicação da *cena* dos sonhos percebem a *cena*, mas a pergunta que mais me vêm fazer é "Porque é que está ali uma senhora num barco?", *né*... "Aqui não há barcos!"... Mas pronto, *tá* justificado! De resto, o *feedback* é super positivo, sobretudo tive assim muita adesão das senhoras velhinhas que me vêm sempre dizer "Está tão lindo!" (gargalhadas)

**Aquilo que tu já viste e conhecias da Covilhã, o que é que achas que esta cidade tem de especial?**

Esta cidade tem uma coisa que eu não vi em mais lado nenhum que é a *cena* de, como isto está num declive, quando tu chegas à cidade tu vês a arquitetura toda da cidade. E estás sempre a ver a arquitetura toda da cidade! É muito louco isso.

**Relativamente ao trabalho do WOOL nas edições anteriores que vocês tiveram a oportunidade de ver nos dois primeiros dias do festival, qual é a tua opinião acerca das intervenções feitas na cidade?**

É brutal! É brutal... E sobretudo eles têm uma *cena* *muito boa* que é a seleção dos artistas que fizeram, *pá*... Tu quando vês isto noutras cidadesavas com umas pinturas um bocado horríveis. E as pinturas aqui são todas *bué* fixes!

**Identificas-te com o formato e com o conceito do WOOL enquanto artista? Como é que te sentes a participar neste projeto?**

*Opá*, é ótimo, é ótimo! É uma pena não haver mais coisas assim, digo-te já... É ótimo, porque há *bué* festivais, mas este aqui *tá* muito bem organizado. E eles fazem questão que as peças sejam ligadas à Covilhã e acho que tem que ser mesmo assim, tens que respeitar, tens que fazer as coisas contextuais. Há aquela coisa do muralismo contextual que é isto, em oposição à *street art* que é tipo só fazeres peças que podiam estar em qualquer sítio do mundo...

**Tendo em conta as expectativas que tu tinhas quando chegaste ao festival e agora que está mesmo a terminar, consideras que foram superadas, correspondidas ou podia ter sido melhor?**

Sim, foi fixe. *Pá* e sobretudo... é a tal *cena*, tu quando recebes uma foto no computador da fonte pensas "ya, aquilo é grande" depois chegas aqui e vês que isto é massivo! (gargalhadas) Portanto nesse aspeto foi um desafio e correu tudo muito bem e foi fixe, foi ótimo.

**Mário, tu foste ilustrador digital e designer gráfico dentro da área comercial e posteriormente, por inspiração noutros artistas urbanos, decidiste apostar em peças de maior dimensão, os murais. Qual foi o momento em que te apercebeste que tinhas de fazer parte deste movimento?**

Na verdade, foi um bocado inveja. Quando vi que havia pessoas a pintar paredes a fazer coisas de dimensão maior, percebi que também queria fazer o mesmo que eles faziam... *Pá*, são peças que causam muito impacto.

**O que é que sentes ao pintar? Qual é o teu propósito quando pintas?**

N/A

**Em conversa com a população, precisamente junto da tua peça enquanto pintavas, um senhor referiu-me que não conseguia perceber como é que se faz a transição do papel para a parede e,**

**inclusive, como é que vocês fazem a gestão da percepção, ou seja, se conseguem ter noção daquilo que estão a pintar, se está na dimensão correta, etc. Queres explicar um pouco o teu método?**

*Pá*, hoje em dia é muito importante tu utilizares as ferramentas que existem... Basicamente projetei isto tudo na parede, só as pernas do senhor é que não. *Pá*, ainda demorei um bom bocado, *pfff*... Utilizares a tecnologia que tens à tua disposição, hoje em dia, facilita muito o teu trabalho. Eu demorei seis dias a fazer isto, sem o projetor tinha demorado muito, muito mais.

**Sentes que o teu trabalho tem impacto na sociedade? Se sim, em que aspeto?**

Se teve impacto ou não, na vida de alguém eu não sei se teve... Recebo muitas mensagens, muito *feedback* bom do pessoal, mas se algum dia influenciou alguém, *epá*... Se influenciou, ainda melhor!

**Qual é a tua opinião sobre a arte urbana, no que diz respeito ao seu potencial, àquilo que ela pode trazer de benéfico para a sociedade, à sua influência numa cidade – seja a nível social, económico, turístico...?**

Relativamente aqui à Covilhã, não acredito que venha muita gente para a Covilhã de propósito ver os murais de arte urbana, no entanto quem está na Covilhã vai ver estes murais muitas vezes, de certeza. Mas por exemplo, estive a falar lá com o dono da Casa das Muralhas quando fomos todos lá jantar e *epá* isto *pra* Casa das Muralhas é muito bom, porque as pessoas acabam por ir dar com o negócio dele. Ele falou-me super bem do WOOL porque *ya*, é mesmo bom *pro* negócio dele.

**O estereótipo de que arte urbana é sinónimo de vandalismo ainda está muito presente na sociedade. Considera que seja devido à falta de conhecimento e informação sobre o verdadeiro significado dos conceitos "graffiti" e "arte urbana"?**

Não acredito que as pessoas considerem isto vandalismo. Isto é muito diferente do *graffiti*. *Pá*, eu sou sempre muito bem recebido em todas as peças que eu faço, as pessoas gostam sempre e acabam sempre por gostar do meu trabalho. Portanto... *pá* acho que é muito diferente. É muito diferente... *Graffiti* é diferente de arte urbana que é diferente de muralismo.

**Não sei se lidas diretamente com autarquias, mas de uma forma geral, achas que os autarcas já se aperceberam do valor que a arte urbana pode dar a uma cidade?**

Sim, lido diretamente com autarcas. E eu acho que sim, que eles já se aperceberam do valor que a arte urbana pode dar a uma cidade, principalmente quando é tempo de eleições, eles gostam sempre de dar um bocadinho mais de ênfase, porque é uma *cena* que tem muita visibilidade e facilmente cria impacto, *tás a ver?!* Mas depois *ya*, falta dar importância a isso durante o resto do ano...

**Apesar de achares que a arte urbana já começa a ser entendida por parte das autarquias mais do que antigamente, ainda há trabalho que falta ser feito?**

Sim, sim, ainda há muito trabalho a fazer... Mas sim, eles já se estão a aperceber.

**Como é que explicarias a alguém com essa mentalidade, com essa aversão a esta expressão artística, o que a arte urbana tem de especial, de forma a que essa pessoa conseguisse ter uma perspetiva diferente sobre este tipo de arte?**

*Epá*, alguém que tenha aversão à arte urbana vai sempre ter. Portanto, *pá*...

**Existe uma grande discussão à volta desta dualidade: Arte Urbana ou *Street Art*. Há quem não veja diferença entre eles e há quem os distinga. Qual é a tua opinião?**

"Arte urbana" não é o mesmo que "street art". Arte urbana é uma coisa mais ampla e "street art" é o jogo, as brincadeiras que tu fazes com os elementos da rua.

**Na tua opinião, é a arte urbana que influencia a cidade ou é a cidade que influencia a arte urbana?**  
Acho que é a arte urbana que influencia a cidade... N/A.

**Gostarias de voltar à Covilhã como muralista?**

Sem dúvida, claro que sim! Gostaria de voltar à Covilhã como muralista. (risos)

C. **Sebastián Velasco conhecido SEBAS VELASCO, 30 anos, Burgos (Espanha) – 9 de junho de 2019<sup>9</sup>**

**SEBAS, tu és de Burgos, mas agora vives noutra cidade, certo?**

Sim, eu sou de uma cidade que se chama Burgos, que está no norte de Espanha. Vivi aí até aos 18 anos, até ir estudar para Bilbao e depois estive em vários sítios: um pouco em Barcelona, um pouco em Andaluzia, depois voltei novamente para Bilbao e San Sebastián, que estão no País Basco, que também é de onde é a minha mãe e a minha família, por esses lados. Agora vivo em San Sebastián já há vários anos.

**Esta é a tua primeira vez em Portugal?**

Em Portugal já estive uma vez, um fim-de-semana em Lisboa para visitar um amigo, por isso esta é a segunda vez em Portugal. É a primeira vez que estou no WOOL sim, e claro, na Covilhã.

**Durante o passeio de reconhecimento que fizeram pela cidade antes do início efetivo do festival, qual foi a tua primeira impressão acerca do trabalho feito até agora pelo festival na cidade?**

Sim, gostei muito dos murais, parece-me que estão bem distribuídos, bem pensados relativamente à questão do artista e ao lugar. Creio que se nota que têm [o WOOL] uma boa capacidade de seleção nesse sentido: ou são arquitetos, ou...

**É um projeto feito com sentido, não é algo feito só porque sim...**

Não, exatamente. E gostei muito disso. Tem sentido.

**Identificas-te com o formato e com o conceito do WOOL enquanto artista? Como é que te sentes a participar neste projeto?**

A verdade é que ao longo desta semana senti-me muito confortável, como que... senti-me "em casa". As pessoas que organizam *isto* e que estão envolvidas, são pessoas que de verdade vivem *isto* e têm uma paixão genuína pela arte, pelos murais, pelo que quer que seja. Isso nota-se, agradece-se, transmite-se e faz-te sentir bem.

**Quando conhecestes a cidade nos primeiros dois dias do festival, o que é que achas, no teu entendimento, que a Covilhã tem de especial?**

Sim, claro. Bem, é difícil, porque é pouco tempo e... não estive muito tempo em Portugal, mas bem... Como cidade, não sei, gostei muito, chamou-me muito a atenção os contrastes, não sei... Como se... As coisas do passado muito presentes, coisas novas, a evolução... Não sei... Sim, diria que contrastes.

**Achas que a Covilhã tem muitos contrastes, mas a que nível mais especificamente? As cores?**

De tempo. É como que há muitas coisas do passado ainda muito presentes, e outras que estão ainda em mudança. Não sei... Há um certo abandono nalguns aspetos, mas não o vejo como algo negativo.

**Há muitas diferenças que convivem juntas.**

Sim, são contrastes que convivem juntos, mas convivem bem, eu diria. É muito agradável. A mim faz-me lembrar muito a França em alguns casos, mas não creio que seja tanto assim. Acho que é simplesmente

---

<sup>9</sup> Esta entrevista foi traduzida do espanhol para o português pela investigadora.

por eu não ter vindo muitas vezes a Portugal e vejo-o diferente de Espanha e talvez me faça lembrar um pouco a arquitetura, algumas casas ou...sim.

**Agora relativamente à tua peça. Tiveste alguma fonte de inspiração específica para o mural ou simplesmente seguiste a tua paixão pela noite, as luzes e as pessoas?**

Bem, neste caso foi um pouco especial, porque aproveitamos para...há muito tempo que tínhamos o desejo de trabalhar um pouco em conjunto nessa parte do fotógrafo, o José, e eu, porque somos de áreas diferentes, mas partilhamos muitos gostos estéticos e eu queria ver como é que ele trabalhava, ele queria ver como é que eu trabalhava e foi como uma espécie de colaboração nesse sentido. E bom, com o Gabriel também. Mas desenrolou-se de uma maneira natural. Partimos de San Sebastián de carro, parámos num posto de gasolina, tal e qual como um *road trip*, e depois já na Covilhã deixámo-nos simplesmente levar e começámos a fotografar aquilo que nos chamava a atenção, fossem pessoas, lugares...

**E depois encontraste a rapariga que representaste no teu mural! Como é que foi todo o processo da escolha do que ias pintar? Fotografaste várias pessoas e depois escolheste a melhor?**

Sim, tal e qual. Foi um pouco assim. Fotografámos pessoas diferentes e não sei... Acho que, talvez, também a fotografia que mais representava e elevou os nossos gostos estéticos foi aquela que acabámos por escolher. De alguma maneira, foi a intenção de tentar construir esse tipo de imagens que nos interessam num espaço novo como é a Covilhã e sim... *Hombre*, não sei...

**E querias mesmo que fosse à noite ou também foi algo que surgiu naturalmente?**

Sim, também foi algo natural. Também fotografamos durante o dia, fizemos na fábrica e de outros sítios por aí, mas de algum modo, quando fazes a fotografia que vai ser, é como que parece que sabes que vai mesmo ser *aquela* fotografia. Tal como nesse momento também estávamos muito tranquilos, mais relaxados, não sei porque é que foi, se foi o que o momento nos transmitiu, mas...ocorreu assim, naturalmente.

**Disseste que assim que chegaram fotografaram muitas pessoas. Como é que foi o contacto com a população desde o primeiro dia?**

Sim... bem, muito agradável. Não sei, as pessoas são muito abertas, muito amáveis. É mesmo assim. A verdade é que o José tem muita facilidade para se conectar com as pessoas e isso influencia e tornou tudo mais fácil do que outras ocasiões. As pessoas dão uma resposta e ele tem capacidade de "agarrar" as pessoas, pela sua personalidade.

**Estás feliz e satisfeito com o resultado do teu mural?**

Sim, sim.

**Este era o mural que imaginavas ou mudavas alguma coisa?**

(risos) É difícil. Muitas vezes tendemos a exigir sempre mais de nós e é raro um mural que...nunca ficas totalmente contente. Mas sim, preocupou-me o facto de...o sítio era muito bonito, mas a parede não me convencia devido às características físicas que tinha e tive que superar esse obstáculo. Eu gostava da parede, gostei do material, menos da parte de baixo que era um pouco mais rugosa, mas tinha muitos elementos que...não era uma parede muito lisa. Por outro lado, tinha um espaço muito agradável, com aquela praça, senti-me confortável, com o café daquela senhora, algumas cervejas. (risos)

**Também reparei que em muitos trabalhos teus de outras cidades onde já foste, pintas pessoas, tiras fotografia às pessoas como fizeste aqui na Covilhã e pintas, e isso é muito bonito. Pintas sempre pessoas?**

Sim, bom... digamos que gosto muito do retrato como disciplina pictórica desde sempre e na história da pintura. Nas cidades, bem, num mural é como que tem um impacto potente e direto com os espetadores, gosto muito. Tecnicamente, por exemplo, eu no estúdio trabalho, às vezes, com paisagens urbanas e vistas muito amplas, mas penso que não iria funcionar muito num mural. Às vezes pode ser um fundo, mas... As pessoas identificam-se muito com pessoas.

**Durante estes dias qual foi o *feedback* que recebeste da população? Algum comentário ou opinião em específico que te tenha ficado na mente, por alguma razão?**

Na mente... Assim não sei, é assim, as pessoas comentavam, percebi que as pessoas gostavam, algumas reconheciam a oficina e o carro ou perguntavam quem era a rapariga por curiosidade. De uma forma geral, recebi muito boas vibrações. Agora assim de repente não me recordo de uma opinião em concreto, mas foram boas.

**Quais eram as expectativas que tinhas quando chegaste ao festival? E agora que está mesmo a terminar, consideras que foram superadas, correspondidas ou que podia ter sido melhor? Qual é a tua opinião?**

Foram superadas, muito! Claramente. Não tinha isso muito pensado, mas foi fantástico em todos os níveis. Tanto a nível pessoal, que foi o mais importante aquilo que te dizia há pouco da paixão, que todos têm pelo que estão a fazer, tanto a nível técnico, dos materiais, do hotel, fora tudo o resto, e também dos outros artistas, a amizade que fizemos, a relação que criámos...

**Já conhecias algum dos outros artistas?**

Não, não, não os conhecia. E acho igualmente que quatro é um bom número, porque com muita gente acabas por te distrair. Quatro foi como que... muito intenso, num bom sentido. E pronto, a comida também foi incrível!

**Lembras-te do momento em que começaste a fazer murais? Como é que nasceu essa vontade de começar a fazer murais?**

Sim, lembro. Desde muito pequeno. Com 12 anos comecei com as assinaturas, os *tags*, e só isso já me atraía muito! Comecei a assinar com os outros rapazes da minha turma, no estilo normal. Na altura isso estava muito relacionado com o *hip hop*, mas eu não estava nessa onda, gostava muito de *heavy metal* e então eram como que dois mundos separados. Depois com 15 ou 16 anos comecei com malta da turma que pintava *graffiti*, eramos crianças... e comecei a pintar. Fazia os típicos bonecos, as *characters* que acompanham as letras. Relativamente à pintura, desde sempre pinte, desde criança, e depois pratiquei a pintura como carreira, com técnicas mais... óleo, com os quadros. Apaixonei-me muito pela pintura, um pouco de forma paralela com os murais, *graffiti* e assim. Foi natural.

**Observei-te durante estes dias e lembro-me de num dia destes ao final da tarde, talvez já fossem 20h00 e tu ainda estavas a pintar e já toda a gente estava a relaxar. Estavas mesmo muito concentrado, eras tu e a parede, nada mais. A nível pessoal, o que é que tu sentes quando estás a pintar? Porque é que pintas?**

É que é uma sensação... quer dizer, há de tudo, mas tem momentos muito bons e para mim é, não sei, como um momento de concentração, de procurar algo, de chegar mais além, sempre acompanhado com

a música. Eu gosto muito de pintar com música, existe um prazer puro, digamos, mais nada. Também há momentos que não te sai nada e é como... *argh!* É superar obstáculos, é... Sim. Não sei. É prazer. Pintar tem momentos muito bons.

**Em conversa com a população, um senhor referiu-me que não conseguia perceber como é que vocês fazem a transição do papel para a parede e inclusive como é que vocês fazem a gestão da percepção do olhar, ou seja, se conseguem ter noção daquilo que estão a pintar, se está na dimensão correta, etc. Queres explicar um pouco o teu método?**

Eu o que é faço é: tento fazer a primeira parte do processo de forma muito consensual, estrita, digamos que o desenho, a estrutura, o esqueleto do que vou pintar tem que estar bem e para isso utilizo um sistema que é o das grelhas. Faço-o como um desenho clássico, gosto de fazê-lo sobre um cinzento e meter as primeiras luzes e cor só para... digamos, lá está, fazer o esqueleto. Isso faço ao início e tento que fique o melhor possível. E depois, quando estás a pintar e sobretudo nos murais às vezes torna-se difícil, porque há coisas que vês ao perto que são atrativas e que quando te afastas desaparecem. Da mesma forma que estás a gostar muito de uma coisa, mas no fim não interessa, porque não se vê. Às vezes isso também é positivo, porque pode ser uma coisa que não te pareça muito bem, mas quando te afastas afinal é o suficiente, está bom assim. Então não há muito a fazer do que ires aproximando-te e afastando-te, aproximando e afastando... Mas bom, com o hábito e com a experiência já vais sabendo e percebendo o que funciona e o que não funciona.

**Sentes que o seu trabalho como muralista tem impacto na sociedade? Já tiveste alguma experiência nesse sentido?**

Bom, uma das características dos murais é que quando se pinta, eles ficam ali para toda a gente os ver e isso é o que os diferencia muito da pintura clássica, onde tens que entrar na galeria ou num museu. E assim não. E eu gosto muito disso. Com estas peças depende. Há algumas que tocam temas mais concretos ou mais sociais, outras que não, mas assim como não tenho muito interesse por coisas históricas ou políticas, não penso que a minha missão, ou não entendo, que pintar murais é um meio de... se o fazem de alguma maneira, genial! Mas não é o motivo, não é isso que eleger, não é por aí que me guio, mas se há partes da pintura que tocam algo tangencialmente, melhor ainda, gosto. Porque se o fazes de forma muito evidente, isso pelo menos para mim isso ia parecer demasiado evidente... não sei, eu pelo menos gosto de ter alguma independência... que a pintura ou o que estou a desenhar seja um pouco autónomo. E que tenha propriedades e valores em si pela forma como está pintado, pela escolha das cores, pela composição, que vão mais além de significados concetuais. No meu caso, não é algo planeado, mas se isso ocorrer, fantástico.

**O estereótipo de que arte urbana é sinónimo de vandalismo ainda está muito presente na sociedade. Consideras que isso acontece muito por falta de conhecimento e informação sobre o verdadeiro significado dos conceitos "graffiti" e "arte urbana"?**

Essa é uma questão muito complicada. Se tens a mente fechada, é... não sei. É verdade que às vezes uma coisa não te entra à primeira... vês à primeira e não gostas e quando vês pela segunda vez... não sei. É um bocado... se não gostas de uma coisa, não gostas e pronto, não te vou a obrigar a gostar. Mas... é que também é muito difícil, mesmo até para o *graffiti*. Eu sei que é difícil explicar e fazer outras pessoas entender isto, mas eu por exemplo, vejo o *graffiti*, os *tags* e peças e tal, e muitos deles eu adoro. Mas se vou perguntar a pintores e a pessoas que estão dentro da arte e tal, se lhes mostro uma assinatura que é muito boa e outra que é muito má e lhes pergunto qual é qual, eles não me vão saber responder... Da mesma forma que encontro alguém do *graffiti* e lhes pergunto e sabem responder. São códigos que são

mais difíceis de alcançar. Então...será que esses códigos também deviam estar "expostos"? Também acho que não... *Epá...* Também pode haver um mural muito mau, mas que representa algo mais ou menos bonito e tal e as pessoas gostam! Mas também vai ter menos qualidade que uma boa peça que é mais difícil de entender, ou...

**Então consideras que a arte urbana já começa a ser entendida mais do que há uns anos, ou este panorama ainda está longe de mudar e de ser mais entendido?**

Sim, creio que já está a haver alguma mudança. As pessoas estão mais abertas. Por exemplo, o Gabriel fez uma peça de pintura abstrata na parede, digamos que a sua pintura é igual para um público que nunca tinha visto pintura com menos abstração, e ele contou-nos que passou um senhor, um ancião que estava muito emocionado e adorou a pintura. Mas parece-me a pergunta mais difícil, porque isto a mim também me gera contradição... Às vezes penso "se as pessoas não gostam disto, mas é muito bom, devia pôr-se aqui na parede", mas por muita qualidade que tenha, se existirem pessoas que não gostem, é igual pô-la ou não. Mas ao mesmo tempo pensas: na rádio, em toda a porcaria que põem, se dão boa música, as pessoas até podem não gostar, mas pelo menos conheciam diferentes gostos musicais e eramos todos felizes. Mas não sei se podemos aplicar isso a tudo...Tenho muitas dúvidas. Não é fácil responder a isso. Mas aqui na Covilhã acho que fazem esse trabalho muito bem.

**Como é que explicarias a alguém com essa mentalidade, com essa aversão a esta expressão artística, o que a arte urbana tem de especial, de forma a que essa pessoa no final conseguisse ter uma perspetiva diferente sobre este tipo de arte?**

Sim, diria pelo menos para olhar para a arte urbana sem preconceitos. E depois que voltasse a olhar novamente para a peça, e outra vez e outra vez, para ver se *saía algo*, se sente algo. Eu por exemplo não gosto de ópera, mas creio que dentro de dois anos posso vir a experimentar e se me convidarem vou para ver se gosto. Até posso vir a mudar e começar a gostar ou afinal nem vou sentir nada e também está tudo bem, não faz mal, porque é o estar aberto a isso, sem preconceitos.

**Achas que a pessoa também que estar predisposta a isso, não é?**

Sim, isso mesmo. É um bocado como a comida também, em criança podes não gostar de bacalhau ou um queijo que é mais forte, mas quando és adulto se calhar já estás mais aberto a outro tipo de experiências e coisas novas. Tens que estar sempre aberto, sem juízos de valor. E se não gostares não há problema, não se pode agradar a todo o mundo.

**Deixa-me perguntar-te, porque não sei como funciona em Espanha. Mas na tua profissão, lidas diretamente com autarquias?**

Zero, zero. Em Espanha, na verdade, quando pinto, só pinto mais com amigos ou em sítios abandonados. San Sebastián é uma cidade muito pouca aberta a isto e assim como tem uma oferta cultural muito boa e que eu próprio aproveito muito, desde o cinema, a concertos, festivais, mas nunca..., mas não para isto.

**Já tentaste falar com alguém para ver se as coisas mudam em San Sebastián nesse sentido? (risos)**

(risos) Não me incomodava tentá-lo, mas sei por outras pessoas que já o tentaram e...nada.

**Então achas que ainda há um caminho a percorrer no que diz respeito à relação da arte urbana com as autarquias?**

Sim, tenho a certeza que ainda falta caminho a percorrer nesse sentido. Em Espanha já há coisas a ser feitas, mas diria que para a quantidade de artistas espanhóis que estão a trabalhar e que são conhecidos

e com muito talento, não há grande correspondência à quantidade de eventos e projetos em Espanha com a quantidade de artistas ativos. Pessoalmente não me preocupo muito com isso, de tentar mudar isso nos municípios, porque hoje há oportunidades a nível global felizmente. No isto poderá mudar e o mesmo acontecerá noutras cidades. O povo é pequeno e fazem coisas, sim... Quando penso nos nomes de artistas de que gosto ou que gosto mais ou menos e que têm um trabalho potente e tal, e vejo o número de convites que temos para pintar de Itália, França, Portugal ou... Também tenho medo de dizer algo assim, porque também já me podem ter convidado para alguma coisa em Espanha e eu simplesmente não fui, porque não pude ir, mas é claro que se fazem coisas, isso sim, fazem-se coisas, mas...eu diria que não muitas.

**Existe uma grande discussão à volta desta dualidade: Arte Urbana ou *Street Art*. Há quem não veja diferença entre eles e há quem os distinga. Qual é a tua opinião?**

É diferente, eu entendo-o como diferente. Repara, também não dou grande importância aos conceitos e terminologias, porque no final são coisas que vêm de fora, mas sempre relacionei a *street art* com atuações normalmente não autorizadas, também nem é *graffiti*, são mais modelos, *stencils*, como de repente uns postes de luz terem um símbolo diferente ou os sinais de tráfego terem o símbolo trocado, como jogos urbanos, jogos com a rua, *stickers*, adesivos. *Street art* relaciono-o muito com isto. Arte urbana creio que é algo mais geral. Isto que nós fizemos aqui no festival são murais, para mim. Arte pública também se utiliza muito, já engloba mais isto, assim como engloba arte clássica, por exemplo uma escultura clássica numa rotunda, uma projeção numa parede também seria arte pública. A que menos tenho clara é a de arte urbana. *Street art* relaciono muito com isso e quando me perguntam, eu penso que aquilo que eu faço são murais. O *graffiti*, também o tenho bastante claro sobre aquilo que é, mas também não sabia muito bem como o definir. Talvez respondesse de acordo com a forma estética "que é isso das letras e bonecos", porque há bonecos figurativos que também considero *graffiti*. Estão mais unidos a esse mundo. Muita parte do *graffiti* será ilegal, claro, mas para mim uma pessoa que faça umas letras acompanhadas de um boneco, mesmo com autorização, isso para mim continua a ser *graffiti*. Mas bem, também não quero ser aquele que chega aqui e diz o que as coisas são.

**Isto é muito interessante para mim, porque apesar de ser uma expressão artística relativamente recente, já se faz algum tempo e cada vez há mais, mas os conceitos ainda não estão totalmente definidos...**

Exato, as coisas ainda não estão definidas. Para mim, tanto me dá. É-me igual que estejam definidas ou não. É que depois há desenhos que são claros e outros que não são muito claros relativamente àquilo que são. Não sei... Uma catedral pode ser gótica, mas também pode ter muito do estilo românico. E depois há outra que é gótica pura. Há coisas que também se fundem umas com as outras...

**Na tua opinião, é a arte urbana que influencia a cidade ou é a cidade que influencia a arte urbana?**

Suponho que as duas coisas. Porque quando alguém o faz, o contexto tem influência na maneira como vais conceber o mural e nesse sentido está claro que a cidade tem influência no mural. Mas por outro lado o mural também influencia a cidade. É como uma viagem de ida e volta.

**Gostarias de voltar à Covilhã como muralista?**

Com todo o gosto, claro. Como turista, como muralista... como qualquer coisa. Gostaria de voltar.

## APÊNDICE 10 – ENTREVISTAS À POPULAÇÃO COVILHANENSE

### 1) Aurélio Alves Madeira, 63 anos, Covilhã – 4 de junho de 2019

**Já conhecia o WOOL – Festival de Arte Urbana da Covilhã, a organização que é responsável por estes murais na cidade desde 2011?**

A organização em si não conhecia, já tinha visto de facto umas obras feitas nos prédios, uns desenhos que de facto vêm dar...vêm embelezar e tornar até mais atrativo, não só à vista, mas também paisagisticamente e as pessoas gostam. Mas não sabia que pertencia ao WOOL.

**Tendo em conta todos esses murais, sente orgulho no trabalho que o WOOL tem desempenhado?**

Sim, sim, sinto, porque foi lá em cima na zona velha da cidade que, de facto, constatei as primeiras pinturas e, de facto, é mais um reforço e uma valorização que dão ao aspeto histórico da cidade

**Então, está satisfeito com o “novo” aspeto visual da Covilhã?**

Estou, estou... Estou bastante satisfeito.

**Acha que a cidade, devido à existência das pinturas, está mais divertida, menos degradada, mais convidativa, mais interessante?**

Em todos os aspetos! Desde o aspeto de quem nos visita até ao aspeto de quem habita na cidade, de facto as pessoas estranham um bocado, não é?! Estranham um bocado... Mas depois, de facto, apreciam e pessoas que até nem estavam muito ligadas a isto do design, começam a gostar e começam até, às vezes, já a visitar algumas exposições que se fazem e as visitas, muitas vezes até por causa de verem que é arte, neste caso arte urbana, que é, de facto, um polo importante quer na caracterização da cidade, quer no embelezamento de certos edifícios.

**Na sua opinião, em que aspeto o WOOL mais valoriza a cidade da Covilhã? No fundo, qual é o acrescento que o WOOL dá à cidade?**

Olhe, para já um bocadinho em várias vertentes, mas no aspeto imobiliário acho que até vai tornar tudo muito mais atrativo e possibilitar talvez a venda de imóveis e valer o seu investimento. Até porque, por exemplo, a nível de turismo tem-se visto e nós somos uma cidade muito visitada, quer pela neve no inverno, quer de verão também pela Serra da Estrela e pela sua beleza, muitas nacionalidades e nomeadamente os nossos imigrantes que vêm aqui com muita frequência, acham estranho, mas veem com muito bons olhos esta arte nova.

**Dá-lhe mais prazer viver na Covilhã desde que estas pinturas existem?**

Olhe eu gosto muito da cidade da Covilhã até porque sou um filho da terra, mas de facto ver iniciativas deste género que contribuem e engrandecem a vista das pessoas e o embelezamento de certos imóveis que de outra forma poderiam estar esquecidos, dá-me um certo gozo e tenho um certo orgulho em ser habitante da Covilhã e ver esta nova arte patente nos edifícios da Covilhã.

**Acha que a Covilhã é uma bela tela de arte que toda a gente deveria ver e conhecer?**

Sim, a Covilhã por natureza é uma tela maravilhosa, como deve calcular. Mas assim é uma mais valia. Este polo do WOOL veio engrandecer a Covilhã em todos os aspetos: paisagístico, urbano, turístico e até mesmo a própria população tenho visto que as pessoas ficam estupefactas, mas no bom sentido. Não é um *graffiti* qualquer, é uma arte, é a arte urbana e essa arte urbana está a ser bem aceite, creio eu, porque tudo o que serve para engrandecer mais esta cidade é ótimo!

**Desde que estes murais existem na cidade, influenciaram de alguma forma a sua vida ou a sua rotina do dia-a-dia de alguma maneira?**

Sim, sim. Olhe, eu sou uma pessoa que com frequência passo ali para a zona velha da cidade, para a zona histórica. E digo-lhe uma coisa: eu cada vez que passo ali e vejo o retrato daquele senhor que está no Arquivo Municipal da Covilhã<sup>10</sup> fico encantado, porque de facto é mesmo a cara do homem! (risos) É uma recordação, é uma coisa que eu considero, pronto, bela e que está muito bem caracterizada, são uns autênticos artistas, são pessoas que... Isto parece fácil, julgam as pessoas que isto é só chegar e fazer uns rabiscos, mas isto tem uma técnica e uma perfeição que aliada à técnica faz uma obra magnífica.

**Concorda que as mensagens e os significados que estas pinturas transmitem são importantes para preservar a memória da Covilhã e os seus valores?**

Sim, exatamente, são memórias, é uma forma de trazer memórias e tempos antigos à cidade e eu não sei se estará patente ainda nalguma ideia do WOOL fazer uma pintura alusiva à indústria têxtil, mas penso que seria importante. E nós temos aí edifícios que eu não sei até que ponto os proprietários poderão ou não, portanto, autorizar, porque isto deve partir de uma autorização específica do proprietário, mas penso que a indústria têxtil devia ser retratada. Tal como temos aqui uma rotunda que é a rotunda do operário que evoca, de facto, todo o movimento operário que se viveu nesta cidade, que tinha cento e tal empresas e hoje está reduzida a um grupo muito pequeno, mas de facto o museu têxtil da Universidade da Beira Interior é bastante visitado e agora, para culminar em êxito tudo isso, era fazerem uma pintura alusiva a isso mesmo, por exemplo porem um tear, uma tecedeira, um fiandeiro... Não sei se já viu o Salão Nobre dos Paços da Covilhã que tem toda essa gama de pinturas alusiva a essa arte de trabalhar a lã e fazer o tecido, do qual eu me orgulho de pertencer e já trabalho nisso há 40 anos.

**Considera que o centro histórico ganhou mais vida e/ou está mais desenvolvido desde que surgiram os murais de arte urbana do WOOL?**

Tenho ouvido muita gente dizer... As pessoas fazem com uma regularidade enorme caminhadas, então as pessoas às vezes em vez de caminharem lá para baixo para a zona dos hipermercados, já têm vindo aqui para cima, para a zona histórica. "Olha ao menos vamos consolar a vista!" como se costuma dizer. Costuma-se dizer que os olhos são a primeira coisa a comer e, de facto, a vista tem que ser alimentada e por boas coisas! (risos) E neste caso, estas obras, são um bom motivo.

**Considera este tipo de imagens que vê nas paredes, arte ou vandalismo?**

Isto é arte. Como já disse, são uns verdadeiros artistas, tem técnica. Isto é arte.

**Na sua opinião, o que é que, atualmente, melhor representa a cidade da Covilhã, tanto em Portugal, como no estrangeiro? Por outras palavras, qual é símbolo atual da cidade?**

O símbolo da Covilhã é a indústria têxtil.

**Acha que hoje em dia a indústria têxtil ainda é um forte símbolo representativo da Covilhã?**

---

<sup>10</sup> Aqui, o entrevistado referia-se ao mural de Francisco Draw, intitulado de "Estruturalho", realizado durante o WOOL 2018.

Hoje em dia, é *aquilo* pela qual a Covilhã ainda é conhecida. Antigamente, a Covilhã era conhecida pela "Manchester Portuguesa", mas hoje face a que em três ou quatro empresas têxteis que hoje produzem o dobro e o triplo, há uma que, não quero estar a fazer publicidade, mas há uma que tece à volta de 65km de tecido por dia, ou seja, é como ir daqui a Castelo-Branco em tecido. (gargalhadas) Agora claro que é de lamentar ver empresas que se deslocizaram, outras que cujos proprietários não investiram e caíram em ruínas, enfim... Mas eu penso que há de haver alguém que... Nós temos ali em baixo o edifício da antiga "Nova Penteação", era a empresa rainha aqui na Covilhã e aquele edifício é um edifício muito nobre, não sei deverá ser aproveitado, deverá ser no futuro aproveitado, mas que realmente aquele edifício é um emblema da cidade da Covilhã referente aos lanifícios, é. É o que faz lembrar mais isso, talvez. Porque o resto, olhe, por exemplo, a Serra da Estrela, claro, e o tradicional queijo da Serra da Estrela, e já não há aqueles rebanhos como havia antigamente, a maior parte das lãs também já são importadas, porque a pastorícia também decaiu bastante e com ela muita coisa foi indo abaixo. Hoje o queijo já se faz mais de fábrica, já não se faz tão artesanal, mas o que é bom é aquele artesanal, sem dúvida.

**Considera que a arte urbana da Covilhã (ou seja, o WOOL) é uma forte candidata para, num futuro próximo, vir a ser o símbolo da Covilhã?**

Sim, não tenho dúvidas que se de facto houver uma formação, e acredito que sim, que haja, o WOOL apostar num curso em que cuja especialização seja esta ou do tipo, não tenho dúvidas que edifícios que possam de facto autorizar estas pinturas, acho que se houver um protocolo entre a Universidade e, portanto, os proprietários, para embelezar e demonstrar esta arte que agora para mim é nova, mas que já começa a ter raízes na cidade, não tenho a menor dúvida que isto vai surtir efeito tanto nesta cidade, que é conhecida pela cidade dos lanifícios, como noutras. Porque, entretanto, cada uma tem a sua história e essa história pode ser muito bem contada e retratada nos edifícios que efetivamente vierem a ser escolhidos e selecionados para o efeito.

**Recomendaria a qualquer pessoa fazer a rota de arte urbana do WOOL?**

Olhe, nem a propósito. Eu pertenço a uma organização sindical do sector têxtil e posso-lhe dizer que há duas semanas atrás fizemos um roteiro, porque Ferreira de Castro embora não sendo da cidade da Covilhã foi uma pessoa que retratou muito bem a lã, os trabalhadores, o seu modo de vida, a sua vivência e o desenvolvimento da cidade, que de facto nós, aqui há dias, fizemos um roteiro noturno pelas várias artérias da cidade onde havia, de facto, unidades fabris. Depois tivemos o acompanhamento e a ajuda de duas pessoas intimamente ligadas à literatura e ao saber desta arte de lanifícios e foi um grupo bastante bom que envolveu à volta de 60 pessoas a conhecer o trajeto urbano das empresas. Não me admiraria e acho que é extremamente positivo que no futuro até as próprias universidades de Lisboa, por exemplo, tivessem o orgulho de mostrar as peças urbanas que existem na Covilhã aos alunos relacionados com estas áreas.

**Mas já sabia que existe um roteiro de arte urbana para se fazer aqui na Covilhã?**

Não, não sabia. Já existe? Ótimo! Não sabia. E quando tiver conhecimento esse roteiro certamente vou integrar. Até por uma questão de cultura geral sou uma pessoa que normalmente gosto de me inteirar das situações e de viver estas realidades e olhe, é mais uma que vou viver.

**Já alguma vez pintou uma parede pública com latas de *spray* ou outro tipo de material artístico?**

Não, não, olhe, eu quando estudava na Escola Secundária Campos Melo, também é escola de artes, na altura dizia o professor que eu tinha um certo jeito e até tenho algumas obras em casa muito pessoas e, portanto, fazia. Mas assim em paredes nunca me deu para isso, até porque acho que paredes só pintava

quando andava nas eleições 1975, '76, e era com outros símbolos e outras formas de pintar. Às vezes até fugia da polícia política, algumas vezes. (risos)

### **Então já teve algumas experiências! (risos)**

Sim, já tive algumas experiências, mas nesses caracteres um bocado esquisitos em que era perseguido. Mas nunca pintei a não ser agora as paredes de casa quando a minha mulher me chateia para darmos uma pintura na casa.

### **Conhece o projeto LATA 65?**

Não, não conheço.

**É um projeto criado pela Lara Seixo Rodrigues, uma das fundadoras do projeto WOOL, que consiste num workshop de arte urbana para idosos, daí o nome. E nós temos cá uma parede do LATA.**

Não sabia. Mas a arte não escolhe idades, até porque há muita gente que vai para a reforma e tem provavelmente muito mais tempo para se dedicar às vezes a atividades que outrora não tinha hipótese e a pintura dá um certo bem-estar e olhe, serve para descarregar o stress. E às vezes a gente vê arte que...eu pelo menos já vi uma reportagem a atirarem com latas de tinta ao ar e a molharem os pés na tinta, isso tudo é arte. É preciso é saber entender a forma de a arte se expressar. O momento em que ela se revela e a transmissão que na altura a pessoa que está a fazer aquilo, o que é que a pessoa está a pensar. Alguém vai entender isto? Alguém vai compreender? Mas a pessoa está a fazer aquilo baseado no aspeto artístico dela, é o seu interior. Por exemplo, eu imagino uma pessoa que tenha uma doença oncológica, que é bastante difícil de se expressar...essa pessoa pode expressar muitas vezes a tristeza que sente ou então até o descontrair e o esquecer daquilo que tem. Agora é assim: a pessoa consegue fazer chegar essa mensagem às outras pessoas? É provável, se houverem canais de difusão que acompanhem e que digam e interpretem "olhe, quem pintou foi esta pessoa, esta pessoa pintou com coragem, com alegria, com tristeza, desânimo, pintou com uma certa frustração", isso é importantíssimo e lá estão os estudantes universitários muitas vezes estão ali muitas vezes para abrirem mentalidades e mostrar às pessoas como é que funciona a pintura. Porque a pintura, cada um entende-a como quiser. Há o sentimento do autor e o sentimento de cada um. Por isso é muitas vezes as pessoas dizem "Picasso? Epá, então, mas eu algum dia dava um dinheirão por aquele quadro?", pois é, é preciso saber interpretar tudo o que ali está, o sentido, a orientação, enfim...a obra que ali está patente.

### **E estes murais aqui?**

Estas até, muito provavelmente, as pessoas, dada a sua simplicidade, tenho impressão de que não vão ter muita dificuldade em sentir mais e em se reverem nestes murais.

### **Gostava de participar no LATA 65?**

Até gostava, sim (risos). Acho que seria muito interessante.

## 2) Maria Isabel Madeira, 60 anos, Covilhã – 4 de junho de 2019

**Já conhecia o WOOL – Festival de Arte Urbana da Covilhã, a organização que é responsável por estes murais na cidade desde 2011?**

Não senhora, não. Fiquei a saber que estas pinturas fazem parte do WOOL depois de terem iniciado *aqui* o trabalho, com esta parede *aqui*<sup>11</sup>. Sabia que existiam pessoas que faziam estas pinturas e sempre as achei bonitas, mas não sabia que tinha uma organização por trás disto tudo. Aliás, levava-me a crer que fosse alguma coisa relacionado com a universidade, mas não sabia exatamente que havia uma organização.

**Mas não é a universidade. O WOOL foi fundado pelo Pedro Seixo Rodrigues, a Lara Seixo Rodrigues e a Elisabet Carceller.**

Conheço o Pedro. Só conheço o Pedro. Não sabia...

**Tendo em conta todos esses murais, sente orgulho no trabalho que o WOOL tem desempenhado?**

Conheço alguns, não conheço todos, porque há sítios por onde não passo. Mas conheço quando aqui a banda faz a cherovia e aquela parte toda, aquela artéria toda da cidade atrás da Câmara Municipal que vai até ao Largo da Senhora do Rosário, que eu conheço bem aquela zona, porque é onde está sediada a Associação dos Comerciantes e eu como eu pertença à associação, conheço. E gosto imenso. Gosto muito, muito, muito, muito. Não sabia que eram *eles*, continuo a dizer que não sabia que eram *eles*, alguém devia de estar com esta organização, mas não conhecia. Mas que admiro, admiro. Gostei imenso. Inclusivamente deu outra ênfase, outra graça, outro brilho à rua que está muito degradada e que assim...como é que hei de explicar...tapou uns buracos.

**Acha que a cidade, devido à existência das pinturas, está mais divertida, menos degradada, mais convidativa, mais interessante?**

Sim, exatamente. Fica mais admirável. É de admirar. Fica muito mais admirável. As pessoas interrogam-se e dizem que está uma coisa bonita e tudo isso.

**Então, está satisfeita com o "novo" aspeto visual da Covilhã?**

Sim. Acho que a Covilhã está muito mais bonita. E tenho uma outra particularidade para lhe dizer que fiquei muito, muito, muito surpreendida. Mas gostei do que vi. Aquela pintura que está por cima da farmácia, a "Máquina do Coração"<sup>12</sup> como eu lhe chamo. Adorei. Quando vou à missa vou à Igreja de S. Tiago e quando vi aquela pintura fiquei...muito, muito, muito satisfeita. Gostei imenso. Sei que há umas outras ali na rua de cima, na rua dos bombeiros<sup>13</sup>, mas ainda não tive oportunidade de ver. Uma outra que eu gostei também muito de ver é a da Garagem de São João onde está lá a do nosso Portugal, da nossa Seleção<sup>14</sup>. Porque ali é um sítio muito visual, que uma pessoa vai e vem. E também gostei muito.

---

<sup>11</sup> A entrevistada referia-se ao novo mural feito por SEBAS VELASCO, curiosamente localizado à porta do seu café.

<sup>12</sup> A entrevistada refere-se ao mural do artista português Nuno Palhas conhecido como THIRD do Colectivo RUA intitulado de "Coração", feito no WOOL 2017.

<sup>13</sup> A entrevistada refere-se, muito provavelmente, ao mural do artista espanhol ROC BLACKBLOCK intitulado de "Vida por Vida", realizado na edição de 2018 do WOOL.

<sup>14</sup> A entrevistada refere-se ao mural elaborado pelo artista AKACORLEONE integrado no projeto "Conquista o Sonho" da Federação Portuguesa de Futebol (FPF) levado a cabo pela Mistaker Maker a nível nacional (nota: não pertence ao WOOL).

**Desde que estes murais existem na cidade, influenciaram de alguma forma a sua vida ou a sua rotina do dia-a-dia de alguma maneira?**

Não, minha querida, porque não tenho tempo para isso. Mas se tivesse tempo, que não tenho mesmo por questões pessoais, como já tive há seis anos atrás, eu fazia caminhadas e nas minhas caminhadas incluiria essa rota, ia dar a volta pelos murais. Fazia as caminhadas, porque andei 14 anos a caminhar para Fátima a pé todos os anos e então juntávamo-nos com colegas e tenho amigas colegas caminhantes comigo dessa zona e então nós íamos sempre atrás da câmara e tal, e aí nessa zona que é a rua das Portas do Sol.

**Que também tem murais lá! Tem dos dois lados.**

Pois, não sei se tem agora, porque ao tempo que eu já não passo por lá. Mas está a ver?! Essas ainda não vi. Mas tenho aí essa amiga que também se chama Isabel como eu e é minha colega também de caminhada e então despertar-me-ia...sei que me daria o despertar de todos os murais, disse tudo. Faríamos isso. Neste momento até os caminhos habituais deixei de fazer, não posso mesmo, não faço.

**Na sua opinião, em que aspeto o WOOL mais valoriza a cidade da Covilhã? No fundo, qual é o acrescento que o WOOL dá à cidade?**

Acho que influencia várias vertentes, que ao mesmo tempo estão inseridas umas nas outras. O turista vem, o turista chega e vê. Por exemplo, *esta aqui* [mural de SEBAS VELASCO] está espetacularmente bem situada, porquê? Isto é um largo aberto como você vê, temos aqui valências muito positivas, como é o caso do jardim, o caso da igreja (uma igreja que é visitada por  $n$  pessoas durante o ano) e temos o Museu da Arte Sacra onde passam aqui largos milhares de pessoas durante o ano. Portanto esta pintura é uma mais valia para aqui. E eu sei que a pessoa chega ali, não fica além do lado da estrada, mas vem aqui, a este lado, porque gosta de ver de perto, não é verdade?! O WOOL valoriza muito, muito, muito a cidade.

**Dá-lhe mais prazer viver na Covilhã desde que estas pinturas existem?**

Também, também, sejamos positivos. Acho que sim. Pelo menos enquanto vamos vendo estas pinturas não estamos a ver prédios degradados que o país tem, não é só a cidade. Não é só a Covilhã que tem prédios nestes estados, mas que, portanto, ao lado de um prédio que esteja degradado, a pessoa não olha para a degradação do prédio, mas olha para a figura. Desperta outra atenção! (risos)

**Acha que a Covilhã é uma bela tela de arte que toda a gente deveria ver e conhecer?**

Sim senhor, acho que sim. E vão ver, porque são sítios muito específicos, muito estratégicos.

**Considera este tipo de imagens que vê nas paredes, arte ou vandalismo?**

Não, por amor de deus. Este tipo de imagem tem que ser valorizado como arte. Aquilo que eu tenho estado a apreciar, porque só ontem e hoje é que estou a ver, de uns simples traços nasce uma obra de arte. Está ali um "x", uma letra...

**Mesmo que não esteja num museu...**

Não é preciso estar no museu! Mas de uns simples traços que eles colocaram ontem, hoje está uma obra de arte espetacular. Ela [a rapariga do mural] até dá a impressão que está ao pé de nós, que é viva, que está ali assim, que está a olhar para nós. O carro dá a impressão que vai a andar, que está a andar! (gargalhadas)

**Concorda que as mensagens e os significados que estas pinturas transmitem são importantes para preservar a memória da Covilhã e os seus valores?**

Sem dúvida. Sim, sim, sem dúvida. Por exemplo, agora falando especificamente nesta pintura que é a que estou a ver neste momento: aquela jovem que está ali retratada, representa muito uma caloiira que venha à Covilhã para a universidade. Ela tem todo o aspeto de uma adolescente, que vai passar de adolescente para adulta. Eu olhei para ela e vi-lhe as argolas e lembrei-me da minha filha que também quando foi para a universidade também costumava levar as argolas. (risos) A universidade é um dos símbolos da Covilhã e dos jovens e, portanto, nota-se aqueles lábios grossos, aquilo tudo...é beirã! Portanto, acho que foi espetacular. Na questão do carro estou orgulhosa, porque o meu irmão tem um igual, que bom! (gargalhadas)

### **Nem a propósito! (gargalhadas)**

Foi pena, porque podiam ter vindo falar comigo, que eu dava-lhe uma fotografia de um Fiat 600, com 60 anos! Ou de um carocha que temos pessoalmente, também com 60 anos. *Tá* a ver? Mas é espetacular! E eu até pensava que era o Opel Rekord, porque só estava a ver uma parte, mas depois é que vi que era um Renault 9. Mas está espetacular.

### **Na sua opinião, o que é que, atualmente, melhor representa a cidade da Covilhã, tanto em Portugal, como no estrangeiro? Por outras palavras, qual é símbolo atual da cidade?**

Neste momento é este festival que estão a organizar. Porque isto está a movimentar a cidade em vários pontos, não é só estrategicamente o centro, estamos agora a caminhar mais para a "periferia", digamos, não é bem periferia, mas pronto, no centro da cidade está o Pelourinho, mas já está a estender os braços, não é?! Nós estamos a cinco minutos do centro da cidade a pé. E isto será realmente aquilo que está a despertar mais nos covilhanenses e depois é partilhado lá fora, sem dúvida, com as redes sociais e tudo isso.

### **Então, acha que o nome da Covilhã está a ser levado lá para fora através do Festival WOOL?**

Sim, sim, através do festival! E digo-lhe que me tenho apercebido porque estou aqui todo o dia, tenho-me apercebido de *n* pessoas que passam e *click, click, click!* Fotografam! Podem ser de cá, como podem não ser de cá! Hoje, por exemplo, foi bonito ver as crianças virem tirar fotografias ali aos pés da jovem, na parede. (gargalhadas) E inacabável, porque ainda não está terminado, mas as crianças ficaram entusiasmadas ao tirar ali as fotografias com as suas monitoras. E vieram essas, mas certamente que hão de vir muitas mais, não é?! Pronto e acho bem que criem também os tais passeios pela cidade para que sejam vistas melhor. Eu acho.

### **Considera que o centro histórico ganhou mais vida e/ou está mais desenvolvido desde que surgiram os murais de arte urbana do WOOL?**

É verdade que o centro histórico era uma zona que estava a ficar esquecida. Mas sim, está. O espírito da curiosidade e do passa-a-palavra. Eu direi que isso é verdade e reforço, é verdade. Quem mora na parte de baixo da cidade terá aqui certamente, em cima, um familiar, uma pessoa amiga...e então transmite-se o tal passa-a-palavra e as pessoas deslocam-se e vêm e o centro da cidade vai tomar outro rumo, está a tomar outro rumo, vai sendo mais preenchido. Talvez haja mais coisas agora, porque isto é cíclico, como vocês sabem. Digo-lhe que há oito dias saiu o Jornal de Notícias da Covilhã com a nova imagem em que as pessoas que lá moram, os vizinhos que lá moram ficaram radiantes, contentíssimos, todos felizes da vida, porquê? Porque são pessoas idosas e que há uns poucos de anos deixaram de ter o vai e vem de quem ia fazer um anúncio, de quem ia dar uma entrevista, porque estavam muito sozinhas. Assim, têm mais movimento e mais possibilidade de conviver com outras pessoas. As pessoas ficarem super satisfeitas com o facto de jornal ter voltado à rua, porque estavam muito sozinhas. Assim já há mais movimento e têm

possibilidade de conviver com outras pessoas. Os idosos mais com os jovens e com tudo isso. Gostei imenso. Mas não quero terminar sem lhe dizer que adorei a pintura<sup>15</sup> que também foi feita ali na Rua Direita dos passarinhos, que eu adoro, gosto imenso. Essas entre outras que estão também bonitas, do que vou vendo. Não estou a dizer que outras não o são. Porque vai havendo outras. As de lá de cima da parte de trás da cidade, da parte velha, também estão bonitas. Acho que está lá um pastor. É um pastor, não é?

**É sim, senhora. Foi das primeiras.**

Espetacular! Também está muito bonito. Aliás todas elas têm o seu valor e a sua arte, cada uma à sua maneira e cada uma desenha determinadas situações da cidade.

**Recomendaria a qualquer pessoa fazer a rota de arte urbana do WOOL?**

Sim, sim, sem dúvida. E aliás, até acho que a Câmara Municipal devia colocar esta rota, também na rota dos monumentos, dos museus... temos o Museu dos Lanifícios, da Arte Sacra... nessas rotas turísticas. Até por exemplo o caso das excursões que se fazem dos seniores que trazem muitas pessoas e acho que devia ser uma rota já posta em circulação.

**Já alguma vez pintou uma parede pública com latas de *spray* ou outro tipo de material artístico?**

Não minha filha, não.

**Gostava de experimentar, mesmo que fosse assim uma peça mais pequena?**

Oh, claro! Às tantas é bom a gente aprender a fazer de tudo. (risos) Nunca fiz! Não sei como é nem como deixa de ser. Mas se calhar tinha o seu interesse.

**Conhece o projeto LATA 65?**

Não filha, não...

**É um projeto criado pela Lara Seixo Rodrigues, uma das fundadoras do projeto WOOL, que consiste num workshop de arte urbana para idosos, daí o nome. E nós temos cá uma parede do LATA.**

Muito bem.

**Fica na descida da Igreja de S. Tiago, onde a D<sup>a</sup> Isabel vai à missa.**

Então no domingo vou reparar! Tal e qual como há uns anos atrás que os nossos idosos enfeitaram o tronco das árvores com os crochets e que estava muito bonito, ficou muito giro, e que os entreteve, é pedagógico, é lúdico, é criativo, tem a sua base também para eles se distraírem.

**Exatamente. E a arte urbana também pode fazer isso pelos idosos dos nossos lares.**

Corretíssimo. Verdade.

**Gostava de participar no LATA 65?**

Gostaria, um dia destes.

---

<sup>15</sup> A entrevistada refere-se ao mural de António Correia conhecido como Pantónio (peça sem título) realizado no âmbito do EXTRA WOOL, em outubro de 2015.

### 3) Maria Alcina, 84 anos, Covilhã – 4 de junho de 2019

**Já conhecia o WOOL – Festival de Arte Urbana da Covilhã, a organização que é responsável por estes murais na cidade desde 2011?**

Não conhecia, não. Não sabia que estas pinturas pertencem ao WOOL.

**Tendo em conta todos esses murais, sente orgulho no trabalho que o WOOL tem desempenhado?**

Sim, sim, gosto muito. Gosto muito das pinturas que têm feito e gosto de...pronto, sobressai mais a cidade. Não sabia, mas fiquei agora a saber.

**Então, está satisfeita com o "novo" aspeto visual da Covilhã?**

Estou sim. O que eu estou a ver e o que já vi, é muito bonito. Ainda não vi tudo, mas o que já vi, gostei.

**Acha que a cidade, devido à existência das pinturas, está mais divertida, menos degradada, mais convidativa, mais interessante?**

Sim, eu acho que sim. Vamos lá ver no que é que vai dar, mas eu acho que fica muito mais bonita, porque não são pinturas sem jeito, são umas pinturas feitas com técnica, não são só riscos e coisas assim. São bonitas. O que eu já vi está muito bonito.

**Na sua opinião, em que aspeto o WOOL mais valoriza a cidade da Covilhã? No fundo, qual é o acrescento que o WOOL dá à cidade?**

Turístico, eu acho que sim. Dá mais visibilidade, porque sempre há coisas para ver na cidade. Os turistas gostam de ver coisas, não é? Olhe esta igreja aqui...é uma loucura as pessoas que lá entram! E gostam dela. E *esta aqui*[o mural de SEBAS VELASCO] ficou mesmo ao pé da igreja, veem uma coisa e veem outra. Aquela igreja é muito bonita, esta nossa igreja e muita gente que passa aqui turista vão àquela igreja ver. Agora já lá temos o Francisco e a Jacinta. (risos) Agora, das outras pinturas todas que eu já vi, só vejo pessoas a parar para ver. Toda a gente para *pra* ver.

**Dá-lhe mais prazer viver na Covilhã desde que estas pinturas existem?**

Sim, eu gosto muito da Covilhã. Sempre gostei e continuo a gostar. E cada vez mais. Agora com estas pinturas, melhor ainda!

**Acha que a Covilhã é uma bela tela de arte que toda a gente deveria ver e conhecer?**

Ver e conhecer, isso mesmo. A Covilhã é bonita. Temos a serra, não é?! Muita gente vem pela serra, mas também vêm à Covilhã e gostam de ver as coisas e visitar o que cá temos. E quanto mais coisas tivermos para as pessoas verem, melhor. Mais chama. Estas pinturas são dignas de estarem cá.

**Concorda que as mensagens e os significados que estas pinturas transmitem são importantes para preservar a memória da Covilhã e os seus valores?**

Pois, com certeza! Ajuda muito a que isso aconteça. E eles que pintem aquelas coisas que nós tínhamos antigamente nas fábricas, um tear, por exemplo. Fazerem uma espécie de uma fábrica e porem um tear lá pintado, como se estivesse a trabalhar. Isso era muito bonito, porque é antigo e faz parte da cidade. Isso ajudava também a mostrar às pessoas que visitam a Covilhã aquilo que ela era, ao mesmo tempo que a cidade fica bonita. Ajuda uma coisa à outra.

**Considera este tipo de imagens que vê nas paredes, arte ou vandalismo?**

Eu considero arte. O resto... os rabiscos e assim, são diferentes, não gosto assim muito. Também não será vandalismo, mas é quase. Mas estes não. *Tá bonito, mas bonito.*

**Na sua opinião, o que é que, atualmente, representa a cidade da Covilhã, tanto em Portugal, como no estrangeiro? Por outras palavras, qual é símbolo atual da cidade?**

Para mim, ainda são os lanifícios. Isso a Covilhã nunca vai perder.

**Considera que a arte urbana da Covilhã (ou seja, o WOOL) é uma forte candidata para, num futuro próximo, vir a ser o símbolo da Covilhã?**

Sim, pode vir a ser. Acho que ainda não é. Mas com tempo e com persistência no trabalho deles, nas coisas que possam fazer, acho que pode vir a ser.

**Considera que o centro histórico ganhou mais vida e/ou está mais desenvolvido desde surgiram os murais de arte urbana do WOOL?**

É assim, só agora é que eles estão a fazer as coisas mais visíveis... mais a sério, pronto. Fizeram muitas pinturas que as pessoas nem deram conta delas. Este ano não, este ano toda a gente repara nelas, porque estão a fazê-las em locais de passagem e são maiores. Não são rabiscos. Olhe *esta* menina... seja quem ela for, é uma mulher que *está ali* e toda a gente vai reparar nela.

**Recomendaria a qualquer pessoa fazer a rota de arte urbana do WOOL?**

Sim, sim, até eu vou fazer se calhar, porque gosto muito. Recomendo a qualquer pessoa, porque assim fica a conhecer as pinturas e a cidade. Recomendo esse passeio, sim, sem dúvida.

**Já alguma vez pintou uma parede pública com latas de *spray* ou outro tipo de material artístico?**

(risos) Não, nem vi pintar. Nem sabia que era assim que se fazia.

**Conhece o projeto LATA 65?**

Não, não conheço.

**É um projeto criado pela Lara Seixo Rodrigues, uma das fundadoras do projeto WOOL, que consiste num workshop de arte urbana para idosos, daí o nome. E nós temos cá uma parede do LATA.**

Não sabia. Mas há pessoas que têm habilidade, acho muito bem.

**Gostava de participar no LATA 65?**

*Ai* não, não filha, não tenho jeito para isso. Toda a vida foi vender e receber o dinheiro, vender e receber o dinheiro. (risos)

**Mas não gostava de experimentar?**

Não, nem de experimentar. Não tenho jeito para nada disso.

#### 4) João André, 21 anos, Covilhã – 5 junho de 2019

**Já conhecia o WOOL – Festival de Arte Urbana da Covilhã, a organização que é responsável por estes murais na cidade desde 2011?**

Já conhecia e sigo os projetos desde que tenho conhecimento. Dinamizam muito a cidade da Covilhã principalmente na arte, a arte urbana. A arte urbana acho que é mal divulgada cá em Portugal e acho que passa muito pela educação e acho que o projeto do WOOL também vem acrescentar essa tal educação que falta nas pessoas. O que eu acho é que muitas vezes as pessoas olham para a arte urbana como vandalismo e eu acho que isto vem mudar a opinião das pessoas, chama também mais gente e acrescenta qualidade à cidade.

**Tendo em conta todos esses murais, sentes orgulho no trabalho que o WOOL tem desempenhado?**

Sim, tendo em conta as edições anteriores, já conheço os outros murais, gosto muito dos trabalhos. Têm muita qualidade e acho que também era a iniciativa que faltava, não só na Covilhã, mas que falta também noutras cidades.

**Então, estás satisfeito com o “novo” aspeto visual da Covilhã?**

Exato. Basicamente nós temos uma ideia da Covilhã...e estas iniciativas vêm mudar essa visão das pessoas.

**Achas que a cidade, devido à existência das pinturas, está mais divertida, menos degradada, mais convidativa, mais interessante?**

Dentro do projeto do WOOL acho que sim, traz mais turistas e as pessoas que mesmo que não conhecem a Covilhã têm um propósito para virem cá, para verem a Covilhã. O que depois estraga um pouco são os *tags* das outras pessoas. É a tal coisa que eu estava a dizer, a tal educação, não o fazem nos sítios destinados.

**Na tua opinião, em que aspeto o WOOL mais valoriza a cidade da Covilhã? No fundo, qual é o acrescento que o WOOL dá à cidade?**

A nível do turismo valoriza muito a cidade. Como já tinha dito traz mais turistas, também pode trazer mais estudantes no que toca à parte artista, o que é bom. E acho que os estudantes da UBI já querem tentar alugar um quarto numa casa que esteja perto de um mural, porque é diferente... É diferente nós acordarmos virados para uma parede que não tem nada do que acordar com uma parede à frente que tem lá alguma coisa e que nos diz alguma coisa, basicamente.

**Como estudas aqui na Covilhã, já ouviste algum estudante que veio de fora para estudar na UBI, comentar sobre o WOOL?**

Sim, já ouvi pessoal comentar. Mas conhecer pessoas neste âmbito, ah...porque é a tal coisa, eu gostava de seguir também o festival, mas não tenho tido oportunidade, mas falando entre amigos nós referimos muito este tipo de iniciativas. E mesmo para pessoal que não é de cá, passamos esta mensagem do WOOL.

**Desde que estes murais existem na cidade, influenciaram de alguma forma a tua vida ou a tua rotina do dia-a-dia de alguma maneira?**

Sim, há bocado estava a falar dos estudantes que andam muito pela zona histórica em tempo de aulas e o que acaba por acontecer é que nos juntamos sempre, juntamos um grupo e quando vamos sair ou quando

não temos aulas acabamos sempre por dar sempre uma volta no centro histórico. Os murais estão em sítios mais abertos que dá para "estar".

**Dá-te mais prazer viver na Covilhã desde que estas pinturas existem?**

Dá-me prazer no sentido daquilo que é artístico. Ir na rua e ter alguma coisa para ver torna-se também...algo que a gente possa "agarrar", porque muitas vezes as pinturas não é só para visualizar, é para tentar interpretá-las.

**Achas que a Covilhã é uma bela tela de arte que toda a gente deveria ver e conhecer?**

Exatamente, sem dúvida alguma.

**Concordas que as mensagens e os significados que estas pinturas transmitem são importantes para preservar a memória da Covilhã e os seus valores?**

A tradição, a cultura... Acho que cada vez mais nós estamos numa era mais consumista, eu acho que os valores e a tradição estão-se a perder cada vez mais, também não sei se é devido às redes sociais ou não, mas as redes sociais, lá está...passa um bocado por divulgar e isso também é bom. No entanto, acho que este tipo de iniciativas vem sempre a acrescentar, também dependendo da forma como as pessoas as veem. Por isso sim, estas pinturas são uma forma de preservar o passado, é uma boa forma.

**Consideras este tipo de imagens que vês nas paredes, arte ou vandalismo?**

Acho que tudo passa por uma educação. E eu acho que esta iniciativa está mesmo a trazer isso para a Covilhã. Há pessoas que se calhar não percebem o intuito disto e se calhar olham para isto, isto está espetacular e dá-me vontade de fazer isto, mas também é preciso saber antes de colocar numa parede. Mas neste tipo de iniciativa não acho que as pessoas possam olhar para isto e ver que isto é vandalismo, isto é totalmente diferente de vandalismo.

**Na tua opinião, o que é que, atualmente, representa a cidade da Covilhã, tanto em Portugal, como no estrangeiro? Por outras palavras, qual é símbolo atual da cidade?**

Para além da Serra da Estrela... Eu acho que...as pessoas às vezes quando eu falo da Covilhã não conhecem a Covilhã e quando eu falo da Serra da Estrela já conhecem a Serra da Estrela. Se calhar a Serra da Estrela é um símbolo, mas nem tanto por aí, porque se calhar as pessoas perderam em termos de cultura o que eram os lanifícios e acho que isso faz tudo parte sobre o que é a cidade da Covilhã. E a tal tela que estavas a falar passa também por aí, trazer a tradição e essa cultura e as pessoas mais velhas que se calhar não se identificam tanto com a arte urbana, podem-se identificar nesse sentido. Basicamente acho que a Covilhã é representada pela Serra da Estrela e os lanifícios.

**Consideras que a arte urbana da Covilhã (ou seja, o WOOL) é uma forte candidata para, num futuro próximo, vir a ser o símbolo da Covilhã?**

Símbolo se calhar não diria, porque eu acho que isso passa muito pela cultura e tradição. Depois os anos é que vão falar por si. A arte urbana pode não ser um símbolo, mas é de certeza uma referência para as pessoas tentarem ir buscar essa tal simbologia.

**Consideras que o centro histórico ganhou mais vida e/ou está mais desenvolvido desde que surgiram os murais de arte urbana do WOOL?**

Há mais estudantes pela zona. Acho que com a entrada também dos estudantes...quando nós andamos na parte histórica da Covilhã é completamente diferente quando é tempo de aulas e quando não é, porque

aí fica a cidade despida. No entanto, já há muitas imobiliárias e pessoas a pegar em casas antigas e a reconstruí-las naquela zona antiga e aí acho que o festival do WOOL entra bem e faz uma junção com essas remodelações, há uma junção entre as remodelações, o WOOL, a cultura e a tradição, na parte histórica. Antes na parte da zona histórica havia *uma* cidade completamente despida e degradada, e o festival do WOOL quando veio tornou a cidade "menos despida". Acho que vem tudo a acrescentar, as coisas ligadas umas às outras. Noto bastante diferença, sim.

**Recomendaria a qualquer pessoa fazer a rota de arte urbana do WOOL?**

Recomendaria até que quando vêm pessoas minhas convidadas para vir à Covilhã eu faço sempre questão de fazer essa rota com eles.

**Já alguma vez pintaste numa parede pública com latas de *spray* ou outro tipo de material artístico?**

Sim já. (risos)

***Tags? Ou graffiti?***

O *graffiti*, sim. *Tags* não... Mas como *hobbie* torna-se muito dispendioso.

**Conheces o projeto LATA 65?**

Não...

É um projeto criado pela Lara Seixo Rodrigues, uma das fundadoras do projeto WOOL, que consiste num *workshop* de arte urbana para idosos, daí o nome. E nós temos cá uma parede do LATA.

Já sei qual é a parede, mas não sabia que pertencia a esse projeto.

5) Luís Bouxo, 47 anos, Covilhã – 5 de junho de 2019

**Já conhecia o WOOL – Festival de Arte Urbana da Covilhã, a organização que é responsável por estes murais na cidade desde 2011?**

Não.

**Não sabia que estes murais pertenciam ao WOOL?**

Não, não sabia.

**Está a conhecer agora, porque lhe estou a dizer?**

Também, também. Mas nunca tinha ouvido falar do WOOL, é a primeira vez.

**Tendo em conta todos os outros murais que existem na cidade, também do WOOL, sente orgulho no trabalho que eles têm desempenhado?**

Sim, acho que a cidade fica muito mais bonita com estes desenhos.

**Então, está satisfeito com o "novo" aspeto visual da Covilhã?**

Sim, muito mais bonita.

**Acha que a cidade, devido à existência das pinturas, está mais divertida, menos degradada, mais convidativa, mais interessante?**

Sim, muito mais interessante. Temos zonas bastante degradadas e com um desenho destes... Pode continuar degradada na mesma, mas fica mais bonita. Fica diferente.

**Na sua opinião, em que aspeto o WOOL mais valoriza a cidade da Covilhã? No fundo, qual é o acrescento que o WOOL dá à cidade?**

Sim, basicamente em várias vertentes, mas principalmente turístico. Acho que há mais movimento. Pode existir até quem lhes apeteça fazer um passeio e vão ver os murais todos, como *nós* [o entrevistado refere-se a ele e à sua companheira] estamos a fazer agora.

**Dá-lhe mais prazer viver na Covilhã desde que estas pinturas existem?**

Sim, um bocadinho mais.

**Acha que a Covilhã é uma bela tela de arte que toda a gente deveria ver e conhecer?**

Sim, sim.

**Desde que estes murais existem na cidade, influenciaram de alguma forma a sua vida ou a sua rotina do dia-a-dia de alguma maneira?**

Por norma, não. Mas por acaso hoje estamos a fazer o roteiro de arte urbana do WOOL, sim. Não planeámos...aconteceu. Vimos o panfleto no miradouro, onde está o Simply Sugar<sup>16</sup>. Em vez de estarmos lá sentados decidimos vir fazer o roteiro que não conhecíamos. E estamos a gostar muito e vamos continuar para ver mais alguns.

---

<sup>16</sup> Na parede em frente a este café (ou "salão de chá" como algumas pessoas lhe chamam) está localizado o mural de Douglas Pereira, feito no WOOL 2019.

**Concorda que as mensagens e os significados que estas pinturas transmitem são importantes para preservar a memória da Covilhã e os seus valores?**

Sim, porque elas estão muito ligadas ao que a Covilhã já foi e ao que é atualmente. Sim.

**Considera este tipo de imagens que vê nas paredes, arte ou vandalismo?**

Arte. Comparativamente àqueles... riscos, isto é *muito mais arte*.

**Na sua opinião, o que é que, atualmente, representa a cidade da Covilhã, tanto em Portugal, como no estrangeiro? Por outras palavras, qual é símbolo atual da cidade?**

A neve, a Serra da Estrela.

**Considera que a arte urbana da Covilhã (ou seja, o WOOL) é uma forte candidata para, num futuro próximo, vir a ser o símbolo da Covilhã?**

Sim, pode vir a ser, sim. Mas acho que ainda não é. Tenho a noção que muita gente não sabe o que isto é e ao que pertence.

**Considera que o centro histórico ganhou mais vida e/ou está mais desenvolvido desde que surgiram os murais de arte urbana do WOOL?**

Sim, sim. Aquela zona toda das Portas do Sol... sim, está mais desenvolvido.

**Recomendaria a qualquer pessoa fazer a rota de arte urbana do WOOL?**

Sim, a qualquer pessoa. É um passeio muito agradável.

**Já alguma vez pintou uma parede pública com latas de *spray* ou outro tipo de material artístico?**

Nunca pintei.

**Gostaria de experimentar?**

Não, não. (risos) Gosto muito de ver, mas fazer...

**Conhece o projeto LATA 65?**

Não, não conheço.

**É um projeto criado pela Lara Seixo Rodrigues, uma das fundadoras do projeto WOOL, que consiste num workshop de arte urbana para idosos, daí o nome. E nós temos cá uma parede do LATA.**

Não sabia. Onde está?

**Lá em cima, junto à igreja de S. Tiago.**

Então já lá vamos passar. Agora vamos continuar aqui por esta rua, ver estes que estão aqui assinalados e os que estão a ser feitos também lá em cima.

6) João Rodrigues, 74 anos, Covilhã – 5 de junho de 2019

**Já conhecia o WOOL – Festival de Arte Urbana da Covilhã, a organização que é responsável por estes murais na cidade desde 2011?**

Já, já conheço.

**Tendo em conta todos esses murais, sente orgulho no trabalho que o WOOL tem desempenhado?**

Sim, porque dá um bocadinho de vida à cidade.

**Então, está satisfeito com o “novo” aspeto visual da Covilhã?**

Sim, de uma forma geral acho que deu vida à parte histórica e não só, porque depois esticaram-se para um lado e para o outro e vem preencher um vazio da cidade, porque há coisas que estão feias e assim passam a estar bonitas.

**Acha que a cidade, devido à existência das pinturas, está mais divertida, menos degradada, mais convidativa, mais interessante?**

Sim, porque dá um aspeto diferente. As pessoas iam, visitavam e havia coisas que não tinham pés nem cabeça, muito desconchavadas e assim não... Assim tem um aspeto diferente. Há zonas que ficaram muito mais bonitas. A parte histórica principalmente, lá em cima, na parte histórica, tá muito mais agradável. Determinadas coisas que lá estavam que até fazia confusão e agora não, *tavam* completamente degradadas e pelo menos assim tem um aspeto decente.

**Na sua opinião, em que aspeto o WOOL mais valoriza a cidade da Covilhã? No fundo, qual é o acrescento que o WOOL dá à cidade?**

Económico... Valorizou em termos económicos e em termos de aspeto da cidade, turismo... Porque vem muita gente a ver, principalmente gente nova que vem muito à cidade de propósito para ver *aqui e além*, às vezes andam por aí perdidos, não é?! (risos) Andam a ver.

**Já lhe aconteceu ver alguém com esse “ar perdido” de que fala?**

Sim, já, já, mais do que uma vez, mais do que uma pessoa. Andam perdidos e eu pergunto-lhes logo o que andam a fazer. “Oh, queria ir ver *este* mural e queria ir ali *àquele*” e eu digo logo “então vá por aqui e vá por ali”, porque às vezes eu não os levo ao sítio e isso troca-lhes as voltas. Às vezes vão num sentido, quando é para o outro, já por duas ou três vezes. E andam à procura dos murais. Ainda foi ontem que eu fui lá em cima ao centro histórico e andava um senhor à procura de um e eu disse-lhe “olhe que não é para aqui, tem que ir por aí abaixo e ali ao fundo tem que ir para a direita que vai lá dar” e ele lá foi ter ao sítio. Estava à procura dos murais que estão por lá.

**Desde que estes murais existem na cidade, influenciaram de alguma forma a sua vida ou a sua rotina do dia-a-dia de alguma maneira?**

A minha não. Eu de vez em quando dou uma voltinha... Porque eu sou... Eu de tempos a tempos gosto de passear a Covilhã, eu vivo cá e estou aqui, mas de vez em quando, assim de mês a mês ou assim meto-me aí a passear pelas quelhinhas e gosto de passar... normalmente passo na zona dos murais e vou visitar ruas. Porque eu estou cá desde 1973, mas ainda há ruas que eu às vezes vou lá matar saudades e ver aquilo que está lá feito.

**Considera este tipo de imagens que vê nas paredes, arte ou vandalismo?**

Não... é arte, é arte! Vandalismo são aqueles *graffitis* que estão por aí escritos pelas paredes todas que só desfeiam a cidade... os painéis não, é arte, é uma pintura, é a mesma coisa que ter ali uma fotografia em ponto grande em que a pessoa vem e admira, não é? Como qualquer fotografia. Agora o *graffiti*, não, como aquele que está ali naquela parede, estão aí as paredes todas. Isto não é nada, aquilo é uma aberração. Agora a arte urbana não tem nada a ver com isso. Tem técnica, é bem feito, é bonito e dá um certo realce à cidade.

**Dá-lhe mais prazer viver na Covilhã desde que estas pinturas existem?**

Ajuda, ajuda (risos). Ajuda a gente a gostar mais, porque há qualquer coisa de novo. Em vez de haver coisas velhinhas a cair aos bocados... Acho que a política tem muito a ver com o assunto. Não ajuda. Só prejudicam, às vezes.

**Acha que a Covilhã é uma bela tela de arte que toda a gente deveria ver e conhecer?**

Sim, porque já tem muitos painéis, já tem muita arte urbana espalhada pela cidade. Principalmente a parte histórica lá em cima e esta parte aqui. Agora aí a judiaria também já tem aí algumas coisas. Eu acho que tem todo o interesse.

**Concorda que as mensagens e os significados que estas pinturas transmitem são importantes para preservar a memória da Covilhã e os seus valores?**

Quer dizer, os painéis... Alguns painéis falam sobre a Covilhã, têm qualquer coisa de ligação. Outros painéis, não. Não têm ligação com a cidade, mas há aí uma série deles que sim. Vêm lembrar a cerzideira, o pastor e isto e aquilo. A cerzideira... já há poucas ou nenhuma.

**Na sua opinião, o que é que, atualmente, melhor representa a cidade da Covilhã, tanto em Portugal, como no estrangeiro? Por outras palavras, qual é símbolo atual da cidade?**

A Covilhã tinha uma tradição antiga, que era os lanifícios, a Manchester... a Manchester Portuguesa! Depois a Manchester foi-se, veio a universidade, a arte urbana faz um complemento à universidade e dá um certo nome e chama gente, não só a estudantada que vem, mas também as pessoas que vêm à cidade para a visitar e aproveitam para visitar a arte urbana que está aí por todo o lado.

**Então considera que a arte urbana é um complemento para a cidade?**

Sim, é um complemento. Chama turistas, há sempre um valor... Há sempre um valor.

**Considera que o centro histórico ganhou mais vida e/ou está mais desenvolvido desde que surgiram os murais de arte urbana do WOOL?**

Desenvolveu! O centro histórico, praticamente, era uma zona morta. Não existia. Claro que com a arte urbana houve ali determinadas pessoas que começaram a ter interesse pelo centro histórico, começaram-se a abrir lojinhas, a fazer determinadas coisas, as pessoas também vão lá e vão comprando sempre uma recordação ou assim... e tem todo o interesse. Por isso, o centro histórico cresceu e hoje as pessoas... tenho impressão de que vêm à Covilhã e não deixam de ir ao centro histórico. Vão sempre. Antigamente não passavam do pelourinho ou para além do jardim público. Eu lembro-me de nos anos 70 que visitavam a Covilhã, por exemplo, às vezes estavam lá 80 camionetes de gente turista que vinha à Covilhã, mas paravam além, davam uma volta ao pelourinho e iam embora. Agora não... As pessoas vão, dão uma volta, vão ver isto, vão ver aqui e já têm que ver.

**Recomendaria a qualquer pessoa fazer a rota de arte urbana do WOOL?**

Sim, acho que sim. Eu acho que sim. Acho que vale muito a pena, porque eles já têm diversos passeios pela cidade a mostrar. Já é muita coisa que existe.

**Já alguma vez pintou uma parede pública com latas de *spray* ou outro tipo de material artístico?**

Nunca fui pintor. (risos) Embora eu quando estive na tropa...passava muito tempo a fazer pinturas. Tinha blocos grandes onde desenhava principalmente paisagens e coisas assim. Esse livro desapareceu... E tenho em minha casa, por exemplo... Quando estive em Angola tive numa zona do Paulo Preto e ia lá *pra* senzala a ver trabalhar o Paulo Preto e eu depois desenhava até para lhes fazer coisas. E tenho uma mesa em minha casa que foi a primeira que eles fizeram que tem umas imagens trabalhadas que fui eu que as desenhei para eles fazerem.

**E agora estes murais não lhe despertam novamente a vontade de, quem sabe, pintar?**

Agora já estou velho para essas coisas. (risos) Já estou velho... Embora qualquer dia vou tentar fazer assim uma. Mas vou experimentar em minha casa! (gargalhadas)

**Conhece o projeto LATA 65?**

Sim, já conheço. Eles já cá fizeram na Covilhã uma parede. Mas eu não...

**Gostava de participar no LATA 65?**

Não, não vou... Não me sinto à vontade.

**Experimente, depois ali toda a gente fica à vontade!**

Pois, aquilo é uma questão de princípio. Uma pessoa principia e se calhar até gosta e faz... Agora não tenho assim muita vida para essas coisas, *tou* sempre ocupado. (risos) Mas conheço. Já vi cá e fui uma vez para uma aldeia ali para ao pé de Castelo-Branco, estavam lá a fazer pinturas e fui lá presenciar e ver.

7) David Freire, 25 anos, Covilhã – 5 de junho de 2019

**Já conhecias o WOOL – Festival de Arte Urbana da Covilhã, a organização que é responsável por estes murais na cidade desde 2011?**

Já, já conhecia.

**Tendo em conta todos esses murais, sentes orgulho no trabalho que o WOOL tem desempenhado?**  
*Opá, não sinto orgulho, porque não sou eu que faço, mas acho porreiro... acho porreiro estas iniciativas. É um museu ao ar livre visto que a Covilhã tem poucos museus... Portanto é boa *cena*.*

**Então, estás satisfeito com o "novo" aspeto visual da Covilhã?**

Claro, claro! A parte antiga é a mais bonita, então *tão* a dar-lhe um certo charme... às casas abandonadas e assim...

**Achas que a cidade, devido à existência das pinturas, está mais divertida, menos degradada, mais convidativa, mais interessante?**

Sim, sim, está mais temática, muito mais temática. Acho sim, esta muito mais temática. E também atrai mais gente a ver.

**Na tua opinião, em aspeto o WOOL mais valoriza a cidade da Covilhã? No fundo, qual é o acrescento que o WOOL dá à cidade?**

*Pá, turística e imobiliária... sim, sim, bastante. Social... sim, incentiva sempre o pessoal a ir fazer a rota dos *graffitis*, por aí é muito fixe. Há mais turistas na Covilhã.*

**Desde que estes murais existem na cidade, influenciaram de alguma forma a tua vida ou a tua rotina do dia-a-dia de alguma maneira?**

Sim, o mocho do BORDALO II incentivou-me a usar mais material reciclado. E depois, por acaso e eu próprio comecei a reciclar e é algo que já está no meu dia a dia... E também saio de casa várias vezes para ir dar um passeio pelos murais, às vezes até para levar outras pessoas para irem ver.

**Dá-te mais prazer viver na Covilhã desde que estas pinturas existem?**

Sim, sim. Ajuda ainda mais a gostar de viver aqui.

**Consideras este tipo de imagens que vês nas paredes, arte ou vandalismo?**

Sim, é arte. Mas a própria arte urbana que era vandalismo também é arte, desde que não seja aqueles rabiscos... Os *tags*. Às vezes têm mensagens engraçadas, mas é muito mal feito. A mensagem às vezes até está boa, mas falta qualquer coisa... Falta arte, falta arte.

**Achas que a Covilhã é uma bela tela de arte que toda a gente deveria ver e conhecer?**

Sim, acho que sim...

**Concordas que as mensagens e os significados que estas pinturas transmitem são importantes para preservar a memória da Covilhã e os seus valores?**

Sim, muitos até eu nem sabia o verdadeiro significado deles, outros que dá para fazer uma leitura mais imediata. Mas sim, sim, ajuda a preservar a memória da Covilhã.

**Na tua opinião, o que é que, atualmente, melhor representa a cidade da Covilhã, tanto em Portugal, como no estrangeiro? Por outras palavras, qual é símbolo atual da cidade?**

*Epá, a Covilhã é mesmo o queijo! (risos) Para mim é o queijo. Epá, é o melhor do mundo, é considerado o melhor do mundo. (risos) Poderia ser a arte urbana, mas sim é o queijo... Para além de que o mocho também foi considerado uma das melhores peças de arte urbana numa revista, na altura que o fizeram.*

**Consideras que a arte urbana da Covilhã (ou seja, o WOOL) é uma forte candidata para, num futuro próximo, vir a ser o símbolo da Covilhã?**

*Pá, a representação da cidade não, mas pode ser uma das representações. Já vi uma notícia que a Covilhã era a capital da arte urbana em Portugal. Acho que sim...*

**E concordas com essa notícia?**

*Sim, concordo. Se calhar Lisboa até tem mais, e Porto, só que não têm tanto encanto, porque são cidades grandes e novas, não têm estas ruelas... Aqui é um labirinto, não vês só a arte, o roteiro de arte urbano é um autêntico passeio pela zona antiga.*

**Consideras que o centro histórico ganhou mais vida e/ou está mais desenvolvido desde que surgiram os murais de arte urbana do WOOL?**

*Sim, sim, mas eu acho que não foi só também com os murais, foi também pegarem de tudo um pouco. Acho que o *vintage* tá muito na moda, que eu acho ótimo, gosto muito de *vintage*. Mas os *graffitis* ajudaram bastante a dar vida de novo ao centro histórico.*

**Recomendarias a qualquer pessoa fazer a rota de arte urbana do WOOL?**

*Sim, claro que sim, claro que sim! É sempre a primeira coisa que eu digo quando me perguntam o que se faz na Covilhã eu digo logo "olha tens que ver os *graffitis*!".*

**Já alguma vez pintaste uma parede pública com latas de *spray* ou outro tipo de material artístico?**

*Já, mas foi só mesmo uns rabiscos. (gargalhadas). Só isso, só isso...*

**Gostavas de experimentar um dia?**

*Ya, ya. Eu mais ou menos que faço, mas é na onda do espantalho. Mas é *pra* mim.*

**Conheces o projeto LATA 65?**

*Não, por acaso não.*

**É um projeto criado pela Lara Seixo Rodrigues, uma das fundadoras do projeto WOOL, que consiste num workshop de arte urbana para idosos, daí o nome. E nós temos cá uma parede do LATA.**

*Ah, é aquela ao pé do Bar Comfusão?*

**Sim!**

*Já tinha visto, mas não sabia que tinham sido idosos a pintar!*

8) João Santos, 24 anos, Covilhã – 6 de junho de 2019

**Já conhecias o WOOL – Festival de Arte Urbana da Covilhã, a organização que é responsável por estes murais na cidade desde 2011?**

Já sim senhora. Sabia exatamente que pertenciam ao WOOL.

**Tendo em conta todos esses murais, sentes orgulho no trabalho que o WOOL tem desempenhado?**

Sim, claro que sinto. Sinto orgulho porque é a minha cidade e acho que fica muito bonita pintada.

**Então, estás satisfeito com o “novo” aspeto visual da Covilhã?**

Sim, muito satisfeito. Está muito melhor que antes. Gosto imenso de ver a Covilhã assim.

**Achas que a cidade, devido à existência das pinturas, está mais divertida, menos degradada, mais convidativa, mais interessante?**

*Pfff...* Sem dúvida nenhuma!

**Na tua opinião, em que aspeto o WOOL mais valoriza a cidade da Covilhã? No fundo, qual é o acrescento que o WOOL dá à cidade?**

Sem dúvida que chama mais pessoas de fora. Principalmente, valoriza a nível cultural. Acho que a Covilhã já estava a precisar de uma coisa assim. No que diz respeito ao alojamento, também acho que é uma forma de impulsionar a vertente imobiliária... Eu imaginava aqui uma espécie de *hostel* ao lado do mural do SEBAS. Acho que ia funcionar super bem.

**Qual é a principal diferença que sentes?**

Muito mais pessoas na Covilhã, mas sem dúvida nenhuma. Muita gente que vem cá e inclusive muita gente que já me perguntou pelos *graffitis* do WOOL e onde é que os podem ver.

**A sério? Queres relatar algum episódio?**

Em específico não, porque não aconteceu nada de “anormal” para eu gravar na memória, mas basicamente perguntaram por direções, por onde é que podem ir para ir de encontro aos murais.

**Dá-te mais prazer viver na Covilhã desde que estas pinturas existem?**

Sim, sem dúvida nenhuma. Ajuda muito mais, possa! Assim já parece menos uma aldeia. (risos)

**Achas que a Covilhã é uma bela tela de arte que toda a gente deveria ver e conhecer?**

Acho que sim. Acho que se está a tornar cada vez mais numa tela de arte e *pra* mim deviam fazer mais e mais e mais, sem parar.

**Desde que estes murais existem na cidade, influenciaram de alguma forma a tua vida ou a tua rotina do dia-a-dia de alguma maneira?**

Por exemplo, quando o festival acontece na Covilhã faço questão de ir passando pelos murais que estão a ser feitos ao longo da semana, como fiz hoje, para ver o trabalho dos artistas. E quando já está feita a obra também gosto de ir de vez em quando ver, não só *pra* recordar, mas *pra*...por exemplo quando saio à noite passo pelos murais de propósito mesmo para convivermos. E gosto de apreciar.

**Consideras este tipo de imagens que vê nas paredes, arte ou vandalismo?**

Arte ou vandalismo... Isto para mim é arte. Mas todos estes artistas, aposto que vieram do "vandalismo" ... Do *graffiti*. Eles têm que ter bases de algum sítio, tem que se começar de algum lado. Aposto que eles não começaram logo a fazer murais. Mas acho que este tipo de coisas não é de todo vandalismo, antes pelo contrário.

**Concordas que as mensagens e os significados que estas pinturas transmitem são importantes para preservar a memória da Covilhã e os seus valores?**

Sim, acho que sim. Há alguns murais que são muito específicos relativamente a isso, por exemplo o pastor, a que está em frente ao pastor do MR. DHEO. De uma forma geral, acho que encaixam todas bem na cidade. Faz todo o sentido.

**Na tua opinião, o que é que, atualmente, melhor representa a cidade da Covilhã, tanto em Portugal, como no estrangeiro? Por outras palavras, qual é símbolo atual da cidade?**

A minha cidade tem *grafs* bué fixes. Acho que o WOOL é uma das coisas que melhor representa a cidade, é um ponto muito forte para visitar esta cidade. E é das coisas mais fixes que cá está neste momento. Culturalmente, é o WOOL que leva o nome da Covilhã lá *pra* fora sem dúvida nenhuma! De resto a Covilhã ainda é representada por ovelhas e lã. (gargalhadas)

**Isso é intemporal?**

Sim, claro.

**Consideras que o centro histórico ganhou mais vida e/ou está mais desenvolvido desde que surgiram os murais de arte urbana do WOOL?**

Sim, sem dúvida que acrescentou mais ao centro histórico. Há muito mais coisas lá do que havia por exemplo há cinco anos atrás. Agora tem mais vida.

**Recomendarias a qualquer pessoa fazer a rota de arte urbana do WOOL?**

Sim, claro. Este ano até vão haver *tuk tuks* a fazer o roteiro, o que é muito bem jogado!

**Já alguma vez pintaste uma parede pública com latas de *spray* ou outro tipo de material artístico?**

Sim, já pintei com latas de *spray*. (risos)

**Gostavas de experimentar pintar um mural se existisse uma atividade relacionada com a arte urbana, por exemplo, um workshop aberto à comunidade?**

Sim, gostava de participar, obviamente.

**Conheces o projeto LATA 65?**

Não, não faço ideia. O que é isso?

**É um projeto criado pela Lara Seixo Rodrigues, uma das fundadoras do projeto WOOL, que consiste num workshop de arte urbana para idosos, daí o nome. E nós temos cá uma parede do LATA.**

Ah, então já sei, é a que está do lado esquerdo quando se desce a rua, não é? Já sei, mas não sabia que era isso...

9) Rita Nobre, 28 anos, Covilhã – 6 de junho de 2019

**Já conhecias o WOOL – Festival de Arte Urbana da Covilhã, a organização que é responsável por estes murais na cidade desde 2011?**

Sim, sim. Desde o início que conheço. Na altura em que eles começaram a fazer o festival ainda estudava... acompanho desde o início.

**Tendo em conta todos esses murais, sentes orgulho no trabalho que o WOOL tem desempenhado?**

Gosto do trabalho. Acho que traz mais cultura à cidade e... embora traga cultura à cidade, bebe das raízes das Covilhã, o que acaba por ser muito interessante, muito bom. E é muito bonito.

**Então, estás satisfeita com o "novo" aspeto visual da Covilhã?**

Estou, sim. Completamente.

**Achas que a cidade, devido à existência das pinturas, está mais divertida, menos degradada, mais convidativa, mais interessante?**

Sim, sim, sim. Acho que o facto deles... segundo sei, eles tentam aproveitar fachadas de casas que já estão mais degradadas e, portanto, dão-lhe uma nova cara e isso sem dúvida que torna a cidade muito mais bonita, com melhor aspeto.

**Na tua opinião, em que aspeto o WOOL mais valoriza a cidade da Covilhã? No fundo, qual é o acrescento que o WOOL dá à cidade?**

O WOOL vem valorizar a cidade em vários aspetos. Sobretudo turístico, sem dúvida. Acho que há muita gente que vem à Covilhã especificamente para ver a arte urbana. Tenho uma amiga minha que há cerca de quatro anos, por aí, eu ainda estava a estudar, veio aí com uma malta amiga, que ela também é da área da cultura, só especificamente porque ela também vinha fazer um trabalho de arte urbana e vinham ver os murais da Covilhã. Ela sabia que aqui existia muita arte urbana e que era uma forte componente da cidade, então veio.

**Desde que estes murais existem na cidade, influenciaram de alguma forma a tua vida ou a tua rotina do dia-a-dia de alguma maneira?**

Sim, sim. Eu tenho uma cadela e sobretudo quando a passeio gosto de passar pelos sítios para ver os murais enquanto dou uma volta com ela ou até para aproveitar e tirar uma fotografia para enviar a alguma amiga.

**Dá-te mais prazer viver na Covilhã desde que estas pinturas existem?**

Sim, ajuda. Aproveitamos mais a cidade.

**Consideras este tipo de imagens que vê nas paredes, arte ou vandalismo?**

Arte, completamente arte. Os outros "traços" que estão espalhados pela cidade... claro que há diferença, aí até posso considerar vandalismo, mas este tipo de arte que eles têm feito através do WOOL é arte, sem dúvida.

**Achas que a Covilhã é uma bela tela de arte que toda a gente deveria ver e conhecer?**

Sim, muito. (risos)

**Concordas que as mensagens e os significados que estas pinturas transmitem são importantes para preservar a memória da Covilhã e os seus valores?**

Sim, como eu disse no início acho superinteressante que venham pessoas de fora pintar os murais e dar um bocado de cor à cidade, mas que não seja uma coisa completamente aleatória e que realmente venha beber das raízes e daquilo que é a Covilhã. Isso é que faz sentido.

**Na tua opinião, o que é que, atualmente, melhor representa a cidade da Covilhã, tanto em Portugal, como no estrangeiro? Por outras palavras, qual é símbolo atual da cidade?**

Eu ia dizer automaticamente, assim, os lanifícios, a indústria dos lanifícios, embora hoje em dia a maior parte das fábricas antigas estejam já todas abandonadas, mas também penso que agora, talvez seja mesmo a arte urbana, porque talvez seja já mesmo uma marca da Covilhã.

**Achas que o WOOL leva o nome da Covilhã lá para fora?**

Sim, tenho a noção que sim, muito com o tipo de murais e artistas que trazem.

**Consideras que o centro histórico ganhou mais vida e/ou está mais desenvolvido desde que surgiram os murais de arte urbana do WOOL?**

Acho que sim, que ajudou, embora não seja a única...o único motivo, o único fator... Porque também tem a ver com isto ser uma cidade de estudantes e é preciso renovar as casas que têm, porque havia muita dificuldade em arranjar casa para quem vinha estudar para aqui. Mas sem dúvida que a arte urbana ajuda a desenvolver a zona histórica. Eu própria vivo na zona central e acho que está muito diferente. Cada vez mais se vê, não só através da arte urbana, mas vê-se mesmo a remodelação de casas.

**Qual é a principal diferença que sentes no centro histórico?**

Acho que há mais vida no centro histórico. Vai havendo mais lojas, embora, pronto, tem sempre aquela competição com o shopping lá em baixo, mas acho que sim...*tá* um bocadinho mais vivo.

**Recomendarias a qualquer pessoa fazer a rota de arte urbana do WOOL?**

Completamente, sim.

**Já alguma vez pintaste uma parede pública com latas de *spray* ou outro tipo de material artístico?**

Não, nadinha, nadinha! (risos)

**Gostava de experimentar pintar um mural se existisse uma atividade relacionada com a arte urbana, por exemplo um workshop aberto à comunidade?**

Gostava de aprender e de fazer qualquer coisinha, isso sim! Eu sei que o WOOL às vezes já tem workshops. Se tivesse disponibilidade para isso sim, gostava muito.

**Conheces o projeto LATA 65?**

Não, não faço ideia.

10) José Cariano, 85 anos, Covilhã – 7 de junho de 2019

**Já conhecia o WOOL – Festival de Arte Urbana da Covilhã, a organização que é responsável por estes murais na cidade desde 2011?**

Não, não. Não sabia que isto era organizado pelo WOOL.

**Já viu as paredes que estão pintadas no centro histórico?**

Não, mas já vi aquela que está a ser feita ali ao pé do hotel.

**Essa também é do WOOL. Tendo em conta todos esses murais, sente orgulho no trabalho que o WOOL tem desempenhado?**

Com certeza, mas com certeza! Isto alegra e traz cultura nova.

**Então, está satisfeito com o “novo” aspeto visual da Covilhã?**

*Tou, tou!*

**Acha que a cidade, devido à existência das pinturas, está mais divertida, menos degradada, mais convidativa, mais interessante?**

Menos degradada, pois com certeza que sim! E muito mais vistosa. Agora é uma cidade mais interessante, mais valiosa, digamos na parte urbanística, na parte paisagística...tem o seu valor, não é?

**Na sua opinião, em que aspeto o WOOL mais valoriza a cidade da Covilhã? No fundo, qual é o acrescento que o WOOL dá à cidade?**

Principalmente turístico. Atrai mais pessoas à cidade, atrai porque, enfim, são novidades que praticamente. Há mais turistas na Covilhã, ao fim-de-semana principalmente. De alguns tempos para cá acho que há mais gente, nomeadamente ao sábado e ao domingo nota-se mais afluência, mais gente, nomeadamente espanhóis.

**Desde que estes murais existem na cidade, influenciaram de alguma forma a sua vida ou a sua rotina do dia-a-dia de alguma maneira?**

Não, porque olhe eu passo parte do tempo em Lisboa, até por motivos de saúde. E tenho lá uma filha que tem 28 anos, é nova, tirou a licenciatura de Direito na Católica e está a trabalhar num escritório nas Amoreiras, lá em Lisboa. Como tenho lá casa, passo lá algum tempo. Aqui já não passo muito tempo. Mas aqui na Covilhã eu moro mesmo aqui no Largo da Infância XXI e evidentemente que isto convida a observar e a ver. Quando cá estou gosto de passear e ver estas coisas.

**Dá-lhe mais prazer viver na Covilhã desde que estas pinturas existem?**

Com certeza que sim, isto para algumas pessoas ainda é novidade. E é muito bonito.

**Considera este tipo de imagens que vê nas paredes, arte ou vandalismo?**

Arte, arte. Isto é arte. Agora os rabiscos que andam para aí é que não têm interesse nenhum... Têm interesse relativo, não é?... Muito relativo. Por vezes, até há pessoas que podem achar encantador, não é? Há outras pessoas que até podem achar vandalismo. Agora estou convencido que estas duas obras que tão aqui a ser feitas em cima, que ninguém lhe vai chamar de vandalismo, mas sim de arte, não é...

**Acha que a Covilhã é uma bela tela de arte que toda a gente deveria ver e conhecer?**

Com certeza. Estas obras devem ser visitadas.

**Concorda que as mensagens e os significados que estas pinturas transmitem são importantes para preservar a memória da Covilhã e os seus valores?**

Sim, algumas delas transmitem algumas coisas relativas à Covilhã...

**Esta aqui [mural do SEBAS VELASCO], por exemplo, representa ali a Rua Direita.**

Pois, exatamente. Mas é importante, sim... É importante estas peças, porque a pessoa chega, olha e verifica que é a Covilhã, que há alguma coisa da Covilhã ali.

**Na sua opinião, o que é que, atualmente, melhor representa a cidade da Covilhã, tanto em Portugal, como no estrangeiro? Por outras palavras, qual é símbolo atual da cidade?**

Oh, não sei bem... Antigamente os lanifícios eram uma marca da Covilhã. Depois caíram, as fábricas fecharam, não é... Veio a universidade... Atualmente, para mim, continua a ser a universidade. Com certeza que estas obras de arte, como eu lhes chamo e considero, têm o seu valor, agora com significado diferente. Isto é mais cultural. A universidade também é cultural, serve de cultura e serve de economia.

**Considera que a arte urbana da Covilhã (ou seja, o WOOL) é uma forte candidata para, num futuro próximo, vir a ser o símbolo da Covilhã?**

Com certeza que sim, têm o seu efeito positivo. Começa a ter à medida que vamos tendo turistas e que vão visitando, e que acharem que, de facto, são obras de arte, obras para visitar, até vão recomendando a outras pessoas para virem ver também.

**Considera que o centro histórico ganhou mais vida e/ou está mais desenvolvido desde que surgiram os murais de arte urbana do WOOL?**

Oh não sei como é que aquilo está, há muito tempo que não passo lá para cima, precisamente por causa de questões de saúde...

**Mas já sabia que existe um roteiro de arte urbana para se fazer aqui na Covilhã?**

Não sabia... Mas acredito que tenha todo o interesse em se fazer e visitar.

**Recomendaria a qualquer pessoa fazer a rota de arte urbana do WOOL?**

Com certeza que sim!

**Já alguma vez pintou uma parede pública com latas de *spray* ou outro tipo de material artístico?**

Não.

**Gostavas de experimentar pintar um mural se existisse uma atividade relacionada com a arte urbana, por exemplo, um workshop aberto à comunidade?**

Oh, agora já não... Já não.

**Conhece o projeto LATA 65?**

Também não... Sabe, é como lhe digo, as questões de saúde são uma barreira.

**11) Sandra Leitão, 46 anos, Covilhã – 7 de junho de 2019**

**Já conhecia o WOOL – Festival de Arte Urbana da Covilhã, a organização que é responsável por estes murais na cidade desde 2011?**

Sim, sim.

**Tendo em conta todos esses murais, sente orgulho no trabalho que o WOOL tem desempenhado?**

Sim, muito. Fica muito giro.

**Então, está satisfeita com o “novo” aspeto visual da Covilhã?**

Claro, sem dúvida.

**Acha que a cidade, devido à existência das pinturas, está mais divertida, menos degradada, mais convidativa, mais interessante?**

Sim, está bastante mais convidativa, as pessoas vêm muito à Covilhã e cada vez mais pelo Facebook, porque lá o WOOL é muito divulgado. Tenho-me apercebido de muita gente, muita gente que não são de cá, cada vez mais. E a visitar...penso que já haja também visitas guiadas para ver as pinturas, também vejo muita gente. Eu acho que isto faz crescer, sem dúvida, a Covilhã.

**Na sua opinião, em que aspeto o WOOL mais valoriza a cidade da Covilhã? No fundo, qual é o acrescento que o WOOL dá à cidade?**

Hm... Talvez turístico...e...as pessoas cada vez mais gostam de ver isso. O WOOL leva muito o nome da Covilhã lá para fora e em contrapartida traz as pessoas cá “para dentro”.

**Desde que estes murais existem na cidade, influenciaram de alguma forma a sua vida ou a sua rotina do dia-a-dia de alguma maneira?**

Sim, sim! Vou ver muito. Pronto estas aqui são novas, estão a ser feitas, mas as outras pinturas todas que existem já fiz várias vezes com os meus filhos e com amigos que vêm cá, para lhes mostrar.

**Dá-lhe mais prazer viver na Covilhã desde que estas pinturas existem?**

Gosto de viver na Covilhã de qualquer maneira.

**Considera este tipo de imagens que vê nas paredes, arte ou vandalismo?**

Arte. Completamente! Por exemplo, também gosto do *graffiti*, cada um com a sua beleza.

**Acha que a Covilhã é uma bela tela de arte que toda a gente deveria ver e conhecer?**

Sim claro, sem dúvida.

**Concorda que as mensagens e os significados que estas pinturas transmitem são importantes para preservar a memória da Covilhã e os seus valores?**

Sim, claro. Todas elas desempenham bem o seu papel nesse sentido. Até há uma delas, naquela rua<sup>17</sup> atrás da Câmara Municipal que tem uma pessoa que é mesmo da Covilhã e que fez muito pela Covilhã. Por isso, sim.

---

<sup>17</sup> A entrevistada estará a referir-se ao mural do artista SAMINA, que representa o Sr. Viseu.

**Na sua opinião, o que é que, atualmente, melhor representa a cidade da Covilhã, tanto em Portugal, como no estrangeiro? Por outras palavras, qual é símbolo atual da cidade?**

A serra... eu acho muito que a serra. Ainda é muito a Serra da Estrela. Mas sem dúvida que o WOOL é um complemento muito grande para a divulgação da nossa cidade.

**Considera que o centro histórico ganhou mais vida e/ou está mais desenvolvido desde que surgiram os murais de arte urbana do WOOL?**

Sim, tem muito mais vida. Mesmo quando vou lá dar uma volta com os meus filhos ou como hoje estou a fazer com a minha família, noto que há mais pessoas. Tem mais movimento.

**Recomendaria a qualquer pessoa fazer a rota de arte urbana do WOOL?**

Sim, sem dúvida.

**Já alguma vez pintou uma parede pública com latas de *spray* ou outro tipo de material artístico?**

Não! (risos)

**Gostava de experimentar pintar um mural se existisse uma atividade relacionada com a arte urbana, por exemplo, um workshop aberto à comunidade?**

Acho que deixo isso para quem sabe. (risos) Para fazer mal, mais vale estar quieta... (risos)

**Conhece o projeto LATA 65?**

Sim, conheço.

## 12) Pedro Leitão, 47 anos, Covilhã – 7 de junho de 2019

**Já conhecia o WOOL – Festival de Arte Urbana da Covilhã, a organização que é responsável por estes murais na cidade desde 2011?**

Sim, conheço o WOOL, conheço a organização desde os primeiros momentos.

**Tendo em conta todos esses murais, sente orgulho no trabalho que o WOOL tem desempenhado?**

Gosto muito. Orgulho não sinto, porque não é obra minha. Sinto-me é muito honrado por na Covilhã fazerem obras magníficas, com artistas mundiais, de referência mundial e, portanto, na minha opinião é a atividade cultural de maior relevo que a Covilhã tem tido...teve nos últimos anos.

**Então, está satisfeito com o "novo" aspeto visual da Covilhã?**

Sim, muito, muito, muito satisfeito.

**Acha que a cidade, devido à existência das pinturas, está mais divertida, menos degradada, mais convidativa, mais interessante?**

A Covilhã está mais jovem, fundamentalmente. Porque efetivamente, estas pinturas aqui mostram a capacidade da juventude hoje em dia criar arte. E obviamente que a arte urbana é sem dúvida um polo de interesse na Covilhã nos dias de hoje quer para o público jovem, como para público de todas as idades.

**Na sua opinião, em que aspeto o WOOL mais valoriza a cidade da Covilhã? No fundo, qual é o acrescento que o WOOL dá à cidade?**

Fundamentalmente a nível turístico. Estas obras de arte são dignas de ser contempladas e com um plano turístico bem executado, o WOOL seria um grande complemento a toda a atividade turística, se não *e/* próprio uma valorização à atração turística.

**Desde que estes murais existem na cidade, influenciaram de alguma forma a sua vida ou a sua rotina do dia-a-dia de alguma maneira?**

Sim. Sempre que há uma edição do WOOL a acontecer na Covilhã, faço questão de ir ver como está a correr o evento e quais as pinturas que estão a ser feitas e muitas vezes já saio com a minha família para fazer um passeio junto das paredes, como hoje.

**Dá-lhe mais prazer viver na Covilhã desde que estas pinturas existem?**

Não, eu sempre tive prazer em viver aqui e, portanto, eu viveria aqui com obras de arte ou sem obras de arte. Mas atualmente, é mais um complemento que ajuda a gostar de viver, é bonito passar por uma fachada e ver por exemplo uma figura destas como a que o SEBAS está agora a terminar, que é expressiva, de alguma forma faz um sentido, faz alguma coisa naquele momento em que passamos por ela.

**Considera este tipo de imagens que vê nas paredes, arte ou vandalismo?**

Claramente arte, das melhores que já vi.

**Acha que a Covilhã é uma bela tela de arte que toda a gente deveria ver e conhecer?**

Claramente.

**Concorda que as mensagens e os significados que estas pinturas transmitem são importantes para preservar a memória da Covilhã e os seus valores?**

São boas para preservar a memória da humanidade. Fundamentalmente, estas obras de arte, o que a mim me transmitem é a capacidade humana de transformar coisas, a capacidade humana de mostrar sentimentos. Portanto, superior à valorização do próprio passado da cidade, é esta manifestação nas paredes, de uma sensibilidade própria que a nós também nos faz pensar. As pinturas do WOOL ajudam a reavivar a memória sobre aquilo que a Covilhã já foi e os valores que ela tem, de qualquer maneira eu tendencialmente olho para as obras de arte muito para além do significado que possam ter na própria Covilhã. Esta pintura que está aqui a ser feita podia ser feita em qualquer sítio do mundo, que seria uma pintura incrivelmente brilhante.

**Reconhece a rua que SEBAS VELASCO está a representar?**

Não reconheço neste momento, porque digamos... não tem definição. Mas reconheço ali a parte da oficina, fica lá para baixo.

**E a rua é a Rua Direita.**

Pois, não é fácil reconhecer, porque efetivamente o fundo, é um fundo digamos... fumado, com algum *blur*, esbatido, mas seja o que for esta pintura é impressionante!

**Na sua opinião, o que é que, atualmente, melhor representa a cidade da Covilhã, tanto em Portugal, como no estrangeiro? Por outras palavras, qual é símbolo atual da cidade?**

Continua a ser a Universidade da Beira Interior.

**Considera que a arte urbana da Covilhã (ou seja, o WOOL) é uma forte candidata para, num futuro próximo, vir a ser o símbolo da Covilhã?**

Já é! Mas não é o único.

**Considera que o centro histórico ganhou mais vida e/ou está mais desenvolvido desde que surgiram os murais de arte urbana do WOOL?**

Não, porque falta um plano claramente para desenvolver o centro histórico. Está melhor, mas... O centro histórico para se tornar atrativo tem que ter diversas circunstâncias que ainda não tem. Tem que ter, desde logo, um ponto de receção que a meu ver seria o... digamos, um "Welcome Center", um centro de receção turística que devia estar claramente localizado no centro histórico. Depois teria que existir obras no centro histórico, fundamentalmente no espaço público de forma a torná-lo pedonal. Não haver aquele estacionamento atrás da Câmara Municipal era já um primeiro passo. Estacionam lá oito carros, os restantes são da Câmara que têm um selo ao alto privado e, portanto, imediatamente cortar o trânsito àquele acesso e torná-lo uma praça de cultura, uma praça para artistas plásticos, uma praça para produtores de artesanato, uma praça para produtos aqui da Covilhã. Mas facultar efetivamente... atrair ao centro, não só pelas obras que já lá estão, mas atrair também toda uma atividade cultural que falta lá. Para isso tínhamos de ter desde já, desde a Igreja de Santa Maria até ao largo atrás da Câmara trânsito cortado todos os dias e depois começar com um plano de fim-de-semana que nas ruas principais onde há obras de arte, não há trânsito automóvel, para poder facilitar o trânsito pedonal.

**Recomendaria a qualquer pessoa fazer a rota de arte urbana do WOOL?**

Recomendaria. A agravante é que neste momento para ser ver a arte urbana temos que nos estar a desviar dos carros e encostarmo-nos às paredes, o que não é agradável.

**Já alguma vez pintou uma parede pública com latas de *spray* ou outro tipo de material artístico?**

Já!

**E gostou?**

Gostei!

**Gostava de experimentar pintar um mural se existisse uma atividade relacionada com a arte urbana, por exemplo, um workshop aberto à comunidade?**

Adorava, adorava. Adorava, porque sempre que eu vejo estes artistas eu gostava de ser como eles. Eu gostava de... Obviamente que eu não prescindia hoje da minha família, mas tenho uma inveja enorme de não poder viver uma vida assim. Por isso, claramente que participaria nesse workshop.

**Conhece o projeto LATA 65?**

Conheço o projeto LATA 65, conheço a parede feita na Covilhã e penso que o mural é da Mutualista Covilhanense, pelos idosos.

### 13) Vítor Pinho, 62 anos, Covilhã – 7 de junho de 2019

**Já conhecia o WOOL – Festival de Arte Urbana da Covilhã, a organização que é responsável por estes murais na cidade desde 2011?**

Já.

**Tendo em conta todos esses murais, sente orgulho no trabalho que o WOOL tem desempenhado?**

Sim, sim, é um trabalho meritório, até porque está a transportar o bom que se faz destes artistas para fora da cidade e a projetar o nome da cidade também.

**Então, está satisfeito com o “novo” aspeto visual da Covilhã?**

Sim, claro. Vai-se modificando de ano para ano, está a modificar-se.

**Acha que a cidade, devido à existência das pinturas, está mais divertida, menos degradada, mais convidativa, mais interessante?**

É mais um motivo. Mais um motivo para a visitar. E fica mais agradável, como é lógico.

**Na sua opinião, em que aspeto o WOOL mais valoriza a cidade da Covilhã? No fundo, qual é o acrescento que o WOOL dá à cidade?**

Acho que acrescenta em várias vertentes. No imobiliário, porque valoriza o património, quem autoriza acho que valoriza a casa. Este exemplo aqui<sup>18</sup> é...representa bem. Turisticamente também, atraí turistas, porque é um festival que já conhecido mundialmente e atraí visitantes. Economicamente traz vantagens para os agentes económicos que estão cá e investiram no turismo. Tem várias vantagens.

**Qual é a principal diferença que sente ao nível do turismo?**

Há muita gente de fora e há muita gente a procurar informação sobre o WOOL. Onde eu estou, nós estamos constantemente a imprimir cartazes e folhetos sobre o WOOL além dos que a própria WOOL tem. Nós também vamos tendo os nossos e há muita procura. Ajudamos na divulgação.

**Desde que estes murais existem na cidade, influenciaram de alguma forma a sua vida ou a sua rotina do dia-a-dia de alguma maneira?**

Lido todos os dias com estas pinturas, porque todos os dias faço o meu percurso para o trabalho a passar por várias. Além disso, quando tenho cá amigos vou dar um passeio para mostrar estas pinturas. Faço questão de mostrar estas pinturas.

**Dá-lhe mais prazer viver na Covilhã desde que estas pinturas existem?**

Eu sou um covilhanense de gema, portanto tenho orgulho na minha cidade de qualquer forma. Mas isto é uma mais valia, claro. É uma mais valia para a cidade.

**Considera este tipo de imagens que vê nas paredes, arte ou vandalismo?**

Não, isto é mesmo arte. É mesmo arte. Ninguém tenha dúvidas disso! Já os *graffitis* não gosto de ver... Acho que degradam visualmente a cidade. Agora isto é arte “barata”, porque está disponível para toda a gente ver e apreciar. É arte pública.

---

<sup>18</sup> O entrevistado está a referir-se ao mural de SEBAS VELASCO.

**Acha que a Covilhã é uma bela tela de arte que toda a gente deveria ver e conhecer?**

Sim, sim. É um ponto a visitar e está-se a impor por ela própria no mapa e nos roteiros turísticos.

**Concorda que as mensagens e os significados que estas pinturas transmitem são importantes para preservar a memória da Covilhã e os seus valores?**

Algumas delas, algumas delas... Acho que sim, porque têm alguma coisa a ver com o passado histórico da nossa cidade, sobretudo com os têxteis e tudo o resto. Embora algumas eu fique a pensar o porquê... Ainda uma que foi feita agora que está ali com a pateira... Porquê uma pateira ali? (risos) Uma pateira...um barco! Agora o resto acho que sim. Esta aqui parece-me ser uma estudante com um blusão desportivo da Adidas. Extremamente bonito!

**Reconhece a rua?**

Não que ainda não olhei bem para ela, mas será talvez esta aqui.

**Não, é a Rua Direita. Aquela parte mais branca representa o símbolo da farmácia e do lado direito são as escadinhas que vão dar ao Restaurante O Sporting.**

Ahhhh...exatamente! E ali é o armazém do Montiel.

**Exatamente. E a rapariga existe mesmo, é estudante cá na UBI.**

Ai sim?! Ok... Mas agora a coloração que lhe deram está melhor do que a primeira.

**Na sua opinião, o que é que, atualmente, melhor representa a cidade da Covilhã, tanto em Portugal, como no estrangeiro? Por outras palavras, qual é símbolo atual da cidade?**

Em 2019 eu acho que o nosso símbolo ainda continua a ser a natureza, a paisagem da serra. A Serra da Estrela é o cartaz que mais vende aqui. Este está-se a impor e ajuda...ajuda.

**Considera que a arte urbana da Covilhã (ou seja, o WOOL) é uma forte candidata para, num futuro próximo, vir a ser o símbolo da Covilhã?**

Hm... poderá ser um dos símbolos. Não digo um símbolo. A Covilhã é um conjunto de símbolos. Vive disto, deste festival agora, da nossa natureza e também do nosso património industrial que existe. Que é um património nosso e que muito está adaptado agora e que também está aí para ser visto.

**Considera que o centro histórico ganhou mais vida e/ou está mais desenvolvido desde que surgiram os murais de arte urbana do WOOL?**

Ah, sem dúvida. Sem dúvida, sem dúvida! Tem mais pessoas, está lentamente a atrair um pequeno comércio para as ruas, portanto... Hoje é mais movimentado sobretudo gente nova e turistas, vê-se muito turistas, sobretudo brasileiros e espanhóis. Já me aconteceu várias vezes perguntarem-me pelos murais, como eu passo ali todos os dias, *pra cima e pra baixo*, as pessoas procuram e eu vou dando indicações, sobretudo estrangeiras. Perguntam onde é que poderá ainda haver mais murais. Às vezes não vêm com os mapas e andam ali... Hoje há muita tendência para as pessoas fazerem um *self tourism* e então não sabem bem onde é que estão as coisas, como as ruas são estreitas eu vou indicando: "olhe tem aqui, ali na rua das Portas do Sol, ao pé da nossa Assembleia Municipal...", pronto e vou mostrando as várias que há por ali. Na rua do Jornal de Notícias da Covilhã, também lá está um em cima...

**Recomendaria a qualquer pessoa fazer a rota de arte urbana do WOOL?**

Sim, sim. A qualquer pessoa. Recomendo e há hoje já várias pessoas... aliás os próprios promotores deste festival têm esse circuito feito e fazem essa demonstração e agora há vários agentes turísticos novos que agora têm até uma motorizada, um *tuk tuk*, um senhor que vai também fazer os passeios por aí para mostrar, porque é um carro pequenino passa pelas ruas estreitas... tem essa facilidade.

**Já alguma vez pintou uma parede pública com latas de *spray* ou outro tipo de material artístico?**

Não, não... Quando era novo colava era cartazes, agora... (gargalhadas) Nas campanhas políticas muitos cartazes andei eu a colar! (risos)

**Gostava de experimentar pintar um mural se existisse uma atividade relacionada com a arte urbana, por exemplo, um workshop aberto à comunidade?**

Sim, tinha curiosidade. Até porque eu como covilhanense que sou gosto de saber o que se passa na minha cidade e encontrar explicação para as coisas acontecerem.

**Conhece o projeto LATA 65?**

Sim, tem a ver também com o Festival WOOL, não é com as dimensões que tem, mas... é para idosos. Aliás Até lhe posso dizer que sou presidente de uma associação, uma IPSS, da mesa da assembleia que é a Mutualista Covilhanense onde está um mural que foi pintado pelos nossos idosos e que já correu o mundo todo pelas revistas!

#### 14) Jaime Rendeiro, 30 anos, Covilhã – 7 de junho de 2019

**Já conhecias o WOOL – Festival de Arte Urbana da Covilhã, a organização que é responsável por estes murais na cidade desde 2011?**

Sim, desde a primeira edição.

**Tendo em conta todos esses murais, sentes orgulho no trabalho que o WOOL tem desempenhado?**

Sim e para além de ser um apreciador tenho muito orgulho que a minha cidade, apesar de ser tão pequenina, tenha um espólio tão grande de arte urbana que são autênticas galerias a céu aberto e que permitem aos visitantes e aos locais, todos os anos, apreciarem cada vez mais arte, cada vez mais movimentos artísticos e coisas muito diferentes que de outra forma não se veriam numa cidade tão pequenina e tão longe dos grandes centros.

**Então, estás satisfeito com o “novo” aspeto visual da Covilhã?**

Sim... O WOOL começou se calhar até de forma um bocadinho... receosa, por parte da população, não é?!, quando se começaram a pintar grandes murais em edifícios devolutos, mas a verdade é que aproveitaram o pior que a Covilhã tinha para mostrar o melhor que foi dar uma nova imagem a locais e a sítios que estavam completamente degradados e esquecidos.

**Achas que a cidade, devido à existência das pinturas, está mais divertida, menos degradada, mais convidativa, mais interessante?**

Sim, até porque se virmos o WOOL em perspetiva percebemos que inicialmente todas as intervenções eram feitas em sítios muito escondidos em prédios degradados e neste momento já conseguiram convencer alguns proprietários, inclusivamente a intervencionar casas que estavam pintadas e que não estavam com mau aspeto, digamos...

**E que até estão em zonas mais descobertas...**

Sim, exatamente, em zonas mais expostas e deram uma nova vida a muros brancos que basicamente era o que havia e neste momento em sítios de muita exposição, com casas novas, inclusivamente os proprietários a aceitarem participar no projeto.

**Desde que estes murais existem na cidade, influenciaram de alguma forma a tua vida ou a tua rotina do dia-a-dia de alguma maneira?**

Já aconteceu ir a um sítio e passar propositadamente pelos murais... Não muitas vezes, mas já. Mas na minha vida, sobretudo profissional, eu trabalho muito com turistas, acaba por serem pontos de interesse obrigatórios para eu passar com clientes ou mesmo para servirem como referência, porque para além de terem posto a cidade mais bonita, o centro histórico, é também uma excelente forma de se descobrir esta parte da cidade. Porque acabas por poder fazer não só um passeio pelo centro histórico...que obviamente como o nome diz, tem toda a história e toda a parte mais antiga da cidade, mas depois temos os murais do WOOL que nos permitem fazer uma rota e descobrir não só a arte moderna, mas também os edifícios e toda a história que está inserida aqui nesta zona.

**Então, o WOOL é uma referência que tu dás a conhecer às pessoas que visitam aqui o teu espaço hoteleiro, a Casa das Muralhas.**

Sim, aliás...faço questão! Até porque nós estamos inseridos...a Casa das Muralhas está inserida na rota, temos aqui dois murais fantásticos mesmo ao pé e, portanto, acaba por ser sempre uma sugestão que nós fazemos às pessoas para virem descobrir a cidade, seguirem a rota de arte urbana e descobrirem tudo o resto.

**Na tua opinião, em que aspeto o WOOL mais valoriza a cidade da Covilhã? No fundo, qual é o acrescento que acha que o WOOL dá à cidade?**

Pois... Eu acho que há dois pontos que são fundamentais: a valorização turística da cidade e também, sem dúvida nenhuma, a promoção da cultura que a Covilhã para quem a conhece e para quem cá vive foi uma cidade, durante muitos anos, esteve de costas voltadas para a cultura, onde havia muito pouca coisa para se fazer e para se ver e, neste momento, o WOOL acho que foi uma lufada de ar fresco que não só marca a cidade, mas também serviu de ponto de partida para que muitas outras pessoas tivessem algum tipo de iniciativas ligadas à arte e à cultura.

**Dá-te mais prazer viver na Covilhã desde que estas pinturas existem?**

Sim, *epá*... Dizer que tenho mais prazer em viver na Covilhã devido ao WOOL acho que era um bocadinho redutor, agora que tenho consciência que é um movimento artístico ou um festival, como lhe queiramos chamar, que valorizou a cidade, que abriu novos horizontes e formatou mentalidades que não estavam predispostas, não estavam elucidadas para a mais valia que este tipo de murais trazem...sim. Gosto do WOOL e acho que o WOOL é um projeto que deve continuar e aquilo que nós pudermos, individualmente e enquanto empresário, terei sempre todo o gosto em apoiar, porque sei que é uma valorização da cidade.

**Vocês, Casa das Muralhas, são parceiros do WOOL?**

Sim, somos parceiros.

**Como é que aconteceu essa parceria e como é que tem sido trabalhar com o WOOL?**

Eu acho que a parceria surgiu de forma natural, porque nos últimos anos, não é que eu tenha participado de forma muito ativa, mas naquilo que pude ajudar, às vezes nem que seja só a divulgar, tenho enquanto...a nível pessoal e a nível profissional, tenho tentado divulgar o WOOL, tenho muito orgulho em como a cidade se mostra. A parceria é ótima, porque como já disse há pouco tenho sempre muitos turistas a virem para aqui e quanto mais bonita a cidade estiver e com mais pontos de interesse para visitar, melhor será *pra* mim. Enquanto a nossa parceria com o WOOL, neste momento é fornecermos algumas refeições aos artistas e à organização e fazemos toda a divulgação junto das pessoas que nos visitam.

**Consideras este tipo de imagens que vês nas paredes, arte ou vandalismo?**

Para mim são expressões artísticas... é...é arte. Ponto. Eu sou natural do Barreiro, é uma zona onde sempre houve muito este tipo de arte e vi murais muito diferentes destes que estão agora e passei também por aquela fase de ver as coisas todas grafitadas com os *tags*, que é uma expressão de arte que eu não aprecio, haverá quem aprecie... Agora eu acho que há espaço para que haja até outras intervenções, não só através da WOOL, mas com outros artistas, mas que tal como qualquer outra intervenção artística deve ser ponderada e não deve ser feita sem nenhum critério. Acho que pode haver mais *graffitis*, pode haver mais murais, desde que as coisas sejam pensadas e que tenham um propósito que é o que os murais do WOOL têm.

**Achas que a Covilhã é uma bela tela de arte que toda a gente deveria ver e conhecer?**

Acho que sim, acho que é a cidade mais colorida do interior neste momento e pronto, temos aqui a Serra da Estrela e cada vez mais o WOOL assume-se como um ponto de interesse e tenho turistas inclusivamente que já vieram cá propositadamente para ver as obras!

**Na tua opinião, o que é que, atualmente, melhor representa a cidade da Covilhã, tanto em Portugal, como no estrangeiro? Por outras palavras, qual é símbolo atual da cidade?**

É assim... Nós estamos numa região privilegiada, não é? Porque estamos perto do ponto mais alto de Portugal, o único sítio onde existe neve de forma permanente durante os meses de inverno e acho que a nossa proximidade à serra será sempre uma mais valia e será sempre o nosso principal ponto de visita. Agora, o WOOL como elemento diferenciador de todas as cidades que estão à nossa volta, que estão todas nesta região turística, acho que o WOOL é a marca que mais força tem e que melhor promove a cidade e que mais longe leva o nome da Covilhã. Disso não tenho dúvidas absolutamente nenhuma, porque são vários os artistas e jornalistas que vêm à Covilhã única e exclusivamente para apreciar as artes e depois sim descobrem a Serra da Estrela. Mas neste momento continuo a achar que a nossa proximidade ao Parque Natural é o nosso principal cartão de visita.

**Considerarias que o WOOL e a Serra da Estrela estão de mãos dadas na representação da Covilhã?**

Sim, sim, acho que neste momento são dois dos fatores diferenciadores que nós temos quando se está a falar de uma outra cidade do interior, é a nossa proximidade à serra e tudo aquilo que há *pra* ver neste momento que valoriza... Quando nós decidimos ir *pra* um determinado local não vamos só *pra* dormir, não é? Vamos *pra* viver, *pra* ver coisas que normalmente não existem nas nossas cidades e a Covilhã neste momento tem esta grande valia que é estar repleta de arte!

**Concordas que as mensagens e os significados que estas pinturas transmitem são importantes para preservar a memória da Covilhã e os seus valores?**

Sim, apesar de haver diferentes mensagens e não estarmos sempre a falar de um determinado tema, não é... Temos coisas que nos remetem *pra* música, outras que nos remetem *pra* vegetação local, outras que nos remetem *pra* pessoas da Covilhã... Mas acho que são uma excelente forma de preservarmos, uma forma um pouco efémera, porque os murais não duram para sempre, mas... Mas sim, sem dúvida que são uma excelente forma até de despoletar às vezes curiosidade sobre determinado tema que nós nunca pensámos e nunca nos... não estava "à nossa frente" e quando olhamos para aquilo pensamos "epá, mas isto está aqui porquê?" e depois quando tentamos perceber qual foi a ideia por detrás daquela intervenção, ok, começamos a conseguir juntar a região, as pessoas e conseguimos tirar uma relação mais global da Covilhã e da região.

**Consideras que o centro histórico, local onde até está localizado o seu negócio, a Casa das Muralhas, ganhou mais vida e/ou está mais desenvolvido desde que surgiram os murais de arte urbana do WOOL?**

Não tenho dúvidas nenhuma! Apesar de estarmos no centro histórico, estamos numa das partes mais altas da cidade e são inúmeras as pessoas que descobrem as nossas instalações porque vêm seguir a rota da arte urbana e se deparam depois com o nosso espaço e acabam por entrar. Portanto *pra* mim, enquanto empresário, o WOOL e tudo aquilo que ele traz são uma mais valia para o meu negócio e não só, também *pra* outros, porque vemos que a cidade apesar de todos os problemas que existem nos centros históricos, por exemplo, como a falta de estacionamento, a Covilhã é uma cidade com muitos altos e baixos e às vezes não é convidativo *pra* se fazerem passeios, mas quando as pessoas vão distraídas e vão ver os murais acabam até por se esquecer dos problemas que existem aqui.

**Recomendarias a qualquer pessoa fazer a rota de arte urbana do WOOL?**

A não ser que a pessoa tenha uma limitação física enorme, com muitas dificuldades de mobilidade e mesmo assim consegue-se ver a maior parte deles de carro, é uma excelente forma de descobrir a cidade e acho que acessível para 90% da população, portanto é uma das coisas que eu recomendo sempre.

**Já alguma vez pintaste uma parede pública com latas de *spray* ou outro tipo de material artístico?**

Não, *pá*... Por acaso não. Infelizmente eu não tenho uma veia artística muito apurada e sempre gostei muito de ver. Mas lá está, como eu te digo, é arte, é preciso ter algum conhecimento e *pra* fazer uma intervenção sem critério prefiro *tar* quieto e ver, quem sabe, a fazer as coisas e eu mais tarde poder apreciar, do que um dia passar pela parede e olhar e dizer "*epá*, fui eu que fiz esta porcaria...". (risos)

**Gostavas de experimentar pintar um mural se existisse uma atividade relacionada com a arte urbana, por exemplo, um workshop aberto à comunidade?**

Sim, como forma de curiosidade e também lá está se houver critério de um dia poder passar e dizer "ok fiz isto e é uma coisa bonita!", é mais por aí... e sentir-me parte integrante, apesar de sentir que enquanto covilhanense que sou, gosto de me identificar com o projeto apesar de não estar diretamente ligado a ele, a não ser uma forma de apoio, tento sempre promover e, portanto, claro... Se houver assim oportunidade de fazer uma coisa de forma muito criteriosa, terei todo o gosto em participar e ajudar a colorir ainda mais as paredes desta cidade.

**Conheces o projeto LATA 65?**

Conheço, sim.

15) Carlos Andrade, 28 anos, Covilhã – 7 de junho de 2019

**Já conhecias o WOOL – Festival de Arte Urbana da Covilhã, a organização que é responsável por estes murais na cidade desde 2011?**

Sim, já conheço há muito tempo desde que eles começaram. Não desde o início, mas aí há cerca de quatro, cinco anos, foi quando comecei a ouvir falar deles e sigo sempre o trabalho deles todos os anos.

**Tendo em conta todos esses murais, sentes orgulho no trabalho que o WOOL tem desempenhado?**

Sim, é um trabalho de perseverança, é um trabalho de luta, tendo em conta os problemas que eles têm inerentes ao projeto, desde os apoios financeiros e tudo... Acho que eles têm feito um trabalho ótimo a esse nível, porque realmente sem apoios não é fácil e eu sei que o município, principalmente o município dá muito pouco apoio ao WOOL e o trabalho que eles fazem é realmente de louvar.

**Então, estás satisfeito com o “novo” aspeto visual da Covilhã?**

Sim, acho que é uma nova imagem para a Covilhã, mudar um bocadinho aquilo que... A Covilhã viveu sempre muito no passado, sempre muito naquilo que eram os lanifícios, mas também nem tudo foi bom nos lanifícios. Os lanifícios eram meia dúzia de pessoas que tinham todo um monopólio e houve muitas pessoas a passar fome nessa altura, por isso não nos podemos só vangloriar dos lanifícios, porque os lanifícios também têm o seu lado negativo e acho que temos que mudar um bocadinho o paradigma daquilo que é a cidade da Covilhã.

**Achas que a cidade, devido à existência das pinturas, está mais divertida, menos degradada, mais convidativa, mais interessante?**

Sim, claro e acho que os privados na Covilhã, não se “aproveitaram”, mas acho que uniram-se ao WOOL, sem dúvida, e criaram parcerias muito giras, desde os hotéis na Covilhã até a restaurantes e todas as unidades hoteleiras acabaram por se juntar ao WOOL e identificaram o WOOL como um projeto do futuro.

**Na tua opinião, em que aspeto o WOOL mais valoriza a cidade da Covilhã? No fundo, qual é o acrescento que o WOOL dá à cidade?**

Acima de tudo valoriza a cultura, não só a nível regional que é a Covilhã, mas também a nível nacional, valoriza bastante a Covilhã e isso sem dúvida que tem sido um dos grandes impulsionadores do turismo na Covilhã, não só o WOOL, mas todos os projetos que foram crescendo na Covilhã e apoiaram o WOOL. De certa forma, o WOOL também apoia os novos projetos numa forma de parceria e isso é extremamente benéfico.

**Qual é a principal diferença que sentes na Covilhã?**

Há muito mais pessoas... Sem dúvida. Muito mais pessoas.

**Desde que estes murais existem na cidade, influenciaram de alguma forma a tua vida ou a tua rotina do dia-a-dia de alguma maneira?**

Sim, nem que seja dar um passeio pelos murais. Acho que agora toda a gente faz um bocadinho isso, toda a gente que gosta do WOOL e que gosta de arte e cultura apoiam o WOOL e... não é mudar a minha rotina completa, mas saio de casa para ir às “Conversas” do WOOL, para ir ver as obras, para participar nos eventos deles... Acho que é completamente normal.

**Dá-te mais prazer viver na Covilhã desde que estas pinturas existem?**

Sim, é diferente porque vemos outro tipo de pessoas, vemos artistas que se calhar noutra cidade não veríamos. Gosto muito da Covilhã pela natureza, foi esta a cidade que escolhi para viver, mas é óbvio que o WOOL é um acrescento extremamente positivo à nossa vida aqui na Serra da Estrela e na Covilhã.

**Consideras este tipo de imagens que vês nas paredes, arte ou vandalismo?**

Arte, sem dúvida. Mesmo comparando com os *tags* e o *graffiti*... acho que tudo é arte. Eu até gostava de ver um bocadinho de *graffiti* na Covilhã, sem ser o WOOL. É óbvio que toda a gente... é incomodativo para algumas pessoas o *graffiti*, mas eu acho o *graffiti* uma forma de arte e gostava de ver na Covilhã também algum *graffiti*, fora do WOOL, acho que não há problema nenhum. A arte é muito subjetiva, mas estes murais em específico sem dúvida que... é algo controlado, feito com algum intuito, não é só feito por fazer e todas as obras do WOOL realmente têm um conceito por trás.

**Concordas que as mensagens e os significados que estas pinturas transmitem são importantes para preservar a memória da Covilhã e os seus valores?**

Eu acho que acima de tudo está a valorizar o futuro da Covilhã e não aquilo que se viveu no passado, porque realmente este tipo de iniciativas têm a ver com o futuro da Covilhã e não com aquilo que aconteceu anteriormente, acho que como eu disse anteriormente, os lanifícios foram bons *pra* Covilhã, mas também tiveram uma parte muito negativa... Mas eu acho que acima de tudo já vai muito além da história da Covilhã, porque nós não podemos viver no passado, temos que viver no presente e no futuro e acho que o WOOL é o presente e é o futuro e não o passado.

**Na tua opinião, o que é que, atualmente, melhor representa a cidade da Covilhã, tanto em Portugal, como no estrangeiro? Por outras palavras, qual é símbolo atual da cidade?**

É sem dúvida o turismo. Infelizmente a Serra da Estrela, a marca em si "Serra da Estrela" foi completamente banalizada e esquecida por parte da autarquia e das autarquias em si, agora o Turismo do Centro voltou a aproveitar algumas coisas e acho que uma das grandes marcas que existe na Covilhã é realmente o WOOL... é realmente o WOOL. E também o que os privados têm feito na Covilhã. A autarquia em si tem visto um bocadinho o crescimento da Covilhã a partir dos apoios dos privados e não da autarquia. Acho que os privados e o WOOL são realmente as grandes marcas da Covilhã. Sem dúvida que são eles que levam o nome da Covilhã lá *pra* fora.

**Queres exemplificar com algum desses "privados" que refere que têm tido um papel ativo no crescimento da Covilhã?**

A Casa das Muralhas, por exemplo, um projeto novo. A Taberna A Laranjinha, o WOOL, a Tentadora, o trabalho que eles desenvolvem e o próprio grupo IMB que tem o Hotel Puralã, tem o H2O Hotel... Estes, mais do que a Serra da Estrela, levam o nome da Covilhã lá *pra* fora, mais do que a própria Serra da Estrela atualmente, porque a marca Serra da Estrela, infelizmente, foi completamente banalizada e viveram muito à base do que é a neve, quando realmente nós passamos muito mais tempo sem neve do que com neve e temos que começar a trabalhar realmente sem neve, porque o futuro também vai-nos levar a ter que trabalhar sem neve.

**Então, só para perceber, na tua perspetiva o WOOL tem elevado o nome da Covilhã.**

Sim, sem dúvida, e em conversa com a Lara, que é uma das fundadoras do WOOL eles tiveram 300.000 visualizações se não estou em erro, ou 300.000 notícias no ano passado, ou seja, no país inteiro e a nível

internacional e isso para a Covilhã é ótimo. Não houve nenhuma entidade ou nenhuma outra marca que conseguisse tanta visualização como o WOOL.

**Achas que a Covilhã é uma bela tela de arte que toda a gente deveria ver e conhecer?**

Sim, sim, sem dúvida. Claro que sim.

**Carlos, estamos precisamente a conversar no alto do centro histórico. Consideras que precisamente o centro histórico ganhou mais vida e/ou está mais desenvolvido desde que surgiram os murais de arte urbana do WOOL?**

Sim, acho que foi tudo um bocadinho conjunto, desde o WOOL até, como eu disse, aos empreendimentos privados que houve, *Casa das Muralhas*, *Taberna A Laranjinha* que se conseguiu destacar... Há muito mais aposta aqui no centro histórico e o WOOL integrou-se muito bem nisso e ajudou também a que as pessoas viessem mais para o centro histórico e não tanto para a zona nova da Covilhã.

**Recomendarias a qualquer pessoa fazer a rota de arte urbana do WOOL?**

Sim, a qualquer pessoa, qualquer pessoa não, porque é preciso haver algum interesse e também se apanharmos uma pessoa idosa... Mas acho que o mais importante é eles fazerem e realmente há possibilidades, porque eu sei que eles têm rotas mais pequenas para pessoas mais idosas ou rotas *pra* crianças. Basta passar na loja A Tentadora e eles fazem toda a explicação ou de uma rota mais breve, ou de uma rota mais comprida com mais tempo...

**Já alguma vez pintaste uma parede pública com latas de *spray* ou outro tipo de material artístico?**

Já, quando era muito mais novo, mas foi numa escolha e o meu desenho foi selecionado para ser pintado numa sala de aula (risos), mas nada de *street art*...

**E agora, atualmente, gostavas de experimentar pintar um mural se existisse uma atividade relacionada com a arte urbana, por exemplo, um workshop aberto à comunidade?**

Sim, acho que era giro, claro que sim, claro que sim! Sim é interessante... Não sei se faria, mas era interessante que houvesse essa abertura ao público. Mas acho que já fizeram com o LATA 65, incluído no WOOL que era mais para os idosos e também fazem workshops nas escolas... Acho que também era interessante sim.

**E eu ia mesmo perguntar se já conheces o LATA 65, mas...**

Sim, já, já. Já conheço! (risos)

16) Gonçalo Gomes, 29 anos, Covilhã – 7 de junho de 2019

**Já conhecias o WOOL – Festival de Arte Urbana da Covilhã, a organização que é responsável por estes murais na cidade desde 2011?**

Sim, felizmente já.

**Tendo em conta todos esses murais, sentes orgulho no trabalho que o WOOL tem desempenhado?**

Sim, é um orgulho, porque para além de ver a evolução do trabalho, vê-se uma evolução na cidade.

**Então, estás satisfeito com o “novo” aspeto visual da Covilhã?**

Super, super, satisfeito. É muito bom, dá vida à cidade!

**Achas que a cidade, devido à existência das pinturas, está mais divertida, menos degradada, mais convidativa, mais interessante?**

Muito mais, aliás, acho que a própria Câmara Municipal da Covilhã deveria aproveitar um bocadinho mais deste movimento para publicitar a cidade, como turística, por assim dizer.

**Consideras que ainda há trabalho que pode ser feito por parte da Câmara Municipal da Covilhã?**

Sim, por parte da Câmara Municipal sim, não da parte do movimento, mas sim da parte da autarquia.

**Na tua opinião, em que aspeto o WOOL mais valoriza a cidade da Covilhã? No fundo, qual é o acrescento que o WOOL dá à cidade?**

Tudo... valoriza em tudo, completamente. É um movimento cultural com uma *pujança do caraças*, que para além de fazer um bocadinho de reabilitação dá a conhecer a cidade, mete a cidade não no mapa nacional, mas no mapa internacional, portanto... Acho que a todos os níveis, é muito bom para a cidade.

**Qual é a principal diferença que sentes?**

Se calhar a nível cultural e turístico. Acho que principalmente turístico, já se fala muito, já se começa a notar muito... Noto mais presença de estrangeiros, principalmente junto destes “monumentos” do WOOL, por assim dizer...

**Desde que estes murais existem na cidade, influenciaram de alguma forma a tua vida ou a tua rotina do dia-a-dia de alguma maneira?**

Sim, acho que sim... Por curiosidade já fui dar passeios pelos murais e até mesmo para me encontrar com amigos e passarmos um bom bocado, os murais acabam por ser um ponto de encontro, um ponto recreativo.

**Dá-te mais prazer viver na Covilhã desde que estas pinturas existem?**

Claro, a cidade fica muito mais gira. Claro. É assim, acho que o turismo está um bocadinho morto na cidade e isto é um dos pontos que é obrigatório falar, quando vais falar em turismo na Covilhã, não é?!

**Consideras este tipo de imagens que vês nas paredes, arte ou vandalismo?**

100% arte. Se calhar em relação ao *graffiti*, este surge assim num ato de rebeldia e afirmação de um adolescente ou dois, ou de um grupo de adolescentes. Enquanto que se calhar *este movimento* [o WOOL]

transmite um bocadinho mais, transmite uma história, transmite uma crítica à sociedade, uma maneira de estar, ser, pensar... Transmite algo. É arte, por assim dizer.

**Achas que a Covilhã é uma bela tela de arte que toda a gente deveria ver e conhecer?**

Completamente. Cada vez mais. E venha mais WOOL!

**Concordas que as mensagens e os significados que estas pinturas transmitem são importantes para preservar a memória da Covilhã e os seus valores?**

Sim, completamente. O WOOL capta a essência daquilo que a cidade é e do que já foi e começa a dar a essência um bocadinho do que será a cidade, é bom..., porque começa-nos a dar indicações um bocadinho do que será o futuro, mete-nos um bocadinho no futuro e ao mesmo tempo transporta-nos para aquilo que foi o nosso passado rico e é muito bom.

**Na tua opinião, o que é que, atualmente, melhor representa a cidade da Covilhã, tanto em Portugal, como no estrangeiro? Por outras palavras, qual é símbolo atual da cidade?**

A nível do WOOL, o mocho! A nível de cidade...o WOOL, sim. Mas não é a única que representa a cidade. Também é, a nível internacional também. Não só, mas também. *Epá*, eu *tou* ligado um bocadinho ao mundo da música e, pronto, faço parte da Associação Cultural da Beira Interior e a nível internacional também tem uma expressão muito grande noutra área, que é a área da música clássica, mas também tem uma expressão muito grande. Também tem reconhecimento lá fora. E a indústria têxtil um bocadinho ainda...conhecida como a antiga "Manchester Portuguesa", mas pronto temos aqui o pormenor de "antiga" e não "atual" Manchester Portuguesa, mas ainda a indústria têxtil ainda nos diz muito. Mas numa componente artística, por assim dizer, acho que é o WOOL e a música e a cultura que começa finalmente a emergir.

**Consideras que o centro histórico ganhou mais vida e/ou está mais desenvolvido desde que surgiram os murais de arte urbana do WOOL?**

Está, está, o WOOL acho que começa a abrir um bocadinho portas para algo que se pode tornar muito interessante. Eu vejo um bocadinho o centro histórico da Covilhã como um centro de oportunidades. Eu acho que o WOOL foi a primeira...chamemos-lhe "pessoa", a reparar nisso, que há ali muito potencial, muita coisa que pode ser recuperada, requalificada e tornar ali um *boom*, um centro espetacular. Eu costumo dizer...*pra* mim, a parte de trás da Câmara, o centro histórico da Covilhã devia ser algo de uma LX Factory (em Lisboa), um centro de artes, um centro de cultura, um centro de bares, de...respirar cultura. Porque nós estamos numa cidade, aliás, estamos na cidade que tem mais associações por metro quadrado e é triste ver que isso não é aproveitado...

**Qual é a principal diferença que sentes no centro histórico?**

Comércio e pessoas, porque acho que o movimento acaba por chamar as pessoas, que acaba por gerar oportunidades de negócio e acaba por ser aqui um circuito autossustentável.

**Achas que as pessoas e os privados estão a perder o medo de ir para o centro histórico?**

Eu acho que não é perder o medo, se calhar é abrir os olhos. E despertar para uma nova realidade.

**Recomendarias a qualquer pessoa fazer a rota de arte urbana do WOOL?**

Claro, porque além dos murais que estão colocados, acho que estão colocados estrategicamente, contam um pedaço da história da Covilhã. Por exemplo, ao lado deste mural aqui temos esta igreja que teve um

papel enormíssimo na Covilhã, estamos no centro da Covilhã... Há sempre uma componente histórica que se pode ligar além desta componente cultural. As pessoas, ao fazerem o roteiro, acabam por conhecer sempre a Covilhã e o seu património cultural.

**Já alguma vez pintaste uma parede pública com latas de *spray* ou outro tipo de material artístico?**

Sim, já, já. (risos)

**Qual foi a sensação?**

Na altura não tinha idade para sentir ou para configurar o que era aquilo... (risos) Era o que eu estava a dizer há pouco quando falámos na diferença entre um *graffiti* e a cultura em si. Pronto, se calhar na altura foi um pouco como uma afirmação dentro de um grupo ou fazer parte de um grupo, então não pude sentir grande coisa.

**Gostavas de experimentar pintar um mural se existisse uma atividade relacionada com a arte urbana, por exemplo, um workshop aberto à comunidade?**

Sim, sem problema algum.

**Conheces o projeto LATA 65?**

Sim, conheço.

17) Simão Mota, 27 anos, Covilhã – 7 de junho de 2019

**Já conhecia o WOOL – Festival de Arte Urbana da Covilhã, a organização que é responsável por estes murais na cidade desde 2011?**

Sim, já conhecia, sim senhora.

**Tendo em conta todos esses murais, sentes orgulho no trabalho que o WOOL tem desempenhado?**  
Muito, muito. Melhora muito a cidade. Acho que a nível turístico e a nível criativo para a cidade que é... é muito bom. Acho que é uma inovação muito grande.

**Então, estás satisfeito com o "novo" aspeto visual da Covilhã?**

É assim, estou muito satisfeito.

**Achas que a cidade, devido à existência das pinturas, está mais divertida, menos degradada, mais convidativa, mais interessante?**

Está, está muito melhor. Imagina, uma cidade antiga como esta... Chegas aqui e consegues ter vida em prédios antigos. Acho que as pinturas e as obras que fazem do WOOL melhoram imenso o centro da cidade. Porquê? Dá mais vida, chama muito mais pessoas, principalmente quando tens uma rota de arte urbana na Covilhã.

**Na tua opinião, em que aspeto o WOOL mais valoriza a cidade da Covilhã? No fundo, qual é o acrescento que o WOOL dá à cidade?**

Cultural, cultural! Turística, a nível máximo. Estamos numa parte de Portugal que por si só já é muito turística, mas teres projetos destes numa cidade, a meu ver, ajuda imenso. Tanto que este ano estiveram os *tuk tuk* a fazer visitas guiadas. A única vez que vi um *tuk tuk* aqui na zona foi em Belmonte, só. Na Covilhã foi a primeira vez que vi. Tu notas a nível, por exemplo, de redes sociais a falarem muito na Covilhã. Vês imensos *posts* do género "Pessoal, isto na Covilhã. Temos que ir à Covilhã ver isto". Há uma espécie de marketing "social" que se desenvolve à volta do WOOL. Há muitas notícias sobre a Covilhã... *bué* mesmo.

**Desde que estes murais existem na cidade, influenciaram de alguma forma a tua vida ou a tua rotina do dia-a-dia de alguma maneira?**

É assim, como designer já me influenciaram muito. Um designer "apanha" o que vê e utiliza o que vê nos seus projetos. Mas sendo da Covilhã... já é um hábito, sei que aquilo está ali. Antes de existir o WOOL eu já passava nessas ruas. Mas já aconteceu ir com os meus amigos ir para as escadas do castelo conviver, ao lado do mural dos HALFSTUDIO, que antes se calhar não ia.

**Dá-te mais prazer viver na Covilhã desde que estas pinturas existem?**

A mim dá-me sempre prazer viver na Covilhã. É verdade.

**Consideras este tipo de imagens que vê nas paredes, arte ou vandalismo?**

Arte, sempre. Já os *tags*, *pra* mim, por exemplo... isso para mim não é arte. Eu acho que isso é mais uma assinatura de *pessoal* que não consegue fazer arte, muito sinceramente. De *graffitis* já gosto, mas depende do *graffiti*. Se fizerem um *graffiti* a dizer "olá", *epá*... não. Mas se fizerem uma coisa em condições, com uma mensagem... bem feito, sim. Já gosto.

**Achas que a Covilhã é uma bela tela de arte que toda a gente deveria ver e conhecer?**

É, sim. Sem dúvida nenhuma.

**Concordas que as mensagens e os significados que estas pinturas transmitem são importantes para preservar a memória da Covilhã e os seus valores?**

É assim, eu acho que a Covilhã tem uma memória que não foi preservada e acho que o WOOL está a trazer uma coisa que a gente não tem. Há muitos sítios na Covilhã que estão completamente ao abandono e o WOOL vem e faz daquilo, de sítios abandonados a sítios que as pessoas querem visitar. Apesar de estarem abandonados, apesar de serem muros a cair... não interessa, é um sítio que uma pessoa passa lá e diz "wow!".

**Na tua opinião, o que é que, atualmente, melhor representa a cidade da Covilhã, tanto em Portugal, como no estrangeiro? Por outras palavras, qual é símbolo atual da cidade?**

Muito sinceramente, a Serra da Estrela. A Câmara Municipal da Covilhã não "puxa" muito para a Covilhã. A Câmara não puxa *pra* Covilhã, de forma geral. A Câmara da Covilhã... eu vou tentar justificar. Ainda hoje estava a andar de carro e sendo covilhanense, passo nas estradas de carro e parece que estou bêbado (risos). É verdade. Eu estou constantemente a desviar-me de buracos em ruas principais que nem deviam ser assim. Quando chega a altura das eleições é quando fazem tudo, mas depois ninguém faz nada. E o WOOL traz... é das poucas coisas que na Covilhã estão bem feitas. Porque de resto não se passa aqui mais nada, tirando a vida universitária, é claro. Uma pessoa vai *pra* Covilhã o que é que vai ver? A serra... vai à Covilhã, come num sítio bom e faz a rota de arte urbana do WOOL. Acho que arte urbana na Covilhã, foi, aos poucos e poucos... foram fazendo e neste momento já existem muitas obras na Covilhã e acho que isso influencia muito nas redes sociais principalmente. Pões uma imagem de uma obra no WOOL e enchem-te de comentários a perguntar onde é. Além disso, é facilmente partilhável, muito mesmo.

**Consideras que o centro histórico ganhou mais vida e/ou está mais desenvolvido desde que surgiram os murais de arte urbana do WOOL?**

Eu acho que nesta cidade as pessoas não gostam de desenvolver onde deviam, porque há muitos anos aqui as pessoas pensaram que a parte central da cidade é lá *pra* baixo, e não é... é cá em cima! Sempre foi e sempre vai ser. E a partir do momento em que o WOOL começou a fazer obras de arte cá em cima, tive pessoas a dizer-me "olha, vou morar para a casa ao pé do mocho". A nível imobiliário influenciou muito, muito, muito. A partir do momento em que tenho pessoas a dizer-me isso "vou fazer isto e vou fazer aquilo para ao pé daquela pintura"... ficam pontos de referência. A nível de comércio não acho muita diferença. Mas também não procuro muito por isso. Mas de uma forma geral ganhou muito mais vida.

**Recomendarias a qualquer pessoa fazer a rota de arte urbana do WOOL?**

A toda a gente. Como designer, acho que a arte é uma coisa que toda a gente devia ver. Nem toda a gente consegue entender, nem toda a gente consegue compreender, mas acho que é uma coisa que toda a gente devia visitar.

**Já alguma vez pintaste uma parede pública com latas de *spray* ou outro tipo de material artístico?**

Já.

**Qual foi a sensação?**

Gostei muito, mas não nasci *pra* isso, resumindo e concluindo.

**Gostavas de experimentar pintar um mural se existisse uma atividade relacionada com a arte urbana, por exemplo, um workshop aberto à comunidade?**

Gostava milhões, sem dúvida alguma. Acho que o pessoal do WOOL é... qualquer coisa que ninguém pode rejeitar. Para quem gosta de arte principalmente, ninguém pode rejeitar trabalhar com eles.

**Conheces o projeto LATA 65?**

Conheço, ainda há pouco estava a falar nisso que está o muro deles ali mesmo em cima.

## 18) Francisco Geraldês<sup>19</sup>, 78 anos, Covilhã – 8 de junho de 2019

Trabalhei em arquitetura desde os 19 anos, era desenhador de arquitetura, depois passei a ter o meu próprio gabinete de arquitetura, em que ultrapassei os 500 projetos feitos por mim. Fiz mais de 100.000 horas a desenhar e a projetar. Agora dou colaboração aos meus filhos lá no atelier, dedico-me à arqueologia, à história, à pintura, gosto de fotografia... E isto realmente da arte urbana é interessante, porque se faz a reparação de algumas paredes que estão danificadas que depois de restauradas, neste tipo de arte, valoriza os locais, uma rua onde esteja uma pintura dessas, e se dá a possibilidade ao artista de fazer a sua própria criação, uma pessoa tem a sua própria imaginação e a sua própria criatividade e valoriza naturalmente zonas que estão degradadas, em que se uma pessoa olhar para um painel desses, para uma pintura dessas, acaba às vezes por se abstrair daquilo que não tem interesse. Aquilo foca as pessoas. Quase que são obrigadas a olhar para aquilo. Claro que depois cada um tem a sua interpretação. Está a ver aquela janela manuelina que fizeram lá ao pé do meu atelier? Quem olhar para aquilo vê realmente uma silhueta, ao início não se via bem que era uma janela manuelina, tinha alguns elementos, mas realmente a artista, neste caso é *uma artista*, realmente pôs ali a sua criatividade, fez ali uma alegoria à volta daquele tema... pronto, é de salutar realmente este tipo de atividade.

### **Já conhecia o WOOL – Festival de Arte Urbana da Covilhã, a organização que é responsável por estes murais na cidade desde 2011?**

Sabia que estes murais existiam, mas não, não sabia que havia uma organização, que pertenciam a uma organização.

### **Mesmo os murais que existem no centro histórico, pertencem ao WOOL.**

Sim, a parte da escultura do BORDALO II também pertence?

**Sim, também.**

Mas isso é extraordinário... Isso é das coisas mais bem feitas. O que é que isso significa, essa palavra?

### **WOOL significa "lã" em inglês.**

Pois... sim senhora. Conheço-os praticamente todos.

### **Tendo em conta todos esses murais, sente orgulho no trabalho que o WOOL tem desempenhado?**

É, eu acho que sim. Tem impacto...tem impacto. Isso valoriza o artista e o grupo todo que faz parte disso. Gosto naturalmente de ver. Se eu sou sensível à arte, porque também pintava, naturalmente sou sensível a isso. Cada um tem a sua forma de ver as coisas. É uma forma de exteriorizar a sensibilidade artística.

### **Então, está satisfeito com o "novo" aspeto visual da Covilhã?**

---

<sup>19</sup> Esta foi uma entrevista que me deu muito prazer de realizar. O senhor Francisco Geraldês foi a pessoa de que falei no Diário de Bordo, respetivamente no dia 8 de junho (sábado). Conheci-o no início do festival WOOL 2019 junto ao mural da KRUELLA D'ENFER e bastaram três segundos de conversa para me convidar a visitar o seu atelier e a sua casa, tal foi o encanto do Sr. Francisco Geraldês ao saber que eu estava a desenvolver um estudo sobre a arte urbana da Covilhã. É numa divisão especial da sua casa que guarda a maior parte das suas relíquias e trabalhos que fez ao longo da vida relacionados com várias vertentes artísticas. Esta entrevista foi realizada nesse espaço prodigioso. Tive o prazer de ver várias coleções, pinturas, aparelhos tecnológicos e outras antiguidades resgatadas pelo próprio. É incrível ver como o WOOL também proporciona facilmente estes momentos de convívio e proximidade entre os elementos da população. Como se pode notar, a entrevista ainda não tinha começado, mas o Sr. Francisco Geraldês imediatamente começou a falar do WOOL.

Sim, vai aumentando. É uma bola de neve, não é?! Vai aumentando. É preciso é ir aumentando com criatividade e consistência. Acho que isso é bom. E trazer sempre novos artistas.

**Acha que a cidade, devido à existência das pinturas, está mais divertida, menos degradada, mais convidativa, mais interessante?**

Qualquer uma cidade com estas intervenções, valoriza-se.

**Na sua opinião, em que aspeto o WOOL mais valoriza a cidade da Covilhã? No fundo, qual é o acrescento que acha que o WOOL dá à cidade?**

A nível cultural e turístico, exatamente por causa da arte. A arte é cultura. Eu vi já variadíssimos turistas dos mais diversos países que passam pela Covilhã a fotografar, às vezes grupos, a fazer uma espécie de uma visita guiada... Isso é bom.

**Qual é a principal diferença que sente?**

Movimento... A Covilhã por causa da Serra da Estrela é muito visitada e claro, não ando sempre atento a saber se... Já é costume ver grupos que vêm em autocarros e por vezes vejo-os pelas ruas a fotografar, tanto jovens como menos jovens.

**Dá-lhe mais prazer viver na Covilhã desde que estas pinturas existem?**

Gosto da Covilhã de qualquer maneira, até porque eu nasci mesmo dentro das muralhas do castelo da Covilhã. E lá ao pé da rua onde eu nasci há lá vários. Valoriza sempre. A arte ajuda sempre a gostar de viver num sítio.

**Desde que estes murais existem na cidade, influenciaram de alguma forma a sua vida ou a sua rotina do dia-a-dia de alguma maneira?**

Penso que não influenciaram a minha vida ou o meu dia-a-dia. Gosto deste tipo de arte e aprecio bastante, dou alguns passeios para os ver, até mesmo quando o festival está a acontecer, mas influenciar... Acho que são boas iniciativas.

**Considera este tipo de imagens que vê nas paredes, arte ou vandalismo?**

Arte. Isto é diferente do *graffiti*. Isso *pra* mim é vandalismo. Os indivíduos que andam a pintar as paredes só por pintar é...agressivo. Naturalmente toda a gente deve reprovar isso, não é? Isto é diferente. É uma coisa organizada, com carácter cultural e artístico. Nem há comparação, não vale a pena.

**Sabia que no mural onde nos conhecemos, da KRUELLA D'ENFER, ouvi comentários negativos?**

Pois, está bem... Nunca ouvi nada disso, mas ouça, isso é mediocridade. É falta de sensibilidade artística e cultural. A Câmara Municipal está a apoiar isto, acho muito bem. Leva 20 valores. 20 em 20.

**Acha que a Covilhã é uma bela tela de arte que toda a gente deveria ver e conhecer?**

Sim, isto já é um conjunto muito diversificado deste tipo de arte que só valoriza. Acho que sim.

**Concorda que as mensagens e os significados que estas pinturas transmitem são importantes para preservar a memória da Covilhã e os seus valores?**

Por exemplo, lá em cima a do engenheiro Melo e Castro, que eu conheci bem o pai dele, até tenho aí um quadro a óleo do pai dele...aquilo é das coisas mais bem feitas que eu já fiz em retrato... Isso *pra* mim, uma espécie de retrato, em que olha para lá e vê quem é... Como estes que eu tenho aqui, isto já é

diferente, já tive criatividade para isto, não é bem retrato, já foge à vulgaridade daquela altura. Há 60 anos que eu fiz estes aqui e já fugia um bocadinho ao classicismo, está a ver? Isto é uma forma de realmente fazer coisas diferentes... Mas o retrato ali está bem feito. Aquilo do BORDALO II e quem fez aquele retrato do Melo e Castro das coisas mais bem feitas que já vi. Claro que há outra variante: a janela, na Rua Direita os passarinhos, alguns símbolos da cidade... Um indivíduo com meia dúzia de traços faz o retrato de uma pessoa. Por exemplo, na janela manuelina há lá vários motivos da cidade. Eu disse logo "aquilo são as bolotas", depois "aquilo são vasos que pousaram na janela manuelina", pronto... Tudo isso é da imaginação do artista.

**Na sua opinião, o que é que, atualmente, melhor representa a cidade da Covilhã, tanto em Portugal, como no estrangeiro? Por outras palavras, qual é símbolo atual da cidade?**

O nome da Covilhã está muito ligado à Serra da Estrela e aos lanifícios. *Pra* mim é a universidade. A universidade é realmente o expoente máximo da Covilhã neste momento. Isso e os lanifícios ainda daqueles que resistiram, a firma Paulo de Oliveira é realmente um dos símbolos antigos e atuais que transporta o nome da Covilhã lá *pra* fora. Como ainda a parte histórica, as figuras do Pêro da Covilhã e do Frei Heitor Pinto. O Pêro da Covilhã que foi o precursor da viagem do Vasco da Gama, que eu fiz o desenho do mapa que está no Pelourinho e que é pena que tiraram de lá o nome, é a mesma coisa que... Veja, eu fiz este trabalho e pus a minha assinatura, de 1959, mas ainda hoje andamos à procura dos autores de muitos quadros, porque não está lá o nome. E o ex-Presidente da Câmara Municipal da Covilhã Carlos Alberto Pinto mandou partir a pedra onde estava o meu nome e não fui eu que o mandei lá pôr, mas nem era pelo meu nome ser importante, é porque estava lá o nome do indivíduo que fez aquilo. Isso chama-se mediocridade, sei lá... Nem tem adjetivos. Porque inclusivamente fizeram o traçado da viagem em que uma pessoa pode ir lá e tem uma lição de história. E está lá. Este tipo de situações da arte urbana valoriza naturalmente, também leva o nome da Covilhã lá *pra* fora, naturalmente, porque vêm muitos turistas à cidade. Agora não é o único símbolo, não é nem podia ser...é um componente, faz parte. Porque realmente a Covilhã, a parte antiga é os lanifícios e ainda é através dessa fábrica. Porque se não fosse a universidade e a fábrica Paulo de Oliveira, a Covilhã seria uma pequena freguesia de Lisboa, como eu costume de dizer. A universidade dá-lhe um valor enorme. Lisboa é uma freguesia da Europa e a Covilhã é uma freguesia de Lisboa, porque é pequena. É pequena, mas é grande, muito grande, no mundo. E pela serra, onde eu tenho algumas descobertas que um dia hão de ser mostradas também. A serra tem potencialidades, mas a Covilhã também tem. Hoje é diferente, vê-se muito movimento na Covilhã pelos milhares de alunos da universidade e as famílias que vêm cá. Depois é toda essa gente que acaba por também ver aquilo que estão a fazer, a arte urbana.

**Considera que o centro histórico ganhou mais vida e/ou está mais desenvolvido desde que surgiram os murais de arte urbana do WOOL?**

O centro histórico para mim é um nome pomposo, eu gosto mais do termo "zona antiga". Mas valoriza naturalmente. Aquilo tem muito impacto. Para ver se tem mais movimento tínhamos de estar ali a fazer uma... Mas sim, agora ali há mais movimento, qualquer movimento artístico chama a atenção das pessoas.

**Recomendaria a qualquer pessoa fazer a rota de arte urbana do WOOL?**

Claro, naturalmente, a qualquer pessoa. É bom, porque através desse roteiro veem-se outras coisas. Uma coisa chama a outra. Conhece-se melhor a Covilhã, vê-se muito bem que tem impacto.

**Sr. Gerald, uma vez que já pintou e sempre foi muito multifacetado na sua veia artística, já alguma vez pintou uma parede pública com latas de *spray* ou outro tipo de material artístico?**

Não, nunca, nunca.

**Gostava de experimentar pintar um mural se existisse uma atividade relacionada com a arte urbana organizada pelo WOOL, por exemplo, um workshop aberto à comunidade?**

Talvez, talvez. Por exemplo aquele quadro *além*, não diz nada a ninguém... *Aquilo* foi um sonho que eu tive. Desenvolvi um sonho que eu tive aos 16 ou 17 anos. E transportei-o para ali, a guache. É diferente. Ou *este aqui*, que eu chamo-lhe "A Flor da Amizade", que era um gesso que havia na minha escola e eu fui a primeira pessoa lá, tanto que o professor até meu deu 18 valores na altura, que era um professor espanhol que acabou por fazer um pouco da minha biografia, era feito só assim a lápis mas o meu forte também era a cor, está a ver? Era um gesso que havia e nós desenhávamos. Tem aqui um fruto e a flor. Depois projetei a cor. Sempre gostei assim de fazer coisas... Por isso talvez participasse.

**Conhece o projeto LATA 65?**

Não...

**É um projeto criado pela Lara Seixo Rodrigues, uma das fundadoras do projeto WOOL, que consiste num workshop de arte urbana para idosos, daí o nome. E nós temos cá uma parede do LATA.**

Está a ver... Onde é que está esse?

**Quando desce para a Igreja de S. Tiago, está do lado esquerdo. Infelizmente já está grafitada por cima.**

Pois, aí não há nada a fazer. É malandragem e é difícil acabar com a malandragem. Há uns que constroem e outros a destruir. Isso vai ser sempre assim.

**Gostava de participar no LATA 65?**

Talvez. (risos)

19) Rita Pereira, 23 anos, Covilhã – 8 de junho de 2019

**Já conhecias o WOOL – Festival de Arte Urbana da Covilhã, a organização que é responsável por estes murais na cidade desde 2011?**

Sim já conhecia. Desde 2011 que conheço.

**Tendo em conta todos esses murais, sentes orgulho no trabalho que o WOOL tem desempenhado?**

Sim, muito, porque acho que basicamente o trabalho deles fez renascer a cidade, porque antes quando vinham pessoas novas *pra* cidade tu querias mostrar alguma coisa e nem sabias o que mostrar, não havia um ponto de interesse... E agora há. O que é que tu vais mostrar? Vais mostrar a rota da arte urbana.

**Então, estás satisfeita com o "novo" aspeto visual da Covilhã?**

Sim, gosto muito. Vai-se alterando, exato... Mas gosto muito.

**Achas que a cidade, devido à existência das pinturas, está mais divertida, menos degradada, mais convidativa, mais interessante?**

Acho que sim, porque por exemplo certas obras, tipo aquela das Portas do Sol, agora estava ali a ver as fotografias... Aquela obra da Tamara... Aquele espaço sem aquela obra era do género "*Epá, isto é bué feio!*", porque eram paredes que já estavam degradadas e assim não, as pinturas deram outra vida e tornam os espaços bonitos. Ficam convidativos para as pessoas passarem tempo.

**Na tua opinião, em que aspeto o WOOL mais valoriza a cidade da Covilhã? No fundo, qual é o acréscimo que o WOOL dá à cidade?**

Acho que acrescenta valor em termos culturais, porque sempre que o festival acontece, associado ao festival há conversas com artistas, há workshops, há concertos e depois mesmo nas próprias visitas guiadas acaba por trazer cultura na medida em que sempre que as obras são feitas, as obras têm como tema a história da cidade e etc., e tu nas próprias visitas aprendes sobre a tua cidade. Muitas vezes vives nela e nem sabes as lendas, nem sabes o que aconteceu *nesta porta*... Mas se for feita uma peça de arte ali que provavelmente tem a ver com aquela porta, eles vão-te explicar uma coisa que tu nem sequer sabias sobre a tua própria cidade. Em termos sociais acho que também valoriza na medida em que acaba por trazer mais pessoas ao centro histórico, que antes se calhar não acontecia. Não digo que haja mais pessoas a viver aqui em cima, mas se calhar a passar mais tempo, sim. Acho que em termos turísticos, acho que na verdade ainda não se nota muito isso, porque a própria Covilhã não se sabe promover enquanto destino turístico.

**Desde que estes murais existem na cidade, influenciaram de alguma forma a tua vida ou a tua rotina do dia-a-dia de alguma maneira?**

Em termos de rotina acho que não... Mas já aconteceu eu querer estar com os meus amigos, eles não conhecem a *cena* da arte urbana e vamos fazer um passeio pela arte urbana. Isso já aconteceu...

**Dá-te mais prazer viver na Covilhã desde que estas pinturas existem?**

*Ya*, acho que sim, na medida em que valorizas mais até a própria cidade, porque te orgulhas... Porque, por exemplo, o WOOL foi o primeiro festival de arte urbana em Portugal e orgulhas-te pela tua cidade ter sido a pioneira nisso. Foi a minha cidade...

**Consideras este tipo de imagens que vês nas paredes, arte ou vandalismo?**

Que imagens? Estas aqui, por exemplo, é vandalismo! (risos) Mas as do WOOL é arte... Não é superficial, tem uma mensagem... E até mesmo se acompanhares o festival tu percebes isso. Por exemplo, o workshop<sup>20</sup> que tivemos aqui a fazer, tu olhas "ah, são só colagens!", mas não, *não é só colagens*. Por trás da colagem há muito trabalho associado, da mesma forma que por trás de uma parede pintada com *spray* está ali todo um trabalho minucioso.

**Achas que a Covilhã é uma bela tela de arte que toda a gente deveria ver e conhecer?**

Sim, correto. (risos)

**Concordas que as mensagens e os significados que estas pinturas transmitem são importantes para preservar a memória da Covilhã e os seus valores?**

Acho que sim, porque normalmente tens esse conhecimento implícito nas gerações mais velhas e os jovens... lá está, havia coisas que eu não sabia e vivi aqui a minha vida toda. E se tu não convives com essas gerações mais velhas não vais absorver esse conhecimento, mas se esse conhecimento ficar expresso numa parede, aí já o vais obter e vai ser imortalizado. É outra forma de conhecer.

**Na tua opinião, o que é que, atualmente, melhor representa a cidade da Covilhã, tanto em Portugal, como no estrangeiro? Por outras palavras, qual é símbolo atual da cidade?**

Acho que é mesmo a arte urbana. Lá está, não sei se isto é percecionado pelas outras cidades, porque lá está, a Covilhã não aproveitou este potencial. Logo em 2011 podia-se ter promovido como "A cidade com um museu aberto ao ar livre!" e não o fez. Mas, sim... Imagina sempre que conheço pessoas e me perguntam de onde sou (da Covilhã), aquilo que vai sempre ser falado é do WOOL. Não *tou* a ver outra referência.

**Consideras que o centro histórico ganhou mais vida e/ou está mais desenvolvido desde que surgiram os murais de arte urbana do WOOL?**

Sim!

**Qual é a principal diferença que sentes?**

Comércio tem vindo a aparecer, não sei se é necessariamente pela arte urbana... Quer dizer eu acho que no fundo acaba por estar tudo implícito, porque a arte urbana é no centro histórico para dar vida, o comércio também... Aquelas pessoas que gostam da cidade, vêm para aqui. Em relação a pessoas... sim, tu antes se calhar não vias pessoal a sair à noite aqui para estes lados e às vezes já vêm aqui só *pra* ver as obras ou para passar um bom bocado.

**Recomendarias a qualquer pessoa fazer a rota de arte urbana do WOOL?**

Sim, sim.

**Já alguma vez pintaste uma parede pública com latas de *spray* ou outro tipo de material artístico?**

Acho que não. Numa parede acho que não... Nunca me atrevi. (risos) Ah, minto! Já participei, já ajudei. (gargalhadas) Não me estava a lembrar! Mas não foi inserido no WOOL, foi um artista que o Pedro e Lara também convidaram para fazer uma intervenção na escola da Boidobra<sup>21</sup>, não sei se sabes, aquela enorme

---

<sup>20</sup> A entrevistada refere-se ao workshop de colagem criativa que decorreu durante a sexta edição do WOOL, com a artista Margarida Girão.

<sup>21</sup> Este foi um projeto comunitário de remodelação da Escola da Boidobra (Covilhã) em 2016.

que está lá, que também está na biblioteca da UBI. A ANIMALITOLAND<sup>22</sup> é a artista. E tive lá com ela. Isso foi uma *cena pra* comunidade, ou seja, eles chamaram os alunos e os pais para remodelar a escola e pintaram a escola toda de branco, os muros... Depois ali na parede da escola fizeram mesmo uma peça de arte urbana. Na parede que dá para a estrada.

**E qual foi a sensação de pintar ao lado de uma artista?**

*Opá*, é um orgulho... Estás ali e valorizas muito mais o trabalho do artista, porque é super cansativo, tipo dura horas só para estares a "encher". O que nós fizemos foi pintar o básico, depois a artista por cima daquilo é que vai dar as sombras e fazer os desenhos e...pronto, valorizas muito mais. *Epá* é um orgulho, tu passas ali e ficas "eu pinteí aquilo!" (risos)

**Gostavas de experimentar pintar um mural se existisse uma atividade relacionada com a arte urbana, por exemplo, um workshop aberto à comunidade?**

Sim, era uma iniciativa muito fixe até para inserir no WOOL, tipo um mural para todos, para a comunidade... Sim, participaria.

**Achas que uma atividade desse género também ia ajudar a mudar mentalidades?**

Não sei se as pessoas que têm aversão a isto estariam abertas a participar. Porque pensando bem, quem é que pode ser contra isto?

**Eu acompanhei o WOOL durante esta semana e também ouvi comentários negativos...**

A sério? Mas lá está, não sei se seria aversão à própria pintura ou se ao facto de a parede estar degrada. *Epá*... acho que são exceções. São mais os comentários positivos do que os negativos. Mas havendo uma iniciativa é sempre uma forma de tu dares valor e mudares mentalidades. Mas dificilmente alguém que pensa assim quer participar e mesmo que participe, dificilmente vai mudar, porque pessoas que têm essa mentalidade...têm a mente fechada.

**Conheces o projeto LATA 65?**

Sim. (risos)

---

<sup>22</sup> Site da artista ANIMALITOLAND disponível em <http://animalitoland.com/>

## 20) José Carlos dos Campos (Sr. Viseu<sup>23</sup>), 78 anos, Covilhã – 9 de junho de 2019

### **Sr. Viseu, antes de mais nada deixe-me perguntar-lhe: como é que surgiu o nome Viseu?**

O Viseu é um "apelido", porque nasci em Viseu. A minha mãe é da Covilhã, o meu primeiro filho nasceu aqui na Covilhã e depois foi *pra* Viseu. Eu sou um covilhanense puro, vim para aqui com oito anos, fiz aqui a escola e pronto, hoje considero-me aqui... esta cidade *pra* mim é a cidade mais linda que temos no país. (risos) Só me sinto bem aqui. E também fiquei muito conhecido por isso, também por causa talvez do desporto. É assim que sou conhecido, já o meu filho também. E trabalhei sempre nos lanifícios e *isto* precisamente é uma homenagem aos lanifícios, teve a ver com isso, esta homenagem que me fizeram. E depois, da profissão que eu tinha, ainda estive estabelecido com uma casa de cortinados e hoje estou a gozar um pouco do trabalho que fiz, da minha reforma. Ainda trabalhei 46 anos nos lanifícios e conheço um pouco da Covilhã. Quando vim para aqui com 8 anos isto depois... levou uma transformação muito grande, a própria cidade levou uma transformação. Tem-se feito aqui umas coisas como agora estas imagens que aparecem aqui na parte histórica da cidade transformou tudo. Transformou-se tudo.

### **E antes de lhe fazerem esta homenagem, já conhecia o WOOL – Festival de Arte Urbana da Covilhã, a organização que é responsável por estes murais na cidade desde 2011?**

Conheci a partir de determinada altura, comecei a ver essas pinturas na parede, os artistas e comecei-me a interessar, ou por outro lado, dava muito valor a estes artistas que fazem estas pinturas. Mas quando eles começaram não sabia que pertencia ao WOOL. Foi só com o passar do tempo, com o meu interesse. Depois o Pedro uma vez teve ali uma vez uma reunião, também me convidou e mostrou-me imagens do que artistas portugueses faziam no estrangeiro.

### **Tendo em conta todos esses murais, sente orgulho no trabalho que o WOOL tem desempenhado?**

Sim, sim. Enriqueceu muito e vejo por isto. Porque eu praticamente no dia-a-dia funciono só aqui nesta área, ando sempre aqui por cima, faço aqui sempre esta parte da cidade. E vejo que, de facto, isto tem um movimento que não tinha. Turismo, mesmo. E vejo as pessoas que param os carros ou que vêm aqui em grupo, vejo o interesse e o valor que elas dão a estas pinturas.

### **Na sua opinião, em que aspeto o WOOL mais valoriza a cidade da Covilhã? No fundo, qual é o acrescento que o WOOL dá à cidade?**

Tudo, tudo. Cultural e trouxe à parte antiga da cidade, a parte histórica da cidade, trouxe uma grande grandeza e, portanto, vê-se que diariamente, mas principalmente aos fins-de-semana, um movimento que antes não havia.

### **Qual é a principal diferença que sente?**

Mais do turismo, há mais pessoas de fora. Sim, sim. Até aqui, por exemplo, a passar já tive pessoas a dizer-me "Ei...é este senhor aqui!". Eu já era conhecido e agora tornei-me ainda mais. (risos)

---

<sup>23</sup> Esta foi outra das entrevistas que foi muito prazerosa de realizar. O Sr. Viseu é literalmente a cara de um dos murais da Covilhã, feito pelo artista português SAMINA. Tal como se pode ler no Diário de Bordo, no dia 9 de junho (domingo) entrevistei o Sr. Viseu junto do "seu" mural e foi curioso ver como algumas pessoas que passaram e viram o mural, não tiraram os olhos deste senhor. "Se antes já era famoso, agora sou muito mais!", refere o próprio. Os seus olhos azuis transbordam história e conhecimento. Nesta entrevista podem ficar a conhecer melhor aquele que hoje é uma das grandes referências na história dos lanifícios da Covilhã.

**Então, está satisfeito com o "novo" aspeto visual da Covilhã?**

Sim, sim... Sim. A Covilhã... Há duas coisas que... Uma das coisas que nós tínhamos aqui, que era os lanifícios. A Covilhã era a "Manchester Portuguesa" e depois veio a universidade. A universidade foi fundamental aqui *pro* movimento na cidade.

**Acha que a cidade, devido à existência das pinturas, está mais divertida, menos degradada, mais convidativa, mais interessante?**

Muito menos, muito menos degradada. E *tou* convencido que se não fosse estas imagens feitas por estes artistas, a cidade não era tão frequentada. As pessoas, pronto, viam isto como... uma cidade sem um polo atrativo maior. Teríamos a universidade e tal... era só isso. Isto trouxe muita gente e vejo, eu vejo. Eu às vezes até sou de utilidade, as pessoas querem estacionar o carro, mas não têm lugar e eu digo "estacionem aqui ou além" para depois visitarem as imagens.

**Desde que estes murais existem na cidade, influenciaram de alguma forma a sua vida ou a sua rotina do dia-a-dia de alguma maneira?**

Sim... Gosto sempre de passear nestas vielas. Se antes passeava, agora ainda mais. Por exemplo, esta vizinhança que aqui está, porque eu morava aqui nesta casa<sup>24</sup> e as pessoas chegam ali e dizem-me "Pronto, você não foi *pra* longe, mas nós todos os dias lhe dizemos um *adeus*." (risos)

**Dá-lhe mais prazer viver na Covilhã desde que estas pinturas existem?**

Sim, sim. Gosto, porque estou sempre a ver pessoas diferentes, de outras culturas e isso a gente faz o reparo. Mesmo grupos de fora, grupos grandes que vêm visitar e alguém que dá explicações. Aqui na Covilhã já fazem isso, já dão essas explicações. Isso aqui na Covilhã, tem enriquecido. Tudo isto enriquece a cidade.

**Acha que a Covilhã é uma bela tela de arte que toda a gente deveria ver e conhecer?**

É, é. E isto está a acontecer. Eu vejo um movimento que não via antigamente. Era só as pessoas de idade, mais as ruazinhas, metiam-se em casa e tal e hoje não. Hoje vê-se muita juventude, um movimento muito grande. E depois na altura da cherovia, aproveitam estas zonas. É um festival que devia ser por duas semanas e não por uma, isto é extraordinário. Ficam as ruas cheias.

**Acha que deviam existir mais eventos na Covilhã que aproveitassem os locais dos murais e o centro histórico?**

Sim, sim. E depois isto, tudo isto, está a levar a... pronto, os responsáveis da Câmara, a que isto tenha continuidade para depois ainda melhorar noutras coisas. Por exemplo isto que agora aqui passou, o *tuk tuk*... isto vai-se tornar uma coisa muito engraçada. É a primeira vez que vejo isto do *tuk tuk*, é novidade. (risos)

**Concorda que as mensagens que pinturas como esta aqui (que é a *sua* parede, acho que já podemos dizer assim) e outras que existem, transmitem e os seus significados são importantes para preservar a memória da Covilhã e os seus valores?**

Sim, sim. São 72 anos aqui nesta parte aqui da cidade e os costumes e outras coisas que existiam naquela altura, desde as mercearias... Faziam umas divisões em madeira e depois iam lá buscar o açúcar e metiam nos cartuchos e *tal*, não havia aqueles plásticos que hoje há... Tudo isso, todos estes movimentos que se faziam aqui, porque as pessoas vivam da indústria dos lanifícios e com grandes dificuldades, porque eram

---

<sup>24</sup> O Sr. Viseu morava mesmo na casa ao lado da parede feita pelo SAMINA.

famílias numerosas... Por exemplo, a minha família éramos 9 irmãos e depois disso, qualquer família aqui na Covilhã tinha 6 ou 7 filhos e depois naquela altura não havia trabalho para as mães, as mães tinham que ficar em casa, porque não havia infantários, não existia nada disso... E depois o ordenado do mês tinha que dar. Havia muitas dificuldades. Mas hoje há muita produção na agricultura, mas é uma produção, mas não é tão saudável e benéfica como antes. Transformam tudo para ser rápido. E é verdade que isto há 50 anos as pessoas viviam de forma muito mais saudável. Isto dos murais de arte urbana... Alguém imaginava que isto vinha a acontecer? Não, isto não. Se não fosse estas imagens e outras coisas que hão de vir ainda, não fazia atrair tanta gente. E o WOOL faz bem essa ligação entre o passado e o presente.

**Na sua opinião, o que é que, atualmente, melhor representa a cidade da Covilhã, tanto em Portugal, como no estrangeiro? Por outras palavras, qual é símbolo atual da cidade?**

Aqui a Covilhã depois também tem a ver com a Serra da Estrela. Estamos numa zona privilegiada em que temos aqui um pouco de tudo: ar puro, um oxigénio puro, mais puro que outras cidades, até no caso da água... eu bebo água da torneira e não temos que nos preocupar com isso. Depois temos a universidade que deu um grande impulso aqui à Covilhã depois dos lanifícios. Hoje ainda temos aí boas empresas dos têxteis, mas isso tudo *pra* mim, na minha opinião, foi a universidade que trouxe todo este... Acho que ainda é a universidade o grande polo atrativo, atualmente. Antes ainda da universidade, cheguei a ver a caminho das Penhas da Saúde, vi numa rocha "Covilhã, cidade fantasma". Hoje já não é a cidade fantasma. Mas estava lá escrito numa rocha... ainda não havia universidade. A universidade começou aqui na entrada da rua dos bombeiros, as primeiras aulas foi aí. Depois é que aproveitaram lá em baixo o antigo quartel.

**Considera que a arte urbana da Covilhã (ou seja, o WOOL) é uma forte candidata para, num futuro próximo, vir a ser o símbolo da Covilhã?**

Ah... Isto depois também... Acho que as pinturas são mais um aconchego. Mas eu estou convencido que hão de aparecer, para completar todas estas pinturas, há de aparecer mais coisas que... Isto está sempre a mudar, a cada dia é capaz de enriquecer mais esta cidade. É a cidade mais bonita que *pra* mim existe.

**Considera que o centro histórico ganhou mais vida e/ou está mais desenvolvido desde que surgiram os murais de arte urbana do WOOL?**

Tem, tem. Muito mais. Tem um movimento muito grande. Isto é o orgulho das pessoas que habitam aqui no centro histórico. Isto passou a ter mais 50% de movimento que tinha antigamente. E a verdade é que esta parte histórica da cidade veio... ficou muito diferente. O Festival da Cherovia começou por se fazer no campo das festas, no jardim e depois veio para aqui e aqui é que pegou. E, portanto, são coisas que já avançaram.

**Recomendaria a qualquer pessoa fazer a rota de arte urbana do WOOL?**

Sim, sim. Ajuda a conhecer a cidade, uma parede leva-nos a outros edifícios.

**Já alguma vez pintou uma parede pública com latas de *spray* ou outro tipo de material artístico?**

Não, não, não tinha habilidade *pra* isso. (gargalhadas) Por isso é que eu fico abismado, de facto, com um pincel e não sei quê, transformam uma parede. Parece que foi imprimido. Dão-lhe uma imagem... A sensação é que as paredes têm relevo. Há ali qualquer coisa que brilha... Estou convencido que mais tarde ou mais cedo, outras paredes aqui nesta zona... Há ali uma parede ali no largo, por capricho a senhora da casa não sei porque é que entende não deixar ali fazer nada. Aquela imagem que está a ser feita, ontem

fui lá à noite, mas a máquina estava na frente e não consegui ver bem e ela também é um bocado escura [mural de SEBAS VELASCO], mas está fantástica.

**Sabe que a dona dessa casa onde pintou SEBAS VELASCO ficou um pouco desgostosa com o mural...**  
Sabe que em mil opiniões, aparece uma dessas. Aquilo está fantástico.

**Considera este tipo de imagens que vê nas paredes, arte ou vandalismo?**

Isto é arte. As pessoas é que parece que ainda vivem no passado, no antigamente. Aqueles riscos que se faziam muito antigamente, os *graffitis* e os riscos, pronto, que nada tem a ver... Acho que a mentalidade dessas pessoas que não gostam acho que é capaz de estar aí focada nisso. Há pessoas antigas que não evoluíram nada nesse sentido. Não têm abertura cultural, não têm sensibilidade. Não é preciso ter uma formação académica para se apreciar isto. Qualquer criança da terceira classe dá valor a estas coisas, porque não está ao alcance de toda a gente fazer uma coisa destas. É preciso ter, de facto, muita perícia. Chega-se aqui, montam o andaime e fazem.

**Conhece o projeto LATA 65?**

Não...

**É um projeto criado pela Lara Seixo Rodrigues, uma das fundadoras do projeto WOOL, que consiste num workshop de arte urbana para idosos, daí o nome. E nós temos cá uma parede do LATA.**

Pois, mas nunca vi...

**A parede está na descida para a Igreja de S. Tiago.**

Pois, já estou a ver onde é.

**Muitos entram lá sem expectativas e depois quando começam a aplicar na parede, adoram. A Lara já levou o LATA 65 a muitos sítios do mundo, fora de Portugal. Acha que uma atividade destas aberta à comunidade para todas as idades era capaz de mudar mentalidades e a perceção das pessoas?**

Sim, era capaz... Para sentirem um bocadinho, qualquer coisa que não sentem no dia-a-dia. Era preciso isso. Mas eu estou convencido que isso é uma minoria de pessoas. São mais as pessoas que gostam. As pessoas têm aquela ideia de "olha riscaram-me a parede e fizeram-me isto." A imagem que eles têm é "Esta noite deram-me cabo da parede"...é essa imagem que eles têm, não é a imagem dos murais, não é a imagem que está aqui...

**Gostava de participar no LATA 65?**

Sim, sim. (risos). Gostava muito. Estou sempre aberto a essas coisas. Tudo o que seja arte e que venha a trazer progresso para a cidade, principalmente *pra* esta zona, fico sempre... Enriquece muito e eu também tenho uma costela da Covilhã, da minha mãe, e o meu pai era de Viseu. Mas hoje aquilo que tenho é da Covilhã, a Covilhã *pra* mim tem todo o valor em todo o lado. Por exemplo, isso do *tuk tuk* que a gente viu aqui passar, *pro* turismo é muito bom. Tenho visto imagens disso em Lisboa e já me tinham dito que já estava um aqui a funcionar. O WOOL foi um passo grande nesse sentido e pode trazer outras coisas atrás. Mesmo aqui na cidade, pessoas com idade avançada, nunca ouvi uma crítica de que isto está mal feito ou isso. Para além do movimento que isto traz aqui. Só quem está nesta zona é que vê diariamente. Claro que isto no inverno para um bocadinho, é normal. Mas a evolução da Covilhã, a nível de turismo vê-se. Ao pé dos bombeiros já estão a construir outro hotel, há mais restaurantes, algumas lojinhas que vão abrindo...tudo isso, um bocadinho de tudo, tudo junto, faz a Covilhã.

21) Mónica Ramôa, 52 anos, Covilhã – 9 de junho de 2019

**Já conhecia o WOOL – Festival de Arte Urbana da Covilhã, a organização que é responsável por estes murais na cidade desde 2011?**

Sim, já conheço desde o primeiro ano e tenho acompanhado todos os anos o festival... Uns anos mais de perto, outros não tanto, consoante a possibilidade, mas vou sempre acompanhando.

**Tendo em conta todos esses murais, sente orgulho no trabalho que o WOOL tem desempenhado?**

Sim, muito orgulho. (risos) Claro que gosto mais de uns murais do que de outros, como é lógico. Mas sim um grande orgulho e julgo que é um dos pontos fortes que a nossa cidade tem neste momento. Este trabalho realizado, de facto, é muito importante, é impactante, as pessoas sentem orgulho. No fundo as pessoas acabam por se apropriar das obras, dos artistas que cá vêm, acho que isso é fantástico...

**Então, está satisfeita com o "novo" aspeto visual da Covilhã?**

Sim, gosto bastante do trabalho que é feito, claro que sim. Claro que há outros aspetos na cidade que seriam importante melhorar... Mas sim, as pinturas, os murais, são...digamos que já são símbolos da própria cidade. Estou-me a lembrar, por exemplo, do mocho que é icónico e outros que são icónicos, de facto, já da nossa cidade.

**Acha que a cidade, devido à existência das pinturas, está mais divertida, menos degradada, mais convidativa, mais interessante?**

Sim, fica mais interessante, mais convidativa sim. O que não escamoteia é o facto de muitos edifícios necessitarem de uma intervenção mais profunda, como é lógico. Digamos que uma pintura não é suficiente para impedir a degradação e o abandono, mas de facto, no fundo revitalizam e isso pode ajudar a trazer outras coisas e a que seja mais fácil num futuro, esperemos que breve, a recuperar edifícios que merecem ser recuperados, obviamente.

**Na sua opinião, em que aspeto o WOOL mais valoriza a cidade da Covilhã? No fundo, qual é o acréscimo que o WOOL dá à Covilhã**

O turismo será sempre importante e talvez aquilo que se vê mais. Mas eu acho que efetivamente onde o WOOL faz a diferença é nas próprias pessoas que cá vivem, porque o facto de se viver numa cidade do interior tem esse *handicap* digamos assim, por outro lado estas pinturas e esta intervenção que tem sido feita paulatinamente ao longo destes anos, no fundo faz renascer o gosto pela cidade e isso é importantíssimo para defendê-la, para valorizá-la, para se voltar, no fundo, a viver a cidade que era uma coisa que já não existia alguns anos e acho que isso é importante. Para agarrar as pessoas cá e também para elas sentirem orgulho na cidade em que estão, em que vivem.

**Desde que estes murais existem na cidade, influenciaram de alguma forma a sua vida ou a sua rotina do dia-a-dia de alguma maneira?**

Sim, influenciaram até profissionalmente... (risos) Por exemplo, estou-me a lembrar de um projeto que abracei sobre ambientes educativos e inovadores em que justamente com a ajuda de uma artista de arte urbana, a Doa Oa, em que ela construiu, e os meus alunos participaram coletivamente na obra, um mural. E isso também influenciou a minha vida profissional de facto e a daqueles jovens que aprenderam a valorizar também a expressão artística como uma forma de expressão, por exemplo, do conhecimento científico.

**Então considera que atividades como essa também são pedagógicas, não só no conceito e no próprio conteúdo do mural, como para a própria expressão artística?**

Sim, com certeza. São obras que são muito ecléticas e que podem ser muito ecléticas, na sua exploração, na sua dinamização, na sua apreensão. Este mural foi feito no Teixoso e é sobre o teixo que é o *taxus baccata*, que foi um projeto desenvolvido pelos alunos de Ciências que foi executado na própria vila, foi a contribuição do conhecimento adquirido pelos alunos na disciplina de Ciências Naturais, ao serviço da comunidade pela expressão artística, que foi a construção do mural.

**Dá-lhe mais prazer viver na Covilhã desde que estas pinturas existem?**

De certa forma, sim, dá-me prazer viver na Covilhã também por isto, é uma ajuda, é um ponto forte, de facto. Sim.

**Considera este tipo de imagens que vê nas paredes, arte ou vandalismo?**

Isto nunca poderia ser considerado vandalismo. Para mim são peças de arte, embora há muitas pessoas que confundem os dois conceitos, que julgam que vandalismo é uma forma de arte urbana e não, não é. Há que distinguir, obviamente, não tem nada a ver. Para ser arte urbana tem que mexer connosco de alguma forma, passar uma mensagem, um sentimento, qualquer coisa... E o vandalismo não, não passa mensagem nenhuma.

**Acha que a Covilhã é uma bela tela de arte que toda a gente deveria ver e conhecer?**

Ai, acho que sim, acho que sim! Não só pelas obras de arte, por outros motivos também, mas esta, com certeza. Se não houver outros, este é um bom motivo para visitar a Covilhã.

**Concorda que as mensagens e os significados que estas pinturas transmitem são importantes para preservar a memória da Covilhã e os seus valores?**

Sim alguns deles sim, embora eu acho que a arte urbana não pode estar presa a determinados assuntos. Como uma expressão artística deve ser livre, mas nestes casos sim, ajuda a preservar a memória coletiva e isso é muito importante.

**Na sua opinião, o que é que, atualmente, melhor representa a cidade da Covilhã, tanto em Portugal, como no estrangeiro? Por outras palavras, qual é símbolo atual da cidade?**

Eu acho que a Covilhã tem vários aspetos, mas neste momento esta questão da arte urbana é importantíssima, mas também o conhecimento científico que é produzido nesta universidade. Temos uma universidade que "dá cartas" em várias áreas e, portanto, digamos que esse é um dos grandes polos atrativos e que inclusivamente tem atraído muitas pessoas e muitos estudantes *pra cá*, professores, enfim, e isso enriquece a cidade. O interior e a cidade. A cidade da Covilhã, como todas as cidades são construções complexas, não é?! E, portanto, tem vários símbolos. Nós temos o símbolo que está plasmado no livro "A Lã e a Neve" de Ferreira de Castro, que é a indústria têxtil, a luta dos trabalhadores, os operários têxteis. Mas também temos agora a Cidade do Conhecimento que é a universidade e tudo o que isso significou, significa e significará para a cidade e temos também o WOOL, mas não só. Temos um associativismo muito rico, temos belíssimas companhias de teatro e grupos artísticos, associações culturais que fazem um trabalho muito meritório...enfim. Apesar de sermos uma cidade do interior temos uma grande riqueza cultural e isso é importante, se calhar fazer com que outras pessoas também possam viver isso. Acho que a Covilhã globalmente pode-se impor como uma cidade com atividade cultural, com uma grande

emergência cultural também e uma grande possibilidade, portanto a meu ver a autarquia pode fazer mais do que aquilo que já faz. E também pela questão científica, da universidade.

**Considera que o centro histórico ganhou mais vida e/ou está mais desenvolvido desde que surgiram os murais de arte urbana do WOOL?**

Há mais movimento nomeadamente nas pessoas que vêm conhecer e fazer o roteiro da arte urbana, sobre esse ponto de vista sim. Ainda não houve o salto que é preciso, que é colocar pessoas a viver no centro histórico, isso aí ainda não, mas julgo que isto poderá ser um incentivo, sim.

**Recomendaria a qualquer pessoa fazer a rota de arte urbana do WOOL?**

Sim claro, a qualquer pessoa, sem dúvida. (gargalhadas)

**Já alguma vez pintou uma parede pública com latas de *spray* ou outro tipo de material artístico?**

Sim, com os meus alunos sim, mas uma coisa mínima. (risos) Mas antes disso nunca.

**Gostavas de experimentar pintar um mural se existisse uma atividade relacionada com a arte urbana, por exemplo um workshop aberto à comunidade?**

Sim, poderia participar, não digo que não, depende do tema, do que fosse...enfim, dependeria disso. Mas sim, acho que sim. (risos)

**Conhece o projeto LATA 65?**

Não, não conheço.

**É um projeto criado pela Lara Seixo Rodrigues, uma das fundadoras do projeto WOOL, que consiste num workshop de arte urbana para idosos, daí o nome. E nós temos cá uma parede do LATA.**

Pois, não sabia. Tenho de ir ver.

## 22) Ana Cristina Ascensão, 56 anos, Covilhã – 10 de junho de 2019

**Já conhecia o WOOL – Festival de Arte Urbana da Covilhã, a organização que é responsável por estes murais na cidade desde 2011?**

Sim, desde o princípio. Acompanho desde o princípio, porque gosto muito e achei muito curioso logo desde os primeiros momentos. Não sei quantos anos são já, mas sim acompanho desde o início.

**Tendo em conta todos esses murais, sente orgulho no trabalho que o WOOL tem desempenhado?**

Sim, gosto muito. São trabalhos diferentes, são criadores diferentes, mas sim. Acho que como covilhanense só temos de sentir orgulho.

**Então, está satisfeita com o “novo” aspeto visual da Covilhã?**

De ano para ano felizmente a “cara” da Covilhã vai sendo mudada. Mas sim, estou e aconselho toda a gente que nunca tenha vindo à Covilhã, agora quando me lembro, é começar por aí e só depois é que falo de monumentos e de outras coisas. Acho que podemos fazer um roteiro muito interessante para os nossos amigos, a começar na parte das primeiras pinturas ou agora nas mais recentes, que ainda não vi ao vivo todas.

**Acha que a cidade, devido à existência das pinturas, está mais divertida, menos degradada, mais convidativa, mais interessante?**

Sim, o menos degradada é uma coisa que se calhar temos que falar, porque ao pé das pinturas se calhar há mais cuidado na limpeza dessas ruas. No fundo, então temos que ter uma cidade cheia desses murais para ela voltar a ser uma cidade limpa. Mas sim está mais convidativa, mais colorida, mais agradável.

**Na sua opinião, em que aspeto o WOOL mais valoriza a cidade da Covilhã? No fundo, qual é o acrescento que o WOOL dá à cidade?**

O turístico se calhar em primeiro lugar. Tenho experiências pessoais de ter encontrado pessoas (espanhóis, ingleses, franceses) na zona de Santa Maria à procura, onde estão os murais e onde havia mais. Portanto esse é assim mais imediato. Mas se calhar, realmente, até a parte imobiliária tem mudado muito, pensamos que tenha a ver com a universidade e com a reabilitação de casas antigas ou velhas mesmo, mas o WOOL também contribui para isto.

**Quer contar alguma experiência que se recorde, das que estava a referir?**

Espanhóis se calhar tem sido mais, que até pedem para ser fotografados ao pé das pinturas e, pronto, eu estou a passar por perto, ajudo. Com franceses também já aconteceu, mas como eu não consigo pensar em francês perguntei logo se falavam inglês e acaba por ser engraçado e fui com esse casal, caminhei uns metros, para lhes indicar como é que haveriam de ir às Portas do Sol, porque eles não eram capaz de ir. Ali perto do mocho também já encontrei pessoas inglesas. Costumo ir a Santa Maria, à zona do Bairro Alto tomar café e, portanto, acabo por me aperceber que há sempre por ali gente à procura.

**Desde que estes murais existem na cidade, influenciaram de alguma forma a sua vida ou a sua rotina do dia-a-dia de alguma maneira?**

Se calhar se eu tiver que caminhar por sítios onde não haja ou onde haja, eu vou pelos sítios em que há para voltar a ver. Por exemplo, no meu Facebook tenho fotografias, se calhar já repetidas com algumas pinturas, porque acho que são giras, aproveito *pra* mostrar a amigos que não tão cá ou a pessoas que

nunca vieram a Portugal e ver a cidade assim é mais bonito do que estar a mostrar-lhes a porta de uma igreja, por exemplo.

**Dá-lhe mais prazer viver na Covilhã desde que estas pinturas existem?**

Sim, elas existem e eu voltei *pra* cá. Já vivi nos arredores da Covilhã e agora nestes últimos anos é, de facto, o “meu regresso” à Covilhã, mas também a Covilhã a ficar também mais bonita e colorida.

**Considera este tipo de imagens que vê nas paredes, arte ou vandalismo?**

Vandalismo não. Mesmo as pinturas mais...mais estranhas...por exemplo, eu este fim-de-semana estive em Lisboa e passei nalguns sítios com *graffitis* e mesmo essas não são propriamente vandalismo, também são giras. Estive a fazer um mercado de artesanato, faço artesanato nos Anjos e as paredes têm...muitos *graffitis*. E mesmo esses são giros. É claro que estas não são vandalismo e isto obriga-nos a conhecer quem são estes artistas que vieram fazer aqui estas intervenções e, portanto, eu pelo menos tenho a certeza de que são artistas, não são vândalos.

**Acha que a Covilhã é uma bela tela de arte que toda a gente deveria ver e conhecer?**

Ah, sim, sim, sim, sim! Como dizia um amigo meu no Facebook, a Covilhã vai ser a capital da arte urbana. (risos)

**Que curioso! E esse amigo é português?**

Sim, exatamente. (risos)

**Concorda que as mensagens e os significados que estas pinturas transmitem são importantes para preservar a memória da Covilhã e os seus valores?**

Sim, contam a história desta maneira moderna, não é?! As cidades têm que se reinventar e têm que ir contando a sua história às novas gerações e se a nova geração percebe através de uma mensagem visual...que seja. É outra forma válida também de contar.

**Acha que o WOOL faz bem essa articulação entre o passado e o presente?**

Faz, faz. Se calhar a prova é isso que estávamos a falar daquela mota e daquele barco ali ao pé da fonte, acho que está tudo dito através da arte.

**Na sua opinião, o que é que, atualmente, melhor representa a cidade da Covilhã, tanto em Portugal, como no estrangeiro? Por outras palavras, qual é símbolo atual da cidade?**

Pois, é complicado. Sem pensar... O símbolo da Covilhã? Pois... Dizer que são os lanifícios é ter um pé no passado, porque do que foi a cidade têxtil temos muito pouco. Podíamos ter aí uma quantidade de arquitetura industrial, as antigas fábricas transformadas em museus... Só temos um Museu dos Lanifícios, mas podíamos ter outro tipo. A Covilhã agora é universidade, o que leva o nosso nome mais além tem sido a UBI... Mas *pra* mim também não chega, teria que ser mais qualquer coisa, por isso é que pegando outra vez nas palavras desse meu amigo, talvez estejamos no mapa através do WOOL. WOOL mais turismo, turismo a influenciar o WOOL, WOOL a influenciar o turismo...sol, dias luminosos, perto da serra e gastronomia razoável. (risos)

**Considera que o centro histórico ganhou mais vida e/ou está mais desenvolvido desde que surgiram os murais de arte urbana do WOOL?**

Ah, sim, sim, com toda a certeza. O centro histórico estava um bocadinho estagnado e esquecido. As pessoas tornaram-se um bocadinho preguiçosas e queixam-se “ah pois, não dá *pra* parar aqui, não dá *pra* parar além”, mas a arte urbana obriga a andar a pé e trouxe uma vida nova aqui ao centro. O facto de cruzarmos com grupos de miúdos das escolas secundárias ou que vieram cá...pelos vistos, tiveram cá umas amigas minhas este fim-de-semana que vieram especificamente só *pra* fazer o roteiro da arte urbana, vieram propositadamente *pra* isto. Acabámos por estar a trocar assim umas mensagens para saber onde estavam e o que elas andavam a fazer era a ver as pinturas.

### **Qual é a principal diferença que sente?**

Há um acréscimo de pessoas. A nível de comércio gostaria que tivesse diferente, mas até ali na zona de Santa Maria onde há mais pinturas, também já há umas lojinhas novas diferentes e acho que isso é muito bom. É claro que estamos a falar da loja A Tentadora que no fundo tem, onde a alma disto está ligada, mas é um princípio de qualquer coisa. Acho que aquilo pode ser uma zona bonita para viver, não só para estudantes, mas para as pessoas criarem famílias, sem stress, sem elevadores, sem nada, rodeados de coisas bonitas. Lá está a ligação da arte com o imobiliário, com a recuperação da cidade.

### **Considera que ainda há trabalho que falta ser feito?**

Haverá sempre. No sentido de uma cidade ser viva e estar sempre a reinventar-se. Ainda pode ser feito ali trabalho. Soube que este fim-de-semana houve aquele evento que também tem a ver com o WOOL da música, ali nas Escadas do Castelo...mais coisas dessas se calhar é preciso. Mas lá está, estão a chegar pessoas com outro espírito. Os hotéis não são bem hotéis, são turismos pequeninos e com outro espírito. Essas pessoas novas, dessas casas novas, como será a Casa das Muralhas têm um papel também a desempenhar na cidade.

### **Recomendaria a qualquer pessoa fazer a rota de arte urbana do WOOL?**

Ai, sim! Recomendo e acrescento sempre uma parede que não tem nada a ver com arte urbana do WOOL que é aquela imagem muito bonita que está ao pé do Sindicato dos Têxteis, sei que não tem nada a ver, é pena, mas parece que tem. É uma mulher com uma borboleta e com um vestido às bolinhas. Não tem nada a ver com o WOOL, mas é muito bonita. E pronto, vou acrescentando... Eu digo sempre “este é o roteiro WOOL mais esta menina que não tem nada a ver com o roteiro, mas que é muito bonita de visitar”.

### **Já alguma vez pintou uma parede pública com latas de *spray* ou outro tipo de material artístico?**

Não! (risos) Não, mas gostava de experimentar. Mas espere, estava a mentir. Já experimentei, mas não correu muito bem. Foi com um grupo de crianças numa espécie de um campo de férias, foi em Proença-a-Nova e deram-nos a liberdade de pintar lá um muro do campo de ténis e era suposto pormos lá uns pinheirinhos e umas arvorezinhas, mas aquilo não ficou lá assim muito bonito, mas pronto...pintámos. De resto, pintar paredes a sério, sem ser neste campo de férias com as criancinhas e que se calhar as criancinhas eram demasiado pequenas...a minha experiência enquanto aluna, no 9º ano, na Campos Melo. Aluna do Professor Passaporte que é uma referência na arte na Covilhã, pintámos duas paredes da Escola Campos Melo que depois fui lá professora quando comecei a trabalhar e uma delas ainda lá estava e era muito engraçado, porque depois diziam “Ah, a professora andou aqui na escola, pintou aquela parede, está lá escrito o seu nome!”. E agora tenho contactado com miúdos de artes que por lá passam que, entretanto, já pintaram a mesma parede por cima. Acho estranho, porque podia ter ficado uma marca de cada conjunto de alunos das artes. Se calhar o meu gosto pela Covilhã assim colorida vem também desse meu gosto pelas artes.

### **Lembra-se do que pintou na altura?**

Aquilo acabou por ser um tema trabalhado com os nossos projetos individuais e era muito futurista e era a parede da papelaria, na altura, portanto tinha que ter esses motivos de folhas e objetos de papelaria e um bocadinho influenciados pelo estilo do Professor Passaporte. A outra parede...tinham-nos sido atribuídas uma parede a cada grupo e nós pintámo-nos lá, portanto, quando temos 15 anos temos o ego muito grande e pintámo-nos lá, mas acabámos por ficar com as caras todas em branco. Eramos cinco elementos, eramos talvez três raparigas e dois rapazes e as caras eram todas brancas. Era mais para nós sabermos desenhar uma figura humana, mas foi engraçado. E depois deixei as artes, mas gosto de artes! (risos)

### **Conhece o projeto LATA 65?**

Sim, de pessoas com mais de 65 anos também participarem num workshop de arte urbana.

**Exatamente, foi criado pela Lara Seixo Rodrigues, uma das fundadoras do projeto WOOL e nós temos cá uma parede do LATA, ali ao pé da descida para a Igreja de S. Tiago. Infelizmente já está *grafitado*... Ah...está bem, está bem! Pois... o *graffiter* tem muitos sítios aí onde ir "grafitar". Acho que eles precisavam de uma ação de sensibilização, mas devem ser anónimos, é difícil serem "convocados"...**

23) Cristina Fernandes, 53 anos, Covilhã – 10 de junho de 2019

**Já conhecia o WOOL – Festival de Arte Urbana da Covilhã, a organização que é responsável por estes murais na cidade desde 2011?**

Sim, já conhecia e conheço o trabalho deles aqui na cidade da Covilhã, que eu acho bastante interessante.

**Tendo em conta todos esses murais, sente orgulho no trabalho que o WOOL tem desempenhado?**

Sim, sinto orgulho, porque é uma mais valia para a nossa cidade. É um trabalho desenvolvido por um grupo daqui que traz cá pessoas de fora para efetuarem esses murais e que depois também têm um significado, cada mural tem um significado específico e isso valoriza a cidade sem dúvida alguma, quer para as pessoas que residem, que são de cá, e também para quem vem de fora.

**Então, está satisfeita com o "novo" aspeto visual da Covilhã?**

Sim, totalmente. Melhora bastante visualmente a cidade.

**Concorda que as mensagens e os significados que estas pinturas transmitem são importantes para preservar a memória da Covilhã e os seus valores?**

Sim, tendo em conta que a nossa cidade, a Covilhã, era uma cidade de lanifícios, portanto há aí alguns murais que com certeza que relembram essa parte dos lanifícios que hoje em dia já não existem. Com o passar dos anos caíram e alguns dos murais relembram essa fase da nossa cidade, o que é bom também.

**Acha que o WOOL faz bem essa articulação entre o passado e o presente?**

Sim, sem dúvida alguma. *Tou* a lembrar-me de um mural...que nem é bem um mural, até é uma peça mais pequenina e as pessoas possivelmente não dão tanta atenção a essas mais pequeninas, mas há aí um que fala precisamente dessa fase dos lanifícios e da nossa cidade, pela escadaria acima.

**Acha que a cidade, devido à existência das pinturas, está mais divertida, menos degradada, mais convidativa, mais interessante?**

Os murais na minha opinião, para além de transmitirem algo, porque acaba por transmitir, se as pessoas repararem bem neles, é também uma mais valia para o edifício onde são efetuados, porque também preservam a fachada dessas mesmas casas, que algumas estão degradadas, e nesse sentido também ajuda, sem dúvida alguma.

**Na sua opinião, em que aspeto o WOOL mais valoriza a cidade da Covilhã? No fundo, qual é o acrescento que o WOOL dá à Covilhã?**

É assim, eu acho que a nossa cidade é conhecida precisamente pela arte urbana. Eu própria tive uma situação em que estava na rua e um casal abordou-me e perguntou-me o que é que havia de interessante para ver na cidade e a primeira coisa que me veio logo à cabeça foi precisamente essa situação de as pessoas visitarem os murais que nós temos na cidade, indicando também a parte das Portas do Sol, da parte mais antiga da nossa cidade, das muralhas. Sendo que os murais existem na nossa cidade toda, não só na parte antiga. A nível económico também, porque os turistas, alguns vêm e muitos acabam por ficar e aproveitar o nosso comércio local. E sinto que o nível de procura dos murais tem aumentado. A nível social, eu própria já participei em várias caminhadas e já fiz uma em que o percurso foi precisamente passar por todos os murais, uma caminhada guiada.

**Desde que estes murais existem na cidade, influenciaram de alguma forma a sua vida ou a sua rotina do dia-a-dia de alguma maneira?**

Sim, exatamente. Isto vai de encontro a minha resposta anterior. A nível pessoal eu faço várias caminhadas e naquelas em que eu participo passamos sempre por todos os murais. São caminhadas externas ao WOOL e mesmo assim, fazem questão de nos mostrar os murais.

**Dá-lhe mais prazer viver na Covilhã desde que estas pinturas existem?**

Sim, ajuda. Claro.

**Considera este tipo de imagens que vê nas paredes, arte ou vandalismo?**

Eu acho que é arte, sim, sem dúvida alguma e até há outro tipo de arte urbana na nossa cidade, algumas peças pequenas que temos na nossa cidade, há muitas ovelhas, os "més". As pessoas passam e não se apercebem muito. Mas numa dessas caminhadas chamavam a atenção para esses "més". Diziam "aqui está mais um 'mé'", acho que passámos por todos os "més" também que havia, e as pessoas passam e nem se apercebem. Essas peças não as considero vandalismo, na minha opinião não. Acabam por ser os "més" da cidade que também acabam por ser um símbolo da Covilhã.

**Acha que a Covilhã é uma bela tela de arte que toda a gente deveria ver e conhecer?**

Sim, sem dúvida alguma.

**Na sua opinião, o que é que, atualmente, melhor representa a cidade da Covilhã, tanto em Portugal, como no estrangeiro? Por outras palavras, qual é símbolo atual da cidade?**

Acho que o WOOL tem tido um grande peso sem dúvida alguma, mas há outros símbolos que nos vão acompanhando, um bocadinho tudo junto eleva a nossa cidade e é reconhecida nesse sentido. Continua a ser a Serra da Estrela também, ainda não há muito tempo que fui fazer uma caminhada à Serra da Estrela, onde me deparei com bastantes estrangeiros também a caminharem e uma vez que vão à Serra com certeza que na altura também vêm para a cidade e acabam por conhecer a nossa cidade e o WOOL. Mas efetivamente a WOOL tem contribuído de uma forma mais forte muito para o nome da cidade.

**Considera que o centro histórico ganhou mais vida e/ou está mais desenvolvido desde que surgiram os murais de arte urbana do WOOL?**

Sim, tem mais vida, as pessoas acabam por procurar esses pontos mais fortes da nossa cidade e eu continuo a dizer que na minha opinião, acho que é precisamente o WOOL, um dos pontos fortes e com interesse para visitar. Chama pessoas para o centro histórico. Porque também se formos ver, pessoas que venham visitar durante o fim-de-semana, penso que as igrejas estão fechadas...temos o Museu de Arte Sacra que está aberto... Mas de resto... Acho que são mesmo os murais que chamam mais pessoas.

**Recomendaria a qualquer pessoa fazer a rota de arte urbana do WOOL?**

Sem dúvida! (risos) Eu recomendaria, o que seria bom e volto um bocadinho atrás, a tal caminhada que eu fiz em que tive a sorte de participar em que parávamos em cada um dos murais e havia alguém que explicava o porquê, e o significado dos murais. Cada mural transmite algo. E através desta rota fica-se a conhecer melhor a história e a cidade.

**Já alguma vez pintou uma parede pública com latas de *spray* ou outro tipo de material artístico?**

Não, por acaso não. (risos)

**Gostava de experimentar pintar um mural se existisse uma atividade relacionada com a arte urbana, por exemplo, um workshop aberto à comunidade?**

Sim, acho que seria interessante, porque não?

**Conhece o projeto LATA 65?**

Não, não conheço.

**É um projeto criado pela Lara Seixo Rodrigues, uma das fundadoras do projeto WOOL, que consiste num workshop de arte urbana para idosos, daí o nome. E nós temos cá uma parede do LATA.**

Não tinha conhecimento, por acaso. Não sabia. Nunca reparei.

24) Natacha Martins, 26 anos, Covilhã – 10 de junho de 2019

**Já conhecia o WOOL – Festival de Arte Urbana da Covilhã, a organização que é responsável por estes murais na cidade desde 2011?**

Já conhecia o WOOL – Festival de Arte Urbana da Covilhã, sim.

**Tendo em conta todos esses murais, sentes orgulho no trabalho que o WOOL tem desempenhado?**

Sinto orgulho e gosto do trabalho que eles têm feito, acho que melhorou bastante a cidade e espero que continuem.

**Então, estás satisfeita com o “novo” aspeto visual da Covilhã?**

Sim, sem dúvida. Vai sendo alterado ao longo das edições... Por acaso tenho pena de um mural<sup>25</sup> que estava lá em baixo, na subida para o Pelourinho, na saída do estacionamento do Shopping do Sporting...que era a cara de um velhote, tenho pena desse desenho estar “apagado”, estar completamente degradado... Mas tenho muito orgulho e espero que eles continuem.

**Achas que a cidade, devido à existência das pinturas, está mais divertida, menos degradada, mais convidativa, mais interessante?**

Sim, eu penso que sim. É assim, cada um tem a sua opinião. Eu, no meu ponto de vista, penso que sim, até porque lá está, há paredes degradadas, há edifícios degradados e isto ajuda até se calhar na sua reconstrução, chama turistas, chama mais pessoas, torna as pessoas mais aprazíveis. E vejo muitas pessoas a pararem, a fotografarem e a quererem tirar fotografias. Nota-se que gostam e acham interessante.

**Na tua opinião, em que aspeto o WOOL mais valoriza a cidade da Covilhã? No fundo, qual é o acrescento que o WOOL dá à cidade?**

Eu acho que todos, todos! Na minha opinião valoriza em muitos aspetos. No turístico se calhar principalmente... Tenho visto muitas pessoas à procura, inclusive agora com os novos acordos que a Universidade da Beira Interior também fez com os PALOP, também temos muitos estudantes brasileiros... Eles gostam e vêm à procura e vão fotografar. É uma mais valia para trazer pessoas de fora à cidade. E isso vai influenciar todas as outras vertentes, sem dúvida alguma, porque ao chamar pessoas para a cidade, as pessoas têm que procurar alojamento, têm que procurar restaurante, vão visitar o comércio local e acho que isso é muito bom *pra* cidade em todos os aspetos.

**Desde que estes murais existem na cidade, influenciaram de alguma forma a tua vida ou a tua rotina do dia-a-dia de alguma maneira?**

Sim... Por exemplo, já fiz inclusive uma caminhada em que mostravam todos os pontos do projeto WOOL e explicavam o mínimo em que consistia cada desenho. Foi uma caminhada organizada fora do WOOL, não pertencia ao WOOL, em que passávamos propositadamente pelos sítios onde havia pinturas, com toda uma explicação a acompanhar. Também já fui passar tempo naquele mural lá em baixo nas Portas do Sol... Era um sítio já vandalizado, abandonado, onde as pessoas não iam muito, porque também era um sítio escuro, antigo, é uma parte muito histórica da cidade e acho que com este projeto incrível as pessoas passam lá mais tempo. Inclusive posso mesmo mencionar que no início deste ano letivo a Universidade da Beira Interior fez lá um *open sunset* como início de aulas, em setembro de 2018, e teve bastante adesão

---

<sup>25</sup> A entrevistada refere-se ao mural realizado na primeira edição do festival na Covilhã, em outubro de 2011, pelo português VHILS.

e acho que eventos desses dinamizam muito a cidade...lá está, os sítios já são aproveitados para fazer eventos.

**Dá-te mais prazer viver na Covilhã desde que estas pinturas existem?**

Claro que sim, até porque a Covilhã é uma cidade do interior, é uma cidade que cada vez tem mais, e é normal, casas degradadas e eu acho que com este projeto, dá vida à cidade e às paredes e faz com que consigamos aproveitar melhor a cidade. Agora há espaços mais agradáveis para se estar, para passar tempo, tudo.

**Consideras este tipo de imagens que vês nas paredes, arte ou vandalismo?**

Eu considero arte, como é óbvio. Vandalismo para mim...por exemplo, os rabiscos para mim já são um bocado vandalismo. Com a vinda do WOOL, eu já considero, por exemplo, um simples *tag*...não é que seja vandalismo puro, mas não é aquela arte que tu olhas e dizes "fogo isto está espetacular, até dá gosto olhar"... Apesar de poder transmitir uma mensagem na mesma... O WOOL é o WOOL, é arte.

**Achas que a Covilhã é uma bela tela de arte que toda a gente deveria ver e conhecer?**

Sim, sem dúvida. Temos também aquele mural ali ao pé da Garagem de S. João que foi pintado no ano passado se não estou em erro, que foi na altura em que Portugal...foi a primeira cidade, aqui nós na Covilhã, onde foi pintado o mural alusivo à seleção. Portanto eu acho que neste momento a Covilhã já está a ter uma maior visibilidade também por causa do WOOL.

**Na tua opinião, o que é que, atualmente, melhor representa a cidade da Covilhã, tanto em Portugal, como no estrangeiro? Por outras palavras, qual é símbolo atual da cidade?**

É assim nós podemos pegar por várias coisas. Podemos pegar na nossa Serra da Estrela e nos variados produtos que ela nos proporciona, incluindo o queijo da serra, mas com o desenvolvimento deste projeto do WOOL, acho que nos leva a muitos países no estrangeiro. O WOOL leva muito o nome da Covilhã lá *pra* fora atualmente.

**Concordas que as mensagens e os significados que estas pinturas transmitem são importantes para preservar a memória da Covilhã e os seus valores?**

Sim, sem dúvida, porque uma vez que as paredes, tudo o que era história está a ser degradado, eles com este projeto, tentam recuperar um bocadinho e estampar aquilo que ficou para trás, ou aquilo que ainda pode vir ao presente, ou o futuro.

**Achas que o WOOL faz bem essa articulação entre o passado e o presente?**

Acho que sim. Tem significado, senão nem fazia sentido, *pra* mim não fazia sentido de outra maneira. O conceito está bem feito.

**Consideras que o centro histórico ganhou mais vida e/ou está mais desenvolvido desde que surgiram os murais de arte urbana do WOOL?**

Sim, tem mais vida, sobretudo ali atrás da Câmara, onde começou o projeto. O mocho, por exemplo. Na minha opinião, foi ali que teve o maior impacto, talvez. Através daquelas pinturas faz com que os locais atraiam melhor ambiente e que não seja tão propício ao vandalismo. As ruas estão mais *clean*, as pessoas já não têm tanto "medo" de andar, porque as ruas eram escuras, mais degradadas...agora já não têm receio de passar e assim sabendo que estão murais pintados e que há coisas para visitar e *pra* ver, as pessoas vão à procura e têm curiosidade de inclusive de ver.

**Qual é a principal diferença que sentes?**

Mais pessoas, mais pessoas.

**Recomendarias a qualquer pessoa fazer a rota de arte urbana do WOOL?**

Claro que sim, sem dúvida. É um trabalho que eu valorizo bastante e acho que não é qualquer artista também que o faz, que gosta de fazer e que está disponível *pra* isso. E eu acho que eles como artistas também deviam ser valorizados, porque eles realmente dão uma beleza às cidades e às paredes e a edifícios que uma pessoa “normal” não consegue fazer. Os fundadores pensaram muito bem nisto e acho que o projeto também está muito bem feito, porque lá está eu acho que todos os desenhos têm um significado certo no sítio certo. Conhece-se também as coisas que estão pé dos murais, outro património.

**Já alguma vez pintaste uma parede pública com latas de *spray* ou outro tipo de material artístico?**

Não. (risos)

**Gostavas de experimentar pintar um mural se existisse uma atividade relacionada com a arte urbana, por exemplo, um workshop aberto à comunidade?**

Gostava, gostava de experimentar, porque tenho imensa curiosidade e gosto daquilo que eles fazem e por isso curiosidade em saber mesmo as técnicas que eles usam, as tintas, como é que aplicam...

**Conheces o projeto LATA 65?**

Sim conheço e temos uma parede aqui na Covilhã que é ali quando se passa os correios, que era a única parede deles que tínhamos aqui na cidade, mas infelizmente lá está, com esses *tags* que *pra* mim não são nada, a parede deixou se calhar de ter um bocadinho de visibilidade e de se calhar as pessoas não repararem tanto, se calhar até sabem do projeto, mas como já foi “tagado” por cima, deixa se calhar de ter aquela importância do projeto do LATA 65... E passa mais despercebido. Mas acho que é incontrolável... Tenho pena dessa parte. Umas pessoas a tentar embelezar e depois virem outras pessoas por cima e *pumba*, estragarem... Acho que essa parte é que devia ser mais controlável, mas infelizmente não sei até que ponto é que isso é sequer possível.

25) Raquel Curto, 23 anos, Covilhã – 10 de junho de 2019

**Já conhecias o WOOL – Festival de Arte Urbana da Covilhã, a organização que é responsável por estes murais na cidade desde 2011?**

Sim, já, desde o início, apesar de não ter sido logo muito conhecido, eu tive conhecimento através de uma amiga minha, que é familiar dos fundadores. Ela sempre partilhou o projeto conosco.

**Tendo em conta todos esses murais, sentes orgulho no trabalho que o WOOL tem desempenhado?**

Sim, sem dúvida, acho que eles estão a crescer de ano para ano, e tem-se tornado cada vez mais conhecido e as pessoas vão reparando, porque há cada vez mais e isso tem muito impacto na Covilhã.

**Já tiveste alguma experiência em que alguém tivesse reconhecido a Covilhã através do WOOL?**

Sim, uns tempos depois de ser feito o mocho. O mocho foi feito em 2014, se não estou em erro, e recordo-me de me terem identificado em publicações no Facebook e de me mandarem fotos a dizer "Olha, isto é na Covilhã e está incrível!". Amigos que eram de outras cidades.

**Então, estás satisfeita com o "novo" aspeto visual da Covilhã?**

Sim, sem dúvida, acho que dá uma nova vida à cidade, mais precisamente ao centro histórico.

**Achas que a cidade, devido à existência das pinturas, está mais divertida, menos degradada, mais convidativa, mais interessante?**

Menos degradada, poderia estar muito mais aproveitada do que aquilo que está. E o WOOL também faz questão de aproveitar algumas paredes em que era mesmo necessário fazer-se ali alguma coisa. Mas está sem dúvida mais convidativa, está muito mais interessante. Porque agora quando vêm cá amigos meus, para além de irmos à serra, uma coisa que eu digo é "Vamos ver as pinturas, porque já há imensas e são fantásticas". Faço questão de dar a conhecer o WOOL.

**Na tua opinião, em que aspeto o WOOL mais valoriza a cidade da Covilhã? No fundo, qual é o acrescento que o WOOL dá à Covilhã?**

Principalmente cultural, porque há uma tendência de não se apostar na cultura, não sei porquê, mas os municípios e o país não apostam o suficiente na cultura. E é mesmo necessário, porque acho que isso também se fomenta logo desde o início, se entrássemos na escola e se nos fosse fomentado isso e a nossa educação fosse mais ligada para a cultura, nós teríamos mais tendência para a própria cultura. Mas é mais virada para o futebol. (risos) A nível turístico também traz cá muita gente, acredito que não venham de propósito para ver, mas quando vêm acabam por querer ver e já vão ao centro histórico, que de outra maneira se calhar não o fariam. Isso é algo que acrescenta valor para o comércio local, porque este é desenvolvido se existirem muitos mais turistas a vir para ao pé de nós. Acredito que tenha aumentado o turismo na Covilhã. Quando o WOOL apareceu eu estava no meu 10º ano e isto já deveria ser um tema que se devia "estudar" e que nós deveríamos estar atentos, e sempre foi, mas nunca estamos de olhos tão abertos como estamos agora, que já cresci mais e estou mais sensível a estes temas.

**Desde que estes murais existem na cidade, influenciaram de alguma forma a tua vida ou a tua rotina do dia-a-dia de alguma maneira?**

Sim, antes de ontem eu fiz a visita guiada do WOOL e nunca tinha feito, portanto saí de casa para ir de propósito à visita, porque realmente interessa-me mesmo. Mesmo quando tenho cá gente, amigos, saio de casa de propósito e deixo de fazer a minha rotina e as minhas coisas, para dar a conhecer estes murais.

**Acabaste de referir que fizeste a visita guiada do WOOL. Já conhecias estes murais e os seus significados desta forma mais aprofundada?**

Não, não conhecia. Já tinha feito a visita com amigas, mas é completamente diferente, porque a Lara falou sobre os artistas, das histórias... falou tudo ao pormenor. Eu adorei, embora eu quisesse ter percorrido mesmo as pinturas todas, mas é muito tempo e são muitas horas, já há muitas peças. Já sabia que havia muita coisa, mas não sabia a história e quando trazia cá pessoas e não conseguia explicar o porquê, até eu ficava sem saber o que dizer e ainda por cima sou da cidade.

**Recomendarias a qualquer pessoa fazer a rota de arte urbana do WOOL?**

Sem dúvida, sim até deveria de haver visitas das escolas, fazerem parcerias com as empresas. E a comunidade local, acho que a comunidade local também se devia interessar mais, por exemplo, sabermos que aos sábados de manhã havia sempre uma visita. Aí as pessoas começavam a ter outra iniciativa e teriam mais oportunidade de ver e ficar a conhecer. Recomendo sem dúvida e faria novamente! (risos)

**Concordas que as mensagens e os significados que estas pinturas transmitem são importantes para preservar a memória da Covilhã e os seus valores?**

Sim, a Lara disse uma coisa muito interessante. Por exemplo, em Viseu, eles não têm muito por "onde pegar", porque é tudo em torno do vinho e da indústria do vinho e aqui na Covilhã têm montes de coisas para "pegar" e pelo facto de antigamente termos sido uma Covilhã cheia de indústria, ligada à lã, aos lanifícios, faz com que os artistas tenham uma imaginação incrível e explicar isto às pessoas faz com que nos também revivemos novamente a história e nós jovens também ficamos a saber mais sobre o que era a Covilhã.

**Achas que o WOOL faz bem essa articulação entre o passado e o presente?**

Acho que sim... Não acho, tenho a certeza que sim! (risos)

**Achas que a Covilhã é uma bela tela de arte que toda a gente deveria ver e conhecer?**

Sim, sem dúvida.

**Dá-te mais prazer viver na Covilhã desde que estas pinturas existem?**

Claro que sim... Aproveito muito mais a cidade, principalmente as praças e os largos onde estão alguns dos murais. Muito melhor.

**Consideras este tipo de imagens que vês nas paredes, arte ou vandalismo?**

Arte... completamente arte. É impossível isto ser vandalismo... Não é o mesmo que *graffiti* nem os *tags*, acho eu... É muito diferente. E mesmo esses não considero puro vandalismo, acho que há coisas giras dentro desse estilo.

**Na tua opinião, o que é que, atualmente, melhor representa a cidade da Covilhã, tanto em Portugal, como no estrangeiro? Por outras palavras, qual é símbolo atual da cidade?**

O facto de a Covilhã ter a serra aqui mesmo ao lado, faz com que a torne especial, não só porque a podemos visitar sempre que nós quisermos por estarmos muito perto. A Covilhã é muito calma e muito tranquila. E

o próprio sentimento de tranquilidade, de paz que nos transmite, é algo que torna a Covilhã muito especial. O facto de sair daquela rotina, só olhar para a Serra respirar e pensar "vamos para mais um dia", é tranquilizante e isso para mim é o símbolo da Covilhã.

**Consideras que a arte urbana da Covilhã (ou seja, o WOOL) é uma forte candidata para, num futuro próximo, vir a ser o símbolo da Covilhã?**

Eu acho que já é. Está a crescer, o WOOL também já é o símbolo da Covilhã e tem vindo a ser cada vez mais.

**Consideras que o centro histórico ganhou mais vida e/ou está mais desenvolvido desde que surgiram os murais de arte urbana do WOOL?**

Sim, sem dúvida. Eu recordo-me de estar entre amigos e alguém e dizer "Vamos ao Pelourinho!". E eu pensar "Então, mas vamos lá fazer o quê, se não há lá nada?". Mas agora é diferente, só o facto de haver as pinturas torna tudo diferente, porque é tudo seguido, dá para visitar várias partes do centro histórico e aquilo está muito mais desenvolvido do que estava. A nível de comércio local recordo-me do meu avô me dizer "Já fechou aquela e aquela loja...", quase todas as lojas ali fechavam... E agora já voltaram a abrir, há novas lojas e com outra vida. E agora os estudantes também param muito no mocho e nas Portas do Sol, para conviver.

**Já alguma vez pintaste uma parede pública com latas de *spray* ou outro tipo de material artístico?**

Não, penso que não, talvez na escola com as mãos. (risos)

**Gostavas de experimentar pintar um mural se existisse uma atividade relacionada com a arte urbana, por exemplo, um workshop aberto à comunidade?**

Acho que seria muito giro e participava com todo o gosto. Costumo dizer que não temos de ser nós a marcar as coisas ou os sítios ou as pessoas, são as pessoas que têm que nos marcar a nós. Mas só o facto de termos uma mão numa parede por exemplo, acho que faz toda a diferença, ficamos muito mais contentes e cada vez que passamos por ali relembramos o nosso trabalho.

**Conheces o projeto LATA 65?**

Não, não conheço.

**É um projeto criado pela Lara Seixo Rodrigues, uma das fundadoras do projeto WOOL, que consiste num workshop de arte urbana para idosos, daí o nome. E nós temos cá uma parede do LATA.**

*Ai!*, que giro... Não sabia. Onde é?

**Na descida depois dos correios, para a Igreja de S. Tiago.**

Foi essa aí, a Lara falou nisso, mas não me recordo... deve ter falado, mas eu *não apanhei*. Ela disse que fizeram as mãos, puseram os nomes, a idade em que nasceram... Mas não vi "LATA 65", sei que foi por idosos.

26) Alexandra Nobre, 52 anos, Covilhã – 10 de junho de 2019

**Já conhecia o WOOL – Festival de Arte Urbana da Covilhã, a organização que é responsável por estes murais na cidade desde 2011?**

Sim, já tinha ouvido falar, sim.

**Tendo em conta todos esses murais, sente orgulho no trabalho que o WOOL tem desempenhado?**

Sim e sinto-me agradecida pelo facto de o fazerem na Covilhã, de ser a minha terra.

**Então, está satisfeita com o “novo” aspeto visual da Covilhã?**

Sim, gosto muito.

**Acha que a cidade, devido à existência das pinturas, está mais divertida, menos degradada, mais convidativa, mais interessante?**

Sim, está mais interessante. Melhorou o aspeto, aquelas ruas estavam um pouco abandonadas e agora sente-se uma presença, sente-se a presença de alguma coisa, neste caso são as pinturas.

**Na sua opinião, em que aspeto o WOOL mais valoriza a cidade da Covilhã? No fundo, qual é o acrescento que o WOOL dá à cidade?**

No turístico, sim. Penso que a parte cultural também melhorou e ajuda.

**Qual é a principal diferença que sente?**

Mais movimento, porque está a ser muito divulgado. E a nível nacional, não sei se a nível internacional também, mas nacional sente-se que há mais turismo. Às vezes ando a caminhar pela cidade e vê-se que há turistas a visitar. Nota-se perfeitamente que são pessoas que não são de cá. Também já reparei em muitas pessoas que andam em visitas guiadas a fazer o roteiro.

**Desde que estes murais existem na cidade, influenciaram de alguma forma a sua vida ou a sua rotina do dia-a-dia de alguma maneira?**

Sim, por exemplo, no sábado saí de casa de propósito para ir fazer a visita guiada do WOOL, fui eu e mais quatro ou cinco pessoas. (risos) De facto, fica-se com outra perspetiva do que sermos nos a visitar as pinturas sem alguém que sabe o que representam. Antes da visita temos uma ideia, mas depois da visita guiada fica-se com outra. Ainda agora estava a dizer a uns amigos que as minhas caminhadas passam sempre pelo centro histórico, para visitar as pinturas. Faço questão de fazer esse trajeto.

**Dá-lhe mais prazer viver na Covilhã desde que estas pinturas existem?**

Viver na Covilhã é sempre bom, mas claro que o WOOL deixa a Covilhã mais bonita. Ajuda. Já há mais um motivo para dizer às pessoas para virem à Covilhã, ao interior do país.

**Considera este tipo de imagens que vê nas paredes, arte ou vandalismo?**

É arte. Mas por exemplo também não considero os *graffitis* muito vandalismo. Acho que há coisas são piores. Há *graffitis* que também são arte...eu acho.

**Concorda que as mensagens e os significados que estas pinturas transmitem são importantes para preservar a memória da Covilhã e os seus valores?**

Sim, sem dúvida. Até porque todos têm desenhos e imagens alusivas à memória da Covilhã, à lã, aos lanifícios, quase todos e penso que todos têm alguma coisa ligada à Covilhã para preservar o que a Covilhã já foi.

**Acha que o WOOL faz bem essa articulação entre o passado e o presente?**

Sim, de facto está a fazer isso muito bem.

**Na sua opinião, o que é que, atualmente, melhor representa a cidade da Covilhã, tanto em Portugal, como no estrangeiro? Por outras palavras, qual é símbolo atual da cidade?**

Agora, neste momento, as pinturas. Acho que o WOOL é um forte representante da Covilhã e a Serra da Estrela também continua a ser um forte símbolo da região.

**Considera que o centro histórico ganhou mais vida e/ou está mais desenvolvido desde que surgiram os murais de arte urbana do WOOL?**

Não posso falar muito neste âmbito, porque vou poucas vezes para o centro histórico, e quando vou não noto muita diferença. Ainda no sábado quando andei a fazer a visita guiada comentei que há falta de comércio lá em cima, está tudo fechado... É uma pena. Ainda há trabalho para se fazer lá.

**Recomendaria a qualquer pessoa fazer a rota de arte urbana do WOOL?**

Sim, a qualquer pessoa. Ajuda não só de facto a descodificar o que são as pinturas, como também é bonito. É cultura! Vale muito a pena... Conhecem-se outros monumentos.

**Já alguma vez pintou uma parede pública com latas de spray ou outro tipo de material artístico?**

Não, não, é melhor não! (gargalhadas) Só ia estragar! (gargalhadas)

**Gostava de experimentar pintar um mural se existisse uma atividade relacionada com a arte urbana, por exemplo, um workshop aberto à comunidade?**

Gostava de lá deixar uma pincelada, isso sim... Gostava de experimentar. Mas precisava de estar acompanhada. (risos)

**Conhece o projeto LATA 65?**

Não, não...

**É um projeto criado pela Lara Seixo Rodrigues, uma das fundadoras do projeto WOOL, que consiste num workshop de arte urbana para idosos, daí o nome. E nós temos cá uma parede do LATA.**

A Lara eu sei quem é... Mas ok, não sabia. É aquela parede ao pé da Igreja de S. Tiago?

**Sim! É.**

Então já a vi... Mas quando passámos nessa parede na visita guiada, eu estava ao telefone e não ouvi a explicação. Vi que estavam lá várias datas de nascimento de pessoas que já contribuíram para essa pintura. Foi feita pela Mutualista Covilhanense. Mas não ouvi que era o projeto LATA 65.

27) Guilherme Silva, 33 anos, Covilhã – 11 de junho de 2019

**Já conhecias o WOOL – Festival de Arte Urbana da Covilhã, a organização que é responsável por estes murais na cidade desde 2011?**

Sim, já conhecia há uns anos. Acho que não apanhei desde o primeiro ano, mas quase, *ya*.

**Tendo em conta todos esses murais, sentes orgulho no trabalho que o WOOL tem desempenhado?**

Sim, *ya*, por acaso adoro o trabalho que eles têm feito. (risos) Não sei se diria orgulho, mas sim, gosto, gosto bué, e gosto do facto de a cidade ser assim cheia de obras de arte por aí fora.

**Então, estás satisfeito com o “novo” aspeto visual da Covilhã?**

Sim, sim, vai mudando, mas é sempre uma melhoria (risos) Sempre a melhorar, de ano para ano. Estou satisfeito, sim senhora.

**Achas que a cidade, devido à existência das pinturas, está mais divertida, menos degradada, mais convidativa, mais interessante?**

Sim, sem dúvida. Pelo menos para as gerações mais jovens de certeza absoluta e mesmo as mais antigas também começam a aceitar a cena de outra forma. Eu acho que a cidade fica mais bonita colorida do que toda da mesma cor.

**Na tua opinião, em que aspeto o WOOL mais valoriza a cidade da Covilhã? No fundo, qual é o acrescento que o WOOL dá à cidade?**

*Pá*, chama turismo e abre a mente das pessoas. Mesmo as pessoas da zona, isto é tipo... Por acaso vinha a pensar nisso, é uma terrinha pequenina com *bué* terrinhas pequeninas à volta e há tendência para se ter as mentes mais fechadas e isto é bué bom precisamente para abrir a mente dessas pessoas e no meu trabalho que eu sou tatuador, acho que noto um bocadinho que é mais fácil as pessoas aceitarem desenhos diferentes e cenas novas. Acho que influencia, sim.

**Qual é a principal diferença que sentes ao nível do turismo?**

Se pensar sobre isso... Acho que sinto muito mais movimento. Com certeza. Não sei se será só do WOOL, mas há mais movimento sim, sem dúvida.

**Desde que estes murais existem na cidade, influenciaram de alguma forma a tua vida ou a tua rotina do dia-a-dia de alguma maneira?**

Não, acho que não. Já fiz passeios pela cidade de propósito para ver os murais, mas não desvio o meu dia-a-dia para passar no mural ao mesmo tempo. Já os turistas que vêm para aí têm mega percurso para fazer e ver os murais...isso é mega.

**Dá-te mais prazer viver na Covilhã desde que estas pinturas existem?**

Sim, sim! (risos) Claro que sim.

**Consideras este tipo de imagens que vês nas paredes, arte ou vandalismo?**

Arte, arte... Claro. É arte. Têm um impacto visual muito grande, de “produto acabado”, se bem que *os outros* também são importantes, porque é *desses*, dos *graffitis*, que aparecem estes grandes... Não considero nenhum deles vandalismo. Sei que alguns podiam pôr as assinaturas deles em sítios um

bocadinho diferentes, mas não acho vandalismo. *Pá*, são putos a fazer maluquices como todos os putos fazem e essa liberdade é importante.

**Achas que a Covilhã é uma bela tela de arte que toda a gente deveria ver e conhecer?**

Sim, sim, sem dúvida! (risos) Bela tela de arte em 3D, mesmo mega! (gargalhadas)

**Concordas que as mensagens e os significados que estas pinturas transmitem são importantes para preservar a memória da Covilhã e os seus valores?**

Sim, sim. Acho que sim. É fixe, até porque o WOOL normalmente pega nos temas da cidade e do que se faz à volta para os artistas fazerem as suas obras. Por isso *ya*, é uma boa maneira de integrar a cidade e os artistas e a arte...

**Achas que o WOOL faz bem essa articulação entre o passado e o presente?**

Sim, *bué* bem mesmo... E mesmo as visitas guiadas que eles fazem aos artistas é precisamente para os artistas se envolverem mais nessa cena e as obras poderem *tar* mais de acordo com a cidade onde estão.

**Na tua opinião, o que é que, atualmente, melhor representa a cidade da Covilhã, tanto em Portugal, como no estrangeiro? Por outras palavras, qual é símbolo atual da cidade?**

Uma delas sem dúvida é o WOOL, *ya*. O WOOL leva de certeza a cidade para outros pontos do país e do estrangeiro. Eu sou um bocado a leste nestas coisas, sabes, e mesmo assim tenho essa perceção que o WOOL é de certeza uma referência. Fora a neve, a Serra da Estrela e fora a montanha, que também são, o WOOL é de certeza, porque é mega trabalho e traz mesmo pessoas para a cidade em si.

**Consideras que o centro histórico ganhou mais vida e/ou está mais desenvolvido desde que surgiram os murais de arte urbana do WOOL?**

Sim está mais desenvolvido, não sei se está diretamente ligado ao WOOL, mas tem-se visto um aumento de casas a serem arrançadas, mais lojinhas pelo centro histórico... Não passo muito tempo nesta parte da cidade, acabo por passar sempre mais tempo na parte nova, mas noto diferença, atrai mais pessoas sem dúvida.

**Recomendarias a qualquer pessoa fazer a rota de arte urbana do WOOL?**

Sim, a qualquer uma. Acabas por passar pela cidade toda e conheces os outros pontos de interesse da cidade, com o benefício de que vês uma obra de arte aqui e ali, num cantinho e no outro, a dar vida aos "cantos mortos" da cidade.

**Já alguma vez pintaste uma parede pública com latas de *spray* ou outro tipo de material artístico?**

Já, já, mas não foi mesmo numa parede numa cidade ou assim... Foi num festival, pintei lá assim uma tela grandalhona. Gostei muito, foi engraçado.

**O *feedback* foi bom?**

Sim, sim, foi bom! (risos)

**Gostavas de experimentar pintar um mural se existisse uma atividade relacionada com a arte urbana, por exemplo, um workshop aberto à comunidade?**

*Ya*, acho que sim. Sem dúvida. Admiro *bué* este tipo de expressão artística.

**Conheces o projeto LATA 65?**

Sim, conheço.

**Conheces a parede que temos cá na Covilhã?**

Não... Onde está?

**Na descida para o Bar Confusão ou para a Igreja de S. Tiago, como preferires, depois dos correios. E infelizmente já está grafitada...**

Ah! Já sei, Já sei. A sério? 'Grafitaram' por cima? Isso não sabia... Mas não considero vandalismo, porque é a vida das obras de arte urbana, faz parte da vida delas a certa altura ou desfazerem-se com o tempo, ou alguém vir e passar por cima com outra... Eu vejo-a assim... A cidade é de todos. Quem és tu para dizer "aquele bocado de muro é meu, eu pintei lá, ninguém pode pintar por cima"... *Tás a ver?! É claro que uns vão ter o senso comum de "agarrar" um bocado de parede que não esteja pintado, mas outros vão... Faz parte da expressão deles de pintar por cima dos outros. (risos) Se querem marcar, assim que seja...*

## 28) Albertina Ranito, 58 anos, Covilhã – 11 de junho de 2019

**Já conhecia o WOOL – Festival de Arte Urbana da Covilhã, a organização que é responsável por estes murais na cidade desde 2011?**

A organização propriamente não, mas o WOOL, o festival de arte urbana sim, o nome não me é desconhecido. Sabia que os murais pertencem ao WOOL.

**Tendo em conta todos esses murais, sente orgulho no trabalho que o WOOL tem desempenhado?**

Gosto muito de ver. Acho que dá uma cor e uma...é uma manifestação de criatividade que é muito agradável, de facto, de ver. Gosto muito.

**Então, está satisfeita com o "novo" aspeto visual da Covilhã?**

Sim, sim, sem dúvida, é bastante agradável, até porque normalmente uma grande parte dessas pinturas estão em espaços da zona histórica, espaços que eram tristonhos e de facto aquelas paredes tomaram outra vida. Deram outra vida às ruas da Covilhã.

**Acha que a cidade, devido à existência das pinturas, está mais divertida, menos degradada, mais convidativa, mais interessante?**

Bom, o degradado...eu não sei se as pinturas resolveram a situação da degradação. Eu acho é que talvez a tenham tornado menos visível. Em muitos casos eu acho que a degradação continua, ou seja, de facto há zonas, há ali alguns locais que continuam a ser zonas que estão degradadas, antigas, os proprietários nem sempre podem "deitar mão" àquilo que lá têm... E essas pinturas vieram, digamos, ocultar um pouco essa degradação. Não sei se a resolveu, mas que ocultou, ocultou. E tornou-a visivelmente menos degradada e mais agradável.

**Na sua opinião, em que aspeto o WOOL mais valoriza a cidade da Covilhã? No fundo, qual é o acrescento que o WOOL dá à cidade?**

Bom, eu acho que valoriza em praticamente todas as vertentes. Como a arte urbana é uma arte que se manifesta em espaços públicos, é acessível a qualquer pessoa. Portanto, ninguém precisa de comprar um bilhete, ninguém precisa de ir a um determinado local, a uma determinada hora... Ou seja, vamos a passear e batemos com os olhos num mural lindo. É tão simples como isto. É uma manifestação de arte que é *muito acessível*, o mais possível, está num espaço público e as pessoas até observam mesmo sem querer. E, portanto, eu acho que valoriza em todas as vertentes.

**Qual é a principal diferença que sente?**

É assim, a nível turístico, capta mais a atenção das pessoas... Não sei se as pessoas vêm à cidade de propósito para ver a arte urbana... Acho que vêm por outros motivos e depois a arte urbana complementa aquilo que de bom levam acerca da cidade. Agora, o que eu acho é que pode, efetivamente, para quem vem de fora e está disposto a gastar algum tempo a observar aquelas pinturas, pode entender um pouco melhor a história da Covilhã, porque muitas delas referem qualquer coisa relacionado com a história da Covilhã: lanifícios, as máquinas, a indústria... Se as pessoas quiserem dedicar algum tempo a perceber... E eu acho que aí é que às vezes falha um pouco, às vezes as pessoas não entendem muito bem o que é que aquilo representa. Acho que devia haver uma descrição que não fosse "muito descritiva" para também não cortar a criatividade a quem vê, porque a pessoa até pode ter uma perspetiva e conseguir ver um pouco além disso... Portanto, não fazer uma descrição exaustiva daquilo que pretendeu o autor quando a

fez. Quem vê também pode fazer uma interpretação sua. Mas que pudesse fazer um elo de ligação à parede. Acho que isso também era importante, nem que fosse só um breve sopro. A nível de cultura, no fundo, acho que a arte acrescenta sempre cultura. Aquela delicadeza de traços, o que está por trás de cada traço, de cada história que conta cada uma daquelas pinturas... Eu acho que tudo isso é cultura. Eu estou-me a lembrar, por exemplo, aquela pintura do Sr. Viseu, a senhora dos três braços... Tudo isso acrescenta, tudo isso é cultura. A arte, para mim, é sempre cultura. E depois claro, influencia outros campos, as coisas acabam sempre por se influenciar umas às outras.

**Concorda que as mensagens e os significados que estas pinturas transmitem são importantes para preservar a memória da Covilhã e os seus valores?**

É uma boa forma e é uma forma motivadora, é uma forma diferente de transmitir a história da cidade, é mais fácil de digerir. É aquilo que os olhos veem. Depois, é ver com os olhos e sentir com o coração e isso é muito mais fácil de se aprender. Eu sou educadora de infância e há dias, por acaso, até fomos fazer uma visita a pé pela zona histórica e mostrar a arte urbana, a maior parte, às crianças. E nós, de facto, pudemos perceber isso. As crianças são muito sensíveis à arte, muito sensíveis, e eles, de facto, ficavam com os olhos presos naquelas pinturas e faziam a sua interpretação daquelas pinturas. E quando nós depois explicávamos o que cada uma delas representava, eu tenho a certeza que foi muito mais fácil para eles perceberem assim, porque sentiram com o coração e viram com os olhos, do que se estivessemos simplesmente a ler ou a contar uma história sobre a Covilhã.

**Já agora, como é que aconteceu essa visita?**

Nós já não é a primeira vez que fazemos isto no nosso agrupamento. Fazemos mesmo o roteiro de arte urbana. Isto é decidido a nível de departamento pré-escolar. O departamento decide na reunião e depois programa-se a visita e fazemos.

**Portanto, o WOOL já está inserido nas atividades escolares dos mais pequeninos.**

Já, no nosso caso sim, o jardim de infância dos Penedos Altos. Já não é a primeira vez que fazemos. Eles têm entre os 3 e os 6 anos.

**E qual é o *feedback* das crianças?**

É extraordinário. Depois da visita as crianças desenham, fazem o registo da visita, um registo gráfico, porque eles ainda não escrevem, não é? E descrevem e conversam sobre a visita. E fazem desenhos a tentar imitar as pinturas. Fazem desenhos absolutamente maravilhosos.

**Desde que estes murais existem na cidade, influenciaram de alguma forma a sua vida ou a sua rotina do dia-a-dia de alguma maneira?**

A nível pessoal não influenciou a minha rotina. Agora, efetivamente, gosto de visitar, gosto de passear, observar... nesse aspeto sim, influenciou-me. A nível profissional, sim, é como lhe digo, nós já não é a primeira vez que fazemos visitas e são sempre visitas bem-sucedidas, muito bem-sucedidas.

**Dá-lhe mais prazer viver na Covilhã desde que estas pinturas existem?**

É assim, a mim sempre me deu muito prazer viver na Covilhã. Agora é mais um motivo que eu tenho para me orgulhar de viver na Covilhã, é mais alguma coisa que eu tenho para poder contar às outras pessoas e dizer "vão lá, visitem, além disto e disto, também temos a arte urbana que está espalhada pelas ruas da cidade e que é muito bonito". Eu aprecio muito e acho que a maior parte das pessoas também aprecia.

**Considera este tipo de imagens que vê nas paredes, arte ou vandalismo?**

É arte. Vandalismo não é isto. Acho que o *graffiti* também é uma forma de arte urbana, agora, como todas as manifestações de arte ou é bem feito e é arte, ou é mal feito e já não é nem deixa de ser, é um rascunho que se tenta aproximar de alguma coisa mas que não chega a ser nada. (risos) Acho que um *graffiti* bem feito é uma manifestação de arte. Há outras coisas que eu acho que não são tão agradáveis pelo menos à vista. Aquele traço... pronto, não sou tão sensível a esse tipo de imagens. Isso não é o meu registo. (risos)

**Acha que a Covilhã é uma bela tela de arte que toda a gente deveria ver e conhecer?**

Sim, acho que sim. A Covilhã é uma bela de arte em muitos aspetos, também como arte urbana. É muito agradável. Eu lembro-me de terem começado a aparecer as primeiras e fiquei logo um bocadinho seduzida, até porque eu fico mesmo seduzida, porque eu não tenho jeito nenhum para fazer essas coisas e então acho extraordinário que alguém consiga fazer aquilo numa parede. (risos) Já acho difícil fazer num papel, numa parede acho extraordinário. Porque é preciso ter, de facto, uma visão... as dimensões, as proporções... é preciso, de facto, ter uma perceção, uma sensibilidade e uma criatividade extraordinárias. Eu valorizo imenso. E tenho acompanhado o surgir de umas e outras e tenho-me interessado. Acho que é realmente uma bela tela.

**Na sua opinião, o que é que, atualmente, melhor representa a cidade da Covilhã, tanto em Portugal, como no estrangeiro? Por outras palavras, qual é símbolo atual da cidade?**

Eu acho que a Covilhã ainda continua a estar muito ligada à riqueza paisagística da serra. Ainda continua a ser isso que move a maior parte das pessoas a vir, acho que ainda continua a ser, sim.

**Considera que a arte urbana da Covilhã (ou seja, o WOOL) é uma forte candidata para, num futuro próximo, vir a ser o símbolo da Covilhã?**

Isso agora tudo dependerá daquilo que o WOOL fizer. É claro que nós sabemos que todas as manifestações de arte e todas as vertentes da arte têm que ser apoiadas. A arte é difícil. É difícil ser-se artista, não é fácil. Mas os artistas às vezes também se queixam muito e às vezes nós damos conta de "temos estes apoios e temos aqueles, mas não chegam e precisamos de mais". Acho que o WOOL e a arte urbana têm essa vantagem, como eu já tinha dito, de se poderem oferecer às pessoas sem precisarem de muito, digo eu. Claro que há de ser necessário haver recursos, para poderem pintar têm que ter recursos materiais e tudo isso. Mas acho que em relação às outras artes têm essa grande vantagem, de, de facto, poderem oferecer-se às pessoas, quase. Enquanto que nas outras artes é preciso chamar as pessoas, aqui é a própria arte que se oferece às pessoas "estou aqui e podem olhar *pra* mim e ver", portanto, tem essa vantagem. A importância que pode vir a ter na cidade depende da força com que eles investirem na própria arte, nos próximos tempos. *Pra* mim, ainda continua a ser a Serra da Estrela aquilo que motiva as pessoas a virem, no inverno pela neve e no verão pelas paisagens.

**Considera que o centro histórico ganhou mais vida e/ou está mais desenvolvido desde que surgiram os murais de arte urbana do WOOL?**

Tem mais vida, está mais desenvolvido. Não tenho a certeza de que a razão disso tenha sido o WOOL. Houve um investimento a nível das habitações que está muito ligado com a universidade e com os estudantes que procuraram muito ali habitações, porque estão perto da universidade. Houve um investimento e continua a haver na requalificação de algumas habitações que estavam ali a cair, que ninguém lhes dava importância nenhuma, mas que agora fizeram ali habitações que estão adequadas, têm as dimensões mais ou menos adequadas para os estudantes e isso valorizou muito a zona histórica. Não tenho a certeza que tenha sido o motor para isso acontecer. Mas também valorizou muito. O facto de

terem surgido ali aquelas pinturas tornou a zona *ainda mais* interessante, mais agradável, ainda mais bonita, até um bocadinho mística, um pouco sedutora e tudo isso acho que é alguma coisa que agrada muito aos estudantes, à classe estudantil.

**Recomendaria a qualquer pessoa fazer a rota de arte urbana do WOOL?**

Sim, muito interessante. Recomendaria e recomendo, aliás. É mesmo muito interessante. A grande vantagem é... Para já é saudável, porque faz-se a caminhada, vai-se observando e se se puder fazer com um grupinho ainda melhor, porque se pode trocar impressões, pode-se tirar fotografias uns aos outros... É enriquecedor e de facto permite conhecer melhor a cidade, é uma forma de se ir conhecendo sem ser tão cansativo, vai-se parando, vai-se observando, vai-se comentando...

**Já alguma vez pintou uma parede pública com latas de *spray* ou outro tipo de material artístico?**

Não, nunca. Nunca me atrevera, porque eu tenho muito pouco jeito para isso e, portanto, antes que estragasse mais a parede do que ela já estaria é melhor não. (risos) Mas um dia gostava de experimentar fazer alguma coisa. (gargalhadas) Gostava de experimentar, como diz o povo "sem compromisso" e pedindo perdão antecipadamente do resultado da desgraça. (gargalhadas) Mas gostava. Ainda um dia hei de experimentar fazer qualquer coisa. E sentir sobretudo o prazer. Porque é assim, eu de facto pintar uma parede pública, nunca. Já tenho pintado às vezes paredes na minha casa, mas tudo na mesma cor e com rolo. (risos) E mesmo assim tira-se algum prazer! Portanto eu acho que ir a uma parede e pintar qualquer coisa numa parede deve dar um prazer extraordinário. Nesse aspeto, eu gostava de experimentar. Mas talvez fosse melhor ninguém ver depois. (gargalhadas)

**Gostava de experimentar pintar um mural se existisse uma atividade relacionada com a arte urbana, por exemplo, um workshop aberto à comunidade?**

Sim, participava. Sem dúvida! (risos)

**Conhece o projeto LATA 65?**

Não conheço.

**É um projeto criado pela Lara Seixo Rodrigues, uma das fundadoras do projeto WOOL, que consiste num workshop de arte urbana para idosos, daí o nome. E nós temos cá uma parede do LATA.**

Acho que já vi umas fotografias acerca disso, mas não sabia que se chamava LATA 65.

**A parede fica depois dos correios, na descida para a Igreja de S. Tiago e enfim, até já foi *graffitada* por cima...**

Pois, mas mesmo aquilo que é público ainda deve ser mais respeitado do que aquilo que é privado. Porque o público é de todos e, portanto, o nosso dever em relação aquilo que é público é um dever a dobrar, nós temos que respeitar aquilo que é de todos. Porque aquilo que é meu, é meu. E aquilo que é de todos... Às vezes não há esse respeito. Se já lá estava uma pintura e se já tinha sido feita... pelos idosos da Mutualista e fosse lá por quem fosse... isso já é estragar.

## 29) Catarina Rita, 53 anos, Covilhã – 11 de junho de 2019

**Já conhecia o WOOL – Festival de Arte Urbana da Covilhã, a organização que é responsável por estes murais na cidade desde 2011?**

la vendo as pinturas por aí dispersas, mas este último ano é que acabei por tomar conhecimento maior sobre o festival e a sua dinâmica.

**Tendo em conta todos esses murais, sente orgulho no trabalho que o WOOL tem desempenhado?**

Sim, sim. *Pra* já, porque são obras muito bem conseguidas e que têm um fio condutor, que é a região, as pessoas da região... Quando nós olhamos e vemos as peças dispersas às vezes não percebemos muito bem o significado, mas se participarmos numa visita guiada vemos que há um fio condutor que é a cidade, as pessoas e a região. E isso é muito importante. As peças, todas têm uma ligação muito forte à terra.

**Acha que o WOOL faz bem essa articulação entre o passado e o presente?**

Faz, faz e eu aconselho todas as pessoas a fazerem, de facto, a visita guiada, porque eu, por exemplo, fiz a visita guiada à pouco tempo e achei muito engraçado, porque conhecia as peças dispersas e há uma rua onde eu passo todas as semanas, que eu gosto muito de ir ao mercado e vou todos os sábados de manhã ao mercado, e já tinha visto uma figura com a cara riscada, mas nunca me tinha apercebido de umas figuras que estão pintadas ao longo da rua, que são as bruxinhas<sup>26</sup>. E, portanto, agora sei qual é o significado e são coisas que acabam por nos tocar também, porque são histórias da vida das pessoas e acho que isso é muito importante. Depois há as figuras aqui da cidade, há o Sr. Viseu que eu conheci quando vim para cá morar numa sardinhada, e ele estava super orgulhoso e eu ainda não tinha visto o mural com a cara dele e depois de ver... Eu que só vi o Sr. Viseu duas veze, dá logo para reconhecer, portanto foi uma obra muito bem conseguida. Mas o que eu acho muito interessante, é as peças não serem dispersas, terem conteúdo. Para além do fio condutor há uma grande ligação à terra. Há um que eu não gosto particularmente da imagem... e não percebia. São umas plantas que acho que são um bocado grotescas e grandes, a mim é o que me diz menos, mas, de facto, depois tem um significado, não é feito às "três pancadas" e é isso que é importante.

**Desde que estes murais existem na cidade, influenciaram de alguma forma a sua vida ou a sua rotina do dia-a-dia de alguma maneira?**

Sim... Fiz a visita guiada do WOOL, por exemplo, portanto já saí de casa para ir fazer uma visita guiada. Para já por causa da questão do trabalho, como trabalho em hotelaria nós aqui aconselhamos sempre os nossos clientes, damos-lhes sempre o mapa do WOOL, porque também estamos muito perto dos murais e fazemos questão de lhes dar. As pessoas gostam, independentemente da idade podem não ir ver os murais todos, mas vão ver alguns e estão aqui relativamente perto. Eu também tive muita vontade de saber aquilo para onde estava a mandar as pessoas, até para explicar algumas coisas que também não sabia. Depois, o ter tempo também me levou a realizar a visita guiada, porque inclusivamente nós já tínhamos aqui organizado uma, mas eu não pude participar, tinham-nos pedido para fazermos uma para os nossos clientes. Teve a ver muito com a parte profissional.

**Então, está satisfeita com o "novo" aspeto visual da Covilhã?**

---

<sup>26</sup> A entrevistada refere-se aos *stencils* feitos pela artista Luísa Cortesão conhecida como L\* is not an artist.

Acho que tem havido cuidado e que vai continuar a haver cuidado de também não massificar, não haver em cada parede uma pintura, porque se não, se calhar, as coisas ficam feias e descaracterizadas. Mas como elas também acabam por ter um tempo de duração limitado, se calhar dá para reaproveitar os espaços e acaba por ser uma galeria a céu aberto que torna a Covilhã mais bonita. Eu já vi as de lá de baixo, as novas, falta-me ver uma, e fiquei impressionada com uma que está ao pé da igreja, a do jardim público...da rapariga, porque parecia-me um quadro ou uma fotografia... Mais uma fotografia que um quadro, se calhar. De facto, a qualidade é muito grande e a qualidade das técnicas são muito grandes.

**Acha que a cidade, devido à existência das pinturas, está mais divertida, menos degradada, mais convidativa, mais interessante?**

É, porque nós não temos muita coisa *pra* mostrar. Temos muita coisa à volta, temos muita natureza, mas depois não temos *pra* prender as pessoas...e eu acho que é um roteiro que é muito interessante de se fazer, não é demorado e torna a cidade muito mais interessante, muito mais rica.

**Na sua opinião, em que aspeto o WOOL mais valoriza a cidade da Covilhã? No fundo, qual é o acrescento que o WOOL dá à cidade?**

Acho que acrescenta em todas as valências. *Pra* já, porque nós aqui apercebemo-nos que há muita gente que vem de propósito *pra* ver as pinturas, à Covilhã. E eu não tinha noção, mas há artistas conceituados que fazem questão de vir pintar à Covilhã. Se calhar há sítios onde toda a gente pinta e aqui, como há uma seleção, eu acho que as pessoas também têm mais vontade. Depois acho que da parte dos organizadores há um esforço muito grande para receberem bem os artistas e eu acho que isso também faz a diferença. Depois os organizadores são pessoas que vivem muito a cidade e as pessoas e têm um intercâmbio muito engraçado com as pessoas... Inclusive, agora voltando atrás, quando conheci o Sr. Viseu foi muito engraçado, porque fizeram uma sardinhada onde estavam os habitantes locais, pessoas já de 70 e 80 anos e depois uma série de pessoas...algumas que são da cidade e outras que não são, mas com competências profissionais variadas...e para além das pessoas se conhecerem, as pessoas são amigas, são pessoas que vivem aqui nesta zona mais antiga e toda a gente se conhece. Eu que vim de uma vila que não tem estas características em que não conhecia os vizinhos do prédio ao lado e aqui isso é muito engraçado. Não sei se é de bairro ou de pertença, mas eu acho que é de pertença à terra e de valorizar as pessoas que cá vivem, sobretudo os saberes das pessoas mais velhas, os artesãos...são competências que se vão perdendo e que eu acho que é engraçado de ver. Por isso...diria que valoriza muito a nível turístico, sim. Vêm-se grupos que vêm nas visitas guiadas e são grupos com alguma dimensão, de facto é porque as pessoas estão interessadas em fazer estas visitas e não são pessoas de terra.

**Recomendaria a qualquer pessoa fazer a rota de arte urbana do WOOL?**

A qualquer pessoa se calhar não, nós temos que ver se calhar quais são as limitações, o gosto e o interesse delas. Eu tive cá uns clientes e eram já umas pessoas de mais de 60 anos e recomendámos o roteiro e eles vieram encantados, *pra* já porque pararam ao pé de uns murais e houve uma pessoa que vivia ali perto e que lhes esteve a explicar o significado. E eles, mais do que os murais, ficaram enternecidos com a explicação que a pessoa foi lá dar e depois mostrou outros e encaminhou-os. E isso é importante e faz a diferença entre as cidades, o carinho e a receção e o orgulho que as pessoas têm pelas peças. Além disso, uma pessoa que faça o roteiro acaba por conhecer não só a cidade, como também a história, a ligação do mural à cidade.

**Dá-lhe mais prazer viver na Covilhã desde que estas pinturas existem?**

Sim, eu acho que sim. É diferente. O que se está a aproveitar são paredes que estavam degradadas, feias... E acho que é interessante ao final de uma rua cheia de casas velhas, algumas já a cair, encontrar uma obra de arte daquelas. É engraçado.

**Considera este tipo de imagens que vê nas paredes, arte ou vandalismo?**

Estes eu considero arte. Eu sou de uma zona onde eram vandalismo, já lá há algumas peças e alguns trabalhos muito interessantes, mas outros que eram puro vandalismo.

**Quais são as peças que considera vandalismo?**

Os *tags* e os *graffitis*. Tudo tem que ter alguma qualidade e também tem que se saber onde se pode fazer, porque se se chega a uma parede de alguém, não se pede autorização e se faz o que queremos, se calhar as coisas não correm bem e acaba por ser um bocadinho vandalismo. As coisas não podem ser desorganizadas. Eu não posso comprar meia dúzia de latas de *spray* e andar a pintar "meio mundo", por isso é que eu acho importante este fio condutor, a autorização, uma série de coisas. Se calhar até havia paredes que estavam mais expostas, mas que se calhar as pessoas não querem, não autorizam, também têm o direito de não querer.

**Acha que a Covilhã é uma bela tela de arte que toda a gente deveria ver e conhecer?**

É! Sim, sim.

**Concorda que as mensagens e os significados que estas pinturas transmitem são importantes para preservar a memória da Covilhã e os seus valores?**

São. Por acaso é pena nós por vezes não termos ao pé dos murais, haver uma descrição daquilo que o artista queria dizer. Se calhar é uma coisa a incluir nas peças, porque eu inclusivamente tinha dito a uma amiga ontem, está aqui perto uma porta e eu nunca tinha lido a mensagem que está lá escrita, porque está lá escrita, mas nem sequer é uma mensagem que eu tivesse que interpretar. Nós olhamos e às vezes não vemos as coisas. Mas as visitas guiadas também são uma oportunidade de convívio entre as pessoas e são feitas por quem convive com os artistas e sabe aquilo que os artistas queriam fazer, sabe quais foram as técnicas utilizadas também, porque é espantoso como é que com latas de *spray* se podem fazer coisas magníficas e com uma precisão enorme, que não lembra a ninguém.

**Na sua opinião, o que é que, atualmente, melhor representa a cidade da Covilhã, tanto em Portugal, como no estrangeiro? Por outras palavras, qual é símbolo atual da cidade?**

Eu vejo muito pouca televisão, mas quando vejo notícias sobre a Covilhã é a neve. Algumas iniciativas que vão existindo, mas muito mais ligadas ao inverno do que propriamente ao verão. Depois são os festivais, a *cherovia*, que é assim uma coisa um bocadinho... estranha! (risos) Para quem vem de fora é uma coisa estranha... E pouco mais.

**Considera que a arte urbana da Covilhã (ou seja, o WOOL) é uma forte candidata para, num futuro próximo, vir a ser o símbolo da Covilhã?**

Eu acho que sim, só que estas coisas são super difíceis de se conseguir e é assim tem que haver uma convergência muito grande de muita gente e não podem ser só os organizadores a lutar contra tudo e contra todos. Acho que falta divulgar por parte das instituições da Covilhã. Se não se fala das coisas, as coisas não existem. Se calhar cabe também aos mais novos, agora na era das redes sociais, é tudo imediato o partilhar... Se estamos à espera só que sejam os poderes políticos e as partes mais organizadas, se calhar são pessoas de outra geração que não estão tão sensibilizadas para isto e estão preocupadas com outras

coisas. Podem ser mais ou menos importantes, mas se as pessoas não valorizam, não vale a pena. Portanto se calhar tem que ser, de facto, as pessoas mais novas a partilhar, a falar... Tem que ser assim, tem que ser um bocadinho o boca-a-boca e a partilha. Eu tinha dito a um dos organizadores, há dois anos já, que umas colegas minhas tiveram cá e tiraram fotografias ao pé do mocho do BORDALO II..., portanto, as pessoas gostam e fazem questão. E acabam por vi aqui dar um bocadinho por acaso. Mas se as coisas estiverem mais estruturadas, eu acho que pode ser também uma coisa muito boa, sobretudo aqui no centro histórico da Covilhã. Por isso, a sensação que tenho ainda é que seja a neve. As fábricas dos lanifícios que os mais velhos valorizam muito, acho que continuam a existir e dão trabalho a algumas pessoas, mas esta cidade é mais uma cidade de serviços do que propriamente de indústria. É uma cidade estudantil, que isso também acho que é muito importante, se a universidade não tivesse vindo *pra* cá, a Covilhã tinha morrido...morrido no aspeto de não ter vida nem interesse. Acho que se calhar a universidade neste momento é mais importante do que as outras coisas, é o que atrai mais as pessoas à cidade.

**Considera que o centro histórico ganhou mais vida e/ou está mais desenvolvido desde que surgiram os murais de arte urbana do WOOL?**

Sim, tem mais vida. Tem mais movimento. Têm aberto alguns estabelecimentos comerciais, nem todos estão a conseguir aguentar, mas vão abrindo, as pessoas vão fazendo algum esforço. O facto de haver restauração aqui também puxa as pessoas, porque as pessoas vão *pra* sítios onde podem comer, podem beber, podem conviver com os amigos. Por acaso uma das coisas que me fazia impressão e que continua a fazer é passar aqui por algumas ruas onde se percebe que já houve muita dinâmica em termos comerciais e agora só há lojas vazias. Mas isso também faz parte, não só da Covilhã, faz parte um bocadinho das cidades todas e os políticos nisso têm muita culpa com a permissão, porque toda a gente quer um centro comercial, mas os centros comerciais depois destroem os centros das cidades. Mas vamos vendo coisas aqui... Por exemplo, agora abriu uma barbearia, vai abrir outro hotel, têm aberto restaurantes e tudo aqui nesta zona mais antiga, e isso vai puxando. E uma oferta diferenciada também é importante. Acho que é bom haver coisas diferentes para que as pessoas também subam. O WOOL também faz com que as pessoas subam e eu penso que um dos objetivos da organização do WOOL era trazer vida cá *pra* cima e eu acho que nesse aspeto eles estão a conseguir, nem que seja esporadicamente.

**Acha que ainda há trabalho para ser feito aqui no centro histórico?**

Sim, há imenso, porque as pessoas não valorizam... Se calhar não são as chefias, mas sim as chefias intermédias e os pequenos poderes que dificultam muito a vida de quem quer trabalhar, sobretudo aqui. Nós, por exemplo, temos três caixotes do lixo à porta do restaurante que ainda não conseguimos que os tirem da porta do restaurante... Havemos de conseguir. Nem sequer é permitido por lei, não faz sentido. Há coisas do dia-a-dia que de facto não facilitam a vida de quem quer aqui trabalhar.

**Já alguma vez pintou uma parede pública com latas de *spray* ou outro tipo de material artístico?**

Não, nunca. (gargalhadas) Nem sequer escrevi numa porta de casa de banho! (gargalhadas)

**Gostava de experimentar pintar um mural se existisse uma atividade relacionada com a arte urbana, por exemplo, um workshop aberto à comunidade?**

Sim, gostaria de participar. Por acaso achei muito interessante, porque vi um mural que foi feito por pessoas mais velhas e achei que era uma coisa interessante de fazer. Se conseguisse ia.

**Sabe qual é o nome desse projeto?**

Ai, esqueci-me... Acho que é qualquer coisa 65.

**Exato, eu ia-lhe perguntar precisamente se conhece o projeto LATA 65.**

Por acaso acabei por não perceber bem qual era o nome, mas sei que consiste em trabalhar com pessoas com mais de 65 anos.

**É um projeto criado pela Lara Seixo Rodrigues, uma das fundadoras do projeto WOOL, que consiste num workshop de arte urbana para idosos, daí o nome. E nós temos cá uma parede do LATA, tal como referiu.**

Muito bem.

30) Ângela Alves, 16 anos, Covilhã – 10 de junho de 2019

**Já conhecias o WOOL – Festival de Arte Urbana da Covilhã, a organização que é responsável por estes murais na cidade desde 2011?**

Já conhecia as pinturas, mas não sabia que havia propriamente um festival para fazer as pinturas, pensava que iam fazendo esporadicamente. Mas fiquei a conhecer precisamente ontem quando fui a visita. (risos)

**Tendo em conta todos esses murais, sentes orgulho no trabalho que o WOOL tem desempenhado?**

Sim, acho que o trabalho deles é bastante bom até para dar cor à cidade. Dá um aspeto diferente... é melhor do que termos paredes velhas, não se vê apenas paredes degradadas, as pinturas dão outro aspeto até para quem visita.

**Então, estás satisfeita com o “novo” aspeto visual da Covilhã?**

Sim, gosto muito mais do visual da cidade.

**Achas que a cidade, devido à existência das pinturas, está mais divertida, menos degradada, mais convidativa, mais interessante?**

A meu ver sim, acho que sim. Acho que ninguém gosta de ir a uma cidade e ver as paredes a cair ou com mau aspeto... Se tiver paredes assim coloridas e com estas pinturas torna-se muito mais interessante visitar uma cidade.

**Na tua opinião, em que aspeto o WOOL mais valoriza a cidade da Covilhã? No fundo, qual é o acrescento que o WOOL dá à Covilhã?**

Acrescenta mais valor a nível turístico, porque os próprios turistas veem as pinturas e fazem questão de as vir cá visitar. Nota-se que há mais procura. A nível imobiliário, as próprias imobiliárias não ligam muito às casas que estão a cair, mas acho que se estiver, em torno delas, pinturas como as que a WOOL faz, podem olhar para o centro histórico como uma zona mais agradável de se viver e daí haver um investimento.

**Qual é a principal diferença que sentes?**

Acho que é mesmo em termos de movimento no centro histórico. Tenho vindo a encontrar muitas pessoas que querem ver as pinturas e não sabem onde estão, pedem indicações para ver os murais. Já me aconteceu não saberem onde era o mocho. Reparei que são pessoas que não eram de cá, já me aconteceu com dois ou três espanhóis, e até um inglês, que eu nem sabia bem como explicar. (risos)

**Desde que estes murais existem na cidade, influenciaram de alguma forma a tua vida ou a tua rotina do dia-a-dia de alguma maneira?**

Sim, já. Por exemplo em nem ia muito para as Portas do Sol, mas desde que lá estão as pinturas, acho que dá outro ar, outro aspeto e tornou-se em um local que frequento, até porque prefiro ir para um espaço ao ar livre que tenha estas pinturas do que estar dentro de um café.

**Dá-te mais prazer viver na Covilhã desde que estas pinturas existem?**

Sim, muito pelo que referi, de poder estar em locais ao ar livre e estar em outro ambiente. Poder sair de casa e ir conviver para junto dos murais. Dá outro sentido à conversa e dá mais vida à cidade. Aproveito mais a minha cidade, assim. Ao pé de uma parede a cair uma pessoa não se sente tão bem, mas assim... é diferente. Passo mais horas.

**Consideras este tipo de imagens que vês nas paredes, arte ou vandalismo?**

Arte, arte! Acho muito desagradável haver pinturas já com *graffitis* por cima, porque estes artistas do WOOL tentam dar outra vida à cidade com arte de rua e as pessoas estragam essa arte e isso para mim torna-se vandalismo.

**Achas que a Covilhã é uma bela tela de arte que toda a gente deveria ver e conhecer?**

Sim, claro que sim.

**Concordas que as mensagens e os significados que estas pinturas transmitem são importantes para preservar a memória da Covilhã e os seus valores?**

Sim, porque todos os murais estão ligados à história da Covilhã, talvez alguns não estejam tão explícitos, mas para isso também existem as visitas guiadas. Mas há muitos que se pode reparar logo na história da Covilhã, com os lanifícios ou as plantas típicas da zona.

**Já fizeste alguma visita guiada?**

Sim, já.

**O que é que te levou a participar?**

Eu sempre gostei das pinturas e queria ir saber um pouco mais sobre elas. Mas há certas visitas que apesar de o tema poder ser interessante, as pessoas acabam por tornar aquilo aborrecido. Este não foi o caso, acho que foi tudo muito bem explicado, didático e sem dúvida que quem nos guiou nesta visita conseguiu captar a nossa atenção, não foi aborrecido de todo. Gostei bastante de ir.

**Na tua opinião, o que é que, atualmente, melhor representa a cidade da Covilhã, tanto em Portugal, como no estrangeiro? Por outras palavras, qual é símbolo atual da cidade?**

Dentro e fora de Portugal acho que a WOOL já faz isso, já é um forte representante da nossa cidade. Até pelas redes sociais. Mas também temos a Serra da Estrela e a UBI. Que também são peças importantes na nossa cidade.

**Consideras que o centro histórico ganhou mais vida e/ou está mais desenvolvido desde que surgiram os murais de arte urbana do WOOL?**

Com certeza, os próprios idosos que se prendiam mais em casa acho que já procuram sair mais e passear e ver as pinturas e acredito que para eles também dê outro encanto. Até jovens que não vinham tanto para esta zona já passam a frequentar mais esta zona. Há mais pessoas a passear por aqui.

**Recomendarias a qualquer pessoa fazer a rota de arte urbana do WOOL?**

Sim, acho que é interessante ver as pinturas e o roteiro dá-nos a conhecer a história, assim como a cidade da Covilhã. É juntar o útil ao agradável.

**Já alguma vez pintaste uma parede pública com latas de *spray* ou outro tipo de material artístico?**

Já, com marcadores. (risos) Fiz um desenho com uma amiga na escola. Que até foi a lápis, mas o desenho ficou tão feio que decidimos apagar. (risos)

**Gostavas de experimentar pintar um mural se existisse uma atividade relacionada com a arte urbana, por exemplo, um workshop aberto à comunidade?**

Sim, participaria com todo o gosto.

**Conheces o projeto LATA 65?**

Sim, tenho conhecimento, foi falado ontem na visita. Sei que foi feito por idosos com mais de 65 anos que fizeram um mural. E que infelizmente já está estragado por vandalismo. Com tantas paredes à volta e tinha que fazer em cima do mural e as pessoas que não sabem podem não saber que aquilo não tem nada a ver com o mural. Estraga um bocado. Mas tive oportunidade de o ver várias vezes antes de estar estragado e estava espetacular, não só o mural, como a ideia em si. Torna os idosos muito mais ativos, porque é raro ouvir-se falar dos idosos na Covilhã, é uma faixa etária que às vezes fica esquecida e acho que ao estarem a fazer workshops com eles dá-lhes importância, traz-lhes outras coisas. Existem muitos idosos que não têm ninguém e que estão em casa... Atividades destas devia haver mais.

## APÊNDICE 11 – ENTREVISTA À ORGANIZAÇÃO

Lara Seixo Rodrigues, 40 anos, Covilhã – 27 de junho de 2019

**Lara, vamos voltar no tempo, até 2011, quando ainda não existia arte urbana na cidade. O que é que viste na Covilhã que era perfeito para instalar ali o WOOL?**

Basicamente o WOOL é mesmo fruto de duas paixões que se misturam, que tem a ver com a história da cidade e com a arte urbana, *graffiti*. . . Eu e o meu irmão principalmente, nós crescemos sempre na Covilhã, sempre com esta admiração pela história da Covilhã e constatação do seu esquecimento ao longo do tempo. Por outro lado, crescemos dentro de uma loja de eletrodomésticos onde eramos expostos a muita MTV, muita televisão, esta cultura toda que vinha de lá de fora e depois as revistas. . . Depois eram os meus pais que começaram a viajar e que nos traziam imagens, revistas, livros e depois nós também íamos de férias para Espanha, onde lá este tipo de expressões já aconteciam bastante, mas em Portugal ainda não. Depois também viemos estudar para Lisboa, mais ou menos quando realmente em Lisboa tudo começou a acontecer. Portanto nós sempre estivemos próximos. Acho que antes disto, vem o facto de eu e o meu irmão sempre termos produzido muito, ou seja, nós desde pequenos quase ou desde os 13, 15 anos, fazíamos eventos na Covilhã e, portanto, *esta coisa* do “querer fazer” já existia, de querer contribuir com algo *para*. Isto tudo, o facto de nós querermos fazer isto, o facto de nós acharmos que a Covilhã, cada vez mais, era uma cidade muito abandonada – o centro histórico especialmente, porque nós também crescemos sempre nesta zona da cidade, apesar de não vivermos nela, era realmente a zona da cidade que nos atraía e onde passávamos os nossos dias – e queríamos fazer alguma coisa. Nós crescemos a ver projetos super interessantes a saírem da Covilhã e a cidade a ficar cada vez mais vazia, com menos comércio. . . Nós achávamos que tinha de haver aqui algo diferente para ser um ponto de rotura, não digo um ponto de rotura drástico, mas algo que começasse outra vez a trazer pessoas à cidade, que desse uma nova identidade à cidade. Porque a verdade é que a Covilhã desde a queda dos lanifícios, e apesar de ter uma universidade, a verdade é que nunca conseguiu definir o seu novo caminho, até porque a Câmara teve muito tempo de costas viradas com a universidade e vice-versa. Acho pessoalmente que a universidade continua a estar muito fechada nela própria e não produz e não trabalha para a cidade também. . . Portanto, achávamos que existia esta forma de trazer cultura, arte, a todos na rua, no centro histórico. Acho que essa questão da geografia do centro histórico, que provoca a dinâmica do circuito, acho que só descobrimos depois, na verdade. Por exemplo, hoje quando vou a uma cidade consigo perceber “olha, aqui funcionava *muito* bem!”, mas na verdade na Covilhã não. Tínhamos outros objetivos. Era mesmo objetivo trazer algo de novo à cidade, algo ao centro histórico que estava absolutamente abandonado, esquecido, envelhecido e homenagear, ao mesmo tempo, a cidade. Hoje conseguimos perceber que realmente a Covilhã tem uma geografia, uma geometria super interessante para fazer este projeto.

**E como é que começou, efetivamente, o WOOL?**

Nós tínhamos esta ideia de fazer, mas tínhamos que arranjar, obviamente, o financiamento. Aquilo que nós fizemos foi uma ideia que foi nascendo, foi germinando depois também com a Elisabet. Na altura acho que ela e o meu irmão ainda viviam em Lisboa, mas o meu irmão sempre foi muito chegado à Covilhã e sempre disse que queria voltar para lá e era lá que nós queríamos fazer. Então, o que fizemos foi: desenhámos aquilo que nos parecia um projeto interessante nesta área, preenchemos a candidatura dos

apoios pontuais da DGARTES<sup>27</sup> em 2011...ganhámos. Não sei se ainda é, mas na altura era *imensa* papelada que tinha que se preencher. Tinhas que, inclusivamente, dizer o número de *flyers* que vais ter na cidade, o número de cartazes que vais ter na cidade, a capacidade de envolvimento de todas as atividades, portanto era mesmo muita coisa. E nesse ano aquilo que nós definimos foi...mantém-se mais ou menos igual, mas um bocadinho diferente. Porque era a primeira edição, nós achámos que vir com “não sei quantos” artistas ao mesmo tempo para a cidade era um risco e queríamos realmente começar devagar, até porque nós tínhamos outras profissões, não era a nossa área, não estávamos por dentro, apesar de já termos uma prática de produção grande. E então decidimos trazer quatro artistas – dois portugueses e dois estrangeiros –, mas cada um vinha à cidade uma vez por mês e ficavam uma semana e durante essa semana faziam um mural e uma atividade paralela, em que a atividade paralela podia ser uma palestra ou podia ser um workshop. Os estrangeiros, neste caso a BTOY, fez um workshop e os portugueses fizeram a palestra, sendo que os ARM Collective inclusivamente fizeram uma visita guiada à própria peça. Isto era mesmo o formato, não havia mais atividades paralelas para além destas.

### **Então no início era um artista por mês...**

Sim, era. Começámos em outubro de 2011 e depois foi uma vez por mês. Na verdade, a última que era a intervenção do JR, do *Inside Out Project*, tivemos que adiar, porque nós, para além da simples fotografia do rosto com retrato normal a preto e branco, nós decidimos entrevistar as pessoas. A história que nós queríamos contar era a dos antigos empresários e trabalhadores da indústria têxtil e, portanto, nós queríamos entrevistar, porque percebemos que não havia assim tantos registos de pessoas que trabalharam na indústria e de todas as idades! Na verdade, nós tínhamos pessoas muito novas de 30 e poucos, até bastante idade, até aos 90 anos, muitos deles infelizmente já morreram, mas nós queríamos ficar com esse registo, e esse registo tem sido usado para *n* coisas. Nós demorámos imenso tempo e só, na verdade, fizemos no ano seguinte a colocação dos cartazes na rua. Mas voltando atrás. Nós ganhámos o financiamento, fomos umas das primeiras dez propostas, porque eles só financiavam até aos dez primeiros, entre 200 e tal. Para além disso, depois tu tinhas de arranjar um valor extra, um patrocínio extra e foi quando nós fomos à Câmara e apresentámos o projeto e lhes dissemos “temos este financiamento, falta muito pouco, precisamos de arranjar outro extra” e eles disseram que suportavam, obviamente. E foi assim que aconteceu a primeira edição do WOOL, primeiro festival de arte urbana em Portugal. O primeiro em Portugal Continental, porque por acaso nessa altura, uns meses antes aconteceu o Walk&Talk nos Açores, mas que, entretanto, eles derivaram para uma coisa completamente diferente e nós mantivemo-nos um bocadinho fiéis ao formato e intenções originais, principalmente aos nossos objetivos.

### **Mas o festival nem sempre se realizou...**

Em 2012 nós fizemos novamente a candidatura aos apoios pontuais da DGARTES. Não conseguimos obter financiamento, ficámos para aí em 11º. Reclamámos, não serviu de nada, obviamente. Já tínhamos economizado um bocadinho o valor e já tínhamos convidado um artista para a segunda edição em 2012 e foi aí que veio o KRAM, a fazer uma intervenção única em 2012. Em 2013 não houve apoios pontuais, foi quando retiraram o Ministério da Cultura, não abriram apoios, portanto não se fez nada. Em 2014 voltámos a candidatar-nos, porque voltaram a abrir os apoios pontuais, voltámos a ganhar. E os apoios pontuais têm sempre os objetivos chave. Aquilo é por pontuação e, portanto, quanto mais tu te aproximares dos objetivos que eles pretendem, mais pontuação tu ganhas e nesse ano o principal era trabalhar com artistas portugueses e promover a arte portuguesa. Nessa edição é a única em que nós realmente só trouxemos quatro artistas portugueses, não trouxemos estrangeiros e num formato mais

---

<sup>27</sup> DGARTES é o acrónimo para Direção-Geral das Artes – organismo do Ministério da Cultura da República Portuguesa que apoia, promove e qualifica as artes em Portugal.

alargado de residência, em que eles ficaram 15 dias na cidade e foi então quando começámos a implementar também as atividades paralelas: palestras, exposições, artistas que produziram obras na Covilhã e expusemos na Covilhã (depois essa exposição andou itinerante pelo país inteiro), tivemos filmes, tivemos as conversas com os artistas... Tivemos uma série de atividades paralelas pela primeira vez. Nesse ano, curiosamente, ainda tivemos um artista adicional que foi surpresa, o ±MAISMENOS±, que também se juntou à residência. Depois em 2015 novamente a mesma situação: concorremos à DGARTES, não conseguimos. Fomos ter com a Câmara, porque achávamos já naquela altura, e constatávamos, que a Covilhã e a comunicação toda da Covilhã já se identificava com o trabalho que nós estávamos a fazer com o WOOL e, portanto, fazia sentido a Câmara financiar um projeto que está a trabalhar para a cidade e que na prática todos os nossos resultados eram usados pela própria Câmara para promover a cidade. Em 2014, a peça do BORDALO II foi eleita uma das 25 melhores do mundo, o que levou bastante o nome do festival lá fora. A Câmara apoiou com uma verba mínima, nós também já tínhamos novamente economizado do ano anterior e, portanto, conseguimos levar dois artistas à cidade: o Pantónio e o SAMINA. E eu acho que aqui percebe-se este nosso amor à camisola, literalmente, de não querermos morrer. Por exemplo, nós percebemos da primeira vez que fizemos em 2011 e depois por não termos feito durante dois anos, nós passávamos pelo centro histórico e as pessoas perguntavam-nos quando é que voltávamos a pintar, porque tinham saudades daquela agitação e de trazer mais cor ao centro histórico. Em 2016, novamente, fomos ter com a Câmara e eles prometeram que iriam apoiar o festival. Tivemos sempre a promessa de que iriam e iriam fazê-lo e o festival era para acontecer no início de outubro novamente e no final de agosto nós não tínhamos ainda certezas de nada e tivemos que cancelar. Já tínhamos todos os artistas convidados e basicamente dissemos "assim não dá". Foi muito falado na comunicação social, foi quando a Câmara realmente percebeu o poder que o festival tinha e a repercussão que uma notícia pode ter a nível nacional e então foi quando eles decretaram em Assembleia Municipal que o WOOL ia ter financiamento, um apoio, durante três anos – que acabou este ano. Portanto os últimos três anos foi com financiamento da Câmara que se fez no formato que nós instituímos e que funciona muito bem, que são quatro artistas (dois portugueses e dois estrangeiros que vêm todos ao mesmo tempo) e depois todas as outras atividades paralelas que se apresentam também durante aquela semana.

### **Então agora já fazem o festival sem a DGARTES.**

Sim, sem a DGARTES. Agora é mesmo só a Câmara e este ano, por exemplo, a ADC<sup>28</sup> também ajudou o financiamento de uma parede e depois todos os outros parceiros. O WOOL seria impossível de fazer nos últimos três anos se não tivéssemos parceiros como o Grupo IMB Natura dos hotéis, os restaurantes que nos apoiam imenso com a alimentação dos artistas e depois coisas como, por exemplo, é preciso um martelo, arranjam, é preciso alguém com uma máquina qualquer para fazer não sei o quê e uma empresa empresta. Seria impossível o WOOL acontecer se realmente *n* empresas não se associassem a nós.

### **Quais é que foram as principais dificuldades que sentiram, como festival, no seu início e que agora, atualmente, já não sentem?**

Eu acho que há uma que se sente sempre, que é o facto de ser um festival no interior. Eu lembro-me de uma conversa que tive em 2011 com a equipa do Walk&Talk em que eles se lamentavam muito, porque estavam numa ilha. E eu disse-lhes "vocês vão crescer muito mais rápido do que nós, porque vocês têm apoios específicos para a insularidade, pelo facto de estarem numa ilha, têm um instituto de turismo próprio, têm um governo próprio, têm apoios próprios e vocês vão conseguir crescer muito mais rápido do que nós, porque nós vamos estar sempre no interior". E a verdade é essa. Eles neste momento têm um

---

<sup>28</sup> A entrevistada refere-se à empresa Águas da Covilhã.

financiamento que ronda os 200 mil euros e nós continuamos desde 2011 com 25 mil euros, portanto... Isso é algo que *tu sentes sempre*. O facto de estares a trabalhar no interior (e o interior não é atrativo para grandes empresas e não tens grandes empresas). Portanto, torna-se muito complicado obteres apoio dessa forma, direta, com empresas que é muitas vezes a maneira como muitos projetos subsistem, de festivais de música e afins que se associam a *esta marca* e à *outra marca* e vão crescendo pela visibilidade. Nós somos o festival realmente que tem mais visibilidade e que acontece há mais tempo em Portugal e continuamos a não ter apoio de grandes empresas, grandes marcas, porque não há esse interesse. Aquilo que nós sentimos especialmente este ano foi que o número de empresas locais que se associaram ao festival foi muito grande, o que para nós nos enche de orgulho, porque é para estas pessoas que nós também estamos a trabalhar. E quando estas pessoas percebem isso e se associam a nós e se querem associar a nós, quer dizer que o nosso trabalho está a ser bem feito. E isso facilita bastante. Quer se queira, quer não, um restaurante oferecer uma refeição com uma equipa de 13, 15 pessoas... é brutal. E, portanto, quando tu percebes que de repente tens cinco restaurantes que se querem associar a nós, mais dois hotéis que querem, quer dizer... é maravilhoso. Porque realmente nós estamos a trabalhar com um orçamento baixíssimo, para a qualidade do projeto e para as necessidades do próprio projeto.

**Desde o aparecimento do WOOL, que transformações consideras que tenham acontecido na cidade? O que é que achas que mudou?**

Desde o início sentiu-se... Nós começámos numa região do país onde não havia *graffiti*, não havia rigorosamente nada. Era uma cidade virgem. As pessoas estranharam e depois entranharam, literalmente. E depois era muito curioso, porque nós recebíamos mensagens no Facebook das pessoas a darem-nos opinião de "olhe, eu vi este artista, porque é que vocês não o trazem cá para o ano?" ou "olhe, tive 'não sei onde' e descobri um mural do mesmo artista que vocês levaram à Covilhã" ... Portanto, um dos objetivos que era o despertar para a cultura foi claramente conseguido e continua cada vez mais. Esse aspeto acho que mudou radicalmente. As pessoas sentem orgulho. Eu cada vez que estou na Covilhã e estou no centro histórico e as pessoas nem sequer sabem quem eu sou, é muito bom vê-las fazer o circuito. É muito bom, por exemplo, quando me cruzo com taxistas que andam a fazer a visita guiada a turistas que não querem fazer a pé e, então, anda o taxista a fazer o circuito com eles de táxi. *N* turistas que eu encontro, com que me cruzo, e sei que eles estão a fazer a visita. Percebes realmente que esse objetivo de trazer pessoas ao centro histórico, também está absolutamente conseguido. Por exemplo, no outro dia estava a fazer a visita guiada para o Turismo de Portugal, que acabámos na Covilhã. É uma visita guiada que faço há três anos promovida pelo Turismo de Portugal da Região Centro, a que eles chamam de *press trips*, em que um grupo de jornalistas vem de determinada origem. De Benelux este ano, por exemplo, eram só alemães e superespecializados e pessoas que inclusivamente fazem parte de produção de festivais na Alemanha e, novamente, fizemos o trajeto: vamos a Estarreja, Aveiro, Figueira da Foz, Viseu e chegámos à Covilhã... E foi muito engraçado este ano, que fizemos esta volta toda com pessoas especializadas, e é quando chegam à Covilhã que eles dizem mesmo assim "é aqui que se sente, é aqui que faz sentido". E foi muito curioso, porque andávamos a ver – e esta foi a vez que eu levei o grupo a ver mais peças em Viseu – e eles chegaram ao fim e dizem-me assim "não se sente rigorosamente nada; vê-se que as pessoas vieram pintar, mas não se transmite e eu chego à Covilhã e sinto amor"... As peças fazem sentido, as histórias fazem sentido, os sítios onde estão fazem sentido, vê-se que há um cuidado a esse nível e o que me diziam eram que consegue-se sentir isso também em Estarreja e Figueira da Foz, mas realmente na Covilhã tem uma dimensão muito diferente e o facto do circuito se poder fazer a pé... É muito bom também, não só para os locais, mas para quem vem à Covilhã perceber realmente essa diferença. E este grupo especialmente, este ano, foi mesmo muito efusivo nisto de dizer "nem sequer vou falar quase dos outros sítios, porque é aqui que faz sentido falar de arte urbana, é aqui realmente que se sente que a arte urbana realmente pode

mudar a identidade". Eles disseram-me coisas como, por exemplo: "eu vou passear pelo centro histórico e vou tão entretida a ouvir as histórias, a ver os murais que eu nem percebo que o centro histórico está todo degradado". Porque está. "E existe aqui uma magia que consegue, de tal modo, mudar a nossa perceção de um local, que nós estamos aqui e estamos a disfrutar do passeio e das histórias todas que se vão contando e nós não sentimos que realmente isto está super estragado e abandonado". Apesar de que nós não trabalhamos para esconder, não é?! E foi curioso, porque nesse grupo nós cruzámos com um casal da Covilhã que andava a passear com dois casais amigos de Lisboa e uma das jornalistas queria entrevistar pessoas e ela perguntou-me "olha, posso entrevistar estes casais?" e eu respondi "está à vontade!" ... Foi curioso, porque ela acabou por entrevistar os moradores e os turistas. Eu acho sempre maravilhoso, quando *tu* ouves as pessoas falar de um projeto que *tu* desenhaste e usam exatamente as mesmas palavras que *tu* usas a explicá-lo e é curioso nunca ter falado com aquela pessoa e ela dizer aquilo que nós queremos que as pessoas sintam. E ela...foi muito curioso, porque de facto, nós através dos murais podemos contar a história da Covilhã aos nossos amigos. E disse "nós temos orgulho em vir aqui, nós moramos na parte de baixo da cidade e se os nossos amigos vêm cá, é aqui que os trazemos" e de repente...penso "fogo, estamos a trabalhar bem!". Depois foi curioso o casal de fora dizer que é curioso estarem a descobrir tão bons artistas que eles conhecem de Lisboa, na Covilhã, e numa perspetiva muito mais cuidada, ou seja, *tu* em Lisboa tens muita coisa, mas acho que para a quantidade que tens, tens pouca qualidade e é tudo umas coisas em cima das outras. E realmente, aqui em Lisboa, já te podes dar ao azo de "traz um artista, mas não interessa o que ele vai pintar, não precisa de contar propriamente história nenhuma, porque a cidade suporta isso". E a indiferença suporta isso. Na Covilhã não...na Covilhã, tens mil olhos em cima de ti a querer saber o que estás a trabalhar e a fazer, e se faz sentido! E é curioso ver essa perspetiva de quem visita a Covilhã, o que vê... Por exemplo, o festival este ano, durante a semana do WOOL, foi curioso. Nós estávamos n'A Tentadora, no nosso quartel general como gostamos de lhe chamar e tivemos visitas da Grécia, de Sevilha, da Austrália...e todos vieram especificamente ao centro histórico, porque sabiam que existia um circuito de arte urbana. E isso...lá está, claramente não sou eu a dizer e a afirmar sem factos, mas os factos existem e creio que a partir deste ano ainda se vai notar mais por causa da localização das peças. O facto de termos saído ligeiramente do centro histórico, que quer se queira quer não, a Câmara Municipal da Covilhã bloqueia essa visita, não te convida a subir, e o facto de este ano termos saído para além dessa linha teve logo um impacto enorme. As nossas redes sociais nunca tiveram tanto *buzz* como tiveram este ano precisamente porque sentimos isso. A localização das peças está muito mais exposta e muita gente que ainda nem sequer sabia que existia, passaram a saber claramente que existia.

**Então a maior transformação que sentes é o impacto nas pessoas?**

Sim.

**Consideras que a missão do WOOL está a ser cumprida, isto é, está a trazer valor à cidade? Está a alcançar os seus objetivos?**

Sim, acho que sim. De forma também factual. Por exemplo, o facto de *tu* teres...e lá está uma coisa que nunca se pode desligar: o festival chama-se "WOOL – Festival de Arte Urbana da Covilhã", o WOOL tem a ver com a história toda da cidade, portanto quando *tu* promoves, trazes bons artistas, os artistas promovem o festival e o nome da cidade onde estiveram e estão a promover a própria cidade lá fora. Por exemplo, este ano nós trouxemos o SEBAS VELASCO e de repente toda a comunidade artística ficou de olhos na Covilhã, do tipo: "mas o que é isto?" e "o que é este sítio que tem paredes como esta e situações como esta?". Por outro lado, por exemplo, eu falei há bocado do BORDALO II em 2014 que foi uma das melhores

25 peças do mundo, em 2017 a do BOSOLETTI na Covilhã foi a sexta. Portanto, nós temos conseguido realmente ter resultados também a esses níveis do trabalho ser reconhecido, de prémios.

**Consideras que o centro histórico, por um lado, esteja mais desenvolvido, com mais vida e, por outro lado, que a área envolvente aos murais esteja mais limpa, menos escura, mais "habitável", mais convidativa?**

Eu costumo dizer que o WOOL trouxe mais cor, durante o festival trouxe mais vida...daí a criar-se dinamismo, não. Não porque isso é um trabalho que tem que ser contínuo, tem que ser feito. Por exemplo, neste momento, em 27 de junho de 2019, nós temos um estaleiro montado em pleno centro histórico da cidade que bloqueia o acesso ao centro histórico e o que tem acontecido nos últimos dois, três meses é imenso comércio a fechar. Portanto, por mais que exista o WOOL e que exista turismo, existe outro tipo de vivência do centro histórico que tem que ser trabalhado de outra maneira. Nós que trabalhamos com o Turismo de Portugal, e a esse nível nós estamos a conseguir muita promoção do festival da Covilhã, porque é impossível desconectar isto, e isto são eles que o dizem, não sou eu. Agora, há uma vivência diferente, economia que tem que ser trabalhada de maneira diferente e não é por nós. Nós damos um instrumento de trabalho e damos forma de trabalho. Por exemplo, o Ricardo da "Taberna O Laranjinha", que nos apoia desde 2014, desde que abriu, ele é o primeiro a dizer que se não fossem os murais do WOOL, não se passava nada. Depois passou a haver também a Cherovia, mas continua a não haver realmente um aproveitamento do que é o centro histórico da cidade e isso são outros tipos de dinâmicas. Durante o festival nós garantimos a dinâmica própria do festival, a vivência, o trazer pessoas e durante todo o ano consegues ver *n* pessoas a passear, nós também fazemos as visitas guiadas, também vêm artistas e jornalistas especializados, mas depois há todo um trabalho que não pode ser feito por nós e que tem de ser feito.

**Especificamente na Covilhã, sentes que as instituições municipais estão a aproveitar ao máximo o WOOL para dinamizar e fazer a cidade crescer?**

Eu acho que ainda não, o que é parvo. É não querer aproveitar o que já existe. O festival gera algumas centenas de milhares todos os anos em comunicação e nós todos os anos mantemos quase uma luta com a Câmara para promover o festival durante o festival. E nós achamos, mesmo o *flyer* que está disponível pela Câmara Municipal tem *n* erros sobre as histórias dos murais, sobre a localização dos murais...é uma coisa que nós já temos alertado *n* vezes e continua a haver um distanciamento face ao festival, por não entendimento que nós trabalhamos para a cidade. Nós não estamos a trabalhar para nós, nós trabalhamos claramente para a cidade e para o nome da cidade e para a projeção da cidade, e a comunicação, e o turismo, e a economia. Portanto acho que ainda não existe esse entendimento de que realmente o WOOL é um projeto, é uma entidade que existe na Covilhã e que tem que ser muito bem aproveitada e que pode ser muito melhor aproveitada do que está a ser neste momento.

**O que é que ainda falta alcançar na Covilhã, com e através do WOOL?**

É uma questão que a Câmara também nos tem comentado, em que querem que o festival cresça, mas querem que o festival cresça com adição de outras artes, de mais performances, muita música, dança, literatura... E nós já lhes comentámos que o festival sim precisa de crescer, sim precisamos que o orçamento cresça, porque cada vez mais se torna difícil trazer artistas bons à Covilhã, os preços que os artistas hoje cobram...e nós fazemos questão desde o primeiro dia de pagar a todos os artistas, o que é uma coisa rara também, nós pagamos. Mas, por exemplo, o caso deste ano se calhar, ter um SEBAS VELASCO para fazer um mural a uma comissão cobra seis mil, a um festival dois mil...nós não pagamos nem metade disso. E conseguimos trazer bons artistas pela reputação do festival e pela nossa reputação.

E conseguimos. Mas isso vai chegar o dia em que não conseguimos e nós cada vez sentimos mais dificuldade e mesmo artistas que nos dizem “eu adorava ir aí, mas o que vocês pagam não é suficiente, eu tenho outro convite noutra sítio que me pagam o triplo”. E, portanto, contra isso nós não conseguimos lutar, e o festival cresce pela qualidade dos artistas que tu trazes, cresce pelo número de artistas que tu consegues trazer, cresce pelo envolvimento dos projetos que tu consegues ter. Por exemplo, existe toda um manancial de trabalho comunitário que nós não conseguimos chegar, nós promovemos o workshop na Escola Secundária Campos Melo, mas não é de todo só aquilo que nós queremos fazer. Existem *n* ideias que nós temos de crescimento, mas para todas elas é preciso orçamento, porque nós para trazermos artistas à Covilhã, nós temos que os trazer do país inteiro, de lá de fora e vivemos no interior e temos portagens, e temos autoestradas, temos essas coisas todas e, portanto, lá está, a interioridade paga-se. Mas realmente devia-se olhar para o WOOL de outra forma, é um projeto que já é uma marca, claramente e podia-se aproveitar isso para crescer ainda mais e porque crescer uma marca do território é crescer o território também.

**Achas que, atualmente, a maior dificuldade do WOOL ainda é a interioridade?**

A interioridade e a falta de financiamento. São as duas.

**Apesar de tudo, sentes orgulho no trabalho feito pelo WOOL até agora na Covilhã? Terias feito alguma coisa diferente?**

Nós temos um orgulho imenso e como te comentava nós todos os anos temos *n* histórias para contar. A senhora que vai à janela e agradece porque agora tem companhia à janela; o facto de estares a pintar um mural em que estão mulheres nuas e as senhoras trazem as cerejinhas todos os dias ao artista... Ou seja, nós não podíamos sentir – e estamos a falar de locais neste caso, não estamos sequer a falar de turistas – e, portanto, se nós temos estes registos durante o festival, depois do festival, passado um mês, dois meses, cinco meses do festival e ano após ano, é porque o trabalho está a ser bem feito. Temos um orgulho enorme nas lutas que nós temos tido e no esforço, e a dedicação que nós temos tido, porque sem isso era impossível fazer isto, tínhamos desistido na primeira edição. Metemos muito do nosso dinheiro no festival, muito do nosso esforço, muitas lágrimas e suor... e é verdade. Se eu acho que podia ser feito melhor?! Podia. Isso pode ser sempre feito melhor, mas aqui temos que fazer com o que temos. E como eu costumo dizer, se não há ovos, não se fazem omeletes e eu acho que nós conseguimos fazer uma omelete fantástica com o pouco que temos.

**Estavas a comentar agora algum *feedback* que tens recebido ao longo dos anos. Algum momento mais caricato ou especial que te tenha ficado na memória por alguma razão, relativamente ao WOOL e às suas intervenções?**

Há muitos. Agora assim de repente... lembro-me sempre de coisas que nós vamos vivendo e que, por exemplo, na primeira edição era curioso as pessoas que nos acompanhavam, porque como estávamos toda a semana no mesmo sítio com o mesmo artista, e nós montávamos literalmente uma barraca – ou seja, nós tínhamos cadeiras e sofás para as pessoas se sentarem a ver o trabalho acontecer – começas a perceber que há ali caras que se repetem e que depois no primeiro dia estão a observar, no segundo dia começam a dar os seus *bitaites*, depois dão as suas visões sobre o que está a ser pintado... e isto é sempre curioso. Por exemplo, em relação à primeira parede conto sempre que esta história da fachada principal, que é um pastor, mas que na verdade já é um esqueleto foi um senhor que passou e que nos disse “isto é um esqueleto, porque representa a morte da profissão de um pastor” e nós ficámos... faz tão sentido e nem sequer tínhamos pensado nisso! Foi muito emocionante ainda durante a primeira edição o dia da

colagem dos cartazes<sup>29</sup>, haviam pessoas, empresários e colegas das fábricas que não se viam há quarenta anos desde que as fábricas fecharam, ou seja, houve choro, baba e ranho por todo o lado. Mas foi mesmo muito emocionante e ainda mais emocionante o facto de aquilo só ter durado horas e é quando aprendes logo "ok, as coisas podem durar horas e não há problema nenhum". Depois a senhora que se foi despedir ainda da BTOY que lhe agradeceu porque estava o pastor agora a fazer-lhe companhia à janela. Depois no ano seguinte, em 2014, foi-lhe agradecer, porque agora tinha duas pessoas à janela, que o DHEO fez-lhe outra menina à janela. Sei lá...há tantas histórias. Há muitas histórias.

**O feedback é bom, no geral.**

Sim, é.

**O que é que distingue o WOOL do resto dos projetos/festivais de arte urbana do país? Qual é o fator diferenciador do WOOL?**

Eu acho que é por várias razões. Para já, porque é o mais antigo e isto dá-lhe um estatuto, mas é um estatuto que também não vem do nada, ou seja, é um festival que se tem mantido com qualidade, foi o primeiro festival a trazer artistas do estrangeiro e que mantém, e que tenta sempre trazer bons artistas estrangeiros. E por isso é reconhecido. Não se é reconhecido do nada. Depois é a cidade, é impossível negar que a cidade em si permite-nos trabalhar um circuito e a maneira como as paredes vão sendo descobertas à medida que vais percorrendo de uma forma única, o que ajuda imenso. As pessoas muitas vezes nas visitas guiadas, e se apercebem que "então, mas já aqui estamos?" e que só demos assim uma voltinha e passámos por não sei quantas paredes, e que tu não tens realmente noção de que estás a andar num círculo muito pequenino, e que estás ali duas ou três horas, mas que é super pequenino. E as pessoas normalmente comentam muito isso. Mas não sentes, porque vais descobrindo realmente, não tens paredes umas ao lado das outras, cada uma tem o seu espaço para respirar e isso não encontras em muitos sítios. E depois é o facto também, novamente, a maneira como nós tentamos fazer o festival que é: os artistas chegam à cidade e não se trabalha; primeiro vai-se passear, vai-se descobrir a cidade, vai-se conhecer um bocadinho mais. Ou seja, nós primeiro envolvemos o artista na nossa cultura e na nossa vivência e só depois é que eles vão trabalhar. Não há esta coisa de chegas, fazes e vais-te embora, "é mais um". Percebe-se que é diferente, principalmente nos artistas estrangeiros percebe-se isto e daí os resultados também serem muito diferentes. Este ano, por exemplo, o SEBAS acaba a uma sexta e só se vai embora na segunda seguinte e se tivéssemos mais dias, mais dias ficava. E ele não queria ir embora, porque realmente o facto de se chegar, não se trabalhar, dar-se tempo a não se trabalhar, depois vamos começar a trabalhar, o facto de haver as atividades em que também colocas sempre o artista em diálogo com a comunidade...E depois uma coisa que eu também acho interessante que é o artista chega ao centro da cidade, para o carro e não mexe mais no carro. E anda-se a pé para todo o lado. E eles podem-se visitar uns aos outros, tu podes circular sem andar de carro, o que a eles lhes faz ainda mais rapidamente ganhar esta coisa de "pá, eu pertença agora à cidade, *tou* dentro disto; não *tou* aqui, vou dormir ali e depois volto para aqui". Entras, é como se fosse quase uma bolha de proteção e toda a cidade é o recinto do festival, por assim dizer. E eu acho que isso também é diferente.

**Lara, quais são as várias ramificações do WOOL?**

Então, tens o WOOL na Covilhã. Eu já estava a trabalhar no LxFactory [em Lisboa], sempre a tentar fazer lá alguma coisa e finalmente, quando tivemos oportunidade disso, criámos aquilo que era quase um laboratório urbano, ou seja, duas vezes por ano nós convidávamos entre cinco e dez artistas – e artistas podiam ser pintores clássicos, escultores, ilustradores, *writers*, o que fosse – para, durante uma semana,

---

<sup>29</sup> A entrevistada fala sobre a intervenção do artista JR para o "Inside Out Project", em 2012.

trocarem experiências, e muitos eram pessoas que nós convidávamos pela primeira vez para pintar uma parede e saírem de uma escala confortável de um A4 ou do ecrã do computador. E, portanto, era aquela semana duas vezes ao ano e nós obviamente dissemos “epá, não lhe vamos chamar ‘WOOL’, WOOL é na Covilhã”, portanto é o “WOOL on TOUR”, foi o primeiro. Ou seja, era o WOOL que andava a passear e que fazia isto fora da Covilhã. Depois fomos convidados também para estarmos no canal 180, no “Creative Camp” em Abrantes, pediram-nos para fazer curadoria de duas ações mais uns workshops lá dentro. Depois fomos convidados para Figueira da Foz para fazermos curadoria de toda a parte das artes dentro do Festival Fusing.

### **Portanto, isso sempre como WOOL.**

Sempre como WOOL. Mesmo dentro da Covilhã, nós definimos que o festival era isto, era este formato e em 2012 como te disse nós só tivemos um artista, nós chamámos-lhe o “Extra WOOL”, porque não fazia sentido chamar-lhe “WOOL”. Porque o WOOL para nós são quatro artistas, sempre. Depois, acho que também voltámos a ter outro Extra WOOL quando foi o PANTÓNIO e o SAMINA. Portanto, nós também sempre tentámos “ok, o WOOL é marca, é o WOOL que está aqui, é o WOOL que está ali, mas o formato é diferente”, portanto chamar nomes diferentes às coisas, apesar de que se mantém sempre o WOOL. O “WOOL On Fest” eram coisas que aconteciam fora de qualquer um dos outros formatos. Ou seja, nós tivemos muitas pessoas a começar a ir à Covilhã desde a primeira edição e que deixavam peças, nós colocávamos e divulgávamos essas coisas como “OFF Fest” – pessoas que vêm à cidade e fazem-nos coisas na cidade, mas que não está dentro do formato “festival”, não foram fazer um mural e mesmo que seja um mural não o fizeram durante a semana do festival. O “WOOL on Residence” foi o nome que nós tivemos que dar por causa da DGARTES em 2014. Era uma nova candidatura, tínhamos que criar um nome *pro* projeto e foi quando foi a primeira vez que nós definimos que os artistas vinham todos ao mesmo tempo, daí “residência”. Obviamente que depois nós acabámos por abandonar isso, não fazia sentido, isso era mesmo porque nós tínhamos que responder a uma exigência da DGARTES, dos apoios pontuais e fazia sentido “ok, se tem que se chamar alguma coisa vamos dizer que é o ‘WOOL on Residence’, porque vamos trazer os artistas todos ao mesmo tempo durante 15 dias aqui ‘a residirem’ na Covilhã”. O “WOOL for others”, por exemplo, o Fusing está dentro deste formato, era quando o WOOL trabalhava para outros. Nós fizemos no Fundão também, ou seja, somos nós a trabalhar para outras entidades.

### **O WOOL já intervencionou fora de Portugal?**

Já, já. Tivemos o “Tour Paris 13”, em que eu e “WOOL” fomos convidados a fazer a comitiva de artistas para participarem no projeto e depois, passado um ano, houve outro projeto da mesma galeria em Djerba que era o “Djerbahood” e nós fomos novamente convidados a levar os artistas portugueses. Portanto, foi as duas vezes que nós tivemos fora, mesmo com o WOOL. E, por exemplo, o Tour Paris 13, nós fomos responsáveis pela curadoria, eram 12 artistas, foi a primeira vez que um projeto desta dimensão teve um grupo português. Nunca ninguém tinha ido com um grupo de portugueses lá fora fazer o que fosse. \*

### **E relativamente a prémios e reconhecimentos, o WOOL também já carrega umas medalhas ao peito, há pouco falaste de alguns.**

Sim, do BORDALO II e do BOSOLETTI também. Depois o “Europe for Festivals and Festivals for Europe” (EFFE), foi um selo bienal lançado em 2015 salvo erro, lançado pela Associação de Festivais Europeus que pretendiam qualificar festivais que aconteciam por várias razões. E basicamente tu candidatavas o teu festival, explicavas tudo o que eles pediam – qual era a originalidade, envolvimento da comunidade, aquelas coisas todas – e depois tu ganhavas o selo e eles explicavam-te porque é que ganhavas o selo, ou porque é que não ganhavas o selo. Nas três edições que eles fizeram nós mantivemos o selo, desde

sempre. Uma das razões, acho que foi no segundo ano, que apontavam, era "precisa mesmo de crescer, porque se mantém muito semelhante desde o início", mas lá está o nosso constrangimento... \*Ah!, outra participação no exterior é a ligação com a cidade de Roubaix, a cidade germinada da Covilhã. É uma cidade no norte de França que tem uma história muito, muito semelhante à Covilhã, na questão dos lanifícios. Há a Casa da Covilhã lá, por exemplo. E nós temos uma parceria com uma associação cultural local que é a Le Non Lieu, que conhecemos já nem sei bem porquê, acho que foi uma rapariga que estava na universidade foi lá mostrar um documentário que ela tinha feito com material do projeto "Inside Out Project", e então foi ela que estabeleceu a comunicação. E eles já vieram à Covilhã e nós já por duas vezes levámos artistas lá, ou seja, existe esta parceria quando é lá aquilo que eles chamam a "noite cultural", nós levamos artistas portugueses lá.

### **Existe mais algum prémio que queiras destacar?**

Tivemos um voto de louvor da Câmara Municipal no ano passado pela existência do festival, mas de resto... Na verdade, por exemplo, ainda hoje o Nuart Festival ganhou o prémio em UK de "Melhor Projeto Cultural e Artístico", mas nós cá acho que nem sequer temos esse tipo de prémios a que tu te possas candidatar. E verdade seja dita, nós somos pequeninos, nós podemos realmente ter muito reconhecimento, mas tu para te candidatares a muita coisa precisas de pagar e precisas de preencher muitas coisas. E a verdade é que o projeto não tem financiamento para nós estarmos sempre em cima dessas coisas e fazermos. E isso lá está, é algo que tu consegues fazer, quando uma parceria entre Câmara e um projeto resulta, e há coisas que interessam a eles, porque os prémios interessa principalmente à Câmara. Por exemplo, em Portugal tu tens um prémio que é de boas práticas artísticas nos municípios, mas isso tem que ser as Câmaras a candidatarem-se. Muitas vezes nós já fomos contactados por projetos europeus, mas que é entre municípios, ou seja, têm que ser os municípios a associarem-se para apoiarem o projeto artístico que existe. Nós tentamos sempre e dizemos, "mas somos nós que organizamos?" e eles "não, tem que ser o município", e nós aí ficamos sempre bloqueados.

### **E como é que aconteceu o Google Art Project? Também é uma espécie de reconhecimento para ti?**

É sempre reconhecimento, quando tu mandas um e-mail para eles e eles dizem "claro que sim, com o portfolio que vocês têm, claro que vocês têm entrar no Google Art Project" é sempre um enorme reconhecimento. Mais reconhecimento ainda é quando o lançamento do projeto em Portugal é feito com o nosso trabalho que serve de exemplo. E mais reconhecimento é quando quase todos os meses alguém nos manda fotografias do Google Chrome a dizer que é as fotos do festival que estão no ecrã.

### **Mas tiveram que ser vocês a contactá-los?**

Neste caso fomos nós. Agora eles o que fazem é, quando vão lançar alguma coisa, uma app não sei de quê, ou uma ramificação do projeto, são eles que nos contactam a nós.

### **E como é que caraterizas a ligação que o WOOL tem com A Tentadora? É o vosso principal patrocínio?**

Não, não se pode dizer isso. A Tentadora é o espaço do meu irmão e da Elisabet, onde eles têm o dia-a-dia deles, é *cowork*, loja e galeria e que é o nosso quartel general. É literalmente isto. Não diria que eles nos estão a patrocinar, porque na verdade não há troca de dinheiro aqui, nem de meios. Aliás, o festival financia a semana que está a residir n'A Tentadora. Eu diria que é a nossa sede e faz todo o sentido ser a sede do festival que é no centro histórico e é um ponto onde qualquer pessoa que precise de saber informação sobre o WOOL, é o ponto indicado para ir perguntar seja o que for.

### **Se pudesses definir o WOOL em três palavras, quais seriam?**

Hm, impossível...acho que é impossível. Se fosse numa palavra...seria sempre paixão ou amor, porque é aquilo que nós fazemos.

**Relativamente à edição deste ano. A cada edição do WOOL, os artistas podem expressar-se livremente através da sua arte, desde que o façam com uma ligação à cidade. Mas este ano houve algum conceito mais específico a que tiveram de obedecer?**

Nunca existe. A premissa é apenas que o trabalho tenha ligação não à cidade, mas à região. De outra maneira, ao território.

**Nos anos anteriores, o WOOL intervencionou mais na zona histórica, talvez a zona mais degradada da Covilhã (ou pelo menos a que se nota mais). Este ano já intervencionaram em zonas mais descobertas, expostas ao público e em paredes não tão degradadas assim. Qual foi a ideia, o plano para este ano?**

Aconteceu, mas aconteceu quase espontaneamente. Não foi planeado. Nós trabalhamos sempre na área do centro histórico e o centro histórico tem uma malha que é tudo o que está atrás da Câmara Municipal, tudo atrás do mercado, das Portas do Sol e do outro lado quando sobes para a serra e tudo o que tens do lado esquerdo. E tem sido muito aí que nós temos trabalhado, apesar de já termos saído com o THIRD e com o PANTÓNIO também. Já tínhamos saído dessa área, precisamente porque queríamos também que se fizesse notar mais no centro que existe o projeto. Este ano, já não temos paredes muito grandes no centro histórico e temos um levantamento de paredes interessantes fora do que é o centro histórico. Mas só para te dar um exemplo, o SEBAS era suposto trabalhar no centro histórico, mas no centro histórico há zonas onde nós não conseguimos ir com grua e ele só trabalha com grua. Portanto tivemos que andar à procura de uma parede que desse para colocar grua e a única que conseguimos foi mesmo aquela. E foi curioso porque não nos agradou a nós, não agradou nada a ele, mas teve que ser, porque nós andámos três meses atrás de paredes e foi mesmo na semana antes "Sebas, não conseguimos, tem que ser esta" e pronto, ele disse "ok, é um berbicacho, mas ok, tem que ser" e depois ele adorou e toda a gente adora a parede e nós adoramos a parede. Portanto, aconteceu simplesmente. A do Douglas nós já andávamos a olhar para ela desde sempre. A da KRUELLA *idem* aspas. A do Mário também foi outra das situações, porque ele também era para trabalhar no centro histórico e ele normalmente até trabalha com andaime, mas não lhe estava a apetecer, e então tivemos que o mudar para outra parede e também calhou ser aquela.

**E como é que aconteceu o obter a autorização da parede do SEBAS em específico?**

Vais bater às portas e falas com as pessoas. É assim em todo o lado.

**E foram logo positivos?**

Não foram logo. Aliás, os senhores foram logo, mas "vou falar com o meu filho para ver se ele aprova" e pronto, o filho obviamente aprovou.

**Qual era a tua expectativa para a edição deste ano? E no final, foi correspondida, surpreendeu-te?**

Eu por acaso este ano estava com bastante expectativa e acho que...eu diria que foi mais, foi mais. Não estávamos à espera de tanto *feedback* nível da comunicação. Ainda esta semana eu estive com um amigo meu aqui em Lisboa, que fomos ter uma reunião, e ele disse-me "este ano vocês tiveram lá muito mais coisas!" e eu disse "não, tivemos exatamente o mesmo". E ele disse "*epá*, não pareceu, pareceu muito mais, a comunicação funcionava muito melhor", o que dá a sensação que houve mais coisas do que no ano passado, mas não.

### **Quais são os planos futuros do WOOL na Covilhã e fora da Covilhã?**

Nós assumimos que o WOOL é mesmo só na Covilhã. Como comentei, nós começámos na Covilhã em 2011, entretanto eu estava a trabalhar no LxFactory comecei a fazer o WOOL on TOUR e tive depois em Abrantes, tive em Figueira da Foz...ou seja, eu comecei a trabalhar muito mais nesta área do que o meu irmão e a Elisabet e daí a fundação também da Mistaker Maker para separar águas. E o WOOL, nós fixámos na Covilhã, é um festival na Covilhã e tudo o resto ou é Mistaker Maker ou é Formas Efémeras<sup>30</sup>, dependendo de quem o faça. Obviamente que nós queremos que o WOOL cresça na Covilhã, queremos muito, estamos dependentes de questões já tratadas...não sabemos como é que é o futuro. Nunca sabemos, muito menos este ano, porque como eu te disse há bocado acabou o financiamento de três anos que estava designado em assembleia e, portanto...não sabemos.

### **Esperemos que sim. Agora o LATA 65, de que forma está ligado ao WOOL?**

O LATA surge...eu comecei na Covilhã a trabalhar e como te dizia eu gosto muito de observar, é uma característica que vem da arquitetura. E aquilo que eu fui observando na Covilhã era que, apesar de nós estarmos a propor arte urbana no centro histórico e numa cidade onde há universidade, nós achávamos que quem ia estar mais connosco eram pessoas jovens da universidade. E aquilo que nós fomos percebendo era que quem estava mais eram os idosos e quem fazia o tipo de perguntas mais interessantes eram eles. Depois começo a trabalhar noutras zonas e percebo que isto é o que acontece sempre. Não são os jovens que se aproximam, que vêm saber coisas. São sempre os idosos que se entusiasmam com a coisa. Uma vez aqui em Lisboa, em 2012, em conversa com o Fernando Mendes do *cowork* de Lisboa, estávamos a falar sobre isto, entretanto tinha visto um filme de uma assistente social que levava os velhinhos do lar dela a pintar na rua e ele sai-se com "então, mas porque é que não fazes um workshop, montamos um workshop em 15 dias e apresentamos no *open day*" e eu "está bem, bora lá!". E em 15 dias montámos o LATA 65 num formato completamente diferente do que hoje fazemos, obviamente. Eram cinco dias, duas horas por dia, cada dia vinha um artista - que eu consegui demover cada dia um artista para estar a fazer um workshop connosco, que tinha uma técnica diferente de trabalho. Conseguimos convencer uma senhora do Centro Paroquial e Social de Alcântara para ver se nos cedia um grupo de 10 idosos, então eles vinham todos os dias ao LxFactory e a coisa correu muito bem. E quando eu digo isto, é no sentido de aqueles idosos que começaram, de dia para dia estavam mais animados. Traziam trabalho feito de casa, estavam super entusiasmados e quando chegamos ao final é veres pessoas que só desejavam morrer, como me disseram, e de repente até é fixe viver. E, portanto, o impacto que aquilo teve em mim foi muito grande e foi quando eu decidi "eu tenho que dar continuidade a isto". Então, paralelamente, por exemplo, haviam pessoas que me convidavam para ir dar palestras a universidades a apresentar o projeto, que naquela altura tinha sido uma edição. Depois decidi concorrer aqui ao orçamento participativo de Lisboa, ganhámos. Houve uns pequenos percalços a nível administrativo, porque a Câmara queria ficar com o projeto, mas o projeto já era meu e estava registado e, portanto, tivemos que esperar dois anos para começar a fazer o projeto até que a Câmara percebesse que realmente não havia forma de roubar o projeto. E depois avançámos então com o projeto. E, entretanto, no pior workshop que eu fiz até hoje na minha vida (risos), estava um fotógrafo connosco que era da Reuters e a fotografia do dia da Reuters foi do workshop. E, de repente, foi um *boom* mundial, o projeto ganhou imensa dimensão de projeção, que é diferente de nós até hoje nunca tivemos nenhum patrocinador. Nós geramos comunicação que é loucura. Mas a nível de retorno não temos absolutamente nenhum. Mas pronto, também não é por causa disso

---

<sup>30</sup> Elisabet Carceller, para além de cofundadora do WOOL, é também gerente da empresa Formas Efémeras, através da qual desenvolve, paralelamente, projetos culturais ligados à arte contemporânea, museografia e interpretação do património. Website da empresa disponível em <https://www.facebook.com/formaseferas/>

que eu o faço, porque o que eu faço é quase *pro bono*, eu pago os artistas, materiais e não quero saber de mais nada, precisamente porque se mantém esta coisa de "eu quero levar o projeto a mais gente". E mesmo muitas vezes como temos pelo meio outros projetos e é muita cansativo, eu sei que quando lá chego o cansaço para e só recebes. Porque é fantástico tu perceberes como é que um projeto tão simples e tão curto consegue realmente mudar a vida das pessoas. Eu diria que o LATA 65 é uma consequência da Covilhã e do WOOL. Se não houvesse o WOOL, se não tivesse havido WOOL, provavelmente não existia o LATA 65, nunca.

**Porque então não tinhas percecionado esse *feedback* dos mais idosos.**

Exatamente.

**Quais foram os principais objetivos ao criares um projeto como o LATA 65? O que é que te fez levar o projeto avante?**

É a transformação que tu vês, tu vês mesmo que eles se transformam. Pessoas que normalmente chegam ou cabisbaixas ou a dizer coisas horríveis e de repente saem cheios de sorrisos e de vida. Muitos vêm com as bengalas e esquecem-se das bengalas ao pé das paredes. Tu percebes que há ali uma transformação que eu não sei explicar, mas há uma transformação anímica, a autoestima deles muda radicalmente.

**Qual é a mensagem que o LATA 65 pretende transmitir?**

A mensagem é muito clara, é que tu podes ter 100 anos, mas continuas a poder experimentar e a aprender coisas novas.

**E como é que se "recrutam" os participantes do workshop? Como é que é organizado?**

De todas as maneiras. Depende. Por exemplo, no primeiro fomos nós buscá-los, fomos ter com uma instituição, aliás, toda a gente dizia que eramos malucos e demos com a pessoa certa que nos arranjou este grupinho de 10 pessoas. Há sítios onde eu vou que é a Junta de Freguesia que me contrata para ir a um, dois, três lares específicos trabalhar com aquelas pessoas. Há workshops que somos nós que abrimos candidaturas. Há entidades que nos contactam e abrem eles candidatura para quem quiser. Depende muito.

**Mas é fácil "angariar" idosos?**

Eu diria que não é fácil, muitas vezes. Porque há muito preconceito e normalmente é preconceito da família, não é do próprio idoso. É de "ai mãe, nem penses em ir a isso"... Ou seja, é mais das pessoas que estão à volta, e muitas vezes também obviamente das pessoas e dos seus preconceitos, "ai, isto não é para a minha idade, ora essa"... Tem mais a ver com isto, mas que... Depois do primeiro workshop numa determinada localidade já é muito mais fácil, porque de repente as pessoas percebem que "perdi isto e devia ter ido".

**Há bocado disseste que o workshop, atualmente, realiza-se num formato diferente daquilo que foi a sua primeira edição. Como é que é feito agora?**

O workshop está dividido em quatro partes. São duas tardes, mas está dividido em quatro partes. E tem a ver com isto: nós já experimentámos fazer o workshop, por exemplo, a primeira edição fizemos em cinco dias, é muito pouco, quando eles estão a entrar na coisa já quase que estão a sair e fazeres um workshop em cinco dias fica caríssimo, porque implica que nós deslocarmos todos os dias duas pessoas – porque somos dois formadores – a determinado local fica mesmo muito caro e, portanto, acabas por nunca fazer o workshop, já assim é difícil...porque isso também é um dos problemas do workshop, as pessoas

quererem investir na terceira idade e em pessoas com mais de 65 já é outra história... Depois começamos com um módulo muito teórico-visual a falar da história do *graffiti* e da arte urbana, dar muitos exemplos do que é que se passa a nível mundial. Depois então é que eles começam a trabalhar, começam a criar o *tag* e a desenvolver o projeto do *tag*, que é qualquer pessoa que vai trabalhar para a rua é muito por onde começa – *writers*, atenção, não estamos a falar de artistas urbanos. Depois passamos para uma fase de desenhar livremente, cada um desenha o que quer, nós que ter em atenção que há pessoas que nem sequer sabem escrever nem ler, há pessoas que trabalharam a vida toda no campo e nunca desenharam nada. Portanto isto é mesmo o espaço de cada um faz o que quer, como lhe apetece, não há bonito, não há feio, não há perfeito, não há direito, não há torto, é liberdade total para cada um fazer o que quiser. Depois começam a desenhar imenso, a cortar imenso e depois isto, estamos a falar de, normalmente, o workshop são 10 horas, mais ou menos, temos a falar de oito horas e meia de trabalho *indoor* e...rua. Depois é muito rápido na parede. Ou seja, é desta maneira que nós dividimos o workshop. Divide-se em dois dias neste momento, porque já o experimentámos fazer num dia e é demasiada informação, é muito cansativo. Os idosos precisam de tempo para assimilar o que receberam no primeiro dia e o que vão fazer no segundo dia. E, portanto, quando é tudo no mesmo dia, chegas ao final do dia e já toda a gente está cansada, nós inclusive. É um projeto muito intenso, não tanto porque nós não temos a trabalhar, são eles que fazem as coisas, mas tu incentivares uma pessoa a desenhar que nunca desenhou, a tua energia esfuma-se. Porque tu tás ali em cima deles “e faça lá, e tente lá, tente lá cortar o x-ato, experimente lá, e faça assim, e faça assado”... Tu tens que estar com toda a tua atenção e a tua energia naquilo. E, portanto, é mesmo muito cansativo para nós, muito mais para eles.

**E no segundo dia, quando eles vão para a parede pintar, já vão com estas distinções do que é o *graffiti* e a arte urbana bem presentes na mente? Eles sabem e percebem o que vão fazer?**

Não. Eles sabem o que é que vão fazer, mas o que eles vão fazer não tem que ter a distinção do que é *graffiti* e arte urbana. Se eu te perguntar a ti, tu também não me a sabes dizer. Por isso eu não vou pedir a pessoas que estão a pensar e a saber sobre o assunto pela primeira vez, que pensem que o que vamos fazer é bonito ou é feio. Isto é um trabalho projeto social comunitário, o que interessa é o processo, não é o resultado, e eu adoro o resultado. E o resultado é a memória deste momento, não uma memória artística deste momento. Normalmente, quando começamos a falar e a mostrar muito *graffiti* e arte urbana, eu não *to* lá para dizer o que é bonito ou feio, eu *to* lá para explicar, e aquilo que eu sei é que um grande *feedback* que nos chega sempre é “eu agora consigo ler o que está na rua”. Eles conseguem perceber como é que se lê *graffiti*, conseguem perceber que o que está na rua é o nome de alguém, conseguem perceber a diferença de “eu olho para esta parede, para este mural e sinto qualquer coisa” ou “olho para um *tag* e não me diz nada”, porque não tem que dizer. O *tag* não está a comunicar para um idoso, está a comunicar para *crews*. Portanto, eles isso percebem, claramente.

**Não vão com aquele sentimento de “epá, estou aqui, e estou a fazer uma coisa errada”...**

Não, porque eles não estão a fazer vandalismo. Não vão com um sentimento negativo, pelo contrário.

**E como é que traças a evolução da percepção, do interesse e do sentimento da participação dos idosos ao longo do workshop?**

Eles chegam, normalmente, muito desanimados. Também depende o grupo de idades que está a trabalhar e como é que foi feito o recrutamento. Quando nós vamos a instituições, obviamente muitas vezes esses idosos nem sequer sabem o que é que se vai passar. Tão lá e “olha, venham entretê-los”. Se nós formos fazer um workshop num sítio que foi feito por candidaturas, obviamente as pessoas que ali estão, estão ali porque querem, porque querem aprender. Portanto, o entusiasmo inicial é completamente

diferente e normalmente esta primeira parte de falar do *graffiti* e da arte urbana, e exemplos e não sei quê, dura muito mais tempo, porque eles têm muitas questões. Mas seja qual for o início, o resto é sempre igual. Eles ao início não querem, "mas eu não vou aprender nada, eu não tenho capacidade para aprender". Lamento coisas muito feias como eu já ouvi, tipo "ai, não percebo o que é que eu estou aqui a fazer, já devia *tar* morta e os meus filhos não querem saber de mim" e não sei quê...mas as pessoas que saem são completamente diferentes. Não tem nada a ver.

### **Que idade tem o participante mais velho e o mais novo?**

102 na altura, que hoje tem 105. Na Covilhã. À partida, "LATA 65" é a partir dos 65, mas normalmente nós deixamos descer um bocadinho até aos 60 em raras exceções.

### **Uau, incrível. Lara, existem os idosos que participam e depois existe a Luísa Cortesão, que após a sua participação no LATA 65 nunca mais parou de pintar nas paredes da rua. Na tua perceção e vivência pessoal, em que vertente é que o LATA 65 mais impactou a vida dos idosos que participaram no workshop?**

Já há mais exemplos como a Luísa Cortesão, por acaso. Eu acho que a Luísa é especial e sempre será especial e foi a pessoa que nos acompanha desde o primeiro workshop. Fez o primeiro, fez o *logo*, portanto não há forma de fugir a isso. A verdade é que, por exemplo, dos últimos que nós fizemos, no de Aberdeen<sup>31</sup> grande parte do grupo está a sair todas as semanas à rua para pintar... Portanto, tu percebes o impacto que aquilo teve. Acabámos o workshop mesmo com muita gente a dizer "isto foi a melhor coisa que me aconteceu na vida"... Nós tivemos um aluno que tinha saído de uma operação de cancro há uma semana e que estava a adorar e tipo, estava super debilitado e subia ao escadote e tudo e mais alguma coisa. Portanto, tu percebes que o workshop tem esta capacidade de impactar na vida deles. A Luísa é a primeira e foi especial e acompanhou-nos durante muito tempo e nós empurrámo-la para a rua e incentivámos muitas vezes em reportagens a ser ela a falar na primeira pessoa. Depois tu tens muitos workshops em que tu sentes. Nós mantemos muito a comunicação com muita gente que nós fizemos o workshop. E isso logo tu percebes que o workshop teve impacto na vida deles, porque senão viravam costas e nunca mais queriam saber e a verdade é que nós mantemos contacto com muita gente do país inteiro, o que é muito engraçado. E não só do país, do Brasil, por exemplo, tão sempre em contacto connosco e dos Estados Unidos também. Portanto tu percebes que algo ali foi diferente, é algo que eles nunca mais esquecem. Isto é o *feedback* que nós recebemos mesmo de instituições onde nós já fizemos, que volta e meia eles estão a falar nisto. E isso é o que nós também queremos, que fique esta memória e o mural na rua ser também muito importante, que é eles terem esta capacidade de se recordarem de um momento em que, realmente, foram muito felizes. E o que eu sinto muitas vezes é que um dos sucessos do LATA 65 tem a ver com este espaço que é deles, o que é raro. Ou seja, este workshop é para idosos, não é para idosos e crianças...ou um mix. Não. Isto é deles. E é pô-los a fazer uma coisa que não é suposto eles fazerem, que é de jovens. E, portanto, isto na cabeça deles funciona de uma maneira que os estimula. E mesmo o facto de coisas simples como usar o x-ato para muitos deles é um desafio gigante e o facto de eles perceberem que conseguem é fantástico. E, portanto, é esta coisa de "*possas*, eu afinal tenho 80, mas consigo fazer coisas". É este sentimento que nós queremos que se mantenha.

### **Achas que o LATA 65 é um projeto que pode e/ou está a modificar mentalidades dos idosos e das pessoas que assistem de fora ao projeto, na medida em que ainda se olha muito para os idosos com o preconceito de "gastos, velhos, sem utilidade"? Porquê?**

---

<sup>31</sup> A entrevistada refere-se ao Nuart Festival em Nuart Aberdeen, na Escócia.

Sim, está sempre a modificar mentalidades. E isso é verdade, é mesmo muito, nós já ouvimos coisas do tipo “ah, não se vai gastar dinheiro num workshop para idosos, por amor de deus, eles estão quase a morrer, vamos é investir em crianças porque têm uma longa vida pela frente” ... Olha-se sempre com...o gasto que se possa ter com um idoso é dinheiro deitado fora e isto já nos disseram *n* vezes. E eu lamento. E em Portugal nota-se muito isto. Aliás, eu acho que este projeto em qualquer sítio do mundo teria muito mais trabalho do que tem em Portugal, que não temos quase. Porque olha-se *pro* idoso como “desnecessário gastar dinheiro, não vale a pena, eles já viveram muito, eles têm que *tarsentadinhos* a ver televisão e a descansar, porque já trabalharam muito” e é totalmente mentira. Não é nada assim. E aquilo que eu sinto, e eu acho que também é outro dos truques do projeto, é que nós quando vamos *pra* rua, não vamos *pra* rua porque é mais giro...não! Eu quero que as pessoas vejam os idosos a divertirem-se! Eu quero que fique ali aquela memória e que quem passe...eles, normalmente, muitas vezes no dia da pintura eles trazem já os filhos e os netos para os verem pintar! Ou seja, é isso que nós queremos, é que se destruam estes preconceitos que existem nas cabeças das pessoas, mesmo nas nossas famílias, de que “ah, o idoso não precisa de fazer isto, já não tem capacidade”. E aconteceu-nos, por exemplo, uma vez no que fizemos em três freguesias...Abrunheira, Verride e Vila Nova da Barca, em que nós fomos fazer um workshop a cada freguesia e foi muito curioso. Eu tive os três grupos e depois chamaram-nos para ir à SIC, salvo erro, e eu escolhi dois de cada grupo para vir e sem saber escolhi a mãe num grupo e a filha no outro. E elas as duas nem sequer sabiam que uma e outra tinham feito o workshop e quando eu lhes disse “olhem, isto é muito curioso, mas você sabe que a sua mãe é a melhor de todas?”, a filha ficou tipo “*wow*, a minha mãe?!”. Ou seja, tu percebes que as coisas mexem, as pessoas vão ver de outra maneira diferente o idoso, o avô, o que seja.

**Na tua opinião, que vives e respiras este projeto a 200%, quais são as principais diferenças e semelhanças do LATA 65 entre Portugal e o estrangeiro, a nível de “fazer acontecer” e *feedback*?**

O workshop é exatamente igual, não há mudanças nenhuma. *Feedback* dos participantes é exatamente o mesmo, não há diferença nenhuma. *Feedback* da comunicação social é exatamente o mesmo, não há diferença nenhuma (risos). A única coisa que existe diferente é a perceção que as pessoas têm de gastar dinheiro com o idoso. É só isto. Nós em Portugal, eu explico-te e acho que este exemplo serve *pra* tu perceberes a diferença. Em 2014 eu recebi um grupo de investigadores da Coreia do Sul, estavam a fazer investigação em Barcelona sobre o envelhecimento ativo. Foram *pra* lá e tiveram que escolher no universo de Barcelona, tiveram que selecionar projetos, porque eram demasiados. Selecionaram 15 e na altura pareceu-lhes muito estranho que uma cidade como Lisboa com uma demografia exatamente igual ou pior que Barcelona, só encontraram o LATA. E isto diz-te muito do que é o investimento que existe para o idoso e o que existe em Portugal, na maior cidade de Portugal e se calhar a que tem mais idosos. E aquilo com que me tenho cruzado ao longo dos últimos anos, eu tenho ido e continuo sempre a ir a muitas conferências e, por um lado, é muito bom perceber que há mais projetos, por outro lado é muito mau que tu percebes que o projeto com que tu cruzaste há quatro meses já desapareceu, porque não conseguiram continuar. Porque não há financiamentos, porque não há apoio. Há muitos projetos e há muita gente a querer trabalhar com o idoso, com esta idade, com esta faixa etária, mas não há continuidade.

**Consideras que essa também seja a maior dificuldade do LATA 65 em Portugal?**

Sim. Eu diria que nem é o financiamento, é a mentalidade. Primeiro têm que mudar a mentalidade *pra* depois vir a outra parte. É diferente. Mesmo por exemplo, há imensos financiamentos próprios, o BPI costuma ter um e eu já concorri a *n*, obviamente eu esbarro sempre e esbarrava sempre, já nem concorro, que é juntas *graffiti* – porque as pessoas veem uma parede pintada e é *graffiti*, nunca vão olhar para aquilo como algo artístico e um processo de transformação criativo ou *whatever* – e idosos. Portanto, juntas

as duas coisas que não são nada atrativas, nunca vais ter financiamento, ponto final. E muitas vezes eu vou ver sempre os resultados de cada uma das edições e em Portugal o apoio à terceira idade, projetos inovadores, ainda continua a ser "ganhou o que apresentou um financiamento para uma ambulância que vai à aldeia prestar apoio". Ou seja, estamos no básico ainda. Nós ainda temos muitos anos para chegarmos ao que se passa no universo em Barcelona, por exemplo.

### **Consideras que o LATA 65 está mais bem posicionado em Portugal ou no estrangeiro?**

Eu acho que é tudo igual, como te disse. Mas a nível de comunicação, nós temos muito mais comunicação lá fora do que cá. Mas isto tem muito a ver com o que eu te vou dizer, que é "santos da casa não fazem milagres", portanto o projeto LATA 65 é português, nunca vai ter a atenção de se for um estrangeiro. Se fosse um estrangeiro a fazer um LATA 65 em Portugal era maravilhoso. Como é uma portuguesa a fazer um LATA 65 em Portugal... está feito. É assim...

### **Quantas edições tem o LATA?**

Nós já fizemos 43. Já vamos com quinhentos e muitos idosos.

### **Qual é que te marcou mais?**

Há muitas, há sempre histórias, há sempre. Eu acho que... Eu não trabalho com jovens, porque *pra* mim é assustador. Assustador no sentido de eu consigo encontrar uma curiosidade nos idosos que não consigo encontrar nas crianças hoje em dia. Se eu estou a fazer um projeto pro bono autêntico e que tem uma componente muito emocional, super forte, eu assumo para mim que eu tenho que acabar aquele workshop feliz. E todos os workshops que eu fiz com crianças e jovens eu acabava revoltada e triste e a pensar no que é que seria o mundo. Portanto, assumi que não faço para crianças nem para jovens. Eu faço com idosos e a criatividade, o entusiasmo, a curiosidade em aprender que eles me transmitem eu não vejo nos jovens de hoje em dia. Por isso, não faço.

### **Já aconteceu algum idoso fugir da polícia ou ter algum encontro mais inesperado com eles?**

Fugir não. A Luísa já foi apanhada, mas obviamente não lhe fizeram nada.

### **Já existe uma data para o próximo LATA 65? Qual é o futuro do projeto?**

Sim, para a semana. E dia 18 e 19 em Vila Franca de Xira. E temos já uma data marcada para o ano que vem, para Londres.

### **Achas que o LATA, comparativamente ao WOOL, tem mais certezas relativamente ao futuro?**

Eu acho que é diferente. O WOOL é um festival anual, que pretende ser anual. O LATA é um workshop que acontece quando somos contactados e se concretiza o apoio que é necessário.

### **Agora esquecendo o LATA e o WOOL. Lara, qual é que consideras que seja a característica que melhor representa a Covilhã, atualmente?**

Eu acho que as coisas se misturam. Ou seja, eu percebo as pessoas que dizem que é a Serra da Estrela, porque nós estamos na encosta da Serra da Estrela, mas a Covilhã, e é uma das críticas que eu faço, é o ponto de passagem para a Serra da Estrela. Portanto, eu não consigo identificar a Covilhã como Serra da Estrela, quando as centenas de pessoas que viajam para a Serra não param na Covilhã. Portanto, isso não nos traz absolutamente nada. Obviamente que nós estamos numa encosta, obviamente que nós estamos numa encosta serrana, eu própria digo que sou serrana e nada contra isso. Mas não é isso que traz valor à cidade ou não está a ser aproveitado também. Ou seja, eu acho que para haver valor num determinado

local, num determinado contexto não podes ser só isto ou só aquilo. Tem que haver vários fatores que te fazem crescer. E crescer culturalmente, economicamente, turisticamente, porque tudo está interligado na verdade. Eu acho que o WOOL contribui duma maneira única para a visibilidade da cidade, deste território e neste momento eu diria que na Covilhã é isto que acontece, só. E explico-te: se eu te falar no Fundão, automaticamente as pessoas pensam na cereja; se eu falar na Guarda, não sei muito bem no que é que as pessoas vão pensar; mas eu consigo pensar em territórios em que as pessoas automaticamente se identificam com algo. E isto são as marcas identitárias dos locais. E eu acho que é nisto também que se tem que trabalhar, porque eu não quero ser igual ao Fundão e não quero ser igual à Guarda, ou seja, a Covilhã tem que criar a sua própria identidade. E identidade que realmente seja reconhecida fora e dentro. Por exemplo, há uns anos atrás a Covilhã, o executivo, apostou na Covilhã e os Descobrimentos, que os Descobrimentos tinham começado na Covilhã e obviamente que ninguém se identificou com aquilo, porque nós nem sequer temos o mar ali ao pé. Ok, há uma relação, mas daí a ser o mar que te distingue, te distancia e te destaca, face a tudo o resto do país...eu se pensar em Descobrimentos, nunca a minha cabeça vai parar à Covilhã. No máximo vai-me parar a Belmonte, por exemplo, que tem uma relação muito mais próxima por causa do Álvares Cabral. Neste momento, eu acho que a universidade está outra vez com uma pujança enorme, mas se eu pensar em universidade a minha cabeça vai *pra* Coimbra ou para Aveiro... Se tu queres ter realmente uma marca distintiva para te promover, tens que pensar "o que é que aqui existe que realmente eu possa pegar e vender, porque nisto eu sou única?". E a Covilhã é única nisto e seria sempre única. Isto é da Covilhã. Eu gosto muito de fazer as visitas guiadas, porque é isto, as pessoas nem sequer sabem que eu sou da Covilhã, não sabem que eu faço parte do festival da Covilhã, que vamos ver não sei quantas coisas que eu também faço, atenção...e quando chegam ali [à Covilhã], que é exatamente a mesma pessoa a pensar também nos projetos, é exatamente os mesmos artistas muitas vezes, ali é diferente. E é diferente, porque não é só pelo projeto e de pintura de murais, é tudo. É o mix todo, as questões todas que há bocado te disse. Ali é especial e devia-se tirar partido disso. *Pra* mim sim...mas ainda podemos fazer muito mais, muito mais.

### **Lara, Cidade Neve ou Cidade Arte?**

A Covilhã será sempre Cidade Neve, nem que seja pela história em si.

### **Achas que atualmente já pode ser mais Cidade Arte? É mais o tempo que passamos sem neve do que com neve (risos)**

Sim, lá está, eu acho que essa também é uma das questões muito interessantes do WOOL. É que a maneira como o projeto foi desenhado e essa relação que nós queremos das intervenções com o território, o facto de mostrarmos aos artistas tudo o que é bom, é mau, tudo o que tenha a ver com a cidade, eu pessoalmente não consigo dizer "a Covilhã é velha ou é moderna?". O que eu acho é que o WOOL veio trazer à cidade é uma...nós trabalhamos com história da cidade a fazer uma coisa que é do presente, que na Covilhã se calhar até podias dizer que é do futuro, porque não tamos numa grande cidade urbana, não é?! E que tudo se mistura. E a mistura funciona muita bem. Por exemplo, o vídeo que nós temos de 2017 com o André Santos, ele soube captar isso muita bem. É um vídeo de um festival de arte urbana que acaba com fado. Faz todo o sentido. E é isso que eu gosto muito na Covilhã, que tem a ver com isto, com: é Cidade Neve, mas nós já não temos neve. Não interessa, nós temos um fado que se chama "Cidade Neve", tu nunca vais conseguir tirar isto da tua cabeça. E isso é muita fixe tu, a nível turístico, dizeres "a Covilhã tem um fado da Amália, meu!". Quantas cidades neste país podem-se orgulhar de dizer "nós temos um fado da Amália"? Tu tens tanta coisa por onde pegar, para te orgulhares e *pra* venderes a cidade que é estúpido! (risos) E o que eu acho fixe do WOOL é isso, é que tu metes uns artistas a escrever em néon "Cidade Neve" que é uma cena do século passado, e que tu consegues contar a história do século passado na atualidade.

**Para terminar, Lara, falemos de arte urbana. Na tua opinião, é a arte urbana que influencia a cidade ou é a cidade que influencia a arte urbana?**

É as duas coisas. É muito simples eu explicar-te isto, por várias razões. Quase todas as intervenções são pensadas no local onde estão a ser colocadas, porque nós queremos através delas e nas visitas guiadas levar pessoas a conhecer sítios da cidade que não conhecem. Isso é uma das coisas que, por exemplo, ao início em que nós fazíamos as visitas guiadas muito mais para locais – porque era uma coisa nova e vinham sempre mais locais – eles diziam sempre “você trouxeram-me a zonas que eu nem sequer conhecia”. Portanto, nós levamos as pessoas e contamos a história da cidade através dos vários sítios por onde nós vamos passando. Depois, tu tens peças que claramente abordam coisas mais históricas. Tens murais que abordam a tua cultura, que nem sequer é datada, não podes datar. Uma mão a bordar, a coser, pode ser de há três séculos atrás, como pode ser de ontem, portanto não têm data, têm cultura que identificas claramente com este local. Depois tens peças, por exemplo, como a do SEBAS, que sem uma perspetiva histórica foi a cidade que o influenciou a ele a pintar. Tu não consegues dizer que “é só assim”, não. *É assim e assim*, é uma ida e volta. E tu vês isso na própria reação do SEBAS, que é uma pessoa que pinta quase imagens futuristas e não sei quê...ele captou as imagens nesta cidade velha, por assim dizer, e coisas velhas, mas de uma estudante da universidade. Portanto, tudo se mistura. Não se consegue dizer “é a história que influencia os artistas”, não, mas é a atualidade que influencia e há tantas ligações que tu podes fazer que não dá para afirmar.

**O estereótipo de que arte urbana é sinónimo de vandalismo ainda está muito presente na sociedade. Consideras que isto ainda aconteça devido à falta de conhecimento e informação sobre o verdadeiro significado dos conceitos “graffiti” e “arte urbana” e outros relacionados, que possam ajudar na compreensão desta expressão artística?**

Acho que tu tens de tudo, na verdade. Tens pessoas que estão de mal com a vida e não gostam de nada (risos) e esse é o extremo, seja *graffiti*, *tag* ou murais, é-lhes absolutamente indiferente. Tens obviamente uma massa gigantesca que não consegue perceber muito bem, e principalmente na Covilhã. Se calhar se tu fores fazer as mesmas entrevistas que tu fizeste na Covilhã aqui em Lisboa, as pessoas sabem perfeitamente o que é arte urbana e o que é um *graffiti*, porque existe muito *graffiti*. Na Covilhã, as pessoas não sabem bem distinguir, porque na verdade nós não temos nenhum historial de *graffiti* e na verdade não tens assim tanto. E o pouco que tens...tens muito *stencil*, e *stencil* que são interessantes, portanto não é só “nada” e “vazio”, já comesças a ter *tags*, mas não são assim tantos para que as pessoas percebam o que é a diferença entre uma coisa e a outra. Depois existe outra coisa que é, tu andas anos e anos e anos e continuas a ter reportagens jornalísticas a dizer “*graffitis*”, as pessoas acham que um mural é um *graffiti* e isso não tem a ver com a Covilhã, com estratos sociais, com nada... Há muitos anos que eu perdi a conta ao número de vezes que eu vejo CEOs de grandes empresas e agências a dizer “eu quero fazer um *graffiti*”... Portanto não é uma coisa que seja da Covilhã. Há uma grande mistura, há uma grande incompreensão, mas muitas vezes isto também é culpa de quem organiza coisas. Eu vejo muitos colegas meus a falarem de *graffiti*, mas o que está à frente deles é um mural de um artista urbano que se calhar nem tem nada a ver com *graffiti*... Existe muita confusão, existe uma proliferação enorme de festivais em Portugal, porque se instituiu nalgum momento que ter murais na cidade era uma coisa moderna e que mudava tudo e mais alguma coisa, mas isso é porque eu acho que, como em tudo, nós apanhamos tudo já numa reta final, apanhas as coisas já tipo moda. É moda fazer isto. É esta a confusão, é enquanto nos outros sítios houve um crescimento gradual e as pessoas sabem o que é isto e o que é aquilo, e depois há aqui uma faixa no meio que nem eu te vou dizer “isto é isto ou aquilo”, na Covilhã eu acho que isso ainda se nota mais. Por isso é que muitas vezes nós ouvimos “ah, está a fazer um *graffiti*”, eu não me vou chatear

com ninguém e dizer "olhe que isto não é um *graffiti*, isto é um mural", não... As pessoas não têm instrumentos nem experiência para diferenciarem uma coisa e a outra. Se calhar em Lisboa, esses já te diferenciam completamente.

**Ao mesmo tempo, apesar de ainda existirem essas diferenças, consideras que a arte urbana já começa a ser entendida mais do que antigamente ou este panorama ainda está longe de mudar?**

Já, muito. Nós quando começámos em 2011 era uma confusão, havia pouquíssima gente a trabalhar na rua. Aliás, quando nós começámos eram duas pessoas que viviam ou uma que vivia exclusivamente disto, desta área. Tu hoje tens algumas dezenas. Obviamente muitos deles têm atividades paralelas, como ilustradores, designers e afins, mas há muita gente que recebe muito desta área e eu acho que nós contribuímos muito. Isto já mo disseram muitas vezes, por exemplo, o WOOL on TOUR que lançou imensa gente. O BORDALO fez ali a primeira parede, o ADD FUEL fez ali a primeira parede, o Mário Belém fez ali a primeira parede, a KRUELLA fez ali a primeira parede, ou seja, tu tiveste *n* artistas que saíram de um trabalho que era nosso, de lançar artistas. De simplesmente ter aqui um espaço onde vocês podem vir experimentar, se gostam continuam, se não gostam não há problema nenhum, isto é mesmo *pra* vocês experimentarem livremente sem expectativas, sem objetivos "xpto", não...era só experimentar. E eu acho que contribuímos muito para haver muito mais, para lançar muitos artistas e também acho que para esclarecer, se bem que eu acho que quando as pessoas não querem saber mais, também não querem e pronto.

**Por exemplo, reparei que a parede do LATA 65 na Covilhã já está grafitada, infelizmente. Consideras vandalismo, desrespeito...é o quê?**

Claro que é. Claro. Vandalismo é quando alguém se intromete no que não é teu e invade o teu espaço. Se vierem *tagar* a minha porta é vandalismo. Esta coisa de "a tua liberdade acaba quando a minha começa", não existe isto. Agora... Eu pessoalmente não gosto de *tag*, não gosto, porque *pra* mim não é só o ato de escrever, não é só a questão gráfica da coisa. Na sua base, o *tag* é um ato de puro egoísmo e egocentrismo, de tu querereres que o teu nome seja visto por toda a gente em todo o lado. E eu chamo-lhe, normalmente, de "o xixi do cão", que é exatamente a mesma coisa, que é marcares o teu território, é as pessoas saberem que eu aqui domino. E eu acho que nós já evoluímos muito como seres humanos e eu prefiro pessoas que se fazem notar através de outras coisas que não um *tag*. Portanto, eu não gosto. Mas voltando à tua questão. Obviamente que se vai alguém vai fazer o seu *tag* em cima de um mural, e está a *tagar* em cima de outras pessoas, que é um conjunto de pessoas que fizeram aquele mural, isso *pra* mim obviamente que é vandalismo.

**Relativamente ao facto de as instituições municipais e outras não estarem a aproveitar ao máximo o potencial da arte urbana para o crescimento da cidade a Covilhã, achas que se deve ao quê, especificamente? Poderá ser por existir muitas pessoas a tomar decisões, ou existirem problemas de "maior importância" e o WOOL acaba por ficar por último?**

Falta de visão, só. E problemas internos de equipas. A mentalidade, também.

**Consideras que a existência de projetos como o WOOL, o LATA 65 ou o GAU, por exemplo, ajudam a mudar as mentalidades mais abertas tanto nos jovens como nos mais velhos?**

Sim. Obviamente que depende dos projetos, atenção. Há muitos projetos mascarados de projetos sociais e comunitários que na verdade não o são. Mas pronto, isso também é um olhar atento para as coisas. Só para te dar um exemplo... Está a acontecer um festival e apareceu-me uma fotografia de um workshop com idosos e é *muito* bonito... Porque os idosos ficam sempre bem nas fotos. Mas depois tu olhas pros

idosos e os idosos estão vestidos imaculadamente, os rolos estão todos sem ser usados e as latas nem sequer têm caps<sup>32</sup>. Portanto, tu percebes que foi só para a fotografia. E isto é um exemplo, mas básico. No que refere, por exemplo, ao LATA 65 já *n* vezes lá fora já apareceram muitos projetos e desapareceram. Muitas vezes os jornalistas vêm falar connosco e dizem, "isto é *muita* giro, mas olhem quero que aquele idoso sorria, e não sei quê" e eu assim "mas o idoso para sorrir têm que me deixar fazer o workshop". Porque isto não é nada forçado, isto é o que é, agora o projeto tem que acontecer. Por exemplo, aconteceu isto no Nuart. No Nuart tivemos imensa comunicação social, porque o que eles queriam era a inovação, não era um artista, é uma coisa diferente, era isto que eles queriam captar. E houve muitas equipas que nos queriam pressionar, porque nós estávamos a calhar na Sexta-feira Santa, que era o dia em que nós íamos pintar, que era o dia em que eles não podiam estar e muitos deles me pediram "ah, mas não podemos ir antes, no final do primeiro dia vamos lá e fazemos, e eles fazem de conta" e eu disse "aquilo que vocês querem filmar não acontece nesse dia, acontece no final do workshop". É o processo. E em Portugal eu já vi pseudo workshops com idosos em que simplesmente é um artista a pintar e o idoso vai lá e ajuda a encher um bocadinho. Ou seja, todo o processo não acontece. E entre outros exemplos. No Brasil também já apanhei um assim. As pessoas não percebem realmente o processo todo que é necessário e a maneira como a coisa acontece. E isto só para te explicar que realmente há muitos projetos comunitários que são vendidos como tal que na verdade não são, de todo. De todo. Não é porque tu vais fazer um mural num bairro social que estás a fazer um projeto social. Não tem nada a ver. Um projeto social é trabalhares com as pessoas dali.

**Existe uma grande discussão à volta desta dualidade: "Arte Urbana" ou "Street Art". Há quem diga que são iguais, há quem diga que há diferenças. Qual é a tua opinião?**

Eu acho que é exatamente a mesma coisa. Por exemplo, no outro dia estive aqui o Ricardo Campos também a investigar, acho que foi também com a Ágata, com uma segunda parte de um artigo que eles estavam a fazer, em que na primeira parte do artigo eles comentavam a diferença de "street art" e de "arte urbana". E basicamente o que eles chamam de "arte urbana" eu chamo de "muralismo", que é aquilo que se fala hoje lá fora que aqui ainda não se fala, mas que agora percebi que lhe chamam "arte urbana", que tem a ver com murais. Com comissões, murais, grandes murais; que a "street art" é uma coisa de menor escala, que acontece espontaneamente na cidade e que depois tens a "arte urbana" que realmente tem outra escala e envolve outros meios e não sei quê. E eu muito sinceramente... Eu se for lá fora, isto ainda é mais engraçado. Eu se for ao Brasil e disser "graffiti", "street art" ou "arte urbana" é exatamente a mesma coisa. Não há distinção. Se eu for a Espanha, "graffiti" e "arte urbana" é exatamente a mesma coisa, não há distinção. Em Portugal, nós como recebemos isto tudo muito tarde, é que temos esta coisa de andar a definir "aqui é o meu território, aquele é o teu território". Eu esta definição, por exemplo, a diferença de "street art" e de "arte urbana" que eles colocaram no artigo, eu disse "Ricardo, desculpa, mas eu não posso concordar, porque 'street art' é inglês, 'arte urbana' é português". Eu digo "arte urbana" e refiro-me a "street art". *Pra* mim é uma coisa que acontece, que também começou por ser absolutamente ilegal e foi-se transformando. *Pra* mim faz sentido falar em "muralismo" hoje em dia, que é uma coisa já à frente, agora definir "arte urbana" e "street art" ... Arte das ruas?! Arte urbana?! A "urbana" é a "rua"! Eu vou-te passar um artigo, que tenho que o encontrar. O Gerador, a revista, quando lançaram a primeira revista eu escrevi *pra* lá, mas o que saiu não foi o primeiro artigo que eu escrevi, foi o segundo. E no primeiro artigo eu escrevia sobre a diferença do que é *graffiti* e street art e o que me fez também pensar muito nisto, do que é a diferença entre isto e isto. E isto eu consigo-te dizer quais é que são as diferenças, mas depois há coisas em que se unem. São os dois ilegais, deveriam ser... A génese da *street art* é completamente ilegal.

---

<sup>32</sup> Capssão as tampas ou bicos das latas de *spray* que podem ter vários formatos, dependendo do tipo de traço ou linha que se pretende obter.

Tu tens zonas, por exemplo Vitry-sur-Seine, que foi onde eu senti realmente "ok, isto é arte urbana, é *street art*" e eles vendem-se como um museu de *street art* a céu aberto e é o único sítio que eu conheço onde faz sentido. Não há autorizações. Tu vais *pra rua*, fazes o teu, se fizeres uma merda de trabalho no dia a seguir podes ter a certeza que tens outra pessoa em cima de ti. Se fizeres uma coisa excelente, fica. Há uma valorização e análise da comunidade. Não há a Câmara a dizer-te "tu és bom *pra* pintar aqui, *pra* fazeres este mural, *pra* fazeres aquela coisa pequenina", não. Tudo isto é feito pela própria comunidade. Existe um artista a viver lá há muitos anos que tem muitos amigos e que começaram a pintar. E basicamente tu tens ali todos os grandes artistas do mundo que pintaram ali de forma absolutamente ilegal, mas as pessoas gostam, não se limpa. Isto acontece e isto é *street art*. A *street art* surgiu de forma absolutamente ilegal, não havia autorizações de murais, nada. Obviamente depois a coisa começou a crescer mais...

### **Mas nasceu do *graffiti*, certo?**

Não, eu não diria. Eu não diria que nasceu do *graffiti*, mas sim que é uma derivação. O *graffiti* é uma coisa absolutamente ilegal, aprendida em grupo dentro da *crew*, de pessoa para pessoa; principalmente usam *spray* ou tinta plástica para fazer grandes roladas, preencher áreas grandes rapidamente; o objetivo da mensagem do *graffiti* é espalhar o meu nome por todo o lado, quanto mais alto melhor, "eu sou o *King*", começa por baixo "és o *Toy*". Eu consigo chegar a cidades e sei perfeitamente quem é o *King* daquela cidade. Isto é o *graffiti*, é defines territórios, é marcares o teu território. É uma questão territorial. O que aconteceu é: a partir dos anos 80, estamos a falar de pessoas que, de repente, não necessariamente do *graffiti*... Mário Belém nunca teve nada a ver com *graffiti*, a maior parte dos artistas que hoje tens no mundo não têm nada a ver com *graffiti*... têm influência do *graffiti hip hop* como se calhar tenho eu. Há pessoas que fazem mesmo questão de dizer "eu não ouço *hip hop*, eu não quero saber nada de *graffiti*, eu simplesmente gosto de pintar nesta escala, na rua", só isto. Só isto. Portanto, passaste de uma técnica para mil técnicas. Estamos a falar nos anos 80 toda a gente ia *pra* universidade. Tu tens designers gráficos, arquitetos, tudo e mais alguma coisa que tiraram formações de artes e que simplesmente escolheram a rua para trabalhar. Não tem que ter diretamente ligação com o *graffiti*, simplesmente perceberam "se eu quero mostrar o meu trabalho, o território mais eficaz é na rua, em vez de ir bater a portas e galerias." Não, "vou primeiro à rua e vou crescendo e depois entro na galeria". O circuito é inverso. O *writer* não quer saber de galerias. Quer saber de pintar comboios, marcar o nome dele o mais alto possível e afins. Portanto, dizer que isto nasce disto... eu diria que é uma derivação natural da coisa, mas que não... Até porque muita gente da arte urbana não tem nada a ver com isto. Esta distinção que agora fazem de "street art" e de "arte urbana" eu não consigo perceber, muito sinceramente... Querem definir a escala da coisa? De tudo o que é mais pequenino e acontece espontaneamente é *street art*? Então e o artista que começou aqui e agora pinta murais? Há aqui a *street art* e isto aqui, é artista urbano? Não faz muito sentido. Estás a trabalhar na rua, aqui a tua mensagem que queres passar é marcação de território. Na arte urbana, *street art*, o que tu queres passar é uma mensagem para quem passa na rua, ou não, podes estar só a trabalhar *prati*, mas eu acho que isso é só estúpido. Queres que o teu trabalho interaja de alguma maneira, arrancar sorrisos das pessoas, questionar as pessoas quando passam ao pé da tua parede. Dizer que é bonita ou é feia, pensar em qualquer coisa. Ou seja, há uma mensagem ampla, mas que depois qualquer pessoa pode passar por lá e perceber uma coisa completamente diferente, mas que também é válido. Tu quando vês um *tag* ou um *throw-up* é isto, não há leitura secundária. Mas isto é um código e tens que ter um código de leitura. Aqui não [na arte urbana], aqui lês se quiseres, se não quiseres não lês. E *pra* mim, há estas duas divisões. Depois a meio tens aqui coisas que não consegues engavetar. Agora deste lado distinguir-se "street art" e "arte urbana", *pá*... eu ainda não vi nada que... E eu disse isso ao Ricardo: "eu li o vosso artigo e epá, desculpem, mas eu não consigo concordar". É estarem a querer engavetar coisas que, na verdade, não têm gaveta. Tá tudo na mesma coisa.

### **Arte urbana é arte pública?**

Claro, está na rua. Está no espaço público.

### **Graffiti ou Arte Urbana?**

Sempre arte urbana. Simplesmente por isso, porque *pra* mim *graffiti* é isto, é espalhar o nome, é território, é código de linguagem, é marcar um território e isto *pra* mim como ser humano é redutor, é triste, é limitado. Eu prefiro trabalhar com algo que... Eu ainda não te disse isto, mas tenho que o dizer, porque é a frase quase cliché, mas que é aquilo em que eu acredito. A arte urbana *pra* mim é um instrumento com um poder de transformação enorme, seja transformação social, cultural, urbanística, tudo, se bem usada. E *pra* mim *tar* a trabalhar em qualquer território, se eu vou intervir num determinado território eu quero ser valor acrescentado neste território, não quero simplesmente ir fazer um mural e pronto, acabou. Tem que haver algo, tem que daqui gerar-se algo. Por isso, obviamente tenho sempre que optar por isto, porque eu escrever um *tag* não sai nada daqui e, portanto, eu prefiro muito mais isto e as mil interpretações que mil pessoas conseguem fazer de uma determinada parede, eu acho isso fantástico.

### **Como é que traças a evolução da arte urbana em Portugal, desde o seu início?**

Acho que há muito mais território *pra* trabalhar, acho que há muito mais atenção, sem dúvida alguma, como não havia. Há muito menos preconceito em relação à arte urbana, daí a ser melhor... já é um termo que eu tenho dúvidas em usar. Porque fazer muito não quer dizer que seja bom. E o "melhor" tem que ser "bom". Mais, sim. Quantificar, tudo bem. Qualificar, já não me atrevo a dizê-lo.

### **Já se faz Turismo de Arte Urbana em Portugal?**

Sim, claro que sim. Só em Lisboa tu tens *n* *tours* de arte urbana. No mundo inteiro tu tens *tours* em todas as cidades onde realmente existe muito a arte urbana, tu tens pessoas que vivem exclusivamente de fazer visitas guiadas e férias de arte urbana. Tens um senhor que é o José Amaral que só faz férias em cenas de arte urbana. Onde estiver a acontecer um festival, é onde ele vai.

### **Então achas que Portugal já tem "sumo" para as pessoas virem fazer Turismo de Arte Urbana?**

Sumo já tens muito. E o exemplo que eu te dei há bocado, das visitas guiadas que eu faço na zona centro...o Turismo do Centro promove estas visitas e o Turismo de Arte Urbana, de street art, enquanto produto de coesão territorial. Tu consegues conhecer todo o centro de Portugal, interior e litoral, através de passeios de arte urbana. Tu vais visitar as cidades: visitas a arte urbana e visitas as cidades e tu consegues percorrer o centro todo. E nós não vamos a todos os sítios que têm. O Turismo do Centro faz este investimento de divulgação. Se nas outras áreas o fazem ou não, se é de qualidade ou não...isso já não te consigo dizer.

### **Lara, a tua paixão pela arte urbana não fica por aqui. Eis que em 2014 surge a Mistaker Maker, tal como já falaste há bocado, uma Plataforma de Intervenção Artística com o objetivo de não só produzir outros projetos de arte urbana não relacionados com o WOOL, mas também para dar apoio de consultadoria, curadoria, comunicação e gestão aos mesmos. Perante isto, como é que podemos definir a Lara Seixo Rodrigues, profissionalmente?**

Curadora e produtora, porque podem ser projetos, podem ser eventos, podem ser exposições. É muita coisa.

APÊNDICE 12 – QUADRO-RESUMO DAS INTERVENÇÕES DO WOOL (2011-2019)

ANO	EDIÇÃO	ARTISTA	CARACTERÍSTICAS	DESCRIÇÃO
2011 - 2012	1ª Ed. WOOL	ARM Collective (PT)	Nome da peça	(sem título)
			Formato	Grande
			Tema / Mensagem	Esta peça desenvolve-se ao longo de quatro fachadas e contempla três mensagens: 1- vê-se um pastor com cabeça de novelo a carregar uma ovelha com três cabeças, que representa a clonagem que se falava muito nesta altura; 2- mapa-mundo com expressões e locais da região interligados por uma linha que simboliza a exportação dos tecidos que eram feitos na cidade; 3- um operário a fazer fiação manual que ao mesmo tempo carrega chaminés às costas, ilustrando os funcionários das indústrias têxteis a carregarem o "peso" da profissão; 4- aviões de papel são uma forma de contestação da entrega do aeródromo da Covilhã pela C.M.C à PT.
			Localização	Rua Jornal Notícias da Covilhã (junto à Igreja de Santa Maria) e Rua da Senhora da Paciência
			Estado	Visível
		VHILS (PT)	Nome da peça	(sem título)
			Formato	Grande
			Tema / Mensagem	Através da sua famosa técnica de baixo relevo, o artista representou um idoso como metáfora do que para ele era o interior do país em 2011 – um interior envelhecido.
			Localização	Rua Visconde de Coriscada (junto à saída do estacionamento do Shopping Sporting)
			Estado	Não-Visível
		BTOY (ES)	Nome da peça	(sem título)
			Formato	Grande
			Tema / Mensagem	Esta peça é a representação fiel de um postal do final do séc. XIX de um pastor, muito característico da região da Serra da Estrela e com forte ligação à atividade pastorícia que ainda hoje se pratica. A técnica utilizada foi o <i>stencil</i> .
			Localização	Largo da Senhora do Rosário (ao cimo da Rua Alexandre Herculano)
			Estado	Visível
		JR (FR)	Nome da peça	"Inside Out Project"
			Formato	Grande
			Tema / Mensagem	Este trabalho insere-se no projeto mundial "Inside Out Project" lançado através da plataforma TEDx que conta histórias desconhecidas. O WOOL foi um dos primeiros em Portugal a abraçar o projeto do artista, com a criação de um grupo de ação. Através de retratos fotográficos a preto e branco, posteriormente editados e impressos em poster pelo artista, a organização contou a história de vida dos antigos trabalhadores das fábricas de lanifícios da Covilhã.
			Localização	Calçada de Santa Cruz, nº 2 (na antiga Fábrica Vitorino Duarte Moreno / Anibal Pereira Nina)
			Estado	Não-visível / Extinta

ANO	EDIÇÃO	ARTISTA	CARACTERÍSTICAS	DESCRIÇÃO
2011 - 2012 (cont.)	OFF Fest	Adres (PT)	Nome da peça	"Quando for grande, quero ser feliz"
			Formato	Pequeno
			Tema / Mensagem	Este artista é considerado o "Banksy português" por fazer peças maioritariamente em <i>stencil</i> . Esta peça em específico, transmite a mensagem literal de um rapaz que quando for grande tem simplesmente o sonho de ser feliz.
			Localização	Rua do Castelo, Nº 2
			Estado	Visível
		BTOY (ES)	Nome da peça	(sem título)
			Formato	Pequeno
			Tema / Mensagem	Por norma, esta artista de Barcelona trabalha com figuras femininas. Esta peça representa uma senhora do circo (com uma máscara típica de Veneza) feita com vários <i>layers</i> (camadas) de papel que depois são colados, uns por cima dos outros.
			Localização	Travessa de Santa Maria (ao lado das escadas do castelo)
			Estado	Visível
2012	Extra WOOL	KRAM (ES)	Nome da peça	"O monstro de olhos no focinho"
			Formato	Grande
			Tema / Mensagem	Representa uma lenda tradicional da região da Covilhã, que diz que um dragão (a fera de Teixeira) entrava nas casas das pessoas pelas chaminés e comia-as. Até que uma noite todos os aldeões se reuniram e acenderam as lareiras para que o dragão se queimasse. Uma noite, o monstro entrou pela chaminé de um agricultor, queimou-se e os olhos saíram-lhe pelo nariz.
			Localização	Rua Jornal Notícias da Covilhã (junto da Travessa de Santa Maria)
			Estado	Visível
	OFF Fest	Pfff (NL)	Nome da peça	"Perdi o fio à meada"
			Formato	Pequeno
			Tema / Mensagem	Esta peça é a simples ilustração do ditado popular que também é o próprio título da peça ("perdi o fio à meada").
			Localização	Rua do Castelo, Nº 15 (junto à Assembleia Municipal da Covilhã)
			Estado	Visível
		Mário Belém (PT)	Nome da peça	"Agarra que é ladrão"
			Formato	Pequeno
			Tema / Mensagem	Igualmente ao artista Pfff, também esta peça de Mário Belém é a simples ilustração do ditado popular que consta no título ("agarra que é ladrão").
			Localização	Rua Dr. Almeida Eusébio, nº 61 (no portão)
2014	2ª Ed. WOOL on Residence	BORDALO II (PT)	Nome da peça	"Owl Eyes" (Olhos de Mocho)
			Formato	Grande
			Tema / Mensagem	O mocho representa sabedoria e o saber, e na visão do artista estas duas valências estão nas pessoas mais idosas. Na Covilhã grande parte da população idosa vive no centro histórico da cidade onde esta peça se encontra, por isso esta é uma forma não só de homenagem aos mais idosos, como também uma forma de transmitir a negligência constante aos seus saberes. Paralelamente, procura sensibilizar para o consumismo extremo e para o desperdício de lixo, como um dos maiores atentados à sustentabilidade do planeta, sendo que esta peça contempla a sua série "Big Trash Animals".
			Localização	Rua Alexandre Herculano, nº 8
			Estado	Visível

ANO	EDIÇÃO	ARTISTA	CARACTERÍSTICAS	DESCRIÇÃO
2014 (cont.)	2ª Ed. WOOL on Residence	TAMARA ALVES (PT)	Nome da peça	"Wild Orphan"
			Formato	Grande
			Tema / Mensagem	A artista decidiu representar uma tradição que está em extinção: a renda de bilros. A figura representada está a usar um vestido feito com renda de bilros, e tem três mãos que estão a bordar o vestido.
			Localização	Rua das Portas do Sol, nº 21 (no Miradouro das Portas do Sol)
			Estado	Visível
		ADD FUEL (PT)	Nome da peça	"Oddments, fragments and scraps"
			Formato	Grande
			Tema / Mensagem	O artista trabalha na reinterpretação da azulejaria tradicional portuguesa. Na Covilhã, pela fraca existência de azulejos, foi desafiado a reinterpretar os padrões de tecidos que eram produzidos nas antigas fábricas têxteis.
			Localização	Rua Primeiro de Dezembro, nº 8 (nas escadas traseiras da C.M.C)
			Estado	Visível
		MR. DHEO (PT)	Nome da peça	"Portugal pelas Costuras"
			Formato	Grande
			Tema / Mensagem	Representa a crise portuguesa de 2014
			Localização	Largo da Senhora do Rosário
			Estado	Visível
		±MAISMENOS± (PT)	Nome da peça	±COVILHã±
			Formato	Grande
			Tema / Mensagem	Este trabalho é uma instalação, tipo de trabalho habitualmente feito pelo artista. A mensagem que o mesmo tentou transmitir com "Covil(Hã) das Luvas Brancas" está relacionada com os crimes de luva branca (isto é, crimes financeiros ou outros provocados por interesses, onde os criminosos não sujam propriamente as mãos de sangue). Curiosamente, uns anos mais tarde, o antigo primeiro ministro José Sócrates, com uma forte ligação à Covilhã, foi preso devido a crimes de luva branca.
			Localização	Escadas que ligam a Rua Comendador Campos Melo à Rua Comendador Mendes Veiga
			Estado	Visível
L* is not an artist (PT)	Nome da peça	(sem título)		
	Formato	Pequeno		
	Tema / Mensagem	Tornou-se artista urbana depois de participar no workshop LATA 65. Na 2ª edição do WOOL, deixou várias peças em <i>stencil</i> na Covilhã. Também tem peças em Lisboa.		
	Localização	Rua das Portas do Sol (perto do Miradouro das Portas do Sol)		
	Estado	Visível		
2015	3ª Ed. Extra WOOL	Pantónio (PT)	Nome da peça	(sem título)
			Formato	Grande
			Tema / Mensagem	Neste mural estão representados os andorinhões, uma espécie de aves que habitam os céus da Covilhã de manhã e ao final da tarde, muito conhecidos pela forte sonoridade que proferem enquanto voam.
			Localização	Rua Direita, nº40
			Estado	Visível

ANO	EDIÇÃO	ARTISTA	CARACTERÍSTICAS	DESCRIÇÃO
2015 (cont.)	3ª Ed. Extra WOOL (cont.)	SAMINA (PT)	Nome da peça	"Sr. Viseu"
			Formato	Grande
			Tema / Mensagem	Nesta peça, o artista e arquiteto combinou a geometria com um rosto (como já vem sendo habitual no seu trabalho), neste caso, do Sr. Viseu, um cidadão da Covilhã que trabalhou muitos anos nas fábricas têxteis da cidade a partir dos 12 anos. Curiosamente, o Sr. Viseu viveu mesmo na casa ao lado onde esta peça foi feita e ainda hoje vive no centro histórico da cidade. No dia em que passou pela parede no exato momento em que o SAMINA estava a trabalhar no mural, reconheceu o seu rosto e ficou emocionado com esta bonita homenagem do WOOL.
			Localização	Rua das Portas do Sol, nº87
			Estado	Visível
2016	Extra WOOL	Gijs Vanhee (BE)	Nome da peça	"A Lenda da Serra da Estrela"
			Formato	Grande
			Tema / Mensagem	Representa uma lenda tradicional da região, onde o artista representou um pastor com cabeça de ovelha a segurar uma estrela (que na lenda é a amiga do pastor, batizada posteriormente pelo próprio de 'Serra da Estrela')
			Localização	Rua da Senhora da Paciência
			Estado	Visível
	OFF Fest	ANIMALITO LAND (AR)	Nome da peça	(sem título)
			Formato	Pequeno
			Tema / Mensagem	Retrata uma casa em ruínas habitada por dois seres estranhos.
			Localização	Rua Alexandre Herculano
			Estado	Visível
2017	4ª Ed. WOOL	HALFSTUDIO (PT)	Nome da peça	"Cidade flor + em ti mora o meu amor + amor"
			Formato	Grande
			Tema / Mensagem	É uma peça que tem três mensagens: 1- "Cidade Flor"; 2 - "Em ti mora o meu amor"; 3 - "Amor". Este mural é anafórmico (tem um ponto de específico para a leitura total da peça) e é inspirado no fado de Amália Rodrigues "Covilhã, Cidade Neve", que canta sobre a cidade da Covilhã, a sua tradição de lanifícios e os seus costumes.
			Localização	Junto às Escadas do Castelo
			Estado	Visível
		Third (PT)	Nome da peça	"O coração da Covilhã"
			Formato	Grande
			Tema / Mensagem	Metade desta peça é um coração e a outra metade é uma máquina, transmitindo a mensagem de que o coração desta cidade foi, outrora, a indústria têxtil. As duas artérias do coração bem salientes a azul representam as duas ribeiras que tiveram um contributo essencial nessa época para a produção industrial: a Ribeira da Carpinteira e a Degoldra. Foi feita em <i>spray</i> .
			Localização	Rua Capitão Alves Roçadas
			Estado	Visível

ANO	EDIÇÃO	ARTISTA	CARACTERÍSTICAS	DESCRIÇÃO	
2017 (cont.)	4ª Ed. WOOL (cont.)	DOA OA (ES)	Nome da peça	"Indigofera Tinctoria + Rubia Tinctorium"	
			Formato	Grande	
			Tema / Mensagem	A artista representa as plantas que habitam na cidade da Covilhã e que nos tempos dos lanifícios eram utilizadas para tingir os tecidos: uma tingia os tecidos de azul e outra tingia os tecidos de vermelho, as duas cores mais utilizadas na Real Fábrica de Tecidos.	
			Localização	Largo da Senhora do Rosário, nº 21	
			Estado	Visível	
		BOSOLETTI (AR)	Nome da peça	"Arrebatamento"	
			Formato	Grande	
			Tema / Mensagem	Esta peça é um elogio à cidade. Através de figuras femininas (que na realidade são as bailarinas da Companhia de Bailado covilhanense Kayzer Ballet fotografadas pelo artista), representa ao mesmo tempo a força da cidade e o seu declínio. A força da cidade está retratada na parte superior (com os corpos a agarrarem-se e a ajudarem-se) e o declínio do poder industrial na parte inferior, com uma das mulheres a cair e a tentar ser ajudada através do estender de uma mão. Este mural foi pintado a negativo, como crítica às pessoas que tendem a perspetivar as cidades de forma negativa, com muitos defeitos e falhas; assim, o artista apela para, pelo contrário, e apesar de toda a parte negativa que possa existir, olhar-se para a Covilhã de forma positiva. A melhor forma de ver este mural será então, tirar uma fotografia com o telemóvel com o efeito negativo.	
			Localização	Rua dos Bombeiros Voluntários da Covilhã (junto à residencial panorama)	
			Estado	Visível	
			Regg (PT)	Nome da peça	"Fio Condutor"
				Formato	Grande
	Tema / Mensagem	Esta também é uma peça alusiva aos têxteis, através da representação do bordar de um tecido, com uma aplicação suplementar vertical de fios na frente da parede, referente a um tear. As mãos retratadas são as de Pedro Seixo Rodrigues, cofundador do WOOL. Esta peça foi toda feita com um extensor.			
	Localização	Rua das Portas do Sol, nº 21 (no Miradouro das Portas do Sol)			
	Estado	Visível			
	OFF Fest	Adres (PT)	Nome da peça	(sem título)	
			Formato	Pequeno	
			Tema / Mensagem	Tal como explicado anteriormente, este artista trabalha essencialmente o <i>stencil</i> . Esta peça é uma forma de denúncia do grau de desemprego acentuado que afeta essencialmente os recém-licenciados.	
			Localização	Rua do Castelo (junto da Assembleia Municipal da Covilhã)	
		Nespoon (PT)	Nome da peça	(sem título)	
Formato			Pequeno		
Tema / Mensagem			Peça em cerâmica		
Localização			Rua Alexandre Herculano		
Estado	Não-visível				

ANO	EDIÇÃO	ARTISTA	CARACTERÍSTICAS	DESCRIÇÃO
2017 (cont.)	OFF Fest (cont.)	Medianeras (AR)	Nome da peça	(sem título)
			Formato	Pequeno
			Tema / Mensagem	Peça realizada sob a técnica de azulejo alicatado.
			Localização	Rua Alexandre Herculano
			Estado	Visível
	LATA 65	Idosos que se inscreveram no workshop.	Nome da peça	(não aplicável)
			Formato	Grande
			Tema / Mensagem	Workshop de arte urbana para idosos onde, através de técnicas de arte urbana, os idosos deixaram marcadas na parede as suas datas de nascimento, figuras e desenhos do gosto pessoal de cada um.
			Localização	Rua de São Tiago (parece junto à Igreja de São Tiago)
			Estado	Visível
2018	5ª Ed. WOOL	AHENEAH (PT)	Nome da peça	"Matriz"
			Formato	Grande
			Tema / Mensagem	A artista representou a silhueta da sua bisavó através dos nossos louvores tradicionais (neste caso, a técnica do ponto cruz) em grande escala. Esta foi também uma homenagem, pois foi com a bisavó que a artista aprendeu a tricotar e a trabalhar a lã.
			Localização	Rua das Portas do Sol, nº 122 (na Casa dos Magistrados)
			Estado	Visível (sendo mais perceptível à noite)
		DRAW (PT)	Nome da peça	"Estruturalho"
			Formato	Grande
			Tema / Mensagem	Esta peça é uma homenagem a um poeta visual covilhanense, o Ernesto de Melo e Castro. O artista inspirou-se em dois trabalhos do poeta para a composição de fundo: o ideograma Tontura e o poema "Estruturalho" da série Cara Lhas. Apesar de ter sido utilizada tinta plástica, esta peça foi maioritariamente feita em <i>spray</i> .
			Localização	Arquivo Municipal da Covilhã
		ROC BLACKBLOCK (ES)	Nome da peça	"Vida Por Vida"
			Formato	Grande
			Tema / Mensagem	O artista decidiu prestar uma homenagem aos bombeiros portugueses, especialmente devido aos incêndios florestais catastróficos que ocorreram em 2017 em Portugal. Para isso, interveio numa parede junto ao quartel dos bombeiros da Covilhã.
			Localização	Bombeiros Voluntários da Covilhã
		Pastel (AR)	Nome da peça	"Hidden"
			Formato	Grande
			Tema / Mensagem	Este artista e arquiteto tenta dar vegetação às cidades através das suas pinturas. Neste caso, representou plantas locais, nomeadamente a orquídea e um tipo de planta que cresce de forma espontânea em frestas dos pavimentos da cidade, mais precisamente entre os paralelos junto ao Museu dos Lanifícios.
			Localização	Rua do Castelo (na Assembleia Municipal da Covilhã)
		OFF Fest	Raoni Assis (BR)	Nome da peça
	Formato			Pequeno
	Tema / Mensagem			Retrata a cabeça de um ovino, como referência às ovelhas que há nas encostas da Serra da Estrela.
	Localização			Rua Alexandre Herculano, nº 29
	Estado			Visível

ANO	EDIÇÃO	ARTISTA	CARACTERÍSTICAS	DESCRIÇÃO
2019	6ª Ed. WOOL	SEBAS VELASCO (ES)	Nome da peça	"Hoy es el Futuro"
			Formato	Grande
			Tema / Mensagem	Este mural foi feito em colaboração com os amigos José Afterol (fotógrafo) e Gabriel Cocas (pintor). A peça combina as duas paixões do artista: a noite e as luzes. Na Covilhã, fotografaram o que mais lhes despertou a atenção (pessoas ou lugares). As duas fotografias escolhidas para o mural foram as que, na opinião de SEBAS, melhor representavam os gostos estéticos dos três amigos: uma retrata uma rapariga estudante da UBI numa das ruas da Covilhã e a outra, um carro estacionado junto a uma oficina da cidade, perto do New Hand Lab.
			Localização	Largo da Infantaria XXI, 14
			Estado	Visível
			Nome da peça	"Vista para a Serra"
		KRUELLA D'ENFER (PT)	Formato	Grande
			Tema / Mensagem	Este mural representa uma peça arquitetónica situada no centro da Covilhã, a janela manuelina, pois a artista achou que é um ícone da cidade que estava "um pouco esquecido". Através da janela, projetou a Serra da Estrela, acompanhada de alguns símbolos característicos da região, como as cerejas, as bolotas, um novelo de lã e a lua. É literalmente, a Covilhã numa parede.
			Localização	Largo da Alegria, 14
			Estado	Visível
			Nome da peça	"O Observatório"
			Douglas Pereira (BR)	Formato
	Tema / Mensagem	Este mural repleto de cores vibrantes é a representação de três crianças que estão a explorar e a estudar o ambiente envolvente, através da observação de pássaros e leitura de livros. Segundo Douglas, atualmente tenta elaborar peças que transmitam positividade e que se identifiquem com a sua maneira de ser e estar atuais, nomeadamente o abandono de maus hábitos. Na sua opinião, a leitura, o estudo e a observação do que nos rodeia são sinónimos de bons hábitos a inculcar nas pessoas. Curiosamente, e sem que o artista soubesse, por cima do mural localiza-se uma escola primária, o que projeta o valor e o significado deste mural.		
	Localização	Rua Marquês de Ávila e Bolama, entre 135 e 153		
	Estado	Visível		
	Nome da peça	"Fonte das 3 bicas"		
	Mário Belém (PT)	Formato		Grande
		Tema / Mensagem	O artista representou, em forma de narrativa, três gerações diferentes e os seus sonhos, em três planos diferentes. Na visão do artista, quando se é criança, sonha-se em voar e alcançar o topo; em adultos, os sonhos relacionam-se com o trabalho e a situação profissional; já em velhos, sonha-se com o que nunca foi feito, restando o arrependimento. Assim, no mural observa-se uma criança a voar, um senhor que tem uma mota característica da cidade para ir trabalhar e a senhora que nunca viu o mar. O artista teve como premissa a representação das personagens com expressões mais vincadas e realistas, de forma a representar a identidade local.	
		Localização	Escadaria da Fonte das 3 Bicas	
		Estado	Visível	
Nome da peça		"Patience moves mountains"		
OFF Fest		Magi (BE)	Formato	Grande
	Tema / Mensagem		A peça do colectivo Magi, constituído por Gijs Vanhee e Marijke Van Biervliet, retrata aqueles que visitam a Covilhã e que, apesar do frio da serra, escolhem ficar para sempre apreciar o que esta cidade tem de belo, movidos pela boa energia que se sente vinda da montanha e das suas gentes.	
	Localização		Rua de Olivença	
	Estado		Visível	



## Visão geral

“Estrelas” do PCBR© 2019 e outros destaques

### ★ MARCAS ESTRELA

“Marca Estrela” é a designação dada a municípios que - apresentando resultados de topo - conseguem destacar-se nas diversas Dimensões e regiões de Portugal.

Para além das distinções atribuídas ao pódio de cada região, anualmente a Bloom Consulting destaca também a “Marca Estrela” nacional das 3 Dimensões e das 7 regiões de Portugal.

Esta distinção não é atribuída necessariamente aos municípios que mais lugares subiram na tabela, mas sim àqueles que conseguiram - através de excelentes resultados - destacar-se e alcançar posições importantes nas respetivas regiões ou dimensões do PCBR©.

**NACIONAL**  
Viana do Castelo

**NEGÓCIOS**  
V. N. Famalicão

**AÇORES**  
Nordeste

**ALGARVE**  
Portimão

**LISBOA**  
Seixal

**NORTE**  
Guimarães

**VIVER**  
Funchal

**VISITAR**  
Nazaré

**ALENTEJO**  
Grândola

**CENTRO**  
Covilhã

**MADEIRA**  
Câmara de Lobos

## ANEXO C – MANUAL DE NORMAS GRÁFICAS DO LOGÓTIPO DA CÂMARA MUNICIPAL DA COVILHÃ



Figura 9. Manual de Normas Gráficas do Logótipo da Câmara Municipal da Covilhã: o conceito.



Figura 10. Manual de Normas Gráficas do Logótipo da Câmara Municipal da Covilhã: comportamentos cromáticos.

## ANEXO D – DADOS DA POPULAÇÃO E DO TURISMO DA COVILHÃ (FONTE: PORDATA)

**População residente, média anual**  
Onde há mais e menos pessoas?

Indivíduo

Territórios		População residente						
Anos	2001	2011	2013	2015	2016	2017	2018	
Covilhã	54.389	51.549	50.118	48.954	48.463	47.922	47.394	

População residente, média anual  
Fontes de Dados: INE - Estimativas Anuais da População Residente  
Fonte: PORDATA.  
Última actualização: 2019-06-14

Figura 11. Número médio de habitantes da cidade da Covilhã.

**Índice de envelhecimento**  
Onde há mais e menos idosos por 100 jovens?

Rácio - %

Territórios		Índice de envelhecimento						
Anos	2001	2011	2013	2015	2016	2017	2018	
Portugal	101,6	125,8	133,5	143,9	148,7	153,2	157,4	
Continente	103,8	128,6	136,4	146,0	151,7	156,1	160,3	
Covilhã	140,0	189,6	199,6	218,3	226,9	236,1	246,7	

Índice de envelhecimento  
Fontes de Dados: INE - Estimativas Anuais da População Residente  
Fonte: PORDATA.  
Última actualização: 2019-06-14

Figura 12. Índice de envelhecimento (%) em Portugal, Portugal Continental e Covilhã.

**População residente: total e por grandes grupos etários (%)**  
Onde há mais e menos jovens, idosos ou pessoas em idade activa?

Proporção - %

Territórios		Grandes grupos etários						
0-14		2001	2011	2013	2015	2016	2017	2018
Covilhã		13,9	12,3	12,1	11,7	11,4	11,3	11,1
15-64		2001	2011	2013	2015	2016	2017	2018
		66,5	64,5	63,7	62,9	62,6	62,1	61,6
65 ou mais		2001	2011	2013	2015	2016	2017	2018
		19,5	23,3	24,2	25,5	26,0	26,6	27,3

População residente: total e por grandes grupos etários (%)  
Fontes de Dados: INE - Estimativas Anuais da População Residente  
Fonte: PORDATA.  
Última actualização: 2019-06-14

Figura 13. População residente por grupos etários na cidade da Covilhã (em %).

### Alojamentos turísticos: total e por tipo de alojamento

Onde existem mais e menos hotéis e outros alojamentos turísticos?

Territórios		Alojamentos turísticos					
		Total					
Anos		2011	2013	2015	2016	2017	2018
Covilhã		9	9	16	19	25	26
		Hotéis					
Anos		2011	2013	2015	2016	2017	2018
		7	7	7	7	8	9

Alojamentos turísticos: total e por tipo de alojamento  
 Fontes de Dados: INE - Inquérito à Capacidade de Alojamento e Pessoal ao Serviço (até 2004) | Inquérito à Permanência de Hóspedes na Hotelaria e outros Alojamentos (a partir de 2005)  
 Fonte: PORDATA  
 Última actualização: 2019-09-18

Figura 14. Número total de alojamentos turísticos entre os quais o número de hotéis, na Covilhã.

### Hóspedes nos alojamentos turísticos: total e por tipo de alojamento

Onde existem mais e menos turistas nos hotéis e outros estabelecimentos hoteleiros?

Territórios		Alojamentos turísticos					
		Total					
Anos		2011	2013	2015	2016	2017	2018
Covilhã		103.278	107.580	128.249	154.520	149.938	165.078

Hóspedes nos alojamentos turísticos: total e por tipo de alojamento  
 Fontes de Dados: INE - Inquérito à Capacidade de Alojamento e Pessoal ao Serviço (até 2004) | Inquérito à Permanência de Hóspedes na Hotelaria e outros Alojamentos (a partir de 2005)  
 Fonte: PORDATA  
 Última actualização: 2019-09-18

Figura 15. Número total de hóspedes nos alojamentos turísticos da Covilhã.

### Proporção de hóspedes estrangeiros nos alojamentos turísticos

Onde existe maior e menor percentagem de turistas, a viver no estrangeiro, nos estabelecimentos hoteleiros como pensões ou hotéis?

Territórios		Proporção de hóspedes estrangeiros					
Anos		2011	2013	2015	2016	2017	2018
Covilhã		4,7	7,4	8,8	12,2	12,9	14,7

Proporção de hóspedes estrangeiros nos alojamentos turísticos  
 Fontes de Dados: INE - Inquérito à Capacidade de Alojamento e Pessoal ao Serviço (até 2004) | Inquérito à Permanência de Hóspedes na Hotelaria e outros Alojamentos (a partir de 2005)  
 Fonte: PORDATA  
 Última actualização: 2018-12-27

Figura 16. Percentagem de hóspedes estrangeiros nos alojamentos turísticos da Covilhã.

### Proveitos totais dos alojamentos turísticos: total e por tipo de alojamento

Onde é maior e menor o rendimento obtido com dormidas, refeições ou outros serviços prestados pelos alojamentos turísticos, como os hotéis?

Euro - Milhares

		Alojamentos turísticos					
Territórios		Total					
Anos		2011	2013	2015	2016	2017	2018
	Covilhã	8.697	8.888	10.056	13.473	13.439	15.889

Proveitos totais dos alojamentos turísticos:  
total e por tipo de alojamento  
Fontes de Dados: INE - Inquérito à Capacidade de Alojamento e Pessoal ao Serviço (até 2004) | Inquérito à Permanência de Hóspedes na Hotelaria e outros Alojamentos (a partir de 2005)  
Fonte: PORDATA  
Última actualização: 2019-09-18

Figura 17. Receitas em milhares de euros provenientes dos alojamentos turísticos.

## ANEXO E – PRÉMIOS E RECONHECIMENTOS WOOL – FESTIVAL DE ARTE URBANA DA COVILHÃ



Figura 18. Juízo Gerador Honroso "Na Tua Rua" atribuído pela Revista Gerador em 2016.



Figura 19. Selo de "Remarkable Festival 2017-2018" atribuído pela EFFE.



Figura 20. Diploma "de amizade, de reconhecimento do gesto e do trabalho" pelos Bombeiros Voluntários da Covilhã.

